



Relatório Final da Pesquisa “Por ser Menina”

Dimensão Quantiqualitativa

(Volume 1 - B)

“Por ser Menina: Percepções, Expectativas, Discriminações, Barreiras, Violências baseadas em Gênero e Habilidades para a vida das meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil”

Elaborado por:

Benedito Rodrigues dos Santos

Paola Barbieri

Com as contribuições de:

Diana Barbosa

Marli Coriolano

Brasília (DF), 18 de maio de 2014

Sumário

1. Apresentação.....	04
2. Metodologia da pesquisa.....	08
3.Perspectiva quantitativa da pesquisa.....	18
3.1. Perfil e dados das participantes.....	18
3.2. Família e convivência familiar.....	29
3.2.1. Família e disciplinamento dentro de casa.....	77
3.3. Utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICS).....	93
3.4. Escola e escolarização.....	109
3.5. Trabalho infantil.....	140
3.6. Direitos, violações e violência.....	151
3.7. Ser menina: bem-estar x mal-estar	192
3.8. Expectativas de futuro: o que é importante para ser feliz?	223
4. Perspectiva qualitativa da pesquisa.....	229

4.1. O que é ser menina/adolescente-menina.....	229
4.2. Existe algo bom em ser menina?	274
4.3. Existe algo de ruim em ser menina?.....	288
4.4. Diferenças de gênero na perspectiva das meninas e meninas adolescentes: você acha que ser menina é ser diferente de menino? Em caso positivo, como?	302
4.5. Os meninos e as meninas possuem pontos em comum?.....	322
4.6. Oportunidades de sucesso e a perspectiva de gênero: meninos e meninas têm a mesma oportunidade? Por quê?.....	334
4.7. Se você pudesse escolher, nasceria menino ou menina?.....	353
4.8. Quando as meninas gostariam de ter nascido “menino”	360
4.9. Namoro, sexualidade, direitos sexuais, reprodutivos e gênero.....	364
4.10. Quais são seus sonhos para o futuro?.....	384
5. Principais conclusões da pesquisa quantitativa e qualitativa	415
6. Considerações finais e recomendações da Pesquisa Por Ser Menina	425
7. Sobre as organizações participantes da pesquisa.....	427
8. Ficha técnica.....	429

1. APRESENTAÇÃO

Apresentamos, a seguir, no presente relatório final, os resultados do capítulo brasileiro da pesquisa “Por Ser Menina: Percepções, Expectativas, Discriminações, Barreiras, Violências baseadas em Gênero e Habilidades para a vida das meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil”.

Seu objetivo central foi analisar as percepções de meninas de 6 a 14 anos sobre aspectos que facilitam e/ou impedem o desenvolvimento de suas habilidades e a garantia de seus direitos, a partir do ambiente familiar, escolar, comunitário e social onde elas vivem, abrangendo as cinco regiões do Brasil.

A pesquisa apresentada neste relatório final foi composta por duas amostras: uma de **1609** meninas de Escolas localizadas em 21 municípios, de 05 Estados do Brasil (Pará, Maranhã, São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso), incluindo as respectivas capitais e, a outra, de **149** meninas quilombolas desses mesmos Estados, à exceção do Rio Grande do Sul. Ambas amostras incluíram meninas na faixa etária entre 6 e 14 anos.

A elaboração do desenho amostral levou em conta uma composição plural de metodologias quantitativas e qualitativas, que incluiu a aplicação de questionário e a realização de entrevistas individuais e coletivas. Ademais, buscando também compreender a perspectiva de meninas fora da escola, foram ouvidas, por meio de entrevista individual, 13 meninas nesta condição, totalizando **1771** meninas participantes.

De forma concomitante, utilizando como modelo a mesma metodologia da amostra-escola, a Pesquisa foi realizada com **160** meninas do município de Codó, no Maranhão, área de atuação estratégica da PLAN Brasil, cujos dados foram apresentados em relatório específico.

O Projeto de Pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Católica de Brasília e o campo foi realizado no período de 08 de julho a 06 de setembro de 2013, incluindo as fases de preparação e coleta de dados.

No desenvolvimento da pesquisa, desde a elaboração de seu projeto, passando pela realização do campo, tabulação e interpretação dos dados, merece destaque os seguintes aspectos facilitadores: qualificação da equipe técnica da Pesquisa com expertise na área da infância; disponibilidade da maior parte das escolas em participar do projeto, engajando os responsáveis e as próprias meninas na entrega dos Termos de Consentimento Esclarecido; aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética de Instituição de Ensino Superior, reforçando a necessidade de dados.

No decorrer da implementação do Projeto de Pesquisa surgiram alguns desafios naturais do processo de realização de qualquer pesquisa, que foram superados pelas estratégias de avaliação de percurso. Dentre estes, encontram-se o cronograma demasiado justo, o processo laborioso e lento para a obtenção de autorização de alguns órgãos de educação e das escolas para implementação do projeto, descompasso de informações do Censo Escolar e dificuldade de acesso físico à algumas escolas sorteadas, principalmente nos Estados do Mato Grosso, Pará e Maranhão.

O relatório final da pesquisa encontra-se, portanto, estruturado em sete partes, a saber: (1) apresentação (2) a metodologia da pesquisa, (3) a dimensão quantitativa da pesquisa (4) a dimensão qualitativa da pesquisa (5) conclusões da pesquisa Por Ser Menina, a partir de uma abordagem integrada das dimensões quantitativa (6) recomendações e considerações finais e, (7) Ficha Técnica.

Na parte quantitativa, a pesquisa foi dividida por blocos que obedeceram a estrutura do questionário preenchido pelas meninas: (a) o perfil e dados das participantes; (b) família e convivência familiar, incluindo o relacionamento entre os membros da família e o

disciplinamento dentro de casa; (c) utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICS); (d) escola e escolarização; (6) trabalho infantil; (e) direitos, violações e violência; (f) ser menina: bem estar versus mal estar; e (g) expectativas de futuro: o que é importante para ser feliz?

A parte qualitativa foi estruturada a partir das perguntas do roteiro de entrevistas individuais e coletivas: a) o que é ser menina/adolescente-menina? b) existe algo bom em ser menina? c) existe algo de ruim em ser menina? d) diferenças de gênero na perspectiva das meninas e meninas adolescentes: você acha que ser menina é ser diferente de menino? Em caso positivo, como? e) os meninos e as meninas possuem pontos em comum? f) oportunidades de sucesso e a perspectiva de gênero: meninos e meninas têm a mesma oportunidade? Por quê? g) se você pudesse escolher, nasceria menino ou menina? h) quando as meninas gostariam de ter nascido “menino” i) namoro, sexualidade, direitos sexuais, reprodutivos e gênero e, j) quais são seus sonhos para o futuro?

Embora as discriminações de gênero contra meninas não sejam completamente desconhecidas na comunidade acadêmica, por ativistas e formuladores de políticas públicas, suas dimensões sociológicas apresentadas nesta pesquisa deverão contribuir para fazer desse estudo um divisor de águas no conhecimento dessa parcela do segmento infanto-juvenil.

Mesmo considerando as discriminações e violações de direitos reportados na pesquisa, chamou a atenção dos pesquisadores a positividade das meninas “por ser menina”, com a sua etnia/raça, com seu níveis de satisfação no relacionamento com pais, com o tratamento delas nas escolas e na expectativa de futuro promissor.

Chamou muito a atenção dos pesquisadores, os níveis de desconhecimento dos instrumentos legais de proteção aos direitos da criança e do adolescente que alcançaram

patamares de 60 a 80%. E, da mesma forma, o pouco conhecimento da existência dos órgãos do Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente, como delegacias de proteção, promotorias, defensorias públicas e varas especializadas.

Também provocou reflexão o fato de que a falta de repertório simbólico para a construção do “ser menina,” na faixa etária entre 6 e 13 anos, faz com que as meninas tenham que se definir como ‘criança’, ‘filha’ ou ‘estudante’, no grupo etário de 6 a 10 anos, ou já como ‘mulher’, com as possibilidades estéticas que a condição oferece para o grupo etário de 11 a 13 anos.

O repertório de “achados” da pesquisa ensejam várias recomendações dentre estas destacamos três que devem ascender ao status de prioridade no conjunto ações de atenção à esse grupo etário: (i) Realização de campanhas e ações que possam incidir sobre o lugar das meninas no imaginário social e que possam levar os órgãos públicos responsáveis por políticas sociais para crianças e adolescentes a adotarem recortes de gênero, visando diferenciação nas metas e estratégias dessa política; (ii) Realização de ações de mobilização social das próprias meninas, incluindo a conscientização de seus responsáveis/famílias, visando seu empoderamento e protagonismo social; (iii) a implementação universalizada da Lei 11.525 de 2007, que determina a inclusão de conteúdo sobre direitos da criança e do adolescente no currículo do ensino fundamental à Luz do ECA.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Foi utilizada uma metodologia de pesquisa plural, especialmente customizada para este estudo, que combina pesquisa quantitativa e qualitativa.

2.1. Dimensão quantitativa da pesquisa: metodologia desenvolvida

Foram desenhados dois tipos de amostras: a primeira, e a maior delas, a amostra-escola e a segunda, e menor delas, a amostra de meninas quilombolas. Embora as duas amostras sejam de base escolar, as escolas que compuseram a “amostra quilombola” foram oficialmente reconhecidas pelo Ministério da Educação como escolas quilombolas, embora nem todas constasse do censo escolar.

Para a parte quantitativa da amostra denominada “amostra-escola”, a composição amostral combinou critérios de intencionalidade e probabilísticos. Os recortes indicados pela Plan Brasil foram os seguintes: perspectiva das cinco regiões geográficas com indicação dos estados do Pará, Maranhão, Mato Grosso, São Paulo e Rio Grande do Sul; recorte etário com dois grupos de 6 a 10 e de 11 a 14 anos; raça/etnia com definição de inclusão de meninas afrodescendentes, bem como de meninas quilombolas no estudo; tipo e área da escola, contemplando escolas públicas e particulares, dos contextos urbanos e rurais.

Os estados selecionados para realização da Pesquisa foram escolhidos com potencial de indicar as tendências regionais e ao mesmo tempo pelo papel que desempenham na estratégia de realização da Campanha “Por Ser Menina”. O gênero e grupo etário dos sujeitos participantes – meninas na faixa etária de 6 a 14 anos – foram intencionalmente escolhidos por serem o foco prioritário da campanha em razão da pouca visibilidade das meninas nestas idades, pela sua sub-representação nas pesquisas acadêmicas e na destinação de políticas públicas.

Foi também intencional a fixação de percentual para o quesito étnico-racial em pelo menos 50% para meninas afrodescendentes, na perspectiva de ampliar a “escuta” de populações normalmente subrepresentadas nas pesquisas e na cobertura de políticas públicas. Nesta mesma direção, com a intenção de ampliar a escuta de grupos poucos representados ou não representados, que a pesquisa optou por assegurar que esta fosse realizada em pelos menos dois contextos dentro de cada estado: um urbano e outro rural.

Amostra-Escola

A definição do tamanho da amostra e sorteio dos municípios pesquisados dentro de cada estado requereu da pesquisa o manuseio de uma grande quantidade de dados secundários do Censo Demográfico 2010: população por gênero, grupo etário, padrão étnico-racial, contexto urbano-rural, para os estados e municípios.

Essa análise estatística indicou um dimensionamento amostral apropriado de 2 mil meninas e adolescente-meninas nos cinco estados selecionados, sendo 400 por cada estado, distribuídos pelos dois grupos etários. Para a definição dos municípios da amostra-escola foi realizado sorteio probabilístico por meio do método AAS (Amostra Aleatória Simples), tendo sido fixado 4 (quatro) em cada Estado. A capital, por sua vez, foi considerada município auto representativo, ou seja, com probabilidade 1 (um) de compor a amostra.

As escolas foram selecionadas pelo método AAS, por localização (urbano e rural), por dependência administrativa (pública e privada) e por nível de ensino (fundamental 1 e fundamental 2), tendo por base o Censo Escolar de 2012. As escolas sorteadas impossibilitadas de participar da pesquisa foram substituídas por escolas de um cadastro reserva, igualmente sorteadas para essa finalidade.

O erro amostral máximo para a amostra-escola foi de 2,5 %, considerando-se um processo de amostragem aleatório simples e nível de confiança de 95%.

A Amostra Meninas Quilombolas

A amostra de meninas e adolescentes quilombolas foi obtida por meio de uma composição de técnicas de amostragem. Num primeiro momento, realizou-se um sorteio de municípios (os mesmos da amostra-escola) e posterior sorteio das escolas dentro destes mesmos municípios, também com base no método Amostra Aleatória Simples (AAS), a partir da lista disponibilizada no Censo Escolar. A previsão inicial foi de uma amostra composta por 200 meninas, 40 por estado. Aqui também foi necessária a busca de dados demográficos e geopolíticos das populações quilombolas.

Contudo, em função de eventos como: classificação incompatível com o censo, não funcionamento das escolas listadas, dificuldade de acesso, entre outros, houve necessidade de substituição de grande parte das escolas da amostra inicialmente previstas, por escolas quilombolas indicadas pelos órgãos de Educação nos municípios, ocorrendo, inclusive, complementação de municípios quando necessário.

Importante ressaltar que a amostra quilombola não permite generalizações para a população dos 4 estados. Porém, os indicadores obtidos na amostra coletada, indicam percepções e comportamentos deste grupo específico.

Instrumento de coleta dos dados quantitativos

O questionário aplicado na pesquisa foi elaborado por especialistas na área da infância e composto por 58 questões. As perguntas foram, em sua quase totalidade, objetivas/múltipla escolha, com apenas 03 questões abertas.

Visando contemplar e alcançar o propósito estabelecido pela PLAN Brasil, o instrumental foi estruturado a partir de seções temáticas compreendendo os seguinte blocos: 1) identificação, 2) família e convivência familiar, 3) educação escolar 4) direitos, violações e participação social e comunitária e, por fim, 5) desenvolvimento, habilidades pessoais e coletivas e expectativas de futuro.

Além da equipe de pesquisadores do Projeto, os questionários foram validados por professores da rede de ensino do Distrito Federal e testado com 42 crianças/adolescentes de três escolas (rural, pública urbana e particular) que participaram da fase piloto da pesquisa realizada no Distrito Federal.

2.2. Dimensão qualitativa: metodologia desenvolvida.

Participaram da fase de entrevista qualitativa **264** meninas estudantes, sendo **75** na faixa etária entre 6 a 10 anos (59 da amostra-escola e 16 quilombolas) e **189** na faixa etária entre 11 e 14 anos (140 da amostra escola e 49 da amostra quilombola). Somado ao total das 264 meninas estudantes, participaram também da fase quali, **13** meninas fora da escola, perfazendo um total de **277** entrevistadas.

2.2.1. A coleta de dados: metodologia e instrumentais

A metodologia qualitativa desenhada foi composta (i) da inclusão de questões abertas no questionário destinados às meninas das escolas, (ii) entrevistas individuais com meninas de 6 a 10 anos estudantes e, também, com meninas fora da escola, e (iii) entrevistas coletivas com adolescentes meninas estudantes de 11 a 14 anos.

2.2.1.1. As questões abertas do questionário

Visando captar mais livremente a percepção das meninas sobre o ser menina e seus direitos, foram incluídas três questões abertas no questionário: a primeira foi uma solicitação para que as meninas nominassem, na perspectiva delas próprias, três principais direitos. A segunda, para que as meninas justificassem a escolha, se tivessem que nascer novamente, se escolheriam ser menina ou menino. E, a terceira, para discorrer, livremente, o que para elas é ser menina.

2.2.1.2 Entrevistas com meninas estudantes entre 6 e 10 anos

Visando o aprofundamento de alguns aspectos do questionário, foram realizadas **75** entrevistas individuais com as meninas entre 6 e 10 anos, sendo 59 da amostra-escola e 16 meninas na mesma faixa etária da amostra quilombola.

A distribuição das 59 meninas da amostra-escola, observou uma maior participação dos estados de Mato Grosso e São Paulo, com 15 meninas em cada um deles. A seguir, pela ordem decrescente, vieram Maranhão (11 meninas), Pará (10 meninas) e Rio Grande do Sul (8 meninas).

Quadro 01 - Entrevistas Individuais, Grupo 06 a 10 anos (tipo/área escola, Amostra-Escola)

Nº	Estados	Pública Rural	Pública Urbana	Particular Urbana	Totais
01	Pará	03	04	03	10
02	Maranhão	06	00	05	11
03	Mato Grosso	01	14	00	15
04	São Paulo	03	05	07	15
05	Rio Grande do Sul	00	08	00	08
06	Totais	13	31	15	59

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

As entrevistas das meninas da amostra-escola foram distribuídas entre todas as idades do grupo etário de 6 a 10 anos, concentradamente em meninas de 09 e 10 anos. Devido à orientação de não recusar adesões à fase qualitativa da entrevista, entrevistou-se também uma menina de 11 anos. Já no caso das quilombolas, houve uma tendência à concentração nas idades de 8 e 9 anos.

No caso das meninas contempladas na Amostra-Escola, as entrevistas foram bem distribuídas entre todos os tipos de escola, registrando uma concentração maior nas escolas públicas urbanas. Já as meninas quilombolas eram todas estudantes de escolas públicas rurais.

Quadro 02 - Entrevistas individuais, Grupo 06 a 10 anos, com detalhamento de idade (Comparativo Amostra-Escola x Amostra Quilombola)

Nº	Idade	Número Entrevistas Amostra-Escola	Número Entrevistas Amostra Quilombola	Totais
01	06 anos	06	01	07
02	07 anos	12	01	13
03	08 anos	10	03	13
04	09 anos	13	03	16
05	10 anos	15	02	17
06	11 anos	01	00	01
07	Não informado	02	06	08
08	Totais	59	16	75

Fonte: Plan Brasil / Socializare, 2014

As 16 representantes das meninas quilombolas nas entrevistas individuais eram dos estados de São Paulo (7 meninas), Maranhão (6 meninas) e Pará (03 meninas), conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 03 - Entrevistas individuais, Grupo 06 a 10 anos (tipo/área, Amostra Quilombola)

Nº	Estados	Pública Rural	Totais
01	Pará	03	03
02	Maranhão	06	06
03	Mato Grosso	00	00
04	São Paulo	07	07
05	Rio Grande do Sul	00	00
06	Totais	16	16

Fonte: Plan Brasil / Socializare, 2014

Os temas abordados concentraram-se nos aspectos que favorecem e dificultam “ser menina” na sociedade contemporânea, bem como nos valores e expectativas de futuro. Na projeção do futuro, foram também solicitadas informações sobre as competências e as habilidades necessárias para se atingir os objetivos propostos.

As entrevistas foram realizadas com meninas que responderam o questionário. A escolha das meninas obedeceu a dois critérios: auto indicação ou convite do pesquisador, ambos realizados no momento de finalização do preenchimento do questionário.

As entrevistas ocorreram no próprio espaço da escola, num momento posterior ao preenchimento do questionário e tiveram duração média entre 15 e 45 minutos.

2.2.1.3. Entrevistas coletivas com adolescentes-meninas estudantes entre 11 e 14 anos

Visando aprofundar os aspectos que favorecem e dificultam o “ser menina” na sociedade contemporânea, bem como valores e expectativas de futuro, esta pesquisa realizou **19** entrevistas coletivas com adolescentes meninas na faixa etária de 11 a 14 anos, sendo 14 com meninas da amostra-escola e 5 da amostra quilombola.

Da amostra-escola participaram **140** adolescentes meninas. O maior número de participantes foi do Estado do Maranhão, com 50 meninas, seguida do Rio Grande do Sul, com 30 meninas. Participaram da amostra quilombola um total de **43** meninas dos seguintes Estados: Mato Grosso (13 meninas), Maranhão (09 meninas), Pará (16 meninas) e São Paulo (05 meninas), conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 04 - Entrevistas Coletivas, Grupo 11 a 14 anos (UF, Amostra- Escola)

Tipo / Quant	PA	MA	MT	SP	RS	Total
Entrevistas Coletivas	01	04	03	03	03	14
Meninas participantes	10	50	26	24	30	140

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

Número de entrevistas coletivas e meninas entrevistadas por estado

As entrevistas coletivas das adolescentes meninas da amostra-escola foram distribuídas em cada uma das modalidade de escola, sendo mais expressiva a participação de adolescentes meninas de escolas públicas urbanas (62 meninas), seguidas pelas participantes da escola pública de zona rural (44), e das escolas particular urbana (34).

Quadro 05 - Entrevistas Coletivas, Grupo 11 a 14 anos (Tipo/Área Escola, Amostra-Escola)

Item	Estados	Pública Rural	Pública Urbana	Particular Urbana	Totais
01	Pará	10	00	00	10
02	Maranhão	09	23	18	50
03	Mato Grosso	11	10	05	26
04	São Paulo	03	10	11	24
05	Rio Grande do Sul	11	19	00	30
06	Totais	44	62	34	140

Fonte: Plan Brasil / Socializare, 2014

Já as adolescentes meninas participantes das entrevistas coletivas da Amostra Quilombola foram todas de escola pública da zona rural.

Quadro 06 - Entrevistas Coletivas, Grupo 11 a 14 anos, UF, Amostra Quilombola)

Tipo / Quant	PA	MA	MT	SP	RS	Total
Entrevistas Coletivas	02	01	01	01	-	05
Meninas participantes	16	09	13	05	-	49

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

Os critérios para a seleção das escolas onde as entrevistas ocorreram consideraram uma combinação entre contexto sociocultural de inserção da escola relacionado com os interesses da pesquisa, grau de apoio da direção da escola e grupo e experiência de participação das meninas/adolescentes.

2.2.1.4. Perspectivas das meninas/adolescentes fora da escola

Buscando dar visibilidade para percepção sobre “ser menina”, por parte de crianças e adolescentes do sexo feminino fora da realidade escolar, foram entrevistadas outras 13 (treze) meninas na faixa etária entre 6 e 14 anos que não frequentam a escola: 5 delas do Mato Grosso; 4 de São Paulo e 4 do Estado do Pará. As idades foram variadas, mas tenderam concentrar-se no grupo etário de 6 a 10 anos.

Quadro 07 - Entrevistas Individuais, Grupo 06 a 14 anos (UF, Meninas fora da Escola)

Tipo / Quant	PA	MA	MT	SP	RS	Total
Entrevistas Individuais com Meninas fora da Escola	04	00	05	04	00	13

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

A mobilização dessas meninas ocorreu a partir das unidades de acolhimento das cidades pesquisadas, particularmente das suas capitais, onde se localiza maior concentração dessas instituições. Algumas adolescentes meninas, encontravam-se também em situação de rua e ocupação social urbana.

Os temas abordados na entrevista estão relacionados com a condição de ser menina na sociedade contemporânea e com as razões e significados de estar fora da escola.

2.2.2. A Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada em três dimensões metodológicas: a tabulação e análise dos dados quantitativos, a categorização e análise dos dados qualitativos e a análise articulada entre dados quanti e qualitativos.

2.2.2.1. A Tabulação e análise dos dados quantitativos

Os dados dos questionários foram inseridos no programa de processamento de dados: o Excel e o *Statistical Package for the Social Science* (SPSS).

Foram geradas tabelas pelos recortes definidos para esta pesquisa: estado/regiões, grupos etários, raça/etnia, tipo de escola e contexto de estabelecimento da escola (urbano/rural). A análise descritiva dos dados enfatizou as alternativas com maiores percentuais. Contudo, nos casos que os resultado foram inusitados, ou constatada uma variável relevante, foram também destacadas posições intermediárias ou minoritárias. Sempre que relevante, a análise dos dados foi enriquecida por cruzamentos entre os recortes acima mencionados.

Os resultados apontados no relatório da pesquisa para a amostra-escola foram demonstrados sem fator de expansão para os Estados, podendo, no entanto, se alcançar essas informações a partir da aplicação de um cálculo indicado na base de dados da pesquisa. Para a amostra quilombola, no entanto, inexistiu a possibilidade da referida expansão, tendo em vista que esta foi concebida com amplitude para se falar apenas das 149 meninas quilombolas contempladas na pesquisa.

2.2.2.2. Análise dos dados qualitativos

As questões abertas do questionário foram todas codificadas com base na natureza da resposta oferecida pela menina e pelo conteúdo inscrito na 'fala' das meninas.

As entrevistas foram transcritas e categorizadas. Um primeiro guia de categorias é fornecido pelo roteiro de questões da entrevista individual e coletiva. Contudo, todos os temas abordados nas entrevistas foram categorizados. Os três blocos de interesse são discriminação/violações em razão de gênero e etnia, habilidades e competência e, expectativas de futuro. Foi privilegiada a análise de conteúdo com a ênfase no estudo de percepção.

2.2.2.3. Análise articulada dos dados quanti e qualitativos

Foram produzidos relatórios articulando as análises quanti e qualitativas para cada um dos estados pesquisados e para amostra quilombola. Esses, foram consolidados em um relatório único com dados dos cinco estados, com o propósito de apresentar uma perspectiva entre os resultados da Amostra-Escola e da Amostra Quilombola. Vale ressaltar que os dados aqui encontrados podem indicar tendências, mas não devem ser generalizados para o país, em razão da modalidade de pesquisa escolhida: uma combinação entre seleção intencional e probabilística, conforme menção realizada anteriormente.

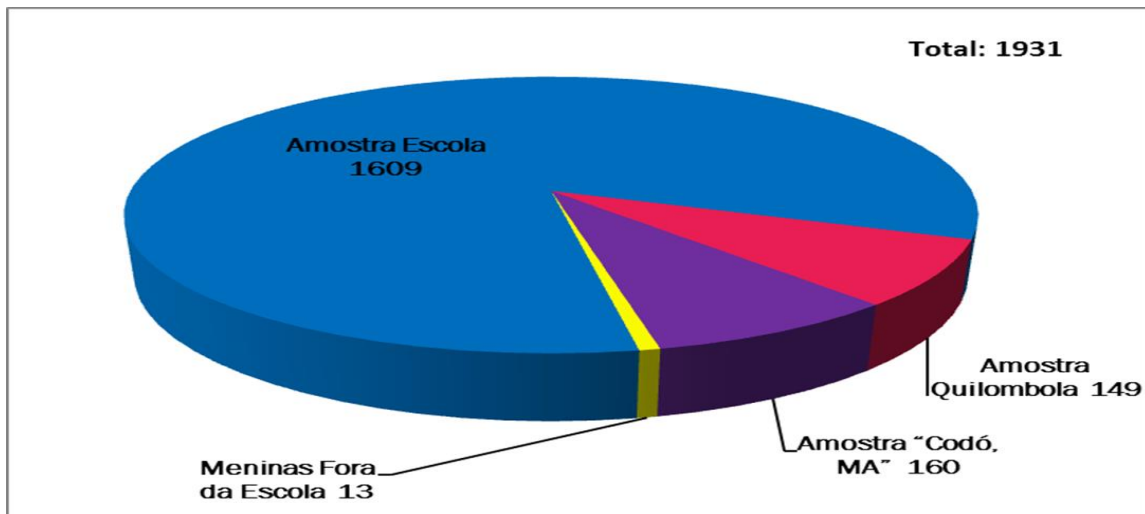
3. PERSPECTIVA QUANTITATIVA DA PESQUISA

3.1) Perfil e dados das participantes

As participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa **1931** meninas, na faixa etária entre 6 e 14 anos¹. Destas, 1609 compuseram a Amostra-Escola, 149 a Amostra Quilombola e 13 participaram apenas da fase qualitativa para oferecer uma perspectiva do ser menina para aquelas meninas fora da escola. De forma concomitante, considerando o interesse estratégico da PLAN Brasil, a pesquisa foi também realizada com 160 meninas do município de Codó. O gráfico abaixo demonstra a abrangência da pesquisa em número de participantes, por tipo de amostra:

Gráfico 1 - Abrangência da Pesquisa Por Ser Menina



Plan Brasil/Socializare, 2014

¹ Ainda que em percentual bastante reduzido, algumas poucas meninas de 15 e 16 anos, em defasagem escolar, também participaram da pesquisa e foram incluídas no grupo etário 2 (6-14 anos), tendo em vista que o plano amostral desenhado para a pesquisa teve como base os dois níveis de ensino escolar: fundamental 01 e fundamental 02.

No entanto, os dados do presente relatório, na perspectiva quantitativa, incluem apenas as meninas da amostra-escola (1609) e da amostra quilombola (149), perfazendo um universo de **1758** meninas que responderam o questionário da Pesquisa.

Os números por Estado e municípios participantes

A Amostra-Escola: Participaram da pesquisa, nos cinco estados brasileiros, constituindo a amostra-escola de 1609 meninas/adolescentes, 21 municípios brasileiros, incluindo cinco capitais, com a seguinte distribuição geográfica (percentuais baseado no número total nacional):

- **Estado do Pará**: Santo Antônio do Tauá (6,2%), São Francisco do Pará (6,2%), Tracuateua (6,1%) e Belém (4,6%), totalizando **371** meninas/adolescentes.
- **Estado do Maranhão**: São Luís (8,9%), Presidente Dutra (6,8%), Caxias (5,2%), Santo Antônio dos Lopes (2,4%), totalizando **377** meninas/adolescentes.
- **Estado de São Paulo**: São Paulo (9,8%), Potirendaba (6,5%), Campos Novos Paulista (3,4%), Poá (2,9%), totalizando **362** meninas/adolescentes.
- **Estado do Rio Grande do Sul**: Flores da Cunha (7,3%), Cachoeirinha (4,2%), Porto Alegre (2,2%), Boa Vista das Missões (1,5%), Osório (1,6%), totalizando **271** meninas/adolescentes.
- **Estado do Mato Grosso**: Vera (6,2%), Várzea Grande (3,5%), Planalto da Serra (2,5%), Cuiabá (2,0%), totalizando **228** meninas/adolescentes.

Os números por grupo etário

A Amostra-Escola : A distribuição nacional das participantes da pesquisa, por grupo etário, foi equilibrada, apresentando a seguinte configuração: dentre as 1609 meninas/adolescentes, o grupo de maior representação foi o composto por

meninas/adolescentes do Grupo Etário 2: G2(11 a 14 anos), 51,9% e, em seguida, com um percentual levemente menor, o Grupo Etário 1: G1(6 a 10 anos), 47,6%. A distribuição por grupo etário pode ser vista na tabela a seguir:

Tabela 1. Grupo etário

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
G1 - 6 a 10 anos	Nº meninas	184	175	169	124	114	766
	% UF	49,6%	46,4%	46,7%	45,8%	50,0%	47,6%
G2 - 11 a 16 anos	Nº meninas	181	201	192	147	114	835
	% UF	48,8%	53,3%	53,0%	54,2%	50,0%	51,9%
NR	Nº meninas	6	1	1	0	0	8
	% UF	1,6%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,5%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

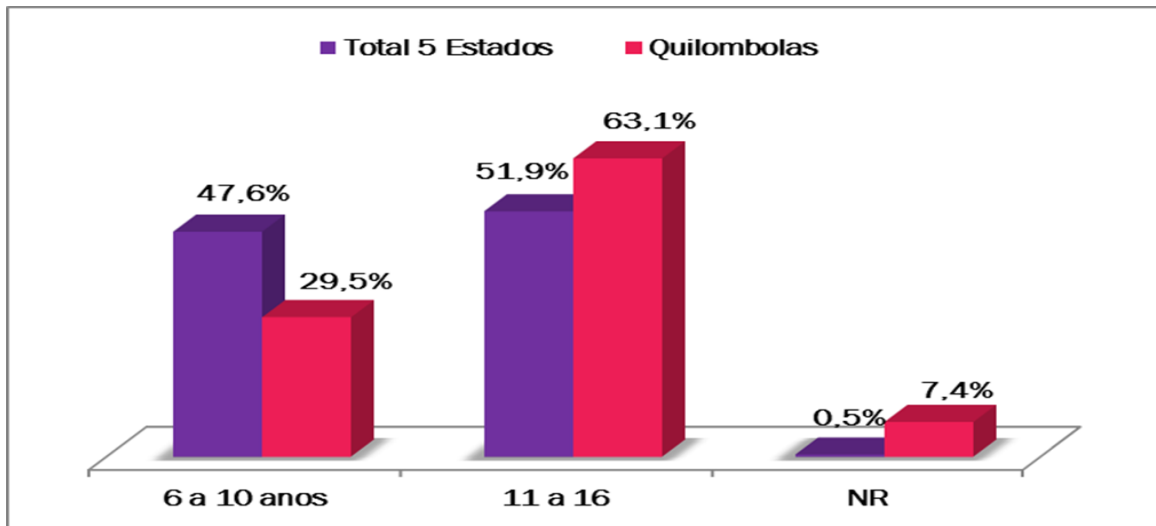
Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Participaram também da pesquisa constituindo a amostra quilombola, 149 meninas e adolescentes de 9 Escolas. Os municípios participantes da amostra quilombola foram os seguintes: Tracuateua (PA), Poconé (MT), Codó (MA) e Eldorado (SP).

Desse total, a maioria delas encontra-se no G2 (63,1%) e, em seguida, com um percentual com uma diferença de um pouco mais de 30% estão representadas as meninas/adolescentes entre 06 a 10 anos (29,5%), do G1.

A comparação entre as duas amostras aponta que a média nacional da amostra-escola foi majoritariamente composta pelo grupo etário de 11 a 14 anos (G2), seguindo a mesma tendência para a população da amostra quilombola.

Gráfico 2 - Grupo Etário



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

A idade:

Os percentuais por idades.

A Amostra Escola: A pesquisa realizada nos cinco estados contou com um número maior de meninas nas idades de 08 anos (10,6%), 09 anos (11,6%), 10 anos (13,4%), 11 anos (14,3%), 12 anos (13,4%), 13 anos (12,6%) e 14 anos (11,2%). Os estados do Pará, Maranhão e Mato Grosso foram os estados que obtiveram o maior percentual de participantes na idade de 11 anos. Já o menor número de participantes na amostra-escola se concentrou nas idades de 6 e 7 anos, com percentuais médios nacionais de 4,4% e 7,8% respectivamente.

A Amostra Quilombola e a Análise Comparada com a Amostra-Escola:

Individualmente, por ano de idade, os maiores percentuais na amostra quilombola foram os de meninas de 13 anos (17,4%), 12 e 14 (16,1%), 11 (13,4%) e 10 (11,4%). As idades menos representadas na amostra quilombola foram de meninas de 7 e 6 anos, 2,0% e 2,7%, respectivamente.

Enquanto a amostra-escola tendeu a concentrar no último ano do G1, 10 anos (13,4%) e nos primeiros anos do G2: 11 anos (14,3%) e 12 anos (13,4%), a amostra quilombola concentrou-se nos últimos anos do G2: 13 anos (17,4%) e 14 anos (16,1%). As meninas de 12 anos foram representadas de forma significativa em ambas as amostras: 13,4% na amostra-escola e 16,1% na amostra quilombola. Já, as de 6 e 7 anos, estiveram representadas com uma frequência bastante menor: amostra quilombola (2,7% e 2,0%); amostra-escola (4,4% e 7,8%) .

Tipo e localidade da escola:

A Amostra-Escola: A maioria absoluta das meninas/adolescentes pesquisadas são estudantes das escolas públicas urbanas. Um pouco mais de três quartos das meninas/adolescentes da amostra-escola estudam em escolas públicas (82,8%) e um pouco menos de um quarto restante declarou estudar em escolas particulares (17,2%).

Tabela 2. Tipo de escola

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Particular	Nº meninas	27	122	68	15	45	277
	% UF	7,3%	32,4%	18,8%	5,5%	19,7%	17,2%
Pública	Nº meninas	344	255	294	256	183	1332
	% UF	92,7%	67,6%	81,2%	94,5%	80,3%	82,8%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Do montante daquelas que estudam em escolas públicas, 71,6% estudam em escolas urbanas e 28,4% em escola rural. Contribuíram na elevação dessa média nacional de escola públicas, os estados do Rio Grande do Sul (94,5%), Pará (92,7%), São Paulo (81,2%) e Mato Grosso (80,3%). Esses índices elevados nos estados mencionados foram provenientes basicamente das escolas públicas urbanas. Os percentuais estaduais de participantes da escola pública urbana foram maiores do que aqueles registrados para a

escola rural pública e urbana particular, exceto pelo estado do Maranhão, que registrou uma distribuição mais proporcional para os três tipos de escola.

Tabela 3 - Tipo/Área de escola

Tipo/ área			UF					Total
			PA	MA	SP	RS	MT	
Tipo/ área	Rural e Pública	Nº meninas	128	134	7	97	12	378
		% Tipo/ área	33,9%	35,4%	1,9%	25,7%	3,2%	100,0%
		% UF	34,5%	35,5%	1,9%	35,8%	5,3%	23,5%
Urbana e Pública		Nº meninas	216	121	287	159	171	954
		% Tipo/ área	22,6%	12,7%	30,1%	16,7%	17,9%	100,0%
		% UF	58,2%	32,1%	79,3%	58,7%	75,0%	59,3%
Urbana e Particular		Nº meninas	27	122	68	15	45	277
		% Tipo/ área	9,7%	44,0%	24,5%	5,4%	16,2%	100,0%
		% UF	7,3%	32,4%	18,8%	5,5%	19,7%	17,2%
Total		Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
		% Tipo/ área	23,1%	23,4%	22,5%	16,8%	14,2%	100,0%
		% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

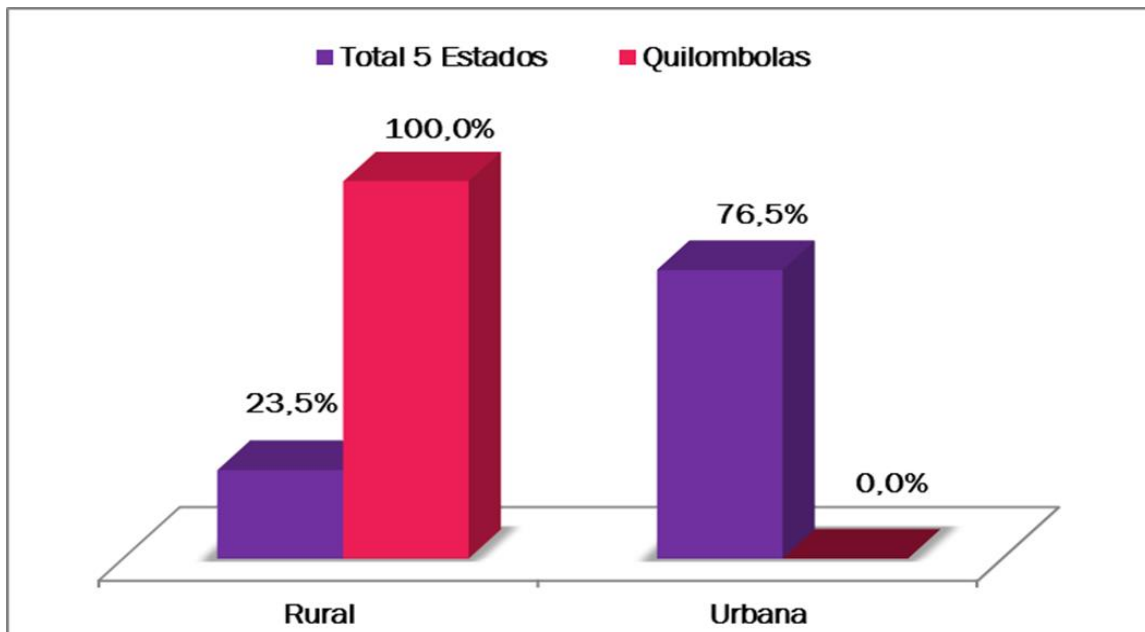
Os maiores percentuais de participantes provenientes das escolas públicas rurais foram registrados para os estados do Maranhão (35,4%), Pará (33,9%), seguidas do Rio Grande do Sul (25,7%). Já os maiores percentuais de meninas/adolescentes das escolas particulares e urbanas foram do Maranhão (44%), São Paulo (24,5%) e Mato Grosso (16,2%).

Analisando o cruzamento por grupo etário, em relação à distribuição das participantes da pesquisa por tipo/localidade da escola, constata-se que a maioria absoluta das meninas/adolescentes dos dois grupos etários estudam em escolas públicas do contexto urbano: 44,4% das meninas do grupo etário G1 (6 a 10 anos) e 55,1% das adolescentes meninas no G2 (11 a 14 anos). Já na distribuição daquelas que estudam nas escolas

urbanas particulares registrou-se uma ligeira maioria das meninas do grupo G1, entre 6 e 10 anos (57% versus 42,6% do G2).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: As meninas de escolas públicas representam a maioria das participantes na pesquisa, tanto na amostra-escola, quanto na amostra quilombola. No que se refere à localização das escolas, na amostra-escola, prevaleceu a localização urbana (76,5%), enquanto na amostra de meninas quilombolas a totalidade encontra-se em área rural.

Gráfico 3 – Área de localização da Escola



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Etnia/raça:

Amostra-Escola: Em relação à cor da pele/raça/etnia, a grande maioria das entrevistadas se autodeclarou parda (53,2%), seguido das meninas que se autodeclararam brancas (39,1%) e pretas (6,2%).

Tabela 4 - Cor ou raça

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Branca	Nº meninas	112	100	176	164	77	629
	% UF	30,2%	26,5%	48,6%	60,5%	33,8%	39,1%
Preta	Nº meninas	16	28	20	23	13	100
	% UF	4,3%	7,4%	5,5%	8,5%	5,7%	6,2%
Amarela (japonês, chinês, coreano, etc.)	Nº meninas	1	9	6	2	2	20
	% UF	,3%	2,4%	1,7%	,7%	,9%	1,2%
Parda (morena)	Nº meninas	241	239	160	82	134	856
	% UF	65,0%	63,4%	44,2%	30,3%	58,8%	53,2%
Indígena	Nº meninas	1	1	0	0	2	4
	% UF	,3%	,3%	,0%	,0%	,9%	,2%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Adotando a perspectiva recorrente de estimar a população afrodescendentes pela composição daquelas que possuem cor de pele parda e preta, esse percentual é de cerca de 60%. Considerando a distribuição por Estado, no Estado do Maranhão, 70,8% das meninas entrevistadas se autodeclararam preta/parda, seguido pelo Estado do Pará (69,3%), Mato Grosso (64,5%), São Paulo (49,7%) e do Rio Grande do Sul (38,8%).

O percentual de meninas/adolescentes que se autodeclarou branca foi significativamente maior nos estados do Rio Grande do Sul (60,5%) e São Paulo (48,6%), os quais ficaram bem acima da média nacional de 39,1%.

As meninas/adolescentes de cor amarela (japonês, chinês, coreano, etc.) foram pouco representadas na amostra, cuja média nacional foi 1,2% na amostra-escola realizada nos cinco estados. Percentuais ligeiramente maiores foram registrados nos estados do

Maranhão (2,4%) e São Paulo (1,7%). A população indígena teve representação ainda menor – média nacional de 0,2%, sendo registrada nos estados do Pará (0,3%), Maranhão (0,3%) e Mato Grosso (0,9%).

A distribuição dos percentuais de etnia, pelos grupos etários, indica que as meninas/adolescentes afrodescendentes (preta/parda) foram a maioria no grupo etário G2 (meninas de 11 a 16 anos) com 54,7%, ao contrário do G1, no qual a maioria se autodeclarou branca, 52,1%, contra 44,7% que se declaram pretas ou pardas. A tendência geral é definida pelo G2, quando cerca de 60% da amostra se autodeclarou como preta ou parda, segundo classificação do IBGE.

Tabela 5- Grupo etário

		Branca	Preta/parda	Outra	total
6 a 10 anos	Nº meninas	328	427	11	766
	%	52,1%	44,7%	45,8%	47,6%
11 a 16	Nº meninas	299	523	13	835
	%	47,5%	54,7%	54,2%	51,9%
NR	Nº meninas	2	6	0	8
	%	,3%	,6%	,0%	,5%
Total	Nº meninas	629	956	24	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Analisando o cruzamento por grupo etário e a distribuição das participantes na pesquisa por tipo, localidade e período da escola, constata-se que a maioria absoluta das meninas/adolescentes dos dois grupos etários estuda em escolas públicas do contexto urbano: 44,4% das meninas do grupo etário G1 (6 a 10 anos) e 55,1% das adolescentes meninas no G2 (11 a 14 anos). Já na distribuição daquelas que estudam nas escolas urbanas particulares, registrou-se uma ligeira maioria das meninas no grupo G1, entre 6 e 10 anos (57% versus 42,6% do G2).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Confirmando as expectativas, as meninas/adolescentes quilombolas registraram percentuais muito mais altos para as raça/cor preta e parda (83,2%), do que aqueles registrados na amostra nacional (59,4%). Distinguindo as cores de pele, em separado, observa-se que os percentuais são bem mais altos para ambas cores: preta (quilombola 12,1% x nacional 6,2%) e parda (quilombola 71,1% x nacional 53,2%).

Tabela 6 - Cor ou raça

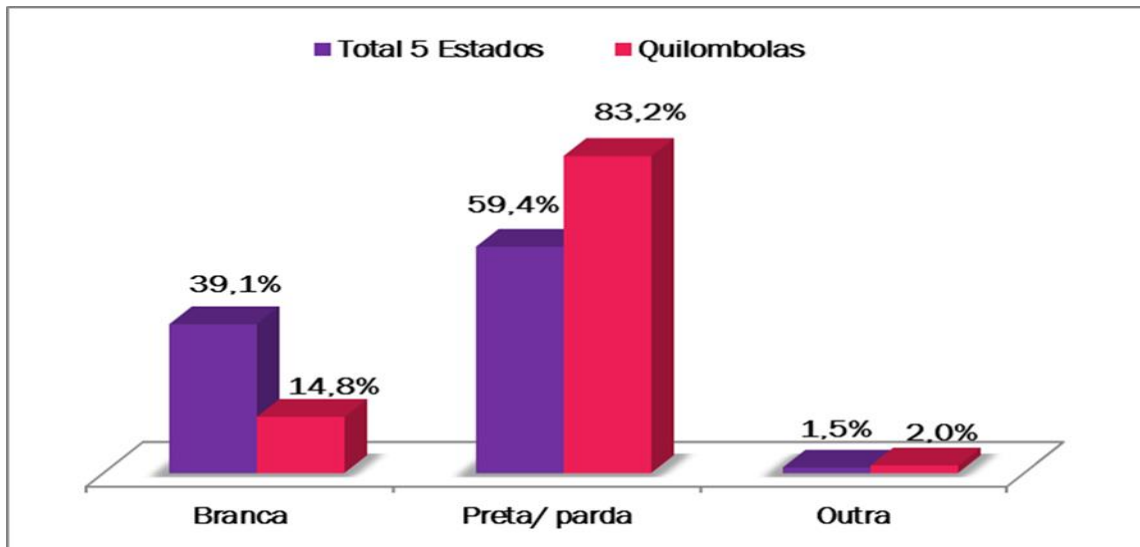
		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Branca	Nº meninas	629	22	651
	%	39,1%	14,8%	37,0%
Preta	Nº meninas	100	18	118
	%	6,2%	12,1%	6,7%
Amarela (japonês, chinês, coreano, etc.)	Nº meninas	20	3	23
	%	1,2%	2,0%	1,3%
Parda (morena)	Nº meninas	856	106	962
	%	53,2%	71,1%	54,7%
Indígena	Nº meninas	4	0	4
	%	,2%	,0%	,2%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Contudo, contrariando as expectativas, dois aspectos chamam a atenção quanto à autodeclaração étnica das meninas/adolescentes quilombolas: primeiro que seria de se esperar uma menor proporção entre as que se declararam pardas com aquelas que se declararam pretas, no entanto, essa proporção seguiu a tendência da amostra nacional: 71,1% e 12,1% versus 53,2% e 6,2%, respectivamente.

O segundo aspecto foi o percentual de meninas/adolescentes que se autodeclarou branca (14,8%), quando não seria esperado registros de presença de meninas/adolescentes brancas em uma amostra quilombola.

Gráfico 4 – Área de localização da Escola



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

3.2. Família e convivência familiar

Com quem vivem/tipo de família

A Amostra-Escola: A análise sobre a composição familiar das meninas/adolescentes pesquisadas demonstra que a ampla maioria delas vive com a mãe. Os percentuais que indicam a presença da figura materna, no mesmo domicílio, variam de 83,8% no Maranhão, a 95% em São Paulo. Embora a diferença observada entre esses dois estados não seja desprezível, os dados apresentados na tabela abaixo não denotam uma diferença significativa entre as unidades da federação.

A presença do pai também é bastante frequente nas respostas das meninas/adolescentes. No total, 63,3% delas moram com o pai. O Rio Grande do Sul se destaca com o maior percentual (68,3%) e o Pará com o menor (56,6%).

Tabela 7. Com quem você mora?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Pai	Nº meninas	210	231	241	185	152	1019
	% UF	56,6%	61,3%	66,6%	68,3%	66,7%	63,3%
Mãe	Nº meninas	315	316	344	249	201	1425
	% UF	84,9%	83,8%	95,0%	91,9%	88,2%	88,6%
Padrasto	Nº meninas	48	45	40	26	32	191
	% UF	12,9%	11,9%	11,0%	9,6%	14,0%	11,9%
Madrasta	Nº meninas	25	9	9	2	7	52
	% UF	6,7%	2,4%	2,5%	,7%	3,1%	3,2%
Irmão(s) homem(s)	Nº meninas	153	154	147	96	77	627
	% UF	41,2%	40,8%	40,6%	35,4%	33,8%	39,0%
Irmã(s) mulher(es)	Nº meninas	155	125	134	90	85	589
	% UF	41,8%	33,2%	37,0%	33,2%	37,3%	36,6%

Avô	Nº meninas	61	69	35	26	18	209
	% UF	16,4%	18,3%	9,7%	9,6%	7,9%	13,0%
Avó	Nº meninas	78	72	53	38	38	279
	% UF	21,0%	19,1%	14,6%	14,0%	16,7%	17,3%
Outro	Nº meninas	38	29	30	17	15	129
	% UF	10,2%	7,7%	8,3%	6,3%	6,6%	8,0%
NR	Nº meninas	2	2	0	2	2	8
	% UF	,5%	,5%	,0%	,7%	,9%	,5%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Em um outro recorte específico da amostra, observa-se que mais de 60% das meninas/adolescentes, em todos os estados brasileiros, vivem em famílias nucleares originais ou recombinadas, ou seja, aquelas formadas por pai/padrasto e mãe/madrasta. Por outro lado, essa mesma análise indica que quase 1/3 das entrevistadas vivem em famílias monoparentais, compostas apenas pelo pai/padrasto ou pela mãe/madrasta. Nota-se, ainda, que as madrastas são as figuras menos frequentes na composição familiar das meninas/adolescentes, 3,2% na média dos cinco estados. No Rio Grande do Sul elas alcançam proporção inferior a 1%. A presença do padrasto, por sua vez, é mencionada por 11,9% das meninas.

Além dos pais, parte considerável das meninas mora com irmãos (39% no total) e irmãs (36,6%). Os avós aparecem em terceiro lugar com percentuais equivalentes a 13% (avô) e 17,3% (avó) na média dos cinco estados. No Mato Grosso, a participação dos avôs é relativamente menor (7,9%), já em São Paulo as avós compartilham o ambiente doméstico com 21% das meninas/adolescentes.

A desagregação da variável “com quem mora”, por faixa etária, não indica diferenças significativas entre o Grupo 1 (6 a 10 anos) e 2 (11 a 14 anos). No geral, eles reproduzem a mesma configuração apresentada acima, com uma maior presença da mãe (91,9% no

G1 e 86,5% no G2) e do pai (67% e 60,9%, respectivamente). Na sequência estão os irmãos (41,2% e 37,3%) e irmãs (38,9% e 34,4%).

Ainda no que se refere ao grupo etário, observa-se que os percentuais alcançados na faixa dos 6 aos 10 anos são levemente maiores em quase todas as categorias, do que no grupo de 11 a 14 anos. A única exceção são as madrastas, mencionadas por 3,6% das meninas deste grupo.

No que tange ao tipo de escola, há uma proximidade maior entre os resultados alcançados nas escolas públicas (rurais e urbanas), que se diferenciam, ainda que de forma não expressiva, das escolas urbanas particulares. Nestas, a proporção de meninas que disse morar com o pai e/ou com a mãe (71,5% e 94,2%, respectivamente) é maior do que nos outros dois grupos (públicas rurais – 64,8% e 86,7% – e públicas urbanas – 60,9% e 88,4%). Por outro lado, as madrastas e, principalmente, os padrastos estão mais presentes no ambiente familiar das meninas/adolescentes das escolas públicas.

Nas unidades de ensino públicas urbanas, por exemplo, os padrastos são mencionados por 13,4% das entrevistadas.

Tabela 8 - Com quem você mora?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Pai	Nº meninas	243	578	198	1019
	%	64,8%	60,9%	71,5%	63,6%
Mãe	Nº meninas	325	839	261	1425
	%	86,7%	88,4%	94,2%	89,0%
Padrasto	Nº meninas	48	127	16	191
	%	12,8%	13,4%	5,8%	11,9%
Madrasta	Nº meninas	16	31	5	52
	%	4,3%	3,3%	1,8%	3,2%

Irmão(s) homem(s)	Nº	164	369	94	627
	meninas				
	%	43,7%	38,9%	33,9%	39,2%
Irmã(s) mulher(es)	Nº	153	347	89	589
	meninas				
	%	40,8%	36,6%	32,1%	36,8%
Avô	Nº	47	132	30	209
	meninas				
	%	12,5%	13,9%	10,8%	13,1%
Avó	Nº	57	171	51	279
	meninas				
	%	15,2%	18,0%	18,4%	17,4%
Outro	Nº	18	73	38	129
	meninas				
	%	4,8%	7,7%	13,7%	8,1%
Total	Count	375	949	277	1601
		100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

No que se refere à etnia, a presença do pai e da mãe é mais frequente entre as brancas (69,5% e 92,1%) do que entre as pretas/pardas (59,4% e 86,4%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Grande parte das meninas da amostra quilombola mora com seus pais (82,6% com mãe, 69,1% com o pai) e irmãos, sendo que 61,1% vivem com irmãos e 47,7% com irmãs. Quase 20% delas declarou viver também com a avó (17,4%) e/ou avô (16,1%).

Embora a configuração das famílias quilombolas e não quilombolas (amostra-escola dos cinco estados) não se afastem uma da outra, chama a atenção a maior proporção de meninas/adolescentes de escolas quilombolas que disse morar com irmãos e irmãs e também avós, o que indica uma composição familiar mais extensa “original” ou “recombinada”.

No contraste entre as duas amostras, merece destaque a grande diferença de percentual das meninas quilombolas que vivem com irmãos (61,1%) quando comparadas com as meninas que moram com irmãos da amostra-escola (39%).

Tabela 9 - Com quem você mora?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Pai	Nº meninas	1019	103	1122
	%	63,3%	69,1%	63,8%
Mãe	Nº meninas	1425	123	1548
	%	88,6%	82,6%	88,1%
Padrasto	Nº meninas	191	10	201
	%	11,9%	6,7%	11,4%
Madrasta	Nº meninas	52	8	60
	%	3,2%	5,4%	3,4%
Irmão(s) homem(s)	Nº meninas	627	91	718
	%	39,0%	61,1%	40,8%
Irmã(s) mulher(es)	Nº meninas	589	71	660
	%	36,6%	47,7%	37,5%
Avô	Nº meninas	209	24	233
	%	13,0%	16,1%	13,3%
Avó	Nº meninas	279	26	305
	%	17,3%	17,4%	17,3%
Outro	Nº meninas	129	9	138
	%	8,0%	6,0%	7,8%
NR	Nº meninas	8	2	10
	%	,5%	1,3%	,6%
Total	Nº meninas	4528	467	4995
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Número de irmãos/irmãs

A Amostra-Escola: A maioria das meninas/adolescentes possui irmãos (67,1%) e irmãs (65,6%). A menor proporção de irmãos está no estado de São Paulo (60,8%) e a maior no Pará (74,1%), tendência das taxas de natalidades desses estados. Já em relação às irmãs, o Maranhão se destaca com o maior percentual (71,4%) e o Rio Grande do Sul com o menor (55%).

A maior parte das entrevistadas possui entre um (35,6%) e dois (18,6%) irmãos e entre uma (33,6%) e duas (17,9%) irmãs.

No item anterior (*com quem vivem/tipo de família*), pouco mais de 1/3 das meninas/adolescentes declarou viver com seus irmãos (39%) e irmãs (36,6%). Contudo, pela diferença de percentuais entre as que declararam possuir irmãos/irmãs e aquelas que declararam morar com eles, observa-se que cerca de 30% das meninas possuem irmãos e irmãs que não compartilham o mesmo ambiente doméstico que elas.

Tabela 10 - Tem irmãos?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Tem irmãos	Nº meninas	275	266	220	174	145	1080
	% UF	74,1%	70,6%	60,8%	64,2%	63,6%	67,1%
Não tem irmãos	Nº meninas	96	111	142	97	83	529
	% UF	25,9%	29,4%	39,2%	35,8%	36,4%	32,9%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A proporção de meninas/adolescentes das escolas quilombolas que possui irmãos (78,5%) e irmãs (73,2%) é maior do que o observado na amostra-escola nacional (cinco estados), o que corrobora o argumento apresentado acima, segundo o qual as meninas das escolas quilombolas teriam configurações familiares um pouco mais extensas que a média geral. A maior parte delas possui entre um (34,2%) e dois (18,8%) irmãos e entre uma (19,5%) e duas (25,5%) irmãs.

Tabela 11 – Tem irmãos?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Tem irmãos	Nº meninas	1080	117	1197
	%	67,1%	78,5%	68,1%
Não tem irmãos	Nº meninas	529	32	561
	%	32,9%	21,5%	31,9%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Sustento da casa

A Amostra-Escola: Os dados da amostra nacional (cinco estados) demonstram que o pai e a mãe contribuem quase na mesma medida para o sustento da casa. Embora a figura paterna tenha obtido percentuais levemente maiores (59,6%), as mães vêm imediatamente em seguida, com 56,7%, indicativo de que o modelo clássico de pai provedor e mãe que trabalha em casa já não encontra ressonância na realidade das meninas que participaram da pesquisa. A maior diferença entre o pai e a mãe está no estado do Pará, onde se encontram os percentuais de 53,6% para os pais e de 43,7% para as mães.

Chama a atenção que as avós, sejam as principais responsáveis pelo sustento da casa na mesma medida que os padrastos (8,1% e 8,4%). Os avós surgem logo depois, com 6,6%. A responsabilidade econômica das avós e avôs é mais expressiva nos dois estados do Norte e Nordeste. No Maranhão, por exemplo, chega a 10%.

Tabela 12. Quem é a pessoa que mais contribui financeiramente para o sustento da casa?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Pai	Nº meninas	199	204	246	171	139	959
	% UF	53,6%	54,1%	68,0%	63,1%	61,0%	59,6%
Mãe	Nº meninas	162	206	234	171	140	913
	% UF	43,7%	54,6%	64,6%	63,1%	61,4%	56,7%

Padrasto	Nº meninas	32	24	33	21	25	135
	% UF	8,6%	6,4%	9,1%	7,7%	11,0%	8,4%
Madrasta	Nº meninas	5	1	3	1	0	10
	% UF	1,3%	,3%	,8%	,4%	,0%	,6%
Irmão(s) homem(s)	Nº meninas	13	10	11	12	8	54
	% UF	3,5%	2,7%	3,0%	4,4%	3,5%	3,4%
Irmã(s) mulher(es)	Nº meninas	3	10	18	5	6	42
	% UF	,8%	2,7%	5,0%	1,8%	2,6%	2,6%
Avô	Nº meninas	30	41	20	10	5	106
	% UF	8,1%	10,9%	5,5%	3,7%	2,2%	6,6%
Avó	Nº meninas	35	38	25	14	18	130
	% UF	9,4%	10,1%	6,9%	5,2%	7,9%	8,1%
Outro	Nº meninas	12	12	14	6	7	51
	% UF	3,2%	3,2%	3,9%	2,2%	3,1%	3,2%
NR	Nº meninas	16	14	1	6	17	54
	% UF	4,3%	3,7%	,3%	2,2%	7,5%	3,4%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Mesmo na divisão por faixa etária, os pais (pai e mãe) continuam sendo os principais provedores financeiros nos dois grupos etários. Entre as meninas de 6 a 10 anos, o pai é indicado como responsável pela maior contribuição financeira, em 59,3% dos casos, e a mãe, em 56,7%. No grupo de 11 a 14 anos, esses percentuais são praticamente os mesmos (60,1% e 56,9%).

Nas escolas urbanas particulares o pai é indicado com maior frequência como principal responsável econômico pelo sustento da casa (73%). Nas escolas públicas urbanas os índices que apontaram as mães como ente familiar que mais contribui financeiramente para o sustento da casa foi suavemente maior do que aqueles que indicaram os pais (59,6% x 57,9%).

O que chama atenção nos dados desagregados, por tipo/área, é uma participação maior tanto do pai, quanto da mãe, nas escolas particulares urbanas. As escolas rurais públicas, por sua vez, apresentam diferença mais expressiva entre as meninas que reconhecem o pai (62,7%) e/ou a mãe (50,4%) como principal provedor financeiro.

Em relação à etnia, também há uma diferença um pouco maior entre as meninas que indicam o pai e a mãe como principal responsável financeiro pela casa no grupo daquelas que se dizem brancas: 66,8% e 58,3%. Já entre as pretas/pardas a colaboração do pai e da mãe são mencionadas na mesma proporção: 55% e 55,6%, nesse caso com uma leve vantagem para as mães.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: O pai também foi declarado como a pessoa que mais contribui financeiramente para o sustento da casa (52,3%), seguido pelas mãe (51,7%). Nota-se que 10,1% das meninas/adolescentes declararam ser a avó, o membro da família que mais contribui financeiramente para o grupo familiar.

O quadro encontrado na amostra quilombola não difere da amostra nacional (cinco estados), principalmente no que se refere à participação da mãe na vida econômica da família.

Tabela 13 - Pessoa que mais contribui financeiramente

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Pai	Nº meninas	959	78	1037
	%	59,6%	52,3%	
Mãe	Nº meninas	913	77	990
	%	56,7%	51,7%	
Padrasto	Nº meninas	135	4	139
	%	8,4%	2,7%	
Madrasta	Nº meninas	10	0	10
	%	,6%	,0%	
Irmão(s) homem(s)	Nº meninas	54	0	54
	%	3,4%	,0%	

Irmã(s) mulher(es)	Nº meninas	42	2	44
	%	2,6%	1,3%	
Avô	Nº meninas	106	3	109
	%	6,6%	2,0%	
Avó	Nº meninas	130	15	145
	%	8,1%	10,1%	
Outro	Nº meninas	51	2	53
	%	3,2%	1,3%	
NR	Nº meninas	54	6	60
	%	3,4%	4,0%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%			

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Condição social/benefícios do governo

A Amostra-Escola: A proporção de meninas/adolescentes que disseram receber algum tipo de benefício social do governo apresenta uma variação significativa entre os estados contemplados nessa pesquisa. Enquanto no Pará, 73% das entrevistadas declararam receber algum benefício, no Rio Grande do Sul, apenas 16,6% o fizeram. O Maranhão também apresenta taxas significativas (57,3%). Já Mato Grosso e São Paulo ficam abaixo de 50% : 38,6% e 16,6%, respectivamente.

Tabela 14. A família recebe algum tipo de benefício?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Não	Nº meninas	50	104	165	139	90	548
	% UF	13,5%	27,6%	45,6%	51,3%	39,5%	34,1%
Não sei	Nº meninas	46	51	103	80	44	324
	% UF	12,4%	13,5%	28,5%	29,5%	19,3%	20,1%
Sim	Nº meninas	271	216	90	45	88	710
	% UF	73,0%	57,3%	24,9%	16,6%	38,6%	44,1%

NR	Nº meninas	4	6	4	7	6	27
	% UF	1,1%	1,6%	1,1%	2,6%	2,6%	1,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

O Bolsa Família é o principal benefício recebido (93,4%). Mais uma vez, os estados apresentam resultados divergentes. No Pará e no Maranhão, a quase totalidade das meninas/adolescentes que disseram receber algum tipo de benefício indicaram o Programa Bolsa Família (97% e 91,2%, respectivamente). O índice mais baixo está em São Paulo, com 87,8%.

Outros programas, como o Bolsa Estudo e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), foram indicados em proporções muito inferiores. O primeiro é recebido por 7,2% das meninas, com destaque para o Maranhão que alcançou 11,1%. O PETI, por sua vez, é inexistente em São Paulo e Rio Grande do Sul. Já no Mato Grosso ele é recebido por 19,3% das meninas.

Os benefícios são recebidos pelas meninas/adolescente das duas faixas etárias, 42,2% no grupo de 6 a 10 anos e 45,9% no grupo de 11 a 14 anos. O tipo de benefício também não varia entre esses dois grupos.

A proporção de meninas/adolescente que disse ser beneficiária de programas sociais que envolvem transferência de renda é maior nas escolas públicas, especialmente nas áreas rurais, onde os índices alcançam 68,5%. Nas escolas públicas urbanas eles ficam em 44,0%. Nas escolas urbanas particulares, apenas 11,2% das meninas declaram receber algum tipo de benefício.

Tabela 15 - Você, ou sua família, recebe algum tipo de benefício (bolsa ou auxílio do governo: Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, etc.)?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Não	Nº meninas	58	322	168	548
	%	15,3%	33,8%	60,6%	34,1%
Não sei	Nº meninas	53	194	77	324
	%	14,0%	20,3%	27,8%	20,1%
Sim	Nº meninas	259	420	31	710
	%	68,5%	44,0%	11,2%	44,1%
NR	Nº meninas	8	18	1	27
	%	2,1%	1,9%	,4%	1,7%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

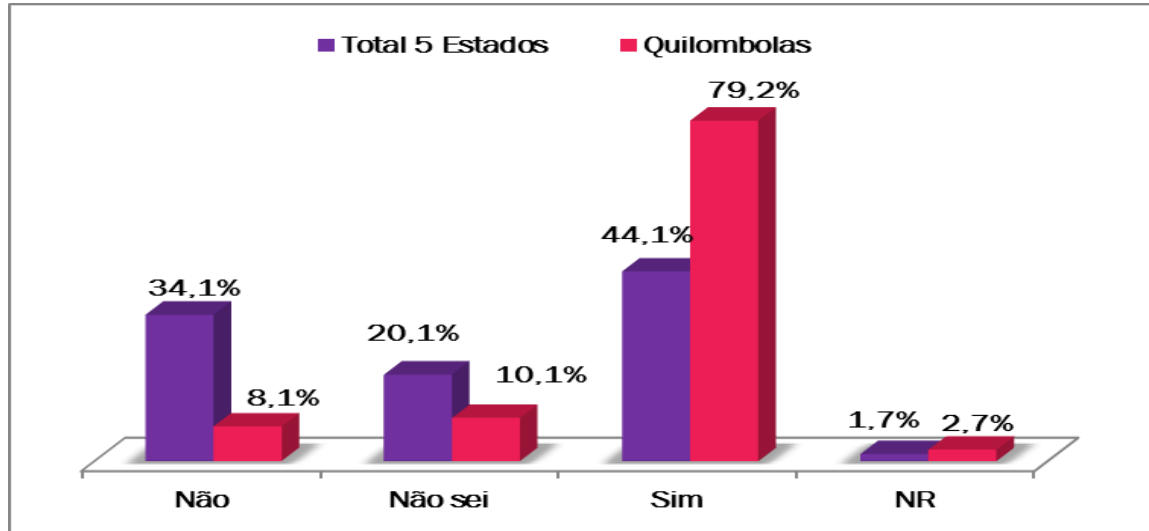
Este resultado está claramente relacionado ao perfil socioeconômico das meninas/adolescentes de escolas públicas, que tendem a apresentar rendas domiciliares mais baixas que aquelas que estudam em instituições particulares. A renda é o principal critério de inclusão no programa social mais mencionado pelas entrevistadas, o Bolsa Família, que privilegia famílias em situação de pobreza (renda familiar *per capita* de até R\$ 140,00) e de pobreza extrema (renda familiar *per capita* de até R\$ 70,00).

Em relação ao tipo de benefício, destaca-se o número de meninas de escolas particulares que disseram ser contempladas pelo Bolsa Estudo (29% daquelas que recebem algum tipo de benefício).

A proporção de beneficiárias é maior entre as meninas/adolescentes que se declaram pretas/pardas (53,2%). Entre as brancas, 30,5% informaram que a família ganha algum tipo de auxílio do governo. O Bolsa Família continua sendo o benefício mais frequente, independente da etnia.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: O comparativo entre a amostra dos cinco estados e a quilombolas revela diferenças importantes, enquanto 44,1% das meninas da amostra nacional disseram receber algum benefício, 79,2% da estudantes de escolas quilombolas fizeram a mesma afirmação.

Gráfico 05 - Benefício do Governo



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Diante desse resultado, é válido ressaltar que a amostra quilombola é composta apenas por escolas públicas rurais, onde também se concentra a maior parte das beneficiárias na amostra nacional (68,6%).

O benefício recebido pela maioria das meninas/adolescentes de escolas quilombolas é o Bolsa Família (96,6%).

Se considerarmos que um dos critérios para o recebimento da bolsa família é possuir uma média per capita de $\frac{1}{4}$ de salário mínimo, a grande maioria dessas meninas pode ser considerada muito pobre.

Tabela 16 - Tipo de benefício recebido

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Bolsa - família	Nº meninas	663	114	777
	%	93,4%	96,6%	
Bolsa de estudo	Nº meninas	51	4	55
	%	7,2%	3,4%	
PETI- Programa de Erradicação de Trabalho Infantil	Nº meninas	22	3	25
	%	3,1%	2,5%	
Outros	Nº meninas	17	1	18
	%	2,4%	,8%	
NR	Nº meninas	8	1	9
	%	1,1%	,8%	
Total	Nº meninas	710	118	828
	%			

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Escolaridade do Chefe da Família

A Amostra-Escola: Quase metade das meninas/adolescente não soube indicar a escolaridade do chefe da família (44,6%).

Apesar no grande número de “não respostas”, pode-se dizer que, no geral, há uma distribuição relativamente equilibrada entre os três níveis de ensino (fundamental, médio e superior). Dentre os poucos destaques estão a proporção de meninas que disse que o chefe da família tem o ensino médio em São Paulo (13,8%), cinco pontos acima da média geral (8,8%) e o ensino superior no Maranhão (15,6%), seis pontos acima da média geral (9,4%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: O número de meninas/adolescentes das escolas quilombolas que não soube indicar a escolaridade do chefe da família superou o percentual da amostra-escola, chegando a 55,7%. De acordo com as entrevistadas, os chefes de família, com ensino superior não chegaram a 1%. Os demais níveis variaram entre 3% e 8,7%.

Infraestrutura doméstica

A Amostra-Escola: Os itens mais frequentes nos lares das meninas/adolescentes que participaram da pesquisa são: TV (93,8%), geladeira (92,4%), banheiro (90%), DVD (82%), máquina de lavar (80,2%) e rádio (68%). Os itens menos frequentes são: freezer (49,5%), micro-ondas (54,3%) e automóvel (55,8%).

Adicionalmente, 28,3% das meninas disseram que contam com o trabalho de uma empregada doméstica em casa. Em São Paulo e no Mato Grosso esse índice sobe para aproximadamente 35%, seguido de perto pelo Maranhão com 34%. Já no Pará, as empregadas estão presentes em 10% dos lares, segundo informaram as pesquisadas.

Outras diferenças estaduais chamam a atenção, como o número de meninas que possui automóvel – 80,4% no Rio Grande do Sul e 22,6% no Pará – e a máquina de lavar roupas – mais de 90% no Rio Grande do Sul, Mato Grosso e São Paulo e 62,5% no Pará.

A TV é, além do item mais frequente nas residências das meninas/adolescentes pesquisadas, o mais disseminado. É dela a menor variação entre os estados, as faixas etárias, os tipos de escolas e a etnia.

Tabela 17 - Itens existentes na residência

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
TV	Nº meninas	350	349	345	257	209	1510
	% UF	94,3%	92,6%	95,3%	94,8%	91,7%	93,8%
Rádio	Nº meninas	195	209	291	248	166	1109
	% UF	52,6%	55,4%	80,4%	91,5%	72,8%	68,9%
Banheiro	Nº meninas	334	321	332	258	203	1448
	% UF	90,0%	85,1%	91,7%	95,2%	89,0%	90,0%
Automóvel	Nº meninas	84	183	265	218	148	898
	% UF	22,6%	48,5%	73,2%	80,4%	64,9%	55,8%
Empregada	Nº meninas	37	129	129	81	80	456
	% UF	10,0%	34,2%	35,6%	29,9%	35,1%	28,3%

Máquina de lavar roupas	Nº meninas	232	261	331	256	211	1291
	% UF	62,5%	69,2%	91,4%	94,5%	92,5%	80,2%
DVD	Nº meninas	275	308	316	240	191	1330
	% UF	74,1%	81,7%	87,3%	88,6%	83,8%	82,7%
Freezer	Nº meninas	69	171	232	206	118	796
	% UF	18,6%	45,4%	64,1%	76,0%	51,8%	49,5%
Microondas	Nº meninas	81	153	291	226	123	874
	% UF	21,8%	40,6%	80,4%	83,4%	53,9%	54,3%
Geladeira	Nº meninas	324	340	346	266	211	1487
	% UF	87,3%	90,2%	95,6%	98,2%	92,5%	92,4%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

A posse da maioria dos itens já mencionados não se altera de acordo com a faixa etária das meninas/adolescentes. Destaca-se, apenas, a presença mais frequente das empregadas domésticas nos lares onde as meninas possuem entre 6 e 10 anos (35,5%). Na faixa de 11 a 14, o percentual encontrado nessa categoria foi de 22,7%.

Quando considerados os tipos de escola, percebe-se uma diferença maior na presença de alguns itens, a depender da área e da dependência administrativa das instituições de ensino. O número de meninas que declarou possuir automóvel em casa, máquina de lavar, DVD, freezer e micro-ondas é menor nas escolas públicas (rurais ou urbanas) que nas particulares.

As escolas públicas rurais alcançam percentuais ainda menores que os outros dois tipos de escola em categorias como automóvel (46,6% nas escolas públicas rurais, 52,2% nas públicas urbanas e 85,2% nas escolas particulares urbanas) e máquina de lavar (70,9% nas escolas públicas rurais, 82,7% nas públicas urbanas e 91,7% nas escolas particulares urbanas).

Nas escolas públicas (rurais e urbanas) o número de meninas que disse contar com o apoio de uma empregada doméstica em casa variou entre 24,5% e 23,1%. Já nas escolas particulares urbanas o percentual sobe para 53,8%.

Vale destacar também que 88,7% das meninas/adolescentes das escolas rurais disseram ter banheiro em casa, percentual abaixo da média geral e, principalmente, das escolas particulares urbanas (94,9%).

As variações observadas nos tipos de escolas reforçam às diferenças socioeconômicas das meninas/adolescentes que estudam em escolas públicas e particulares e em áreas rurais e urbanas. Essa diferença já havia sido observada na referência aos benefícios sociais recebidos pelas entrevistadas, mais frequentes nas escolas públicas.

Tabela 18 - Possui Itens

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Possui TV	Nº meninas	349	895	266	1510
	%	94,1%	95,6%	96,0%	95,3%
Possui rádio	Nº meninas	272	646	191	1109
	%	73,3%	69,0%	69,0%	70,0%
Possui banheiro	Nº meninas	329	856	263	1448
	%	88,7%	91,5%	94,9%	91,4%
Possui automóvel	Nº meninas	173	489	236	898
	%	46,6%	52,2%	85,2%	56,7%
Possui empregada	Nº meninas	91	216	149	456
	%	24,5%	23,1%	53,8%	28,8%
Possui máquina de lavar	Nº meninas	263	774	254	1291
	%	70,9%	82,7%	91,7%	81,5%
Possui DVD	Nº meninas	301	774	255	1330
	%	81,1%	82,7%	92,1%	84,0%
Possui freezer	Nº meninas	168	425	203	796
	%	45,3%	45,4%	73,3%	50,3%
Possui geladeira	Nº meninas	342	877	268	1487
	%	92,2%	93,7%	96,8%	93,9%
Possui microondas	Nº meninas	129	511	234	874
	%	34,8%	54,6%	84,5%	55,2%
<i>Total</i>	Nº meninas	371	936	277	1584
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Assumindo que os itens presentes em casa são um indicador das condições socioeconômicas das meninas/adolescentes pesquisadas, pode-se dizer que, aquelas que se autodeclararam brancas, vivem em melhores condições que as pretas, pardas, asiáticas e indígenas. Tomando como exemplo alguns dos itens mencionados, tem-se que enquanto 69,8% das brancas disseram possuir automóvel em casa, 47% das pretas/pardas o fizeram. Item importante nas condições sanitárias da família, o banheiro, faz parte da estrutura das casas de 93,6% das meninas/adolescentes brancas, enquanto entre as pretas/pardas esse percentual é de 87,7%.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: As meninas/adolescentes da amostra quilombola que participaram da pesquisa, vivem em lares que possuem Televisão (86,6%), Geladeira (87,2%), DVD (61,7%), Radio (57%), Máquina de Lavar Roupas (41,6%) e Freezer (28,9%). Dos utensílios domésticos o Microondas foi o item de menor distribuição, presente em apenas 8,1%, das casas.

Outros itens importantes como banheiro, automóvel e empregada doméstica marcaram presença com distribuição significativa: 79,2% das casas possuem pelo menos um banheiro; 32,9% possui pelos menos um automóvel e apenas 19,5% possui empregada doméstica.

Chama atenção a grande disparidade de posse dos seguintes itens entre as meninas da amostra - escola e amostra quilombola: máquina de lavar roupa (80,2% e 41,6%) e principalmente micro-ondas (54,3% e 8,1%).

Tabela 19 - Possui Itens :

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
TV	Nº meninas	1510	129	1639
	%	93,8%	86,6%	93,2%
Rádio	Nº meninas	1109	85	1194
	%	68,9%	57,0%	67,9%
Banheiro	Nº meninas	1448	118	1566
	%	90,0%	79,2%	89,1%

Automóvel	Nº meninas	898	49	947
	%	55,8%	32,9%	53,9%
Empregada	Nº meninas	456	29	485
	%	28,3%	19,5%	27,6%
Máquina de lavar roupas	Nº meninas	1291	62	1353
	%	80,2%	41,6%	77,0%
DVD	Nº meninas	1330	92	1422
	%	82,7%	61,7%	80,9%
Freezer	Nº meninas	796	43	839
	%	49,5%	28,9%	47,7%
Geladeira	Nº meninas	1487	130	1617
	%	92,4%	87,2%	92,0%
Microondas	Nº meninas	874	12	886
	%	54,3%	8,1%	50,4%
Total	Nº meninas	11199	749	11948
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Ente familiar cuidador

A Amostra-Escola: Questionadas sobre quem é o responsável pelo cuidado diário delas, as meninas/adolescentes indicaram a mãe como principal cuidadora, em 76,3% dos casos. O pai aparece em segundo lugar, com percentuais bem menores (26,8%). O papel da avó, no cuidado diário com as meninas, também se destaca, com 15,6%. A presença massiva das mães no cuidado das filhas, mesmo quando estas trabalham fora, é um indicativo da dupla ou tripla jornada da mãe.

Tabela 20 - Quem cuida de você no dia-a-dia (comida, roupa horários)?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Pai	Nº meninas	67	108	106	94	57	432
	% UF	18,1%	28,6%	29,3%	34,7%	25,0%	26,8%
Mãe	Nº meninas	266	291	293	208	170	1228
	% UF	71,7%	77,2%	80,9%	76,8%	74,6%	76,3%

Padrasto	Nº meninas	10	16	15	8	9	58
	% UF	2,7%	4,2%	4,1%	3,0%	3,9%	3,6%
Madrasta	Nº meninas	3	4	3	1	3	14
	% UF	,8%	1,1%	,8%	,4%	1,3%	,9%
Irmão(s) homem(s)	Nº meninas	11	17	13	11	13	65
	% UF	3,0%	4,5%	3,6%	4,1%	5,7%	4,0%
Irmã(s) mulher(es)	Nº meninas	21	27	32	12	14	106
	% UF	5,7%	7,2%	8,8%	4,4%	6,1%	6,6%
Avô	Nº meninas	25	31	27	20	10	113
	% UF	6,7%	8,2%	7,5%	7,4%	4,4%	7,0%
Avó	Nº meninas	64	55	55	40	37	251
	% UF	17,3%	14,6%	15,2%	14,8%	16,2%	15,6%
Outro	Nº meninas	18	20	28	15	9	90
	% UF	4,9%	5,3%	7,7%	5,5%	3,9%	5,6%
NR	Nº meninas	15	11	5	7	17	55
	% UF	4,0%	2,9%	1,4%	2,6%	7,5%	3,4%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Essa tendência se reproduz nas duas faixas etárias consideradas na pesquisa (6 a 10 anos e 11 a 14 anos) e nos três tipos de escolas (rural e pública, urbana e pública, urbana e particular). Na estratificação por tipo de escola, destaca-se apenas a presença levemente maior das avós no papel de cuidadoras das meninas/adolescentes nas escolas urbanas, especialmente nas particulares, nas quais elas alcançam o índice de 19,5%, mais de cinco pontos percentuais acima do observado nas escolas públicas rurais (12,4%).

Na distribuição por etnia, a mãe continua sendo a indicada pelas meninas/adolescentes como a responsável pelos cuidados diários com elas na ampla maioria dos casos, independente da cor/raça autodeclarada pelas entrevistadas. Vale notar, no entanto, que as brancas apresentam percentuais mais elevados para as mães e, principalmente, para os pais, que chegam a se responsabilizar pelo cuidado com as meninas/adolescentes em 32,8% dos casos.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: As meninas/adolescentes da amostra quilombola também estão, na sua grande maioria, sob os cuidados mãe (81,2%), em seguida, em percentuais muito menores, do pai (24,8%) e da avó (8,7%).

Chama atenção que no confronto com as respostas das meninas das duas amostras, a mãe das meninas quilombolas estão mais presentes no cuidado de suas filhas (81,2%), quando comparadas às mães das meninas participantes da amostra-escola (76,3%).

Tabela 21 - Quem cuida de você no dia-a-dia?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Pai	Nº meninas	432	37	469
	%	26,8%	24,8%	
Mãe	Nº meninas	1228	121	1349
	%	76,3%	81,2%	
Padrasto	Nº meninas	58	3	61
	%	3,6%	2,0%	
Madrasta	Nº meninas	14	3	17
	%	,9%	2,0%	
Irmão(s) homem(s)	Nº meninas	65	1	66
	%	4,0%	,7%	
Irmã(s) mulher(es)	Nº meninas	106	10	116
	%	6,6%	6,7%	
Avô	Nº meninas	113	5	118
	%	7,0%	3,4%	

Avó	Nº meninas	251	13	264
	%	15,6%	8,7%	
Outro	Nº meninas	90	0	90
	%	5,6%	,0%	
NR	Nº meninas	55	3	58
	%	3,4%	2,0%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%			

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Onde ficam em períodos extraescolares

A Amostra-Escola: As diferenças de gênero começam a ser expostas quando se pergunta onde as meninas e seus irmãos homens costumam ficar fora do horário da escola. Enquanto a grande maioria das meninas ficam “em casa mesmo” (78,9%), ou na casa de parentes/amigos (32,8%), ou na própria escola (17,9%) – o que pode ser indicativo de participação em atividades extracurriculares ou jornada escolar ampliada – apenas 28,9% dos irmãos homens ficam “em casa mesmo”, 13,1% fica na casa de parentes/amigos, 11,9% “na rua” e apenas 5,6% fica “na escola”.

Algumas situações pareceram preocupantes em relação ao lugar onde as meninas/adolescentes ficam quando não estão na escola, as quais requerem um maior aprofundamento em pesquisa qualitativa: 13,6% das meninas/adolescentes declararam ficar “na rua” e 9,3% no trabalho do pai/mãe.

Tabela 22 - Onde VOCÊ costuma ficar fora do horário da escola?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Em casa mesmo	Nº meninas	281	283	308	226	172	1270
	% UF	75,7%	75,1%	85,1%	83,4%	75,4%	78,9%
Na casa de parentes/ amigos	Nº meninas	80	145	149	98	56	528
	% UF	21,6%	38,5%	41,2%	36,2%	24,6%	32,8%

Na rua	Nº meninas	30	58	76	39	16	219
	% UF	8,1%	15,4%	21,0%	14,4%	7,0%	13,6%
Na escola	Nº meninas	57	94	54	37	46	288
	% UF	15,4%	24,9%	14,9%	13,7%	20,2%	17,9%
No centro comunitário/ ONG/ Associação	Nº meninas	22	15	8	8	11	64
	% UF	5,9%	4,0%	2,2%	3,0%	4,8%	4,0%
No trabalho do pai/ mãe	Nº meninas	17	47	39	30	17	150
	% UF	4,6%	12,5%	10,8%	11,1%	7,5%	9,3%
Outro lugar	Nº meninas	15	39	40	22	13	129
	% UF	4,0%	10,3%	11,0%	8,1%	5,7%	8,0%
NS/NR	Nº meninas	12	16	4	9	12	53
	% UF	3,2%	4,2%	1,1%	3,3%	5,3%	3,3%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A única diferença, por grupo etário, que merece alguma menção reside no fato de que as meninas entre 11 a 14 anos indicam, com maior frequência, a casa de parentes/amigos como o lugar onde ficam quando estão fora do horário da escola (37,2% contra 28,3% na faixa de 6 a 10 anos).

As meninas de escolas particulares disseram ficar mais em casa (81,6%) e na casa de amigos/parentes (41,2%) que as alunas das escolas públicas, especialmente em relação àquelas da área rural. Nestas, a proporção de meninas que informaram ficar em casa foi de 75,7% e, na casa de amigos/parentes, de 29,9%.

As meninas das escolas públicas urbanas também disseram ficar mais na rua (em torno de 15%), enquanto as de escolas rurais utilizam mais o espaço da escola fora do período de aula (21,1%).

Em relação aos lugares onde os irmãos homens ficam no período extraescolar, não há diferenças significativas entre as repostas oferecidas pelas meninas em diferentes estratos: faixa etária, tipo de escola e etnia. Em todos eles há uma reprodução do quadro já descrito acima.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: As diferenças de gênero também são evidenciadas na amostra quilombola. A grande maioria dessas meninas fica “em casa mesmo” (81,2%) ou na casa de parentes/amigos (30,9%) ou na própria “escola” (13,4%) fora dos horários de aula. Segundo elas, apenas 36,9% dos irmãos homens ficam “em casa mesmo”, 20,1% ficam na casa de parentes/amigos, 10,7% “na rua” e apenas 4,0% ficam “na escola”. No geral, as amostras demonstraram a mesma tendência.

Tabela 23 - Onde VOCÊ fica fora do horário da escola?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Em casa mesmo	Nº meninas	1270	121	1391
	%	78,9%	81,2%	
Na casa de parentes/ amigos	Nº meninas	528	46	574
	%	32,8%	30,9%	
Na rua	Nº meninas	219	17	236
	%	13,6%	11,4%	
Na escola	Nº meninas	288	20	308
	%	17,9%	13,4%	
No centro comunitário/ ONG/ Associação	Nº meninas	64	3	67
	%	4,0%	2,0%	
No trabalho do pai/ mãe	Nº meninas	150	9	159
	%	9,3%	6,0%	
Outro lugar	Nº meninas	129	8	137
	%	8,0%	5,4%	
NS/NR	Nº meninas	53	3	56
	%	3,3%	2,0%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Com que ficam no período extraescolar

A Amostra-Escola: Os arranjos para os cuidados dessas meninas/adolescentes no período em que não estão na escola são diversos, embora coerentes com a declaração de que a mãe é o principal ente familiar cuidador. É com ela que maioria das meninas/adolescentes declararam ficar em períodos que estão fora da escola. Contudo, os percentuais variados para cada período do dia podem ser um indicativo de que muitas mães saem para trabalhar principalmente nos períodos matutino e vespertino.

Cerca de 1/3 das meninas/adolescentes disse ficar com a mãe quando não está na escola de manhã e à tarde. Nestes mesmos períodos, aproximadamente 25% delas declararam ficar na companhia de outra pessoa, que não o pai ou a mãe. A participação do pai durante o dia não chega a 15% dos casos.

No período noturno, a presença da mãe em casa sobe para 64,2% e a do pai para 42,6%. Em contrapartida, reduz-se a quantidade de meninas que disse ficar sozinhas: de, aproximadamente, 12% durante o dia (manhã e tarde) para 5% à noite. Apesar da redução, o simples fato de que meninas de 6 a 14 anos passam algum período do dia sozinhas em casa deve ser destacado.

Entre as meninas mais “velhas” (11 a 14 anos), é maior a proporção daquelas que disseram ficar sozinhas quando não estão na escola, especialmente nos períodos matutino (16,2%) e vespertino (16,5%). Entre as mais novas (6 a 10 anos), cerca de 9% disseram ficar sozinhas durante o dia e 3,7% durante a noite.

Para os demais estratos (tipo de escola e etnia) não há diferenças significativas.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: As escolas quilombolas reproduzem arranjos similares aos observados na amostra dos cinco estados, com uma presença maior da mãe como cuidadora no período em que as

meninas/adolescentes não estão na escola. Durante a manhã, mais de um terço delas declarou que fica com a mãe (38,3%), 27,5% com o pai e 22,8% com outras pessoas.

Nesse período, 9,4% das meninas declararam ficar sozinhas. Ainda que a maioria dessas meninas faça parte do grupo etário de idade mais elevada (entre 11 e 14 anos), a situação não deixa de ser preocupante, conforme já foi argumentado.

Tabela 24 - Não está na escola DE MANHÃ, fica com:

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Sozinha	Nº meninas	204	14	218
	%	12,7%	9,4%	
Com meu pai	Nº meninas	231	41	272
	%	14,4%	27,5%	
Com minha mãe	Nº meninas	528	57	585
	%	32,8%	38,3%	
Com outras pessoas	Nº meninas	422	34	456
	%	26,2%	22,8%	
NS/NR	Nº meninas	580	51	631
	%	36,0%	34,2%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

No período vespertino o quadro acima se repete, porém com percentuais diferenciados: 32,2% delas ficam com a mãe, 18,8% com o pai, com outras pessoas (14,8%) e 4,7% ficam sozinhas.

Durante o período noturno, a maioria das meninas declarou permanecer com suas mães (62,4%), em seguida com o pai (49,7%) e com outras pessoas (38,3%). Ainda que em percentual menor, mas em situação preocupante, registra-se o fato de 4,7% das meninas/adolescentes terem declarado ficar sozinhas à noite.

No geral, as duas amostras se comportaram de forma equivalente.

Atividades e afazeres domésticos um dos lócus da discriminação de gênero dentro de casa

A Amostra-Escola: Os dados da pesquisa revelam que a maioria das meninas/adolescentes possui responsabilidades na organização da vida doméstica. Essa responsabilidade é exercida por meio de atividades que possuem graus distintos de dificuldade e de esforço. Elas vão desde tarefas simples, como arrumar a cama (81,4%), até atribuições mais complexas, como cozinhar (41%), lavar (28,8%) e passar roupa (21,8%).

Outras atividades realizadas por um número considerável de meninas/adolescentes são: lavar a louça (76,8%), limpar a casa (65,6%), pôr a mesa (54,3%), Jogar o lixo fora (54,7%) e varrer o quintal (46,6%).

Os dados apresentados chamam a atenção na medida em que revelam a realização de atividades que apresentam, algum, ou grande potencial de riscos, para as meninas/adolescentes, como cozinhar e passar roupa.

Tabela 25 - Atividades que a menina realiza em casa

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Cozinhar	Nº meninas	162	159	179	87	73	660
	% UF	43,7%	42,2%	49,4%	32,1%	32,0%	41,0%
Pôr a mesa	Nº meninas	175	174	205	205	114	873
	% UF	47,2%	46,2%	56,6%	75,6%	50,0%	54,3%
Lavar a louça	Nº meninas	286	293	298	200	159	1236
	% UF	77,1%	77,7%	82,3%	73,8%	69,7%	76,8%
Limpar a casa	Nº meninas	250	259	261	163	122	1055
	% UF	67,4%	68,7%	72,1%	60,1%	53,5%	65,6%
Varrer o quintal	Nº meninas	149	193	205	92	111	750
	% UF	40,2%	51,2%	56,6%	33,9%	48,7%	46,6%

Jogar o lixo fora	Nº meninas	172	206	211	157	134	880
	% UF	46,4%	54,6%	58,3%	57,9%	58,8%	54,7%
Arrumar a minha cama	Nº meninas	301	297	319	221	171	1309
	% UF	81,1%	78,8%	88,1%	81,5%	75,0%	81,4%
Lavar a roupa	Nº meninas	124	150	88	50	51	463
	% UF	33,4%	39,8%	24,3%	18,5%	22,4%	28,8%
Passar a roupa	Nº meninas	53	77	134	48	38	350
	% UF	14,3%	20,4%	37,0%	17,7%	16,7%	21,8%
Fazer compras para a casa	Nº meninas	73	106	87	61	54	381
	% UF	19,7%	28,1%	24,0%	22,5%	23,7%	23,7%
Cuidar dos animais	Nº meninas	137	184	182	157	108	768
	% UF	36,9%	48,8%	50,3%	57,9%	47,4%	47,7%
Buscar a água na bica/poço	Nº meninas	35	58	12	11	13	129
	% UF	9,4%	15,4%	3,3%	4,1%	5,7%	8,0%
Levar comida para quem está na roça	Nº meninas	47	58	14	15	25	159
	% UF	12,7%	15,4%	3,9%	5,5%	11,0%	9,9%
Cuidar de mim	Nº meninas	231	239	262	166	150	1048
	% UF	62,3%	63,4%	72,4%	61,3%	65,8%	65,1%
Cuidar do(s) irmão(s)	Nº meninas	109	156	133	87	71	556
	% UF	29,4%	41,4%	36,7%	32,1%	31,1%	34,6%
Sair para trabalhar	Nº meninas	8	18	21	11	11	69
	% UF	2,2%	4,8%	5,8%	4,1%	4,8%	4,3%
Cuidar do dinheiro da casa	Nº meninas	29	58	45	32	23	187
	% UF	7,8%	15,4%	12,4%	11,8%	10,1%	11,6%
NR	Nº meninas	11	8	5	6	6	36
	% UF	3,0%	2,1%	1,4%	2,2%	2,6%	2,2%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Além de se encarregarem dos afazeres domésticos, a maioria das meninas declarou cuidar delas mesmas, com 65,1% de afirmativas. Aproximadamente 1/3 delas dizem ainda cuidar dos irmãos (34,6%).

Na análise desagregada por faixa etária percebe-se que algumas atividades são mais frequentes entre as meninas com idade mais elevada (11 e 14 anos), especialmente aquelas que oferecem algum tipo de risco, como cozinhar (G1 – 26% e G2 – 54,9%) e passar (G1 – 17,6% e G2 – 25,6%), ou que exigem mais esforço físico como lavar roupa (G1 – 20,9% e G2 – 36%) e limpar a casa (G1 – 57,7% e G2 – 72,6%).

A proporção de meninas de escolas particulares que disse desempenhar atividades domésticas é menor do que o observado nas escolas públicas (rurais e urbanas). Enquanto cerca de 43% das meninas/adolescentes de escolas públicas disseram cozinhar, 32,5% das estudantes de escolas particulares urbanas o fizeram. Outros exemplos:

- 67,1% das meninas de escolas particulares urbanas declararam lavar louça. Nas escolas públicas rurais esse percentual foi de 81,5%;
- 46,6% das meninas/adolescentes de escolas particulares urbanas informaram limpar a casa. Nas escolas públicas rurais o percentual sobe para 74,3% e nas públicas urbanas para 67,6%.

Em relação à etnia, não foram identificadas diferenças significativas entre brancas e afrodescendentes (pretas e pardas).

A comparação entre as atividades que meninas/adolescentes e seus irmãos desempenham em casa revelam novas diferenças de gênero, que se expressam por meio da divisão do trabalho doméstico entre meninos e meninas. Enquanto arrumar a própria cama (81,4%), lavar a louça (76,8%), limpar a casa (65,6%), pôr a mesa (54,3%) e jogar o

lixo fora (54,7%) são atividades corriqueiras para as meninas (indicadas por mais da metade delas), elas são realizadas por uma minoria dos seus irmãos homens. Segundo informações oferecidas por elas: 11,6% deles arrumam a própria cama, 12,5% lavam louça, 11,4% limpam a casa e o mesmo percentual coloca a mesa e 20,8% deles jogam o lixo fora.

Maiores percentuais de meninas realizando as atividades domésticas foram verificados para praticamente toda a lista de atividades oferecidas pela pesquisa, mesmo para aquelas atividades outrora reconhecidas como tipicamente masculina como cuidar dos animais, levar comida na roça, buscar água na bica/poço.

A exceção ficou por conta de uma atividade que não é propriamente um afazer doméstico: sair para trabalhar. Por declaração das próprias meninas, enquanto 4,3% delas saem para trabalhar, um percentual de 12,5% dos seus irmãos realizam a mesma atividade.

Contudo, embora este dado pareça confirmar o fato recorrente de que mais meninos saem para trabalhar do que meninas, o mesmo requer um cuidado especial de interpretação, pois pode ser que os irmãos sejam mais velhos e estejam em idade de trabalhar.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Um percentual muito significativo de meninas quilombolas cozinha (62,4%); cuida dos animais (48,3%); põe a mesa (50,3%); cuida de irmãos (36,2%) e faz compras para casa (26,2%).

Tabela 26 - Atividades que a menina realiza em casa

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Cozinhar	Nº meninas	660	93	753
	%	41,0%	62,4%	
Pôr a mesa	Nº meninas	873	75	948
	%	54,3%	50,3%	

Lavar a louça	Nº meninas	1236	125	1361
	%	76,8%	83,9%	
Limpar a casa	Nº meninas	1055	126	1181
	%	65,6%	84,6%	
Varrer o quintal	Nº meninas	750	104	854
	%	46,6%	69,8%	
Jogar o lixo fora	Nº meninas	880	96	976
	%	54,7%	64,4%	
Arrumar a minha cama	Nº meninas	1309	124	1433
	%	81,4%	83,2%	
Lavar a roupa	Nº meninas	463	93	556
	%	28,8%	62,4%	
Passar a roupa	Nº meninas	350	38	388
	%	21,8%	25,5%	
Fazer compras para a casa	Nº meninas	381	39	420
	%	23,7%	26,2%	
Cuidar dos animais	Nº meninas	768	72	840
	%	47,7%	48,3%	
Buscar a água na bica/poço	Nº meninas	129	48	177
	%	8,0%	32,2%	
Levar comida para quem está na roça	Nº meninas	159	50	209
	%	9,9%	33,6%	
Cuidar de mim	Nº meninas	1048	98	1146
	%	65,1%	65,8%	
Cuidar do(s) irmão(s)	Nº meninas	556	54	610
	%	34,6%	36,2%	
Sair para trabalhar	Nº meninas	69	22	91
	%	4,3%	14,8%	
Cuidar do dinheiro da casa	Nº meninas	187	32	219
	%	11,6%	21,5%	
NR	Nº meninas	36	2	38
	%	2,2%	1,3%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Assim como na amostra dos cinco estados, as atividades que submetem as meninas/adolescentes quilombolas a algum tipo de risco merecem ser destacadas, tais como: levar comida na roça (33,6%) e passar roupa (25,5%). Além disso, as estudantes da amostra quilombola apontaram atividades proibidas por lei, como “sair para trabalhar”, 14,8%, percentual bem acima do encontrado na amostra nacional (4,3%).

Além de ficarem encarregadas dos afazeres domésticos, a maioria das meninas declarou cuidar delas mesmas, com 65,8% de afirmativas.

A desigualdade na participação de meninas quilombolas e de seus irmãos homens nos afazeres domésticos, segundo declaração das meninas/adolescentes pesquisadas, é consideravelmente grande. A proporção de meninos (irmãos homens) que, na opinião das meninas, realiza as atividades domésticas é significativamente menor do que o das meninas: cuidar dos animais (34,9%), jogar o lixo fora (29,5%), levar comida na roça (24,2%), buscar água na bica/poço (22,1%), varrer o quintal (20,8%), cuidar dos irmãos (18,1%), lavar louça (16,1%), limpar a casa (14,8%), e lavar roupa (11,4%) foram atividades que alcançaram os índices de 10% ou mais. Na opinião das meninas, são pouquíssimos os meninos (irmãos homens) que ajudam em tarefas como cozinhar (12,1%), fazer compras para casa (10,1%), por a mesa (8,1%) e passar roupa (3,4%).

A exceção, novamente, ficou por conta da atividade “sair para trabalhar”. De acordo com as meninas quilombolas, enquanto 14,8% delas saem para trabalhar, um percentual de 21,5% dos seus irmãos realizam a mesma atividade. Vale dizer novamente que esses percentuais são maiores do que os observados na amostra dos cinco estados, na qual eles correspondem, respectivamente a 4,3% e 12,5%.

Chama atenção o percentual de meninas quilombolas que lavam roupa (62,4%) quando comparadas aos índices bem menores das meninas da amostra-escola (28,8%) para essa tarefa doméstica.

Atividades de Lazer/recreação

A Amostra-Escola: Quando estão fora do horário da escola, as meninas pesquisadas se dedicam a atividades de lazer, esporte, a práticas religiosas, a realização de tarefas escolares, dentre outras. A televisão se mostra o meio de entretenimento mais frequente: 82,3% das entrevistadas disseram assistir TV no período extraescolar. Outras formas de lazer como ouvir música (67,3%), ler livros (53%) e brincar dentro de casa (55,3%) alcançaram percentuais menores, mas ainda assim são mencionados por mais da metade das pesquisadas.

As tarefas escolares também ocupam parte do tempo das meninas fora da escola, é o que indicaram 80,5% delas. Percebe-se, desse modo, que grande parte das meninas leva a sério suas responsabilidades perante a escola, sem deixar de se divertir sozinhas ou com colegas/amigas. Menciona-se ainda, que 70,4% das pesquisadas aproveitam esse período para descansar.

Tabela 27 - O que VOCÊ costuma fazer fora do horário da escola?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Encontrar amigos	Nº meninas	147	229	195	149	99	819
	% UF	39,6%	60,7%	53,9%	55,0%	43,4%	50,9%
Ver televisão	Nº meninas	305	289	313	237	180	1324
	% UF	82,2%	76,7%	86,5%	87,5%	78,9%	82,3%
Navegar na internet	Nº meninas	90	154	240	159	108	751
	% UF	24,3%	40,8%	66,3%	58,7%	47,4%	46,7%
Jogar jogos eletrônicos	Nº meninas	59	124	135	101	72	491
	% UF	15,9%	32,9%	37,3%	37,3%	31,6%	30,5%
Fazer tarefas da escola/ estudar	Nº meninas	278	307	288	225	197	1295
	% UF	74,9%	81,4%	79,6%	83,0%	86,4%	80,5%

Descansar	Nº meninas	218	262	300	198	154	1132
	% UF	58,8%	69,5%	82,9%	73,1%	67,5%	70,4%
Ouvir música	Nº meninas	194	262	288	201	138	1083
	% UF	52,3%	69,5%	79,6%	74,2%	60,5%	67,3%
Ler livros, revistas ou quadrinhos	Nº meninas	160	224	186	151	131	852
	% UF	43,1%	59,4%	51,4%	55,7%	57,5%	53,0%
Praticar esportes	Nº meninas	76	125	129	101	73	504
	% UF	20,5%	33,2%	35,6%	37,3%	32,0%	31,3%
Jogar bola	Nº meninas	98	92	97	87	70	444
	% UF	26,4%	24,4%	26,8%	32,1%	30,7%	27,6%
Andar de bicicleta	Nº meninas	169	195	152	123	108	747
	% UF	45,6%	51,7%	42,0%	45,4%	47,4%	46,4%
Brincar na rua	Nº meninas	110	102	110	74	48	444
	% UF	29,6%	27,1%	30,4%	27,3%	21,1%	27,6%
Brincar dentro de casa	Nº meninas	209	236	180	139	126	890
	% UF	56,3%	62,6%	49,7%	51,3%	55,3%	55,3%
Visitar parentes e/ou amigos	Nº meninas	155	211	202	145	108	821
	% UF	41,8%	56,0%	55,8%	53,5%	47,4%	51,0%
Namorar	Nº meninas	37	47	62	24	21	191
	% UF	10,0%	12,5%	17,1%	8,9%	9,2%	11,9%
Participar de atividades culturais como música, dança e teatro	Nº meninas	80	101	95	66	73	415
	% UF	21,6%	26,8%	26,2%	24,4%	32,0%	25,8%
Ir à igreja	Nº meninas	220	232	182	98	150	882
	% UF	59,3%	61,5%	50,3%	36,2%	65,8%	54,8%
Participar de grupo de jovens	Nº meninas	111	103	74	32	50	370
	% UF	29,9%	27,3%	20,4%	11,8%	21,9%	23,0%

Participar de trabalho voluntário	Nº meninas	18	40	17	17	14	106
	% UF	4,9%	10,6%	4,7%	6,3%	6,1%	6,6%
Trabalhar	Nº meninas	13	35	15	18	14	95
	% UF	3,5%	9,3%	4,1%	6,6%	6,1%	5,9%
Outra	Nº meninas	18	13	14	11	4	60
	% UF	4,9%	3,4%	3,9%	4,1%	1,8%	3,7%
NS/NR	Nº meninas	5	8	2	0	4	19
	% UF	1,3%	2,1%	,6%	,0%	1,8%	1,2%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Atividades “popularmente” consideradas masculinas também são mencionadas pelas meninas, embora em percentuais menores do que os observados acima: praticar esportes (31,3%), jogar bola e brincar na rua, os dois últimos com 27,6%. As práticas religiosas também recebem adesão das pesquisadas, 54,8% delas disseram ir à igreja no seu “tempo livre”.

As meninas de 11 a 14 anos utilizam mais o tempo fora da escola em atividades como: encontrar amigos (59%), navegar na internet (57,8%) e ouvir música (76,2%). Já as de 6 a 10 anos informaram com maior frequência: andar de bicicleta (55,7%), brincar na rua (34,2%) e brincar dentro de casa (72,6%).

Na análise, por tipo de escola, chama atenção a diferença na indicação de itens relacionados à utilização da *internet* e de jogos eletrônicos. Enquanto 72,9% das pesquisadas nas escolas urbanas particulares disseram navegar na *internet* quando estão fora da escola, apenas 25,1% das meninas/adolescentes de escolas rurais públicas citaram a mesma atividade. Nas escolas urbanas públicas, o percentual é um pouco maior (47,6%), mas ainda assim distante da realidade encontrada nas instituições particulares.

O acesso a jogos eletrônicos foi declarado pelas meninas/adolescentes nos três estratos, na seguinte ordem: rurais públicas (20,9%), urbanas particulares (29,1%) e urbanas particulares (48,4%). Esses dados demonstram as diferenças no acesso dessas meninas a novas tecnologias, mais precário nas áreas rurais, e menos disponíveis para aqueles que dependem do ensino público.

Esses mesmos quesitos, especialmente a navegação na *internet*, também são mencionados em proporções diferentes por meninas brancas e afrodescendentes (pretas e pardas): 56% das brancas utilizam o período fora da escola para navegar na *internet*, contra 40,6% das pretas/pardas. Em relação aos jogos eletrônicos, os percentuais se referem, respectivamente a 35% e 27,6%.

Mais da metade das meninas (54%) não soube informar o que seus irmãos fazem quando estão fora da escola. O grande número de não respostas ajuda a entender porque as meninas alcançaram um percentual maior em praticamente todas as categorias apresentadas no questionário, salvo por uma única atividade, jogar bola. Mesmo nesse caso, os percentuais são muito próximos: 27,6% para as meninas/adolescentes e 27,8% para seus irmãos.

Depois de ver televisão (29,8%), jogar bolar (27,8%), descansar (21,6%), fazer tarefas da escola (20,2%) e ouvir música (19,5%) são os maiores destaques entre os irmãos homens.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: As meninas/adolescentes participantes da amostra quilombola demonstraram combinar escola, afazeres domésticos, atividades extraclasse e de lazer/recreação. Quando estão fora da escola, a maioria delas vê televisão (83,9%), faz tarefas da escola ou estuda (76,5%), brinca dentro de casa (69,8%), descansa (67,8%), ouve música (63,8%), encontra amigos (61,7%) e lê livros, revistas ou quadrinhos (58,4%).

Tabela 28 - O que VOCÊ faz fora do horário da escola?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Encontrar amigos	Nº meninas	819	92	911
	%	50,9%	61,7%	
Ver televisão	Nº meninas	1324	125	1449
	%	82,3%	83,9%	
Navegar na internet	Nº meninas	751	15	766
	%	46,7%	10,1%	
Jogar jogos eletrônicos	Nº meninas	491	23	514
	%	30,5%	15,4%	
Fazer tarefas da escola/ estudar	Nº meninas	1295	114	1409
	%	80,5%	76,5%	
Descansar	Nº meninas	1132	101	1233
	%	70,4%	67,8%	
Ouvir música	Nº meninas	1083	95	1178
	%	67,3%	63,8%	
Ler livros, revistas ou quadrinhos	Nº meninas	852	87	939
	%	53,0%	58,4%	
Praticar esportes	Nº meninas	504	54	558
	%	31,3%	36,2%	
Jogar bola	Nº meninas	444	78	522
	%	27,6%	52,3%	
Andar de bicicleta	Nº meninas	747	98	845
	%	46,4%	65,8%	
Brincar na rua	Nº meninas	444	57	501
	%	27,6%	38,3%	
Brincar dentro de casa	Nº meninas	890	104	994
	%	55,3%	69,8%	
Visitar parentes e/ou amigos	Nº meninas	821	89	910
	%	51,0%	59,7%	
Namorar	Nº meninas	191	13	204
	%	11,9%	8,7%	
Participar de atividades culturais como música, dança e teatro	Nº meninas	415	43	458
	%	25,8%	28,9%	
Ir à igreja	Nº meninas	882	111	993
	%	54,8%	74,5%	
Participar de grupo de jovens	Nº meninas	370	61	431
	%	23,0%	40,9%	

Participar de trabalho voluntário	Nº meninas	106	18	124
	%	6,6%	12,1%	
Trabalhar	Nº meninas	95	35	130
	%	5,9%	23,5%	
Outra	Nº meninas	60	2	62
	%	3,7%	1,3%	
NS/NR	Nº meninas	19	3	22
	%	1,2%	2,0%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Assim como na amostra nacional (cinco estados), atividades outrora consideradas masculinas encontram adesão entre as meninas quilombolas, como andar de bicicleta (65,8%), praticar esportes (36,2%), jogar bola (52,3%) e brincar na rua (38,3%).

Quando o tema são as atividades sócio-religioso-cultural, ir à igreja é a atividade de maior recorrência (74,5%). Outras atividades que ganharam destaque foram “participar de grupos de jovens” (40,9%), participar de atividades “culturais, como música, dança e teatro” (28,9%) e participar de trabalho voluntário (12,1%).

Contudo, observa-se que “trabalhar” alcançou um percentual relevante de 23,5%, atividade esta que fere o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Constituição Federal, que proíbe o trabalho infantil por menores de 16 anos. Na amostra nacional, a proporção de meninas que disse trabalhar no seu período extraescolar foi significativamente menor (5,9%), o que sinaliza uma situação ainda mais alarmante em relação ao trabalho infantil junto às meninas de comunidades quilombolas.

Foram também nominadas atividades como jogos eletrônicos (15,4%) e navegar na *internet* (10,1%), estas com percentuais bem abaixo da média dos cinco estados (30,5% e 46,7%, respectivamente).

Chama a atenção a correlação de gênero, em matéria de fazer as tarefas da escola/estudar: enquanto 76,5% das meninas/adolescentes declararam fazer as tarefas no período fora da escola, apenas 35,6% afirmaram que seus irmãos homens fazem suas tarefas escolares no período em que não vão à escola. O mesmo se verifica em relação a “ir à igreja”: 74,5% delas declararam frequentar a igreja, enquanto apenas 29,5% afirmaram ter irmãos que vão à Igreja.

Na opinião das meninas/adolescentes quilombolas um maior número delas realiza mais atividades do que os irmãos mesmo aquelas consideradas “masculinas” como praticar esportes (36,2% x 30,2%), andar de bicicleta (65,8% x 34,2%) e brincar na rua (38,3% x 23,5%), sem exceção inclusive em jogar bola e sair para trabalhar. O percentual de meninas que declararam jogar bola foi de 52,3%, quando os percentuais referentes à declaração de que seus irmãos jogam bola foi de 46,3%. Quanto a sair para trabalhar, 23,5% das meninas declararam realizar essa atividade enquanto 22,1% afirmaram que os seus irmãos homens a realizam. Vale destacar, mais uma vez, que o volume de não respostas sobre o que fazem os irmãos (54,7%) podem comprometer as comparações de gênero.

Tempo para brincar

A Amostra-Escola: De modo geral, as meninas/adolescentes pesquisada se mostram satisfeitas com o tempo disponível para se divertir. Considerando o tempo disponível para atividades de lazer durante a semana, 60,2% delas o avaliaram como suficiente e, pouco menos de 1/3, como insuficiente. Quando a análise se estende ao final de semana, a avaliação é ainda mais positiva: 71,6% das meninas/adolescentes consideram suficiente o tempo que têm para brincar aos sábados e aos domingos.

A percepção de que o tempo dedicado ao lazer durante a semana é suficiente é maior entre as meninas de 6 a 10 anos (66,1%) do que no segundo grupo (54,7%).

Quando considerado os finais de semana, essa diferença praticamente deixa de existir (72,1% e 71,1%, para o primeiro e segundo grupo, respectivamente).

Tabela 29. Você acha suficiente o tempo, na semana, que você tem pra brincar?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Suficiente	Nº meninas	259	198	192	180	139	968
	% UF	69,8%	52,5%	53,0%	66,4%	61,0%	60,2%
Insuficiente	Nº meninas	91	141	140	74	64	510
	% UF	24,5%	37,4%	38,7%	27,3%	28,1%	31,7%
NR	Nº meninas	21	38	30	17	25	131
	% UF	5,7%	10,1%	8,3%	6,3%	11,0%	8,1%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Seguindo a tendência da amostra nacional, pouco mais de 50% das meninas respondeu afirmativamente quando perguntadas se o tempo para brincar era suficiente durante a semana (55,7%). Esse índice de satisfação aumenta quando se questiona sobre o final de semana, na medida que 67,1% afirmam ter tempo suficiente para brincar.

Tabela 30 - Você acha suficiente o tempo, na semana, que você tem pra brincar?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Suficiente	Nº meninas	968	83	1051
	%	60,2%	55,7%	59,8%
Insuficiente	Nº meninas	510	57	567
	%	31,7%	38,3%	32,3%
NR	Nº meninas	131	9	140
	%	8,1%	6,0%	8,0%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Recreação/lazer e gênero

A Amostra-Escola: Algumas visões culturais sobre brincadeiras de meninos e meninas até então tidas como dominantes não foram sustentadas pela maioria das meninas/adolescentes pesquisadas. A percepção de que alguns comportamentos não são apropriados a um ou outro gênero não encontrou eco entre as meninas que participaram deste estudo.

A linha que divide as brincadeiras tipicamente femininas e masculinas parece se tornar cada vez mais tênue. Ao avaliarem divisões clássicas de comportamento de gênero como brincar de boneca e de carrinho, 65,5% das entrevistadas disseram discordar da afirmação de que “meninas só devem brincar de boneca e menino de carrinho”. Nota-se que 42,1% foram enfáticas ao declararem que “discordam totalmente” deste enunciado.

De forma coerente, 52,2% das meninas não concordam que algumas brincadeiras de meninos não devem ser reproduzidas pelas meninas. Embora haja quase um equilíbrio entre aquelas que concordam e não concordam com essa assertiva, percebe-se que enquanto 26,4% das meninas discordam totalmente dessa ideia, apenas 11,7% concordam totalmente.

Tabela 31. Tem muita brincadeira de menino que meninas não devem brincar

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	81	96	115	86	46	424
	% UF	21,8%	25,5%	31,8%	31,7%	20,2%	26,4%
Discordo	Nº meninas	84	92	102	73	61	412
	% UF	22,6%	24,4%	28,2%	26,9%	26,8%	25,6%
Concordo	Nº meninas	136	113	82	65	84	480
	% UF	36,7%	30,0%	22,7%	24,0%	36,8%	29,8%

Concordo totalmente	Nº meninas	51	40	43	26	28	188
	% UF	13,7%	10,6%	11,9%	9,6%	12,3%	11,7%
NR	Nº meninas	19	36	20	21	9	105
	% UF	5,1%	9,5%	5,5%	7,7%	3,9%	6,5%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

O maior percentual de discordância com as frases que reproduzem algum tipo de valoração distintiva de gênero se refere ao enunciado “é feio ver meninas brincando com meninos”, rejeitada por 73% das participantes.

Por outro lado, foram poucas as pesquisadas que declararam discordar da afirmação de que “meninos e meninas podem escolher qualquer brincadeira ou atividade esportiva” (11,5%).

A divisão entre aquelas que concordam e discordam das situações descritas acima, é mais equilibrada entre as meninas de 6 a 10 anos. Nesse grupo, 45,3% concordam, por exemplo, com a afirmação de que “há brincadeiras de menino que meninas não devem brincar”. Entre as meninas/adolescentes de 11 a 14 anos, 38% concordaram com essa afirmação. As meninas de escolas públicas, especialmente nas áreas rurais, se mostram um pouco mais conservadoras em relação às questões de gênero envolvidas nas brincadeiras de crianças e adolescentes. Nas escolas públicas rurais, por exemplo, 40,2% das pesquisadas concordam que “meninas só devem brincar de boneca e meninos de carrinho”; 42,6% concordam que “tem muita brincadeira de menino que meninas não devem brincar”; e 26,7% concordam que “é feio ver meninas brincando com meninos”.

Na outra ponta estão as escolas urbanas particulares, nas quais os percentuais de concordância com cada uma dessas frases foi de: 14,4%, 37,2% e 7,9%, respectivamente.

É importante notar que a avaliação sobre a afirmativa “meninos e meninas podem escolher qualquer brincadeira ou atividade esportiva” diverge significativamente das tendências observadas nas outras categorias. Uma justificativa possível poderia ser a não associação direta deste anúncio com uma questão de gênero, o que pode ter levado as meninas, a outro tipo de interpretação sobre o item.

De todo modo, o real entendimento dos resultados encontrados nesse quesito demandaria um aprofundamento de cunho qualitativo.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A maioria das meninas da amostra quilombola, embora com margem de diferença não muito grande, discordou da concepção de que “meninas só devem brincar de boneca e meninos só devem brincar de carrinho” (52,4%).

Com uma maioria um pouco mais avantajada, as meninas da amostra quilombola rejeitaram a ideia de que “tem muita brincadeira de menino que meninas não devem brincar” e “é feio ver meninas brincando com meninos”. Quanto à primeira afirmativa, 51% das meninas discordaram dela, embora um conjunto delas tenha concordado com a premissa (41,6% concordaram). Já quanto a segunda, 54,4% discordaram e 36,3% concordaram.

Tabela 32 - Tem muita brincadeira de menino que meninas não devem brincar

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	424	26	450
	%	26,4%	17,4%	25,6%
Discordo	Nº meninas	412	50	462
	%	25,6%	33,6%	26,3%

Concordo	Nº meninas	480	46	526
	%	29,8%	30,9%	29,9%
Concordo totalmente	Nº meninas	188	16	204
	%	11,7%	10,7%	11,6%
NR	Nº meninas	105	11	116
	%	6,5%	7,4%	6,6%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Focalizando a observação nos índices minoritários, pode-se afirmar que embora 83,2% concordem que “meninas e meninos podem escolher qualquer brincadeira”, que 54,4% não achem “feio ver menina brincando com menino”, que 51% discordem da afirmativa de que “tem muita brincadeira de menino que menina não deve brincar; e que 52,3% delas discordem da assertiva do imaginário social de “meninas só devem brincar de boneca e menino só deve brincar de carrinho”, um conjunto significativo de meninas/adolescentes quilombolas pensam de maneira mais tradicional. Isso pode ser observado quando 10,1% delas discordaram da ideia de que meninas podem escolher qualquer brincadeira, 36,3% concordaram com a afirmativa de que é feio ver meninas brincando com meninas, 41,6% concordaram com a afirmativa de que tem muitas brincadeiras de menino que muitas meninas não devem brincar e 40,3% concordaram com a afirmativa de que meninas só devem brincar de bonecas e meninos de carrinho.

Uma possibilidade explicativa para esse maior percentual de concordância com a afirmativa de que “meninas só devem brincar de bonecas e meninos só devem brincar de carrinho” (13 pontos percentuais acima da média dos cinco estados) pode ter sido motivado pela falta de uma alternativa que indicasse que meninas “podem” brincar de bonecas e os meninos “podem” brincar de carrinho, pois muitas delas manifestaram que brincar de boneca é constitutivo do “ser menina”.

Níveis decisórios dentro de casa e a formação para a autonomia.

A Amostra-Escola: Se o aprendizado para tomar decisões é importante para autonomia das meninas, para competência da vida adulta e para a formação para cidadania, a pesquisa indicou mais elementos promissores do que preocupantes.

Os pais detêm o controle decisório sobre algumas esferas da vida das meninas/adolescentes como: a escola onde estudam e a forma como se alimentam. Todavia, percebe-se nesses casos um número significativo de meninas que participa da decisão. Em relação à escolha da escola, por exemplo, 44,4% responderam “decidem por mim” e 40,3% “decidimos em conjunto”. No quesito alimentação, 36,2% indicaram que o poder de decidir está nas mãos de outra pessoa, ao passo que 27,2% participam da decisão e 30% decidem sozinhas.

Tabela 33 - Como decidem a escola onde estudo

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Decidem por mim	Nº meninas	235	154	128	82	115	714
	% UF	63,3%	40,8%	35,4%	30,3%	50,4%	44,4%
Decidimos em conjunto	Nº meninas	94	164	175	144	71	648
	% UF	25,3%	43,5%	48,3%	53,1%	31,1%	40,3%
Decido sozinha	Nº meninas	24	27	28	22	29	130
	% UF	6,5%	7,2%	7,7%	8,1%	12,7%	8,1%
NR	Nº meninas	18	32	31	23	13	117
	% UF	4,9%	8,5%	8,6%	8,5%	5,7%	7,3%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Em outros quesitos, como a escolha da roupa de uso diário, as meninas demonstram mais autonomia, 59,5% deles tomam as decisões sozinhas. Resultado similar é encontrado na definição das roupas “para sair”, escolhidas por 50% das meninas sem a interferência dos adultos. Já em relação ao tipo de roupa a ser comprada, há um equilíbrio entre aquelas

que disseram decidir sozinhas, as que participam da decisão e as que decidem por ela, pouco menos de 1/3 para cada uma das alternativas.

Grande parte das meninas também disse escolher sozinha com quem e onde brincam (49,9% e 34,5%, respectivamente). Nota-se que, em relação a essas atividades, outras pessoas, supõe-se que adultas, participam das decisões na maioria absoluta desses casos, seja decidindo sem a participação da menina (19,6% e 26,5%) ou promovendo uma possibilidade de decisão conjunta (20,4% e 27%).

Vale destacar ainda, o relativo equilíbrio entre as meninas que disseram decidir sozinhas o horário de dormir (38,8%) e as que disseram “decidem por mim” (37%). Chama a atenção que 29,8% dos pais não participam das escolhas sobre os sites pelos quais as meninas/adolescentes podem navegar na *internet*.

Tabela 34 - Como decidem os sites da internet que posso navegar

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Decidem por mim	Nº meninas	123	69	82	49	64	387
	% UF	33,2%	18,3%	22,7%	18,1%	28,1%	24,1%
Decidimos em conjunto	Nº meninas	34	78	82	66	54	314
	% UF	9,2%	20,7%	22,7%	24,4%	23,7%	19,5%
Decido sozinha	Nº meninas	63	104	147	101	64	479
	% UF	17,0%	27,6%	40,6%	37,3%	28,1%	29,8%
NR	Nº meninas	151	126	51	55	46	429
	% UF	40,7%	33,4%	14,1%	20,3%	20,2%	26,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: O controle decisório de aspectos importantes da vida das meninas está nas mãos dos pais e/ou responsáveis para um grande número de meninas. Os percentuais de meninas quilombolas que indicou “decidem por mim” variou de aspecto para aspecto pesquisado, sendo maiores para as decisões sobre a escola onde a menina deve estudar (59,7%), hora de levantar e tipo de roupa a comprar (46,3%) e hora de dormir (39,6%).

Tabela 35 - Como decidem a escola onde estudo

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Decidem por mim	Nº meninas	714	89	803
	%	44,4%	59,7%	45,7%
Decidimos em conjunto	Nº meninas	648	41	689
	%	40,3%	27,5%	39,2%
Decido sozinha	Nº meninas	130	10	140
	%	8,1%	6,7%	8,0%
NR	Nº meninas	117	9	126
	%	7,3%	6,0%	7,2%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Chamou a atenção que um percentual mais baixo de pais/responsáveis se preocupem com as decisões das meninas/adolescentes quilombolas sobre “canais de televisão que assistem” (33,6%), “onde se divertem” (32,2%), “com quem elas brincam/se divertem” (16,8%), “sites que visitam” (11,4%).

Tabela 36 - Como decidem os canais/programas de televisão que posso assistir

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Decidem por mim	Nº meninas	437	50	487
	%	27,2%	33,6%	27,7%
Decidimos em conjunto	Nº meninas	387	25	412
	%	24,1%	16,8%	23,4%
Decido sozinha	Nº meninas	653	60	713
	%	40,6%	40,3%	40,6%
NR	Nº meninas	132	14	146
	%	8,2%	9,4%	8,3%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

No contraponto, um maior percentual de meninas quilombolas possui níveis decisórios mais exclusivos sobre as roupas de uso diário (66,4%), as companhias de brincadeira e diversão (56,4%), as roupas que usa para sair (50,3%), as preferências de canais de televisão (40,3%), onde brincar/divertir (38,9%), o tipo de roupa a comprar (26,8%) e a alimentação (31,5%). Os percentuais mais baixos ficaram por conta da escola a estudar (6,7%) e dos sites que podem navegar (9,4%). Ressalva-se que, no último caso, o número de não respostas (65,8%) pode ter influenciado o resultado.

Um grupo consistente de meninas quilombolas (entre 14,8% e 27,5%) afirmou que as decisões sobre os itens pesquisados são tomadas em conjunto por elas e pais/responsáveis. Entre estes aspectos encontram-se a escola onde a menina estuda (27,5%), onde se divertir (14,8%), o tipo de roupa a comprar (19,5%) e os canais/programas de televisão (16,8%).

Chama atenção que uma grande quantidade meninas/adolescentes da amostra quilombola encontra-se em lares nos quais as decisões são tomadas por elas mesmas e/ou em conjunto com seus pais e familiares, sobretudo porque elas vivem em sociedades denominadas “tradicionais”, nas quais supostamente a hierarquia dos pais sobre os filhos deveria ser mais rígida. Embora os resultados aqui encontrados não possam ser generalizados para todas as meninas/adolescentes quilombolas do país, estes podem sinalizar tendências que devem ser objeto de maior escrutínio.

Se confirmada essa tendência, os dados podem ser um indicativo de que o modo de educar por meio da cooperação pode estar ganhando adesão de um maior conjunto da população brasileira, inclusive dentre as chamadas sociedades tradicionais.

3.2.1) Família e o disciplinamento dentro de casa

Bem Estar e Segurança dentro de Casa

A Amostra-Escola: As meninas/adolescentes que participaram da pesquisa foram convidadas a responder uma série de questões acerca do seu convívio familiar, especialmente no que refere à relação delas com seus pais ou responsáveis. Nesse sentido, foi considerada uma série de aspectos que vão desde as percepções sobre o apoio encontrado junto à família até avaliações sobre os conflitos familiares (brigas na família e entre os pais).

Pode se dizer que as meninas pesquisadas vivem em uma atmosfera familiar positiva. Parte significativa delas concordou com assertivas que indicam apoio, afeto, atenção e diálogo entre pais e filhas:

- 86,4% das pesquisadas concordam que os pais ajudam quando preciso;
- 87,4% se sentem amadas e bem tratada;
- 76,3% concordam que os pais dão atenção ao que pensam e sentem;
- 74% conversam com os pais sobre decisões a tomar.

Tabela 37- Sinto que sou amada e bem tratada por meus pais/responsáveis

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	6	14	8	4	2	34
	% UF	1,6%	3,7%	2,2%	1,5%	,9%	2,1%
Discordo	Nº meninas	11	16	14	14	5	60
	% UF	3,0%	4,2%	3,9%	5,2%	2,2%	3,7%
Concordo	Nº meninas	152	144	121	87	119	623
	% UF	41,0%	38,2%	33,4%	32,1%	52,2%	38,7%
Concordo totalmente	Nº meninas	184	161	204	150	85	784
	% UF	49,6%	42,7%	56,4%	55,4%	37,3%	48,7%

NR	Nº meninas	18	42	15	16	17	108
	% UF	4,9%	11,1%	4,1%	5,9%	7,5%	6,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Embora os dados sejam positivos, vale notar que pelo menos 10% das meninas não concordaram com um ou mais itens pontuados acima. Chama a atenção que 5,8% delas não se sintam amadas e bem tratadas e que expressivos 21,1% discordem da afirmativa “nunca me sinto humilhada por meus pais ou responsáveis”.

A estratificação dos cinco itens tratados até agora por tipo e área da escola demonstra que a frequência com que as meninas concordam com as afirmativas apresentadas é menor nas escolas públicas, especialmente nas rurais. As diferenças entre os dois extremos, rurais públicas e urbanas particulares, ficaram em torno de 10 pontos percentuais em praticamente todos os quesitos. Cita-se como exemplo o percentual de concordância com dois dos quesitos abordados nos três tipos de escola:

- “Meus pais me ajudam quando preciso”: escolas rurais públicas – 81,2%, escolas urbanas públicas – 86,7%, e escolas urbanas particulares – 92,4%.
- “Me sinto amada e bem tratada”: escolas rurais públicas – 82%, escolas urbanas públicas – 88,2%, e escolas urbanas particulares – 92,4%.

Tabela 38 - Meus pais/responsáveis me ajudam quando preciso

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	8	15	4	7	3	37
	% UF	2,2%	4,0%	1,1%	2,6%	1,3%	2,3%

Discordo	Nº meninas	10	11	5	11	2	39
	% UF	2,7%	2,9%	1,4%	4,1%	,9%	2,4%
Concordo	Nº meninas	182	150	143	100	131	706
	% UF	49,1%	39,8%	39,5%	36,9%	57,5%	43,9%
Concordo totalmente	Nº meninas	148	145	182	138	71	684
	% UF	39,9%	38,5%	50,3%	50,9%	31,1%	42,5%
NR	Nº meninas	23	56	28	15	21	143
	% UF	6,2%	14,9%	7,7%	5,5%	9,2%	8,9%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As discrepâncias mais evidentes, por grupo etário, estão nas afirmativas relacionadas ao diálogo com os pais e à atenção que estes dispensam ao que suas filhas sentem e pensam. As adolescentes de 11 a 14 anos concordaram menos com assertivas desse tipo, conforme indicam os dados abaixo:

- “Meus pais dão atenção ao que sinto e penso”: 21,1% das adolescentes de 11 a 14 anos discordam, enquanto no grupo etário de 6 a 10 anos o percentual de discordância é de 8,6%.
- “Converso com meus pais sobre decisões que preciso tomar”: 22,9% das adolescentes de 11 a 14 anos discordam, enquanto no grupo etário de 6 a 10 anos o percentual de discordância é de 9,9%.

Em relação à etnia, não foram identificadas diferenças significativas.

As respostas oferecidas pelas meninas/adolescentes revelaram ainda uma participação significativa dos pais na vida das filhas ou, ao menos, o cuidado destes em saber com

quem as meninas/adolescentes “andam”, em conhecer seus amigos e em saber que lugares elas frequentam:

- 87,3% concordam com a assertiva de que os pais sabem “com quem andam”;
- 80,4% disseram que os pais conhecem seus amigos/as;
- 82,1% declararam que os pais sabem onde estão quando não estão em casa.

Ao contrário do que se poderia supor, não foram observadas grandes diferenças (sempre abaixo de 5 pontos percentuais) entre os níveis de concordância para cada um dos três itens entre as meninas de 6 a 10 anos e as adolescentes de 11 a 14 anos. No grupo com menor idade, por exemplo, 80,5% das pesquisadas concordam com a assertiva de que os pais, em geral, sabem onde estão. Na faixa de 11 a 14 anos esse percentual foi de 83,6%.

Nos demais estratos - tipo de escola e etnia - também não há diferenças a serem destacadas.

Em relação aos conflitos familiares, os dados revelam realidades um pouco menos harmônicas do que as situações descritas nos quesitos anteriores. Embora a maioria das meninas concorde com a afirmativa de que raramente há conflitos dentro de casa (50,5%), parte considerável delas discorda dessa assertiva (38%). De outro modo, pode-se dizer que em 38% dos casos as meninas pesquisadas possuem a percepção de que há conflitos frequentes no seu ambiente familiar. Essa percepção se estende ou se reproduz quando se questiona sobre as brigas envolvendo diretamente os pais: 49,9% concordam que os pais raramente brigam entre eles e 36,9% discordam.

Tabela 39- Raramente ocorrem brigas na minha família

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	55	72	94	45	40	306
	% UF	14,8%	19,1%	26,0%	16,6%	17,5%	19,0%
Discordo	Nº meninas	84	65	57	58	42	306
	% UF	22,6%	17,2%	15,7%	21,4%	18,4%	19,0%
Concordo	Nº meninas	134	108	106	80	90	518
	% UF	36,1%	28,6%	29,3%	29,5%	39,5%	32,2%
Concordo totalmente	Nº meninas	64	64	71	64	32	295
	% UF	17,3%	17,0%	19,6%	23,6%	14,0%	18,3%
NR	Nº meninas	34	68	34	24	24	184
	% UF	9,2%	18,0%	9,4%	8,9%	10,5%	11,4%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Embora haja alguma variação nos percentuais por tipo de escola, grupo etário e etnia das pesquisadas, elas não são suficientes para demonstrar qualquer associação entre algum desses estratos e os conflitos/brigas no ambiente familiar. Em geral, os percentuais de concordância e de discordância com as assertivas relacionadas às brigas entre membros da família e/ou entre os pais são muito próximos.

As meninas/adolescentes disseram se sentir seguras com seus pais (concordância de 87,1%). Percentual similar declarou se sentir bem em casa (84,9%). Este posicionamento pode ser reflexo de algumas das características do convívio familiar descritas acima, como apoio, diálogo e afeto/amor. De todo modo, é preocupante o fato de que para 15% delas o ambiente familiar não seja agradável, a ponto de não se sentirem bem em casa.

Mais uma vez, a desagregação dos dados por tipo de escola, faixa etária e etnia não revelaram grandes discrepâncias, destaca-se apenas que as meninas de escolas rurais públicas concordam com maior frequência com a frase “eu me sinto bem quando estou em casa”. Comparada às escolas urbanas particulares a diferença é de pouco mais de 6 pontos percentuais (11,6% e 5,1%). Embora essa diferença seja modesta, ela chama a atenção porque foi justamente nas escolas rurais públicas onde se observaram os menores percentuais de concordância para itens que indicam apoio, afeto, atenção e diálogo com os pais.

Entre todas as frases submetidas à avaliação das pesquisadas, vale observar o percentual de discordância referente às críticas que as filhas recebem dos pais, o que pode estar associado a um conflito de gerações ou à dificuldade dos pais em aceitarem determinados comportamentos e atitudes dos filhos.

Sobre a assertiva “meus pais raramente me criticam”: 44,8% das meninas/adolescentes discordaram, permitindo inferir que as críticas acontecem com frequência maior que “raramente”. Outras 40,7% concordaram.

Os percentuais de concordância foram levemente maiores entre as meninas de 6 e 10 (40,2%) anos, indicando um conflito menor entre elas e seus pais, e maior entre aquelas com idade entre 11 e 14 anos (49,1%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Assim como na amostra nacional, grande parte das meninas/adolescente quilombolas declarou concordar e concordar totalmente com a afirmativa que seus pais as ajudam quando elas precisam (87,2%), que se sentem amadas por seus pais ou responsáveis (86,5%), que se sentem bem quando estão em casa (84,6%), e que seus pais dão atenção ao que elas pensam e sentem (69,2%).

Tabela 40 - Meus pais/responsáveis me ajudam quando preciso

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	37	4	41
	%	2,3%	2,7%	2,3%
Discordo	Nº meninas	39	3	42
	%	2,4%	2,0%	2,4%
Concordo	Nº meninas	706	83	789
	%	43,9%	55,7%	44,9%
Concordo totalmente	Nº meninas	684	47	731
	%	42,5%	31,5%	41,6%
NR	Nº meninas	143	12	155
	%	8,9%	8,1%	8,8%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Da mesma forma, a maioria delas sente que pode conversar com seus pais sobre as decisões que precisam tomar (77,2%). Em geral, seus pais sabem com quem elas andam (83,9%), conhecem seus amigos (85,2%) e sabem onde a menina/adolescente vai quando sai de casa (79,9%).

Embora apoiadas por seus pais/responsáveis, grande parte das meninas quilombolas (40,9%) discordaram da afirmativa “meus pais/responsáveis raramente me criticam” enquanto 50,3% delas afirmou concordar com a sentença. A maior parte delas também não se sente humilhada pelos seus pais (70,5%), embora praticamente um terço delas tenha discordado da afirmativa “nunca sou humilhada por meus pais/responsáveis” (23,5%).

Tabela 41 - Meus pais/responsáveis raramente me criticam

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	324	24	348
	%	20,1%	16,1%	19,8%
Discordo	Nº meninas	398	37	435
	%	24,7%	24,8%	24,7%

Concordo	Nº meninas	418	51	469
	%	26,0%	34,2%	26,7%
Concordo totalmente	Nº meninas	236	24	260
	%	14,7%	16,1%	14,8%
NR	Nº meninas	233	13	246
	%	14,5%	8,7%	14,0%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Pela declaração das meninas/adolescentes sobre a afirmativa “raramente ocorrem brigas na minha família”, o percentual dos lares onde as brigas entre membros familiares ocorrem com certa frequência (37,5%) foram menores do que aqueles onde “raramente” acontecem (56,3%).

Parcela dessas brigas domésticas ocorrem entre os pais/responsáveis da menina/adolescente quilombolas: 34,9% das meninas/adolescentes discordaram da afirmativa de “meus pais/responsáveis raramente brigam entre eles” e 53,7% delas concordaram. A grande maioria das meninas concordou com a afirmativa “eu me sinto segura com meus pais/responsáveis” (89,3%). Esses índices foram ligeiramente maiores aos encontrados na média nacional.

O percentual de meninas/adolescentes quilombolas que declararam que não se sentem seguras com os pais ou responsáveis foi, de igual forma, superior à amostra-escola (4,7% x 3,9%)

Tabela 42 - Eu me sinto segura com meus pais/responsáveis

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	38	4	42
	%	2,4%	2,7%	2,4%
Discordo	Nº meninas	24	3	27
	%	1,5%	2,0%	1,5%

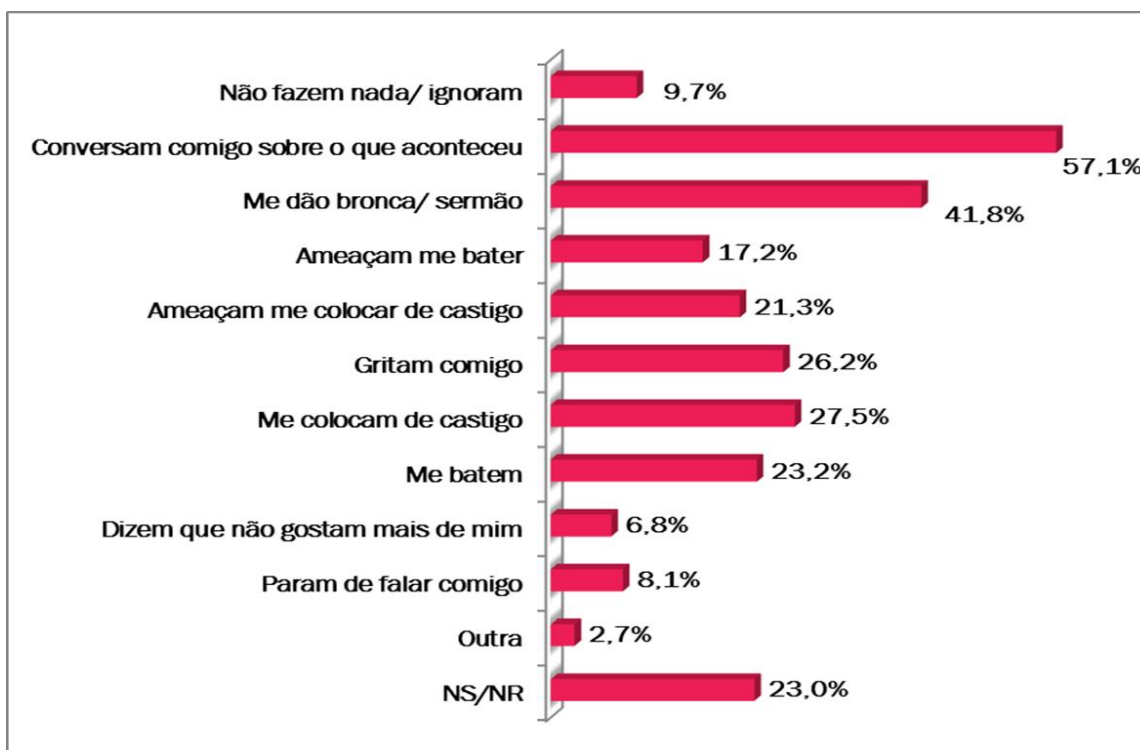
Concordo	Nº meninas	509	67	576
	%	31,6%	45,0%	32,8%
Concordo totalmente	Nº meninas	893	66	959
	%	55,5%	44,3%	54,6%
NR	Nº meninas	145	9	154
	%	9,0%	6,0%	8,8%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Disciplinamento pelos familiares: Quando faço algo de errado

A Amostra- Escola: De acordo com as meninas/adolescentes pesquisadas, a maior parte dos pais opta pelo diálogo quando elas fazem alguma coisa errada, sem, no entanto, abrir mão do “sermão”: 57,1% das meninas disseram que os pais conversam com elas sobre o que aconteceu e 41,8% declararam que os pais dão “bronca” ou “sermão”.

Gráfico 06– Quando faço algo errado, meus pais:



Fonte: Plan/Socializare, 2014.

As ameaças também são, na opinião das entrevistadas, prática recorrente no seu disciplinamento. Quando as filhas fazem algo que demanda a correção dos pais, 21,3% delas dizem que eles ameaçam colocá-las de castigo e 17,2% fazem ameaças de castigos físicos (bater). A efetivação dessas ameaças, ou seja, a adoção de formas violentas de correção é ainda mais frequente. Na perspectiva delas, 27,5% são colocadas de castigo e 23,2% apanham dos pais.

Tabela 43 - Quando faço algo errado meus pais ou responsáveis:

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Não fazem nada/ ignoram	Nº meninas	22	50	32	22	30	156
	% UF	5,9%	13,3%	8,8%	8,1%	13,2%	9,7%
Conversam comigo sobre o que aconteceu	Nº meninas	177	194	221	168	158	918
	% UF	47,7%	51,5%	61,0%	62,0%	69,3%	57,1%
Me dão bronca/ sermão	Nº meninas	131	123	190	126	103	673
	% UF	35,3%	32,6%	52,5%	46,5%	45,2%	41,8%
Ameaçam me bater	Nº meninas	50	60	74	39	53	276
	% UF	13,5%	15,9%	20,4%	14,4%	23,2%	17,2%
Ameaçam me colocar de castigo	Nº meninas	49	73	100	61	60	343
	% UF	13,2%	19,4%	27,6%	22,5%	26,3%	21,3%
Gritam comigo	Nº meninas	89	68	122	67	76	422
	% UF	24,0%	18,0%	33,7%	24,7%	33,3%	26,2%
Me colocam de castigo	Nº meninas	103	79	111	78	72	443
	% UF	27,8%	21,0%	30,7%	28,8%	31,6%	27,5%
Me batem	Nº meninas	123	66	80	40	65	374
	% UF	33,2%	17,5%	22,1%	14,8%	28,5%	23,2%
Dizem que não gostam mais de mim	Nº meninas	15	26	34	17	18	110
	% UF	4,0%	6,9%	9,4%	6,3%	7,9%	6,8%
Param de falar comigo	Nº meninas	16	32	43	21	19	131
	% UF	4,3%	8,5%	11,9%	7,7%	8,3%	8,1%
Outra	Nº meninas	7	11	11	5	9	43
	% UF	1,9%	2,9%	3,0%	1,8%	3,9%	2,7%
NS/NR	Nº meninas	67	151	78	50	24	370
	% UF	18,1%	40,1%	21,5%	18,5%	10,5%	23,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Vale notar que em 9,7% dos casos as meninas disseram que os pais ignoram as situações em que elas fazem algo de errado.

Tanto o diálogo/conversa (63,5%) quanto a “bronca” (45,7%) são mais frequente na percepção das meninas com mais idade, entre 10 e 14 anos. No grupo etário de 6 a 10 anos esses percentuais se referem respectivamente a 50,4% e 37,3%. Estas, por sua vez, mencionaram em maior proporção as alternativas “me colocam de castigo” (32,5%) e “me batem” (32,5%). Na faixa etária entre 11 e 14 anos 22,8% e 14,6% das pesquisadas assinalaram essas duas opções.

As declarações das meninas/adolescentes em relação às formas de disciplinamento e correção adotadas pelos pais também varia de acordo com o tipo de escola em que elas estudam. Há uma diferença significativa na proporção de meninas que disse ter a possibilidade de conversar com os pais sobre o que fizeram de errado: dentre de instituições particulares urbanas (66,4%) e as de rurais públicas (48,7%). Outra diferença que merece ser mencionada é a quantidade de meninas que diz apanhar dos pais: 24,6% nas escolas rurais públicas e 15,5% nas escolas urbanas particulares.

Estas mesmas questões variam conforme a cor/raça autodeclarada, com mais diálogo entre as brancas (61,8%) e mais meninas que apanham dos pais no grupo de pretas/pardas (25,8%). Ressalta-se que, em relação à etnia, as diferenças percentuais entre brancas e pretas/pardas são bem menos expressivas, variando em torno de 5 pontos percentuais.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A temática do disciplinamento dentro de casa também se mostrou uma questão sensível para as meninas/adolescentes de escolas quilombolas. De acordo com as respostas oferecidas, pelo menos a metade dos pais estão tentando utilizar métodos de disciplinamento mais positivo na medida que 59,7% delas afirmaram que quando fazem algo errado seus pais

“conversam” com elas sobre o que aconteceu. Contudo, o segundo maior contingente de respostas foi o composto por meninas que afirmaram receber bronca/sermão dos seus pais (40,3%).

Tabela 44 - Quando faço algo errado meus pais ou responsáveis

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Não fazem nada/ ignoram	Nº meninas	156	17	173
	%	9,7%	11,4%	
Conversam comigo sobre o que aconteceu	Nº meninas	918	89	1007
	%	57,1%	59,7%	
Me dão bronca/ sermão	Nº meninas	673	60	733
	%	41,8%	40,3%	
Ameaçam me bater	Nº meninas	276	34	310
	%	17,2%	22,8%	
Ameaçam me colocar de castigo	Nº meninas	343	26	369
	%	21,3%	17,4%	
Gritam comigo	Nº meninas	422	39	461
	%	26,2%	26,2%	
Me colocam de castigo	Nº meninas	443	29	472
	%	27,5%	19,5%	
Me batem	Nº meninas	374	39	413
	%	23,2%	26,2%	
Dizem que não gostam mais de mim	Nº meninas	110	15	125
	%	6,8%	10,1%	
Param de falar comigo	Nº meninas	131	8	139
	%	8,1%	5,4%	
Outra	Nº meninas	43	4	47
	%	2,7%	2,7%	
NS/NR	Nº meninas	370	24	394
	%	23,0%	16,1%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Nesta direção, as formas de disciplinamento que ficam no limiar entre disciplinamento e violência encontram-se: ameaçam me colocar de castigo (17,4%) e me colocam de castigo (19,5%).

Formas de disciplinamento que podem ser consideradas violentas foram relatadas por um percentual das meninas/adolescentes quilombolas, quando afirmaram que os pais “gritam comigo” e “me batem” (26,2%).

A chamada “retirada emocional” – dizer que não gostam mais (10,1%) ou parar de falar (5,4%) – foram as formas de disciplinamento menos recorrentes.

Por fim, chama a atenção que 11,4% alegaram que quando fazem coisas consideradas erradas seu pais “não fazem nada/ignoram”.

Justo ou Injusto

A Amostra Escola: Ao avaliarem as práticas de disciplinamento adotadas pelos pais, parte considerável das meninas/adolescentes considera como injusta a maioria delas. As correções que apelam para aspectos emocionais, como dizer que não gosta das filhas e parar de falar com elas, têm o maior índice de desaprovação entre as meninas pesquisadas (80,9% e 70,2%).

Elas também consideram injustas alternativas de correção que se fundamentam na violência física/bater (52,7%). A ameaça da agressão é desaprovada por um percentual ainda maior (61,6%). Entre as meninas que disseram que os pais gritam com elas quando fazem algo errado, 53,6% acham que eles estão sendo injustos.

É curioso observar que o castigo é uma prática que conta com o respaldo de parte significativa das meninas: 56% acham justo que os pais utilizem desse tipo de ameaça no seu disciplinamento e 62,8% acham justo que os pais as coloquem efetivamente de castigo, caso tenham feito algo errado.

Os maiores índices de aprovação vão para práticas baseada no diálogo, 88,5% das pesquisadas acham justo que os pais conversem com elas sobre o que fizeram de errado. Em segundo lugar estão as broncas ou sermões, considerados justos por 72,2% das meninas.

Tabela 45 - Como seus pais costumam agir: Conversam comigo sobre o que aconteceu

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Acho que é justo	Nº meninas	153	172	203	149	135	812
	% UF	86,40%	88,70%	91,90%	88,70%	85,40%	88,50%
Acho que é injusto	Nº meninas	14	15	9	10	9	57
	% UF	7,90%	7,70%	4,10%	6,00%	5,70%	6,20%
NR	Nº meninas	10	7	9	9	14	49
	% UF	5,60%	3,60%	4,10%	5,40%	8,90%	5,30%
Total	Nº meninas	177	194	221	168	158	918
	% UF	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quando os pais não fazem nada/ignoram, as meninas se dividem: 42,9% consideram justo e 47,4% injusto.

É importante mencionar que os percentuais sobre o que consideram justo e injusto em cada item foram calculados em relação apenas às meninas que responderam o respectivo item.

A estratificação por grupo etário revela algumas diferenças significativas entre as meninas mais novas e as mais velhas. Aquelas tendem a ser mais compreensivas ou, porque não dizer, mais passivas, ao avaliarem os métodos de correção aplicados pelos pais. Embora não haja nenhuma inversão de tendência entre os dois grupos, uma proporção maior de meninas de 6 a 10 anos considera justas práticas de disciplinamento como “ameaçam me bater” (38,4%); “gritam comigo” (45,9%); “me batem” (44,2%) e “param de falar comigo” (32,4%). Em todos esses casos a diferença percentual em relação às adolescentes de 11 a 14 anos é de, pelo menos, 10 pontos percentuais para cima.

Por fim, ainda preocupa que o percentual daquelas que avaliaram como justo “me bater” (39,8%), “ameaçar de me bater” (31,5%) e “gritar comigo” (40,3%) possa representar a naturalização de formas mais negativas de disciplinamento.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Os resultados encontrados na amostra quilombola não se distanciam dos já observados na amostra nacional. Parte majoritária das meninas quilombolas consideraram justa a atitude de seus pais conversarem com elas sobre o que aconteceu (85,4%) e de darem bronca ou sermão (63,3%).

Tabela 46 - Como seus pais costumam agir: Conversam comigo sobre o que aconteceu

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Acho que é justo	Nº meninas	812	76	888
	%	88,5%	85,4%	88,2%
Acho que é injusto	Nº meninas	57	6	63
	%	6,2%	6,7%	6,3%
NR	Nº meninas	49	7	56
	%	5,3%	7,9%	5,6%
Total	Nº meninas	918	89	1007
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Por outro lado, as meninas das escolas quilombolas se mostraram menos tolerantes em relação ao castigo, seja na forma de ameaça ou na sua prática efetiva. Enquanto a maioria das pesquisadas nas escolas dos cinco estados considera justa a ameaça do castigo (56%), a maior parte das quilombolas a considera injusta (57,7%). Estas meninas se dividem exatamente na mesma proporção ao avaliarem como justa e injusta as situações em que os pais as colocam de castigo (44,8% consideram justo e injusto).

Já na amostra nacional, 62,8% das pesquisadas avaliam esse método de disciplinamento como justo.

De todo modo, a percepção de que as práticas negativas de disciplinamento são justas, ainda está presente em parte consideráveis das avaliações, embora com percentuais abaixo do que os alcançados na amostra nacional. Consideram justo: “me bater” (28,2%), “ameaçar de me bater” (23,5%) e “gritar comigo” (30,8%).

3.3) Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS)

Posse de celulares:

Amostra Escola: A maioria das meninas pesquisadas possui celular pré-pago. No geral, cerca de 57% delas responderam que têm o seu próprio aparelho, que precisam ser alimentados com créditos ao longo do mês. Os estados situados nas regiões Norte e Nordeste apresentaram as menores taxas, com destaque para o Pará, onde o número de meninas que declarou possuir um celular pré-pago ficou abaixo de 50% (42,6%). No outro extremo está o estado de São Paulo, com índice de 69,3%.

Tabela 47- Possui celular pré-pago

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	158	201	251	170	138	918
	% UF	42,6%	53,3%	69,3%	62,7%	60,5%	57,1%
Não	Nº meninas	192	133	89	82	69	565
	% UF	51,8%	35,3%	24,6%	30,3%	30,3%	35,1%
NR	Nº meninas	21	43	22	19	21	126
	% UF	5,7%	11,4%	6,1%	7,0%	9,2%	7,8%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quando considerados os aparelhos com conta (pós-pagos), as respostas afirmativas são significativamente menores, alcançando, no máximo, 14,4% em São Paulo. O Pará aparece novamente com a taxa menos expressiva (3,5%).

Tabela 48 - Possui celular pós-pago

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	13	44	52	34	23	166
	% UF	3,5%	11,7%	14,4%	12,5%	10,1%	10,3%
Não	Nº meninas	304	221	237	174	132	1068
	% UF	81,9%	58,6%	65,5%	64,2%	57,9%	66,4%
NR	Nº meninas	54	112	73	63	73	375
	% UF	14,6%	29,7%	20,2%	23,2%	32,0%	23,3%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os aparelhos celulares, especialmente os pré-pagos, são mais comuns entre as meninas com mais idade (11 a 14 anos). Nessa faixa etária, 68,5% delas possuem aparelhos desse tipo, enquanto no grupo etário de 6 a 10 anos o percentual observado foi de 44,8%. Já os modelos pós-pagos não apresentam diferenças significativas entre os dois grupos etários.

A distribuição por etnia não revelou diferenças relevantes entre as meninas/adolescentes brancas e pretas/pardas. Destaca-se apenas que nenhuma das 24 meninas amarelas e indígenas disseram possuir celular pós-pagos, enquanto entre as brancas e pretas/pardas, as proporções variaram entre 12,6% e 9,1%, respectivamente.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Na amostra quilombola, praticamente um quarto das meninas/adolescentes pesquisadas (24,8%) declarou possuir o seu próprio celular pré-pago (que precisa comprar crédito). Já o percentual das meninas e adolescentes pesquisadas que possuem um celular pós-pago é infinitamente menor do que o pré-pago: apenas 2,7% contra 91,9% que não possuem esse tipo de aparelho.

Tabela 49 - Possui celular pré-pago (que precisa comprar crédito)

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Sim	Nº meninas	918	37	955
	%	57,1%	24,8%	54,3%
Não	Nº meninas	565	109	674
	%	35,1%	73,2%	38,3%
NR	Nº meninas	126	3	129
	%	7,8%	2,0%	7,3%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

O comparativo entre a amostra nacional e quilombola revela diferenças significativas entre os dois grupos de alunas. A posse de aparelhos celulares é significativamente maior na amostra nacional, tanto em relação aos aparelhos pós-pagos quanto aos pré-pagos. As proporções encontradas nessa amostra são duas vezes maior que na quilombola.

Nesse aspecto, é importante mencionar que a amostra quilombola é composta apenas por escolas públicas rurais, onde também estão os menores percentuais de meninas que possuem celular na amostra nacional. Todavia, a comparação entre escolas quilombolas e escolas rurais públicas (amostra nacional) ainda demonstra uma situação menos favorável para as quilombolas. Tomando como exemplos a posse de aparelhos pré-pagos, os percentuais alcançados são: quilombolas – 24,8% e escolas rurais públicas (amostra nacional) – 40,7%.

Posse de computadores:

Amostra-Escola: Os computadores são itens menos frequentes entre as meninas/adolescentes pesquisadas que os celulares. Enquanto 57,1% delas possuem celular pré-pago, menos da metade delas, 45,9% possuem computador de mesa ou notebook. Se considerarmos, no entanto, as atuais facilidades, principalmente quanto ao custo, para aquisição de um celular e de um computador, essa diferença parece não ser tão significativa.

Tabela 50 - Possui computador de mesa ou notebook/netbook

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	54	141	241	175	127	738
	% UF	14,6%	37,4%	66,6%	64,6%	55,7%	45,9%
Não	Nº meninas	277	164	90	71	66	668
	% UF	74,7%	43,5%	24,9%	26,2%	28,9%	41,5%
NR	Nº meninas	40	72	31	25	35	203
	% UF	10,8%	19,1%	8,6%	9,2%	15,4%	12,6%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

O Pará e o Maranhão continuam sendo os estados nos quais as meninas/adolescentes apresentam maiores limitações para o acesso à esses aparelhos eletrônicos. No Pará, apenas 14,6% delas possuem computador, seguido pelo Maranhão com 37,4%. Nos demais estados, os resultados ficam todos acima de 50%, chegando a 66,6% em São Paulo. As meninas de 11 a 14 anos apresentam uma leve vantagem na posse desse item, 50,7% contra 41,1% daquelas entre 6 e 10 anos.

Já na desagregação dos dados por tipo de escola, as diferenças são mais evidentes. Há uma repetição do quadro descrito em relação aos aparelhos celulares, no qual a posse dos aparelhos progride das escolas rurais para as urbanas e das públicas para as particulares. A diferença na proporção de meninas que possuem computador, entre as instituições rurais públicas e urbanas particulares, é superior a 50 pontos percentuais (23,3% e 76,9%).

Tabela 51 - Computador de mesa ou notebook/netbook

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Sim	Nº meninas	88	437	213	738
	%	23,3%	45,8%	76,9%	45,9%
Não	Nº meninas	215	403	50	668
	%	56,9%	42,2%	18,1%	41,5%
NR	Nº meninas	75	114	14	203
	%	19,8%	11,9%	5,1%	12,6%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os percentuais de meninas brancas que informaram possuir um computador é maior do que entre aquelas que se declararam pretas/pardas: 57,1% e 38,4%.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Um número bastante reduzido de meninas/adolescentes quilombolas possui o seu próprio computador de mesa ou notebook/notebook: 5,4% delas declararam possuir, enquanto 90,6% delas declararam não possuir o aparelho. Comparada à amostra nacional, esses índices estão aproximadamente 40 pontos percentuais abaixo da média geral, de acordo com o percentual indicado de 45,9% das pesquisadas.

Tabela 52 - Computador de mesa ou notebook/notebook

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Sim	Nº meninas	738	8	746
	%	45,9%	5,4%	42,4%
Não	Nº meninas	668	135	803
	%	41,5%	90,6%	45,7%
NR	Nº meninas	203	6	209
	%	12,6%	4,0%	11,9%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Posse de tabletes:

Amostra Escola: Das meninas/adolescentes pesquisadas, 18,1% informaram possuir um *tablet*. A desagregação da média geral, por estado, revela diferenças que merecem ser destacadas. Os dois estados do Sul e do Sudeste possuem o maior número de respostas afirmativas (24,4% e 26%). Mato Grosso, Maranhão e Pará apresentaram proporções menores. No Pará, por exemplo, o número de meninas que possuem *tablet* ficou nos 5,7 pontos percentuais.

Tabela 53 - Possui tablet

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	21	72	94	66	38	291
	% UF	5,7%	19,1%	26,0%	24,4%	16,7%	18,1%
Não	Nº meninas	299	203	221	162	138	1023
	% UF	80,6%	53,8%	61,0%	59,8%	60,5%	63,6%
NR	Nº meninas	51	102	47	43	52	295
	% UF	13,7%	27,1%	13,0%	15,9%	22,8%	18,3%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As diferenças por tipo e área da escola também são marcantes. Nas escolas rurais públicas apenas 6% das pesquisadas possuem *tablet*. Nas escolas urbanas públicas e urbanas rurais essas proporções sobem para 15,7% e 42,6%.

Tabela 54 - Possui tablet

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Sim	Nº meninas	23	150	118	291
	%	6,1%	15,7%	42,6%	18,1%
Não	Nº meninas	263	624	136	1023
	%	69,6%	65,4%	49,1%	63,6%
NR	Nº meninas	92	180	23	295
	%	24,3%	18,9%	8,3%	18,3%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os estratos de grupo etário de etnia não apresentaram diferenças significativas.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Nenhuma menina da amostra quilombola respondeu possuir seu próprio tablete (0,0%), 89,9% responderam não possuir e 10,1% não responderam.

Tabela 55 - Possui tablete

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Sim	Nº meninas	291	0	291
	%	18,1%	,0%	16,6%
Não	Nº meninas	1023	134	1157
	%	63,6%	89,9%	65,8%
NR	Nº meninas	295	15	310
	%	18,3%	10,1%	17,6%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Uso de internet: local, motivações, frequência e riscos

Amostra-Escola: A maioria das meninas/adolescentes pesquisadas acessa a internet em casa (52%), seguido pela escola (24,2%) e pela casa de amigos e parentes (22,9%).

O Pará tem os menores índices em todas as opções de lugares de acesso à internet oferecidos pela pesquisa no questionário, e a maior proporção de não respostas (52,8%). A associação dessa variável com a posse de aparelhos que permitem o acesso à internet como celular, computador e *tablet* pode ser um indicativo de que as meninas residentes no estado do Pará tenham acesso bem mais limitado à comunicação e à informação, já que a rede mundial de computadores tornou-se uma referência nesse sentido.

Tabela 56- Onde utiliza internet?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Escola	Nº meninas	38	76	113	86	76	389
	% UF	10,2%	20,2%	31,2%	31,7%	33,3%	24,2%
Casa	Nº meninas	108	158	258	186	127	837
	% UF	29,1%	41,9%	71,3%	68,6%	55,7%	52,0%
Lan house	Nº meninas	13	79	41	16	17	166
	% UF	3,5%	21,0%	11,3%	5,9%	7,5%	10,3%
Centro público/ comunitário	Nº meninas	6	9	12	7	1	35
	% UF	1,6%	2,4%	3,3%	2,6%	,4%	2,2%
Casa de amigos/ parentes	Nº meninas	36	81	120	79	52	368
	% UF	9,7%	21,5%	33,1%	29,2%	22,8%	22,9%
Outro	Nº meninas	13	11	14	11	6	55
	% UF	3,5%	2,9%	3,9%	4,1%	2,6%	3,4%
NS/NR	Nº meninas	196	139	45	45	49	474
	% UF	52,8%	36,9%	12,4%	16,6%	21,5%	29,5%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

No Maranhão, cuja realidade também se distancia da observada no Sul e no Sudeste, chama a atenção o número de meninas que utilizam as *lan houses* para acessar a rede (21%). O segundo maior índice está em São Paulo, com 11,3%.

Ainda em relação ao local de acesso, as meninas de 11 a 14 anos apresentaram percentuais mais elevados que as de 6 a 10 anos em todos os itens, o que pode decorrer de uma maior utilização da internet entre aquelas.

A maior diferença entre os dois grupos etários está no número de meninas que utilizam a casa de amigos e/ou parentes para acessar a internet: 6 a 10 anos – 12,7% e 11 a 14 anos – 32,5%.

Tabela 57 - Onde utiliza internet?

		G1 - 6 a 10 anos	G2 - 11 a 16 anos	NR	Total
Escola	Nº meninas	145	244	0	389
	%	18,9%	29,2%	,0%	
Casa	Nº meninas	338	499	0	837
	%	44,1%	59,8%	,0%	
Lan House	Nº meninas	52	114	0	166
	%	6,8%	13,7%	,0%	
Centro Público/comunitário	Nº meninas	8	27	0	35
	%	1,0%	3,2%	,0%	
Casa de Amigos/parentes	Nº meninas	97	271	0	368
	%	12,7%	32,5%	,0%	
Outro.	Nº meninas	16	39	0	55
	%	2,1%	4,7%	,0%	
NS/NR	Nº meninas	334	132	8	474
	%	43,6%	15,8%	100,0%	
Total	Nº meninas	766	835	8	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A mesma inferência pode ser feita em relação ao tipo e área da escola, as frequências encontradas entre as meninas que estudam em instituições urbanas particulares é maior que nas demais, especialmente em relação às rurais públicas, em todos os itens. O acesso em casa é o mais significativo: rurais públicas – 27,2%; urbana pública – 52,9% e urbana particular – 82,7%. O número de não respostas na questão “onde utiliza a internet” chegou a 55,4% nas escolas rurais públicas e não passou de 8,6% nas escolas urbanas particulares.

O número de meninas que acessa a internet em casa também é maior entre as brancas (62,8%) que entre as pretas/pardas (45,1%).

Em relação aos aparelhos utilizados para o acesso, as meninas responderam: computador (42,2%), celular (32,9%) e *tablet* (11,8%). O Pará é o único estado no qual o acesso via celular (26,4%) é mais frequente do que pelo computador (18,1%). Embora o computador seja o meio de acesso mais mencionado nas duas faixas etárias (entre 72,5% e 80,7%), a diferença entre o percentual de meninas/adolescentes que utilizam o celular é significativa: 6 a 10 anos – 41,3% e 11 a 16 anos – 67,3%.

Tabela 58 - Equipamentos (aparelhos) utilizados para acessar a internet:

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Celular	Nº meninas	98	118	156	94	63	529
	% UF	26,4%	31,3%	43,1%	34,7%	27,6%	32,9%
Computador	Nº meninas	67	127	229	150	106	679
	% UF	18,1%	33,7%	63,3%	55,4%	46,5%	42,2%
Tablet	Nº meninas	13	48	66	45	18	190
	% UF	3,5%	12,7%	18,2%	16,6%	7,9%	11,8%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

O percentual de meninas que utilizam o celular e o computador nas escolas rurais públicas é praticamente o mesmo (61,2% e 60,5%). Nas demais categorias de escolas o computador se sobressai, chegando a mais de 90% nas urbanas particulares.

O uso do celular como meio de acesso à internet não revela diferenças entre brancas e negras (37,7% e 30,1%). Já o computador é indicado por um número maior de meninas que se declara branca (51%), em relação às que se autodeclararam negras (36,5%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Das 32 (21,5%) meninas que responderam a questão “onde utiliza internet”, praticamente um terço delas a utiliza no computador da escola (34,4%). Em seguida, os maiores percentuais foram registrados para “casa de amigos” e *lan house* (21,9%).

Quando calculados em relação ao total de meninas de escolas quilombolas, esses percentuais se referem a 7,4% e 4,7%, bem abaixo do alcançado na amostra nacional (24,2%, 22,9% e 10,3%). O acesso em casa, mais frequente na amostra nacional (52%) fica em terceiro lugar na amostra quilombola (2,7%). Nesta, o número de não respostas foi bastante alto (83,9%) e na amostra nacional, bem menor: (29,5%) em comparação à amostra quilombola, porém, em geral, também elevado.

Tabela 59 - Onde utiliza internet ?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Escola	Nº meninas	389	11	400
	%	24,2%	7,4%	
Casa	Nº meninas	837	4	841
	%	52,0%	2,7%	
Lan House	Nº meninas	166	7	173
	%	10,3%	4,7%	
Centro Público/comunitário	Nº meninas	35	2	37
	%	2,2%	1,3%	
Casa de Amigos/parentes	Nº meninas	368	7	375
	%	22,9%	4,7%	
Outro.	Nº meninas	55	1	56
	%	3,4%	,7%	
NS/NR	Nº meninas	474	125	599
	%	29,5%	83,9%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Amostra-Escola: As meninas/adolescentes pesquisadas acessam a internet com finalidades diversas. A mais frequente é a realização de trabalhos escolares (55,4%), seguido pelos jogos eletrônicos (42,7%), pela interação em redes sociais (34,6%) e para pesquisas sobre temas de seus interesses (33,1%).

Tabela 60 - Utiliza a internet para:

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Trabalhos escolares	Nº meninas	137	192	255	169	139	892
	% UF	36,9%	50,9%	70,4%	62,4%	61,0%	55,4%
Jogos	Nº meninas	60	141	217	140	129	687
	% UF	16,2%	37,4%	59,9%	51,7%	56,6%	42,7%
Redes Sociais	Nº meninas	58	112	188	122	76	556
	% UF	15,6%	29,7%	51,9%	45,0%	33,3%	34,6%
E-mail	Nº meninas	24	86	132	79	42	363
	% UF	6,5%	22,8%	36,5%	29,2%	18,4%	22,6%
Fazer pesquisas sobre assuntos de meu interesse	Nº meninas	57	127	168	105	76	533
	% UF	15,4%	33,7%	46,4%	38,7%	33,3%	33,1%
Outro	Nº meninas	6	13	16	25	7	67
	% UF	1,6%	3,4%	4,4%	9,2%	3,1%	4,2%
NR	Nº meninas	185	135	37	44	43	444
	% UF	49,9%	35,8%	10,2%	16,2%	18,9%	27,6%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os jogos eletrônicos se sobressaem entre as meninas de 6 a 10 anos, atividade indicada por um maior percentual delas, seguido pelos trabalhos escolares (38,8%).

No grupo de maior idade (11 a 14 anos), o acesso à internet com a finalidade buscar subsídios para a realização de trabalhos escolares permanece como a atividade mais recorrente (71,3%), seguido pela interação nas redes sociais (50,3%) e pelas pesquisas em áreas de interesse (42,5%).

Em relação ao tipo de escola, as meninas das instituições urbanas particulares indicaram todos os itens com maior frequência que os outros dois tipos, especialmente quando comparadas às escolas rurais públicas. A realização de trabalhos escolares foi mencionada, por exemplo, por 80,9% das pesquisadas nas escolas urbanas particulares, 58% das urbanas públicas e 30,2% das rurais públicas.

No que tange à etnia, vale destacar que as meninas brancas apresentam percentuais maiores que as pretas/pardas em praticamente todos os itens, no entanto, há uma quase equivalência na proporção de meninas/adolescentes que disseram acessar a internet para fazer trabalhos escolares: brancas – 58,8% e pretas/pardas – 53,3%.

Tabela 61 - Utiliza a internet para:

		Branca	Preta/parda	Outra	Total
Trabalhos escolares	Nº meninas	370	510	12	892
	%	58,8%	53,3%	50,0%	
Jogos	Nº meninas	317	359	11	687
	%	50,4%	37,6%	45,8%	
Redes Sociais	Nº meninas	254	293	9	556
	%	40,4%	30,6%	37,5%	
E-mail	Nº meninas	171	189	3	363
	%	27,2%	19,8%	12,5%	
Fazer pesquisas sobre assuntos de meu interesse	Nº meninas	249	276	8	533
	%	39,6%	28,9%	33,3%	

Outro	Nº meninas	30	35	2	67
	%	4,8%	3,7%	8,3%	
NR	Nº meninas	131	303	10	444
	%	20,8%	31,7%	41,7%	
Total	Nº meninas	629	956	24	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quando questionadas sobre a frequência com que acessam a internet, a maior parte das pesquisadas (34,4%) respondeu todo dia ou quase todo dia. Embora haja uma variação significativa entre os estados que participaram do estudo, essa foi a alternativa mais marcada em todos eles.

A frequência diária, ou quase diária, também é maioria nos dois grupos etários e nos três tipos de escola. As diferenças observadas entre as categorias de respostas nesses dois estratos se deve mais a proporção de meninas que não responderam (maior na faixa etária de 6 a 10 anos e nas escolas rurais e públicas) do que a qualquer inversão de tendências. O mesmo acontece em relação à raça/etnia.

Aproximadamente 10% das meninas/adolescentes disseram já terem se sentido incomodadas com algo que viram na internet. Ainda que pequeno percentualmente, esse número merece atenção redobrada pelos potenciais riscos decorrentes do fato de que 32,9% das meninas declararam utilizar internet no celular; 10,3% delas frequentar *lanhouse*; e 34,6% delas utilizar a internet para interação nas redes sociais. Nota-se, adicionalmente, que 33,7% das meninas não responderam a esta questão.

Tabela 62 - Se sentiu incomodada com algo que tenha visto na internet?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Não	Nº meninas	155	188	256	158	135	892
	% UF	41,8%	49,9%	70,7%	58,3%	59,2%	55,4%
Sim	Nº meninas	22	36	58	36	23	175
	% UF	5,9%	9,5%	16,0%	13,3%	10,1%	10,9%
NR	Nº meninas	194	153	48	77	70	542
	% UF	52,3%	40,6%	13,3%	28,4%	30,7%	33,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A maior finalidade do uso da internet declarada pelas meninas da mostra quilombola é realizar trabalhos escolares (10,7%), interagir nas redes sociais (5,4%), brincar com jogos (4,7%), seguido por pesquisar sobre assuntos de interesse (3,4%). Quanto a frequência de uso, maiores percentuais alcançados foram para aquelas meninas que utilizam a internet com a frequência de “uma ou duas vezes por semana” (8,7%) e “todos os dias ou quase todos os dias” (3,4%).

Tabela 63 - Utiliza a internet para:

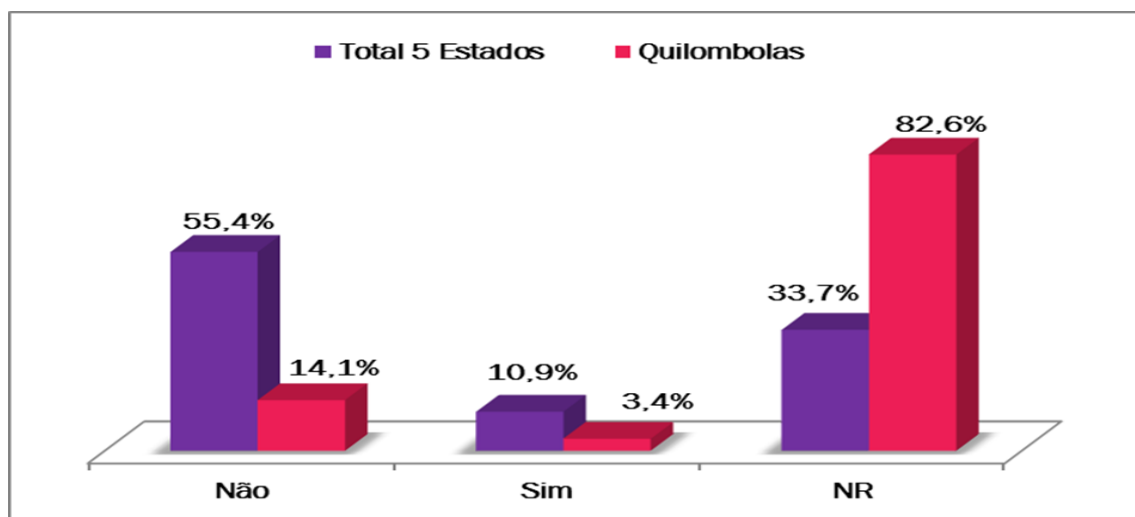
		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Trabalhos escolares	Nº meninas	892	16	908
	%	55,4%	10,7%	
Jogos	Nº meninas	687	7	694
	%	42,7%	4,7%	
Redes Sociais	Nº meninas	556	8	564
	%	34,6%	5,4%	
E-mail	Nº meninas	363	9	372
	%	22,6%	6,0%	
Fazer pesquisas sobre assuntos de meu interesse	Nº meninas	533	5	538
	%	33,1%	3,4%	

Outro	Nº meninas	67	0	67
	%	4,2%	,0%	
NR	Nº meninas	444	124	568
	%	27,6%	83,2%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Embora 14,1% das meninas/adolescentes participantes da amostra quilombola tenham afirmado não terem se sentido incomodadas com algo que tenha visto na internet e apenas 3,4% alegaram que sim, chama a atenção a quantidade de meninas que não respondeu a questão, com um alto percentual de 82,6%.

Gráfico 07 – Se sentiu incomodada com algo que tenha visto na internet?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As duas amostras se comportaram de maneira similar em termos proporcionais à pergunta “se sentiu incomodada com algo que tenha visto na internet”?, com um leves oscilações para as respostas.

3.4) Escola e escolarização

Como vão para escola:

Amostra Escola: A maior parte das meninas/adolescentes pesquisadas vai à escola “à pé” (47%). Infelizmente, não foram coletadas informações sobre a distância entre o local de moradia e a escola ou sobre o tempo gasto nesse trajeto, o que ajudaria a identificar maiores ou menores dificuldades de locomoção para essas meninas.

O carro é o segundo meio mais utilizado para chegar à escola, mencionado por 29,3% das pesquisadas, seguido pelo ônibus (22,5%).

Quanto às particularidades regionais, destaca-se o contingente de meninas que vão à escola de bicicleta no Mato Grosso (30,3%) e no Pará (24%), com percentuais bem acima dos encontrados nos demais estados, todos abaixo de 10%. Nessas duas unidades da federação, o uso da bicicleta é mais frequente que o de ônibus (18,9% e 14%, respectivamente).

Tabela 64 -Como você costumar ir à escola?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
À pé	Nº meninas	236	160	166	109	85	756
	% UF	63,6%	42,4%	45,9%	40,2%	37,3%	47,0%
De bicicleta	Nº meninas	89	29	18	4	69	209
	% UF	24,0%	7,7%	5,0%	1,5%	30,3%	13,0%
A cavalo	Nº meninas	1	2	1	1	3	8
	% UF	,3%	,5%	,3%	,4%	1,3%	,5%
De barco	Nº meninas	3	5	0	0	2	10
	% UF	,8%	1,3%	,0%	,0%	,9%	,6%

De ônibus	Nº meninas	52	81	69	117	43	362
	% UF	14,0%	21,5%	19,1%	43,2%	18,9%	22,5%
De carro	Nº meninas	28	117	139	109	79	472
	% UF	7,5%	31,0%	38,4%	40,2%	34,6%	29,3%
Outro	Nº meninas	28	35	54	23	15	155
	% UF	7,5%	9,3%	14,9%	8,5%	6,6%	9,6%
NS/NR	Nº meninas	19	23	13	5	9	69
	% UF	5,1%	6,1%	3,6%	1,8%	3,9%	4,3%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

No Pará, apenas 7,5% das meninas/adolescentes disseram ir à escola de carro, enquanto nos demais estados o percentual alcançado nessa categoria ficou acima de 30%.

A frequência com que as meninas/adolescentes entre 11 e 14 anos vão à escola à pé (54,3%) e de ônibus (26,7%) é maior do que a observada na faixa de 6 a 10 anos (39,4% e 17,8%). Nesta, o carro aparece como o segundo meio de transporte mais mencionado (34,1%), com percentuais bem próximos daquelas que disseram ir à pé (39,4%).

As diferenças por tipo e área da escola são ainda mais marcantes. O carro é o principal meio de transporte até a escola, segundo as estudantes das instituições urbanas particulares (65,7%). Em segundo lugar, estão aquelas que vão à pé (22,4%) e apenas 5,8% utilizam ônibus. Em contraste com essa realidade estão as escolas públicas da área rural, nas quais 46% das entrevistadas disseram ir à escola de ônibus, 39,9% à pé e 14,8% de carro.

Tabela 65 - Como você costuma ir à escola?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
À pé	Nº meninas	151	543	62	756
	%	39,9%	56,9%	22,4%	47,0%

De bicicleta	Nº meninas	53	141	15	209
	%	14,0%	14,8%	5,4%	13,0%
A cavalo	Nº meninas	1	6	1	8
	%	,3%	,6%	,4%	,5%
De barco	Nº meninas	3	4	3	10
	%	,8%	,4%	1,1%	,6%
De ônibus	Nº meninas	174	172	16	362
	%	46,0%	18,0%	5,8%	22,5%
De carro	Nº meninas	56	234	182	472
	%	14,8%	24,5%	65,7%	29,3%
Outro	Nº meninas	13	86	56	155
	%	3,4%	9,0%	20,2%	9,6%
NS/NR	Nº meninas	24	36	9	69
	%	6,3%	3,8%	3,2%	4,3%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Em relação à etnia da pesquisadas, destaca-se apenas a diferença entre as meninas brancas e negras que disseram ir à escola de carro: 40,1% das brancas, contra 22,5% das pretas/pardas.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Mais da metade das meninas/adolescentes da amostra quilombola vai para a escola à pé (57,7%). Um segundo maior conjunto vai de ônibus (30,2%). Um terceiro grupo de meninas informou que vai de bicicleta (11,4%). Uma quarta e pequena parte delas vai de carro (8,7%) e, um menor contingente, vai de outras formas (3,4%).

A utilização do carro como meio para chegar à escola é a principal diferença entre a amostra nacional e quilombola. Na primeira ele aparece nas declarações de 29,3% das meninas, enquanto na segunda ele se reduz a 8,7%. Os percentuais entre as duas amostras foram similares para os meios que as meninas se deslocam de casa para a escola, à exceção do carro: enquanto 29,3% das meninas da amostra-escola vão de carro, apenas 8,7% das meninas quilombolas utilizam o mesmo meio.

Ademais, com menor diferença (10 pontos percentuais), as meninas quilombolas vão com mais frequência à pé para a escola, quando comparadas com as meninas da amostra nacional.

Tabela 66 - Como você costuma ir à escola?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
À pé	Nº meninas	756	86	842
	%	47,0%	57,7%	
De bicicleta	Nº meninas	209	17	226
	%	13,0%	11,4%	
A cavalo	Nº meninas	8	0	8
	%	,5%	,0%	
De barco	Nº meninas	10	0	10
	%	,6%	,0%	
De ônibus	Nº meninas	362	45	407
	%	22,5%	30,2%	
De carro	Nº meninas	472	13	485
	%	29,3%	8,7%	
Outro	Nº meninas	155	5	160
	%	9,6%	3,4%	
NS/NR	Nº meninas	69	3	72
	%	4,3%	2,0%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Com quem vão para escola:

Amostra-Escola: Os amigos e amigas da escola são a companhia mais frequente das meninas/adolescentes no caminho até a escola, mencionados por pouco mais de 1/3 delas (36,9%). É significativo o número de meninas que vão sozinhas à escola (24% no geral), principalmente na faixa etária de 11 a 14 anos (29,7%).

Tabela 67 - Com quem você costuma ir à escola?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Pai/ padrasto	Nº meninas	39	76	67	60	36	278
	% UF	10,5%	20,2%	18,5%	22,1%	15,8%	17,3%
Irmãos mais velhos	Nº meninas	42	50	36	33	33	194
	% UF	11,3%	13,3%	9,9%	12,2%	14,5%	12,1%
Com amigos e colegas	Nº meninas	123	143	142	123	63	594
	% UF	33,2%	37,9%	39,2%	45,4%	27,6%	36,9%
Mãe/ madrasta	Nº meninas	57	97	105	64	59	382
	% UF	15,4%	25,7%	29,0%	23,6%	25,9%	23,7%
Irmãos mais novos	Nº meninas	29	32	26	23	16	126
	% UF	7,8%	8,5%	7,2%	8,5%	7,0%	7,8%
Sozinha	Nº meninas	96	80	81	83	47	387
	% UF	25,9%	21,2%	22,4%	30,6%	20,6%	24,1%
Outro	Nº meninas	36	47	65	43	33	224
	% UF	9,7%	12,5%	18,0%	15,9%	14,5%	13,9%
NS/NR	Nº meninas	19	28	18	7	11	83
	% UF	5,1%	7,4%	5,0%	2,6%	4,8%	5,2%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A companhia da mãe/madrasta surge em terceiro lugar, com 23,7%, seguido pela do pai/padrasto (17,3%). O número de meninas que vai à escola com os pais, principalmente com a mãe, é mais frequente entre as mais novas (6 a 10 anos). Enquanto 34,2% delas declaram que a mãe as acompanham, apenas 14,3% das meninas mais velhas (11 a 14 anos) o fizeram.

Os pais também se sobressaem entre as pesquisadas das escolas urbanas particulares (37,9% para o pai e 46,2% para a mãe), o que certamente está associado ao grande número de meninas que vão à escola de carro nesse grupo, o que demanda a companhia de um adulto habilitado.

Nas escolas públicas, a proporção de meninas que mencionaram o pai nessa questão foi: 14,5% nas urbanas e 9,3% nas rurais. E as que mencionaram a mãe: 21,9% nas urbanas e 11,9% nas rurais. Nesses dois tipos de escolas a companhia dos amigos é a mais comum: 40,0% e 43,4%, respectivamente.

Tabela 68 - Com quem você costumar ir à escola?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Pai/ padrasto	Nº meninas	35	138	105	278
	%	9,3%	14,5%	37,9%	17,3%
Irmãos mais velhos	Nº meninas	56	105	33	194
	%	14,8%	11,0%	11,9%	12,1%
Com amigos e colegas	Nº meninas	164	382	48	594
	%	43,4%	40,0%	17,3%	36,9%
Mãe/ madrasta	Nº meninas	45	209	128	382
	%	11,9%	21,9%	46,2%	23,7%
Irmãos mais novos	Nº meninas	41	72	13	126
	%	10,8%	7,5%	4,7%	7,8%
Sozinha	Nº meninas	92	259	36	387
	%	24,3%	27,1%	13,0%	24,1%
Outro	Nº meninas	31	126	67	224
	%	8,2%	13,2%	24,2%	13,9%
NS/NR	Nº meninas	32	40	11	83
	%	8,5%	4,2%	4,0%	5,2%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan/ Socializare, 2014

A mesma explicação utilizada na análise dos resultados por tipo de escola pode ser adotada para justificar o maior número de meninas brancas que vão à escola na companhia do pai e/ou da mãe, já que entre elas também foi mais frequente a menção ao carro como meio de transporte até a escola. Entre as brancas 30,4% mencionaram as mães. Entre as pretas/pardas o índice cai para 19,2%.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: As meninas quilombolas vão para escola com membros da família, amigos/colegas e sozinhas. O maior contingente delas declarou ir com amigos/colegas (47,7%), em seguida vão sozinhas (24,8%), com irmãos mais velhos (12,8%) e com a mãe/madrasta (10,1%).

Chama a atenção os percentuais de meninas/adolescentes que declararam ir sozinhas para escola. Analisando ambas as amostras, identificou-se que as meninas quilombolas vão à escola menos acompanhadas de seus pais do que as meninas da amostra-escola, o que pode sinalizar que nessas comunidades os pais estejam mais tranquilos com a segurança de suas filhas no trajeto casa/escola ou também que eles possam ter maiores ocupações quando comparados aos pais das meninas participantes da amostra-escola.

Tabela 69 - Com quem você costumar ir à escola?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Pai/ padrasto	Nº meninas	278	7	285
	%	17,3%	4,7%	
Irmãos mais velhos	Nº meninas	194	19	213
	%	12,1%	12,8%	
Com amigos e colegas	Nº meninas	594	71	665
	%	36,9%	47,7%	
Mãe/ madrasta	Nº meninas	382	15	397
	%	23,7%	10,1%	
Irmãos mais novos	Nº meninas	126	13	139
	%	7,8%	8,7%	
Sozinha	Nº meninas	387	37	424
	%	24,1%	24,8%	
Outro	Nº meninas	224	5	229
	%	13,9%	3,4%	
NS/NR	Nº meninas	83	2	85
	%	5,2%	1,3%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Como é o caminho da escola (nível de segurança):

Amostra-Escola: De modo geral, o caminho até a escola é considerado seguro. Pouco mais de metade das meninas (53,6%), independente da idade, tipo e área da escola e etnia, disseram que o trajeto casa/escola é “sempre” seguro.

Tabela 70 - O caminho da sua casa até a escola é seguro?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca	Nº meninas	24	23	27	9	12	95
	% UF	6,5%	6,1%	7,5%	3,3%	5,3%	5,9%
Às vezes	Nº meninas	111	155	123	80	69	538
	% UF	29,9%	41,1%	34,0%	29,5%	30,3%	33,4%
Sempre	Nº meninas	213	157	190	171	132	863
	% UF	57,4%	41,6%	52,5%	63,1%	57,9%	53,6%
NR	Nº meninas	23	42	22	11	15	113
	% UF	6,2%	11,1%	6,1%	4,1%	6,6%	7,0%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Embora este resultado possa ser considerado positivo, é importante não desconsiderar que para 1/3 das pesquisadas o caminho até a escola está sujeito a algumas situações de insegurança, já que 33% delas disseram que esse percurso só é seguro “às vezes”. Em outros 5,9% dos casos, ele foi considerado “nunca” seguro.

É curioso que as estudantes de escola urbanas particulares tenham marcado a opção “às vezes” (41,2%) com maior frequência que aquelas das escolas rurais públicas (26,2%). Esse resultado pode estar associado aos níveis de insegurança provocados pelas áreas mais urbanizadas, especialmente nas grandes cidades.

Tabela 71 - O caminho da sua casa até a escola é seguro?

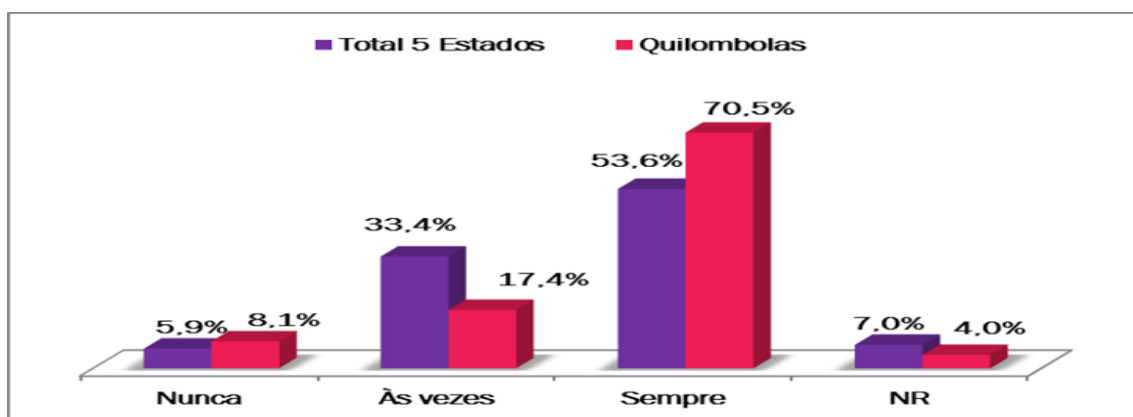
		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Nunca	Nº meninas	28	54	13	95
	%	7,4%	5,7%	4,7%	5,9%
Às vezes	Nº meninas	99	325	114	538
	%	26,2%	34,1%	41,2%	33,4%
Sempre	Nº meninas	214	515	134	863
	%	56,6%	54,0%	48,4%	53,6%
NR	Nº meninas	37	60	16	113
	%	9,8%	6,3%	5,8%	7,0%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Embora um pouco mais da metade das meninas/adolescentes quilombolas tenha declarado que o caminho da escola é sempre seguro (70,5%), para praticamente um quarto delas o caminho às vezes é seguro 17,4% ou nunca é seguro (8,1%).

Ainda que a maioria das meninas quilombolas sinta-se mais segura que as meninas participantes da amostra-escola em relação ao caminho de suas casas até suas escolas, um percentual um pouco maior de meninas quilombolas sente-se mais insegura nesse percurso do que as meninas da amostra-escola.

Gráfico 08 - O caminho da sua casa até a escola é seguro?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Níveis de frequência às aulas:

Amostra Escola: A maioria das meninas (63,3%) disse não faltar às aulas, ao passo que 30,3% delas declararam ter o hábito de faltar.

Tabela 72 - Você costuma faltar muito às aulas?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Não	Nº meninas	256	212	230	171	150	1019
	% UF	69,0%	56,2%	63,5%	63,1%	65,8%	63,3%
Sim	Nº meninas	97	135	108	81	67	488
	% UF	26,1%	35,8%	29,8%	29,9%	29,4%	30,3%
NR	Nº meninas	18	30	24	19	11	102
	% UF	4,9%	8,0%	6,6%	7,0%	4,8%	6,3%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As estudantes de escolas urbanas particulares tendem a faltar um pouco menos, foi o que declarou quase 20% delas. A opinião da maior parte das meninas (45,3%), meninos e meninas faltam às aulas na mesma proporção. Mas, é expressivo o número de meninas que acha que os meninos são mais faltosos (36,6%). No Pará a relação se inverte: 45,3% acham que os meninos faltam mais e 39,9% acreditam que ambos faltem igualmente. O mesmo acontece nas escolas públicas rurais: 45,1% responderam “meninos” e 37% responderam “igual”. Nos demais estratos a tendência geral se repete.

Tabela 73- Pelo que você observa, quem falta mais às aulas na sua escola?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Meninos	Nº meninas	168	145	108	91	77	589
	% UF	45,3%	38,5%	29,8%	33,6%	33,8%	36,6%
Meninas	Nº meninas	43	55	55	44	33	230
	% UF	11,6%	14,6%	15,2%	16,2%	14,5%	14,3%
Igual	Nº meninas	148	148	189	126	118	729
	% UF	39,9%	39,3%	52,2%	46,5%	51,8%	45,3%
NR	Nº meninas	12	29	10	10	0	61
	% UF	3,2%	7,7%	2,8%	3,7%	,0%	3,8%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Embora a maioria das meninas/adolescentes da população quilombola entrevistada tenha afirmado que não costuma faltar muito às aulas (71,8%), pouco mais de 1/4 delas respondeu afirmativamente à questão (26,2%). Mais da metade dessas meninas (57%) acha que os meninos falta mais a escola do que as meninas e o percentual daquelas que acreditam que ambos faltam igualmente é de 31,5%.

Um grupo menor respondeu que as meninas falta mais às aulas (10,1%). Em geral, as duas amostras se comportaram de forma semelhantes para “faltar aulas”. Porém, uma maior frequência de meninas quilombolas respondeu que são os meninos que mais faltam às aulas (57%) quando comparada àquela das meninas da amostra-escola: 36,6%.

Tabela 74 - Você costuma faltar muito às aulas?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Não	Nº meninas	1019	107	1126
	%	63,3%	71,8%	64,1%
Sim	Nº meninas	488	39	527
	%	30,3%	26,2%	30,0%
NR	Nº meninas	102	3	105
	%	6,3%	2,0%	6,0%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Os motivos das faltas à escola:

Amostra-Escola: A doença é o principal motivo pelo qual as meninas faltam às aulas, seja dela própria (77,9%) ou de alguém da família (23,6%). A necessidade de ficar em casa para cuidar de alguém (12,3%) e a falta de transporte (10,9%) aparecem na sequência, outros motivos ficam abaixo de 10%. Embora pouco expressivos numericamente, chama a atenção que 4,7% das meninas faltem porque não têm interesse na escola e 2% delas porque têm que trabalhar.

Tabela 75 - Por que VOCÊ costuma falar muito às aulas?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Falta de transporte	Nº meninas	13	17	10	7	6	53
	% UF	13,4%	12,6%	9,3%	8,6%	9,0%	10,9%
Não tem ninguém para me levar	Nº meninas	6	10	11	6	5	38
	% UF	6,2%	7,4%	10,2%	7,4%	7,5%	7,8%
Tenho que trabalhar	Nº meninas	2	4	4	0	0	10
	% UF	2,1%	3,0%	3,7%	,0%	,0%	2,0%
Não tenho interesse na escola, não gosto das aulas	Nº meninas	2	7	7	6	1	23
	% UF	2,1%	5,2%	6,5%	7,4%	1,5%	4,7%

Alguém da minha família fica doente com frequência	Nº meninas	18	41	21	18	17	115
	% UF	18,6%	30,4%	19,4%	22,2%	25,4%	23,6%
Tenho que cuidar de alguém	Nº meninas	8	20	14	6	12	60
	% UF	8,2%	14,8%	13,0%	7,4%	17,9%	12,3%
Eu fico doente	Nº meninas	79	102	83	63	53	380
	% UF	81,4%	75,6%	76,9%	77,8%	79,1%	77,9%
Fiquei grávida/ tive filho	Nº meninas	0	2	1	0	0	3
	% UF	,0%	1,5%	,9%	,0%	,0%	,6%
Outro motivo	Nº meninas	6	12	11	13	6	48
	% UF	6,2%	8,9%	10,2%	16,0%	9,0%	9,8%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A falta de transporte é um motivo mais frequente entre as alunas das escolas rurais públicas: 14,8%, contra 4,0% das escolas urbanas particulares. Naquelas, também é comum que as meninas falem porque alguém da família adoeceu (30,3%). Nos outros dois tipos de escola (urbanas públicas e particulares), os percentuais de resposta para essa categoria giram em torno de 20%.

Tabela 76 - Por que VOCÊ costuma faltar muito às aulas?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Falta de transporte	Nº meninas	18	33	2	53
	%	14,8%	10,4%	4,0%	10,9%
Não tem ninguém para me levar	Nº meninas	10	23	5	38
	%	8,2%	7,3%	10,0%	7,8%
Tenho que trabalhar	Nº meninas	2	7	1	10
	%	1,6%	2,2%	2,0%	2,0%
Não tenho interesse na escola, não gosto das aulas	Nº meninas	8	15	0	23
	%	6,6%	4,7%	,0%	4,7%

Alguém da minha família fica doente com frequência	Nº	37	68	10	115
	meninas				
	%	30,3%	21,5%	20,0%	23,6%
Tenho que cuidar de alguém	Nº	14	42	4	60
	meninas				
	%	11,5%	13,3%	8,0%	12,3%
Eu fico doente	Nº	100	235	45	380
	meninas				
	%	82,0%	74,4%	90,0%	77,9%
Fiquei grávida/ tive filho	Nº	0	1	2	3
	meninas				
	%	,0%	,3%	4,0%	,6%
Outro motivo	Nº	6	34	8	48
	meninas				
	%	4,9%	10,8%	16,0%	9,8%
<i>Total</i>	Nº	122	316	50	488
	meninas				
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os motivos não variaram significativamente de acordo com a idade e com a etnia das pesquisadas.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Os motivos que obrigam as meninas/adolescentes a faltarem a escola na amostra quilombolas são variados e divergem, em alguma medida, do quadro encontrado na amostra nacional. Na amostra quilombola o principal motivo é a “falta de transporte” (53,8%), seguido por “ficar doente” (30,8%). “Chama a atenção alguns percentuais como “alguém da minha família fica doente com frequência” (20,5%), tenho que cuidar de alguém (12,8%), “tenho que trabalhar (10,3%) e “não tenho ninguém para me levar” (5,1 %).

Tabela 77 - Por quê VOCÊ costuma faltar muito às aulas?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Falta de transporte	Nº meninas	53	21	74
	%	10,9%	53,8%	14,0%
Não tem ninguém para me levar	Nº meninas	38	2	40
	%	7,8%	5,1%	7,6%
Tenho que trabalhar	Nº meninas	10	4	14
	%	2,0%	10,3%	2,7%
Não tenho interesse na escola, não gosto das aulas	Nº meninas	23	1	24
	%	4,7%	2,6%	4,6%
Alguém da minha família fica doente com frequência	Nº meninas	115	8	123
	%	23,6%	20,5%	23,3%
Tenho que cuidar de alguém	Nº meninas	60	5	65
	%	12,3%	12,8%	12,3%
Eu fico doente	Nº meninas	380	12	392
	%	77,9%	30,8%	74,4%
Fiquei grávida/ tive filho	Nº meninas	3	0	3
	%	,6%	,0%	,6%
Outro motivo	Nº meninas	47	2	49
	%	9,6%	5,1%	9,3%
Total	Nº meninas	729	55	784
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Níveis de aprovação e reprovação:

Amostra-Escola: No quesito reprovação/aprovação, 12,6% das meninas/adolescentes pesquisadas disseram já ter reprovado. Outras 83% nunca repetiram o ano na escola. Os índices de reprovação alcançaram o menor patamar no estado do Mato Grosso (5,7%) e o maior no Pará (17,8%).

Tabela 78 - Você já foi reprovada (teve que repetir o ano na escola)?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Não	Nº meninas	292	293	319	219	213	1336
	% UF	78,7%	77,7%	88,1%	80,8%	93,4%	83,0%
Sim	Nº meninas	66	50	29	45	13	203
	% UF	17,8%	13,3%	8,0%	16,6%	5,7%	12,6%
NR	Nº meninas	13	34	14	7	2	70
	% UF	3,5%	9,0%	3,9%	2,6%	,9%	4,4%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A reprovação é mais comum entre as meninas com idade mais elevada (11 a 14anos), nesse grupo etário, 18,7% delas declararam já ter reprovado, enquanto na faixa dos 6 aos 10 anos esse percentual foi da ordem de 6%. As taxas de reprovação são maiores nas escolas públicas e rurais, nesse recorte 19,3% das meninas já reprovaram, enquanto nas escolas urbanas particulares o índice observado foi de 3,2%.

Tabela 79 - Você já foi reprovada (teve que repetir o ano na escola)?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Não	Nº meninas	274	803	259	1336
	%	72,5%	84,2%	93,5%	83,0%
Sim	Nº meninas	73	121	9	203
	%	19,3%	12,7%	3,2%	12,6%
NR	Nº meninas	31	30	9	70
	%	8,2%	3,1%	3,2%	4,4%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: O maior percentual das meninas quilombolas participantes da pesquisa afirmou nunca terem sido reprovadas em nenhuma das séries que estudaram (75,8%). Por outro lado, 19,5% delas já repetiram o ano na escola. Ambas amostras comportaram-se de forma equivalente para o questionamento sobre reprovação.

Tabela 80 - Você já foi reprovada (teve que repetir o ano na escola)?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Não	Nº meninas	1336	113	1449
	%	83,0%	75,8%	82,4%
Sim	Nº meninas	203	29	232
	%	12,6%	19,5%	13,2%
NR	Nº meninas	70	7	77
	%	4,4%	4,7%	4,4%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Interrupção dos estudos: níveis e motivos

Amostra-Escola: De acordo com as meninas/adolescentes entrevistadas, 4,9% já tiveram que interromper os estudos. Praticamente o mesmo número de meninas declararam já ter pensado na possibilidade de parar de estudar (4,7%). Nesses dois casos, não foram identificadas variações significativas entre os estados que participaram da pesquisa, tampouco entre os demais estratos considerados na análise, como idade, tipo de escola e etnia.

Os afazeres domésticos foram mencionados como o motivo mais recorrente para a interrupção nos estudos (12,7% daquelas que já pararam de estudar). Na sequência, com proporção estatisticamente iguais estão: faltava dinheiro para me manter na escola ou creche (6,3%); a escola era distante (6,3%); faltava transporte escolas (6,3%); estava doente (6,3%); meus pais ou responsáveis não queriam que eu fosse (6,3%) e estava trabalhando ou procurando trabalho (5,1%).

Gráfico 09 - Por que VOCÊ já parou de estudar?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

É curioso observar que a responsabilidade em relação às tarefas domésticas tem um impacto maior sobre as meninas mais novas (6 a 10 anos), do que entre as pesquisadas de mais idade (11 a 14 anos), ao menos no que se refere à interrupção nos estudos. Nesses dois grupos etários, a proporção de meninas que pararam de estudar porque precisavam ajudar nos afazeres de casa foram de 18,9% e 7,3%, respectivamente. Outro dado que merece ser destacado é que nenhuma das meninas pesquisadas entre 6 a 10 anos disse ter parado de estudar porque a escola era distante, enquanto esse foi o argumento de 12,2% daquelas entre 11 e 14 anos.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Grande parte das meninas da amostra quilombola que participou da Pesquisa nunca parou de estudar (92,6%) e nunca pensou em parar de estudar (91,9%). Para as poucas meninas que declararam que já haviam parado de estudar (4,7%), as razões apresentadas foram: a escola era distante, tinha dificuldade para acompanhar o curso e meus pais ou responsáveis não queriam que eu fosse (todos acerca de 14%).

Tabela 81 - Porque você já parou de estudar?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Precisava ajudar nos afazeres domésticos	Nº meninas	10	0	10
	%	12,7%	,0%	11,6%
Estava trabalhando ou procurando trabalho	Nº meninas	4	0	4
	%	5,1%	0%	5,6%
Faltava dinheiro para as despesas para me manter na escola ou creche	Nº meninas	5	0	5
	%	6,3%	,0%	5,8%
A escola era distante	Nº meninas	5	1	6
	%	6,3%	14,3%	7,0%
Faltava transporte escolar	Nº meninas	5	0	5
	%	6,3%	,0%	5,8%
Não tinha ninguém para me levar	Nº meninas	1	0	1
	%	1,3%	,0%	1,2%
Faltava professor ou eles estavam em greve	Nº meninas	2	0	2
	%	2,5%	,0%	2,3%
Tinha dificuldade em acompanhar o curso	Nº meninas	1	1	2
	%	1,3%	14,3%	2,3%
Perdi a vontade	Nº meninas	3	0	3
	%	3,8%	,0%	3,5%
Estava doente	Nº meninas	5	0	5
	%	6,3%	,0%	5,8%
Porque fiquei grávida/ tive filho	Nº meninas	1	0	1
	%	1,3%	,0%	1,2%
Meus pais ou responsáveis não queriam que eu fosse	Nº meninas	5	1	6
	%	6,3%	14,3%	7,0%
Outros	Nº meninas	18	3	21
	%	22,8%	42,9%	24,4%
Total	Nº meninas	65	6	71
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Níveis e motivos de expulsão:

Amostra-Escola: O número de meninas que já foi expulsa da escola também girou em torno de 4%, a ampla maioria (88,6%) nunca foi expulsa. Pouco mais de 1/3 das expulsões foram causadas por motivo de brigas (39,7%) e por faltas (32,4%). Nas escolas públicas rurais esses dois motivos se invertem, sendo mais frequentes as expulsões por falta (35,7%) do que por brigas (25%). Estas são mais comuns nas escolas urbanas particulares, onde foram mencionadas como justificativa por 75% das meninas que já foram expulsas.

Entre as meninas que se autodeclararam pretas ou pardas as expulsões por motivos de briga e de falta às aulas quase que se equiparam (34,1% e 31,7%, respectivamente). Já entre as brancas essas dois motivos voltam a se distanciar (50% e 34,6%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Na amostra quilombola a maioria das meninas/adolescentes também nunca foi expulsa da escola: 92,6% delas responderam negativamente à esta questão. Para o percentual de 3,4% das meninas que já foram expulsas as razões principais foram divididas entre brigas (40%) e faltas (20%), seguindo a tendência da amostra nacional.

Tabela 82 - Você já foi expulsa de alguma escola?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Não	Nº meninas	1425	138	1563
	%	88,6%	92,6%	88,9%
Sim	Nº meninas	68	5	73
	%	4,2%	3,4%	4,2%
NR	Nº meninas	116	6	122
	%	7,2%	4,0%	6,9%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Tarefas escolares:

Amostra-Escola: Entre as meninas pesquisadas, 90,6% disseram que levam tarefas da escola para fazer em casa e apenas 4,5% declararam que não. Nos recortes por estado, faixa etária, tipo e área da escola e etnia não foram observados diferenças significativas, um demonstrativo de que as tarefas escolares para casa são recorrentes, independente desses fatores.

Considerando o total de meninas que leva tarefas para casa, as mães se destacam como a pessoa que mais ajuda na execução das atividades (58,5%), seguidas pelo pai, com percentual bem mais baixo (28,3%). As irmãs e irmãos mais velhos também contribuem, elas foram mencionadas por 17,2% das pesquisadas e eles por 12%.

Tabela 83 - Quem tem ajuda a fazer tarefas escolares em casa, quando tem tarefas?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Irmãos (homens) mais velhos	Nº meninas	38	38	47	30	22	175
	% UF	11,0%	11,8%	14,2%	12,1%	10,3%	12,0%
Irmãs mais velhas	Nº meninas	53	66	54	41	36	250
	% UF	15,4%	20,5%	16,4%	16,5%	16,9%	17,2%
Pai	Nº meninas	75	60	125	99	54	413
	% UF	21,8%	18,6%	37,9%	39,9%	25,4%	28,3%
Mãe	Nº meninas	199	156	211	152	134	852
	% UF	57,8%	48,4%	63,9%	61,3%	62,9%	58,5%
Avô	Nº meninas	3	16	18	11	9	57
	% UF	,9%	5,0%	5,5%	4,4%	4,2%	3,9%
Avó	Nº meninas	24	25	27	18	17	111
	% UF	7,0%	7,8%	8,2%	7,3%	8,0%	7,6%
Professores	Nº meninas	20	43	25	21	10	119
	% UF	5,8%	13,4%	7,6%	8,5%	4,7%	8,2%

Ninguém	Nº meninas	57	72	86	57	38	310
	% UF	16,6%	22,4%	26,1%	23,0%	17,8%	21,3%
Outra pessoa	Nº meninas	24	39	28	23	14	128
	% UF	7,0%	12,1%	8,5%	9,3%	6,6%	8,8%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Destaca-se ainda que 21,3% das meninas/adolescentes realizam suas tarefas sozinhas, sem a ajuda de alguém da família ou de outra pessoa. Essa tendência foi mais comum entre as meninas com mais idade (11 a 14 anos) do que entre as mais novas. A diferença entre elas é superior a 20 pontos percentuais: 31,6% e 9,8%.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Grande maioria das meninas/adolescentes da amostra quilombola tem tarefas escolares para fazer em casa (94%). Aquelas que declararam não possuir tarefas escolares foram de apenas 3,4% do conjunto de meninas pesquisadas.

Tabela 84 - Você tem tarefas da escola para fazer em casa?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Não	Nº meninas	73	5	78
	%	4,5%	3,4%	4,4%
Sim	Nº meninas	1457	140	1597
	%	90,6%	94,0%	90,8%
NR	Nº meninas	79	4	83
	%	4,9%	2,7%	4,7%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os arranjos familiares das meninas quilombolas para ajudar a fazer as atividades propostas pela escola são diversos: principalmente as mães (36,4%). Além destas, as irmãs mais velhas (22,1%), pai (13,6%), irmãos mais velhos (10,7%), outras pessoas não especificadas (3,6%) e os próprios professores (2,9%).

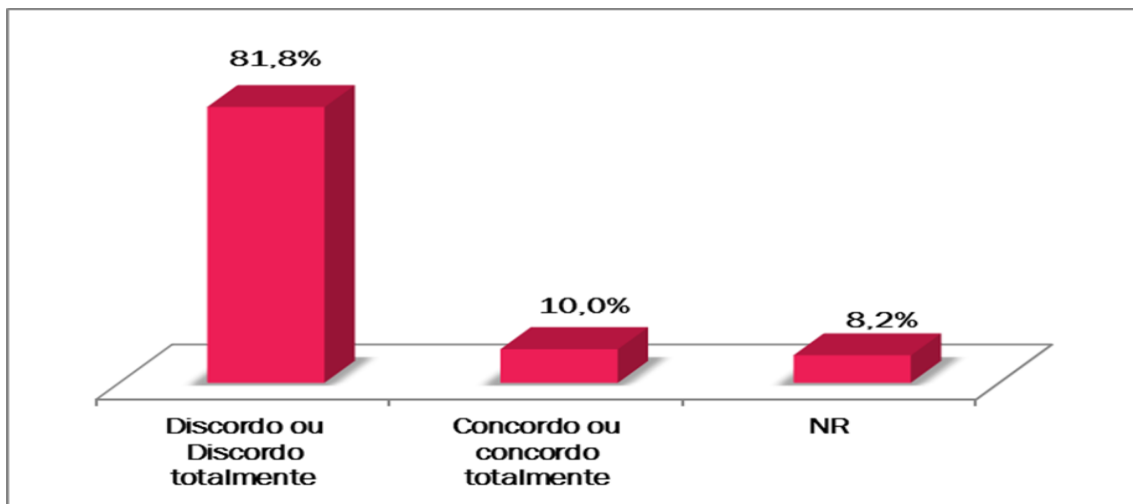
Chama atenção que 30% delas tenham declarado que não são ajudadas por ninguém, significando que fazem as tarefas escolares sozinhas.

Enquanto, seguido das mães, os pais das meninas participantes da amostra-escola tem maior participação nas tarefas escolares de suas filhas (28,3%), na amostra quilombola a participação deles é relativamente menor (13,6%). O ente familiar que mais as ajuda as meninas quilombolas nas tarefas escolares, após as mães, são suas irmãs mais velhas e não seus pais.

Relações de gênero na escola:

Amostra-Escola: A análise sobre as relações de gênero na escola demonstra que, na percepção das meninas entrevistadas, os meninos não possuem privilégios no tratamento dispensado pelos professores. Pouco mais de 80% delas discordaram da afirmativa segundo a qual “meninos são mais bem tratados pelos professores na escola”, sendo que 46% discordaram totalmente.

Gráfico 10 - Meninos são mais bem tratados pelos professores na escola que meninas



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Embora as meninas não identifiquem um tratamento diferenciado, 42,5% delas concordou com a assertiva de que os professores se surpreendem com a sua capacidade por elas serem meninas, número próximo ao daquelas que discordaram (49,9%).

As respostas das meninas em relação aos itens que se referem à equidade de gênero no ambiente escolar são mais positivas nas instituições urbanas particulares e menos nas rurais públicas. Nestas 72,8% discordam que meninos são mais bem tratados que meninas, enquanto naquelas esse percentual sobe para 93,1%. A assertiva referente à surpresa dos professores em relação às potencialidades das meninas teve discordância de 38,9% das pesquisadas nas escolas rurais públicas e de 66,8% daquelas de instituições urbanas particulares.

Tabela 85 - Meninos são mais bem tratados pelos professores na escola que meninas

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Discordo ou discordo totalmente	Nº meninas	275	783	258	1316
	%	72,8%	82,1%	93,1%	81,8%
Concordo ou concordo totalmente	Nº meninas	49	101	11	161
	%	13,0%	10,6%	4,0%	10,0%
NR	Nº meninas	54	70	8	132
	%	14,3%	7,3%	2,9%	8,2%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A percepção sobre um possível tratamento diferenciado em relação à cor/raça das estudantes revela que 71,8% das meninas não identificam posturas distintas da escola em função da etnia das alunas.

Por outro lado, quase 20% das pesquisadas percebem um tratamento diferenciado, dado que preocupa, já que pode revelar atitudes discriminatórias por parte da escola.

É curioso observar que a estratificação por etnia não revelou discrepâncias significativas na percepção de meninas brancas e pretas/pardas em relação a esse quesito: 74,9% das brancas concordam que meninas de diferentes cores/raças/etnias são tratadas da mesma maneira na escola; 69,8% das pretas/pardas também concordam com a afirmativa.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A maioria das meninas/adolescentes quilombolas discordou da afirmativa de que “meninos são mais bem tratados pelos professores na escola que meninas” (83,9%). O percentual de meninas da amostra quilombola que concordaram com afirmativa foi de 10,7%.

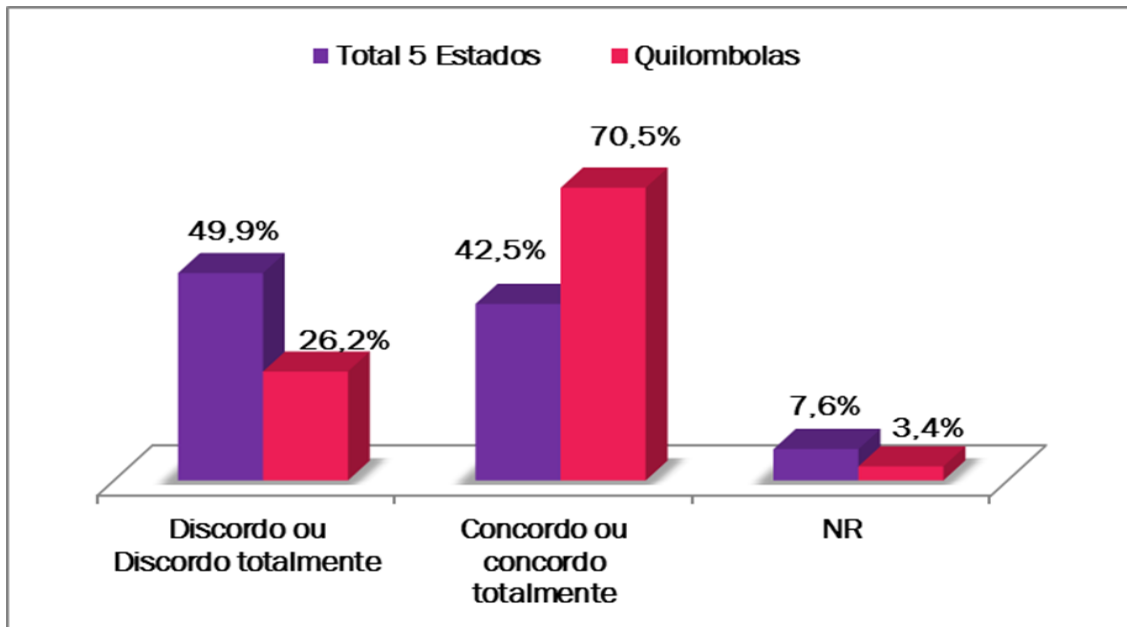
Tabela 86 - Meninos são mais bem tratados pelos professores na escola que meninas

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	740	57	797
	%	46,0%	38,3%	45,3%
Discordo	Nº meninas	576	68	644
	%	35,8%	45,6%	36,6%
Concordo	Nº meninas	101	13	114
	%	6,3%	8,7%	6,5%
Concordo totalmente	Nº meninas	60	3	63
	%	3,7%	2,0%	3,6%
NR	Nº meninas	132	8	140
	%	8,2%	5,4%	8,0%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Contudo, pouco mais da metade delas concordou com a afirmativa de que “os professores ficam surpresos com o que você faz de muito bom porque você é uma menina” (70,5%), enquanto observou-se uma tendência contrária para aquelas meninas da amostra quilombola que discordaram da afirmativa (26,2%).

Gráfico 11 - Os professores ficam surpresos com o que eu faço por eu ser menina



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Por outro lado, a maioria das meninas/adolescentes da amostra quilombola concordou com a afirmativa de “meninas de diferentes cores/raças/etnias são tratadas da mesma maneira na escola” (78,5%), e percentuais bem inferiores discordou da referida assertiva (16,8%).

Satisfação e bem estar na escola:

Amostra-Escola: De modo geral, as meninas/adolescentes gostam da escola em que estudam e dos profissionais que nela atuam, principalmente dos professores, com quem podem contar, na opinião da ampla maioria das pesquisadas. Quando apresentadas à frase “normalmente gosto de ir à escola”, 81,6% responderam que sim e apenas 10,5% disseram que não. Da mesma forma, 81,8% afirmaram que gostam da escola onde estudam e 81,9% se sentem bem quando estão na escola.

Tabela 87 - Eu me sinto bem quando estou na escola

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	3	18	15	6	2	44
	% UF	,8%	4,8%	4,1%	2,2%	,9%	2,7%
Discordo	Nº meninas	11	15	41	30	13	110
	% UF	3,0%	4,0%	11,3%	11,1%	5,7%	6,8%
Concordo	Nº meninas	177	178	169	129	141	794
	% UF	47,7%	47,2%	46,7%	47,6%	61,8%	49,3%
Concordo totalmente	Nº meninas	162	113	95	96	58	524
	% UF	43,7%	30,0%	26,2%	35,4%	25,4%	32,6%
NR	Nº meninas	18	53	42	10	14	137
	% UF	4,9%	14,1%	11,6%	3,7%	6,1%	8,5%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As meninas de 11 a 14 anos são relativamente menos positivas em relação ao que sentem pela escola, aproximadamente 15% delas não gostam de ir para a escola e/ou não gostam da escola onde estudam. Esse percentual fica acima da média geral e, principalmente, da encontrada no grupo com menor idade (6 a 10 anos), que ficou em torno de 5%.

Já o tipo e a localização da escola não se mostraram fatores determinantes para que as meninas gostem mais ou menos do lugar onde estudam. O mesmo pode ser dito em relação à etnia.

No que se refere à relação com os profissionais e colegas da escola, a maioria das meninas/adolescentes (78,8%) disse que gosta de seus professores e 77,2% que podem contar com eles.

O número de meninas que concordou com a afirmativa de que podem contar com outros profissionais da escola (orientador, coordenador) foi um pouco menor, 69,6%.

Já os colegas da escola parecem bem menos confiáveis aos olhos das meninas pesquisadas, 29,4% delas discordam da assertiva de que confiam nos seus pares. Para outras 59,8%, eles são confiáveis. Embora menor, quando comparado à confiança dispensada ao corpo técnico da escola, esse percentual ainda reflete a percepção da maioria.

Seguindo a tendência já observada em relação à faixa etária, as meninas entre 11 e 14 anos continuam demonstrando uma avaliação menos positiva sobre a escola e sobre a relação que elas têm com as pessoas nesse ambiente, sejam profissionais ou colegas de classe. É significativa a diferença, por grupo etário, das meninas que discordam das afirmativas:

- “Gosto da maioria dos meus professores”: 5,2% das meninas de 6 a 10 anos discordam; 17,5% das meninas entre 11 e 14 anos discordam.
- “Posso contar com meus professores”: 5,6% das meninas de 6 a 10 anos discordam; 21,1% das meninas entre 11 e 14 anos discordam.
- “Posso contar com técnicos da escola”: 12,3% das meninas de 6 a 10 anos discordam; 25,4% das meninas entre 11 e 14 anos discordam.
- “Confio nos meus colegas”: 24,2% das meninas de 6 a 10 anos discordam; 34,3% das meninas entre 11 e 14 anos discordam.

Embora não haja diferenças significativas entre o número de meninas que gosta dos professores nos tipos de escola (variação entre 77,6% e 78%), as meninas das escolas urbanas particulares discordam com maior frequência da indicação de que podem confiar neles, 17%, comparado ao índice de 8,5% encontrado nas escolas rurais públicas.

De acordo com o que informaram as entrevistadas, a maioria delas se sente à vontade para expressar suas ideias dentro de sala de aula (72,3%). De todo modo, é significativo o número de meninas que não se sente à vontade para tanto (21,2%). Não se sabe, no entanto, se esse desconforto é decorrentes de traços de personalidade menos extrovertidos ou de dificuldades apresentadas pela dinâmica do professor em sala de aula. As meninas de 11 a 14 anos se sentem menos à vontade (27,8%) que as de 6 a 10 anos (14,1%).

A proporção de meninas que querem continuar na escola onde estavam no momento da pesquisa se mostra coerente com as demais respostas oferecidas por elas nessa seção: 77,7% concordam que querem continuar os estudos na mesma instituição e 13,1% discordam. Mais uma vez, os níveis de discordância são maiores entre as meninas mais velhas, de modo que 22,5% delas não querem continuar na mesma escola. Entre as mais novas, esse percentual foi de 8,2%.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A grande maioria das meninas/adolescentes da amostra quilombola declarou gostar ir à escola (93,3%) e gostar da escola que estudam (88,6%). Consequentemente, a maioria delas afirmou se sentir bem na escola (88,6%). Vale registrar o percentual das meninas/adolescentes da amostra quilombola que declarou discordar da afirmativa de que elas se sentem bem na escola, que foi apenas de 7,4%.

Tabela 88 - Eu me sinto bem quando estou na escola

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	44	6	50
	%	2,7%	4,0%	2,8%
Discordo	Nº meninas	110	5	115
	%	6,8%	3,4%	6,5%
Concordo	Nº meninas	794	86	880
	%	49,3%	57,7%	50,1%
Concordo totalmente	Nº meninas	524	46	570
	%	32,6%	30,9%	32,4%
NR	Nº meninas	137	6	143
	%	8,5%	4,0%	8,1%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Uma das razões pelas quais as meninas/adolescentes da amostra quilombola gostam da escola pode estar relacionada com o fato delas, em geral, gostarem dos professores: 87,2% delas concordaram com a frase “gosto da maioria dos meus professores” e que “podem contar com eles” (81,9%).

Também, em relação aos técnicos da escola, a maioria das meninas sente que pode contar com eles, embora os percentuais de concordância (68,5%) tenha caído um pouco em relação aos professores (81,9%). Conseqüentemente, os percentuais daquelas que discordaram da afirmativa dos técnicos foram maiores (27,5%) do que aqueles alcançados quando a questão se relacionou aos professores (14,8%). As meninas da amostra quilombola também afirmaram confiar nos colegas da escola (64,4%). Contudo, praticamente um terço delas discordou da afirmativa (31,5%).

Mais de 70% das meninas/adolescentes da amostra quilombola (71,8%) concordaram com a expressão “sinto-me à vontade para expressar minha dúvida ou opinião em sala de aula”. O percentual de discordantes foi, no entanto, cerca de ¼ das participantes, 24,2%.

Tabela 89 - Sinto-me à vontade para expressar minha dúvida ou opinião em sala de aula

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	100	14	114
	%	6,2%	9,4%	6,5%
Discordo	Nº meninas	241	22	263
	%	15,0%	14,8%	15,0%
Concordo	Nº meninas	606	70	676
	%	37,7%	47,0%	38,5%
Concordo totalmente	Nº meninas	492	37	529
	%	30,6%	24,8%	30,1%
NR	Nº meninas	170	6	176
	%	10,6%	4,0%	10,0%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quase 80% das meninas/adolescente da amostra quilombola (77,2%) afirmaram querer continuar seus estudos na mesma escola onde já estão estudando. Já os percentuais de discordância das meninas/adolescentes foi de 19,5%.

No geral, as amostras se comportaram de forma similar. No entanto, as meninas da amostra quilombola demonstraram um pouco mais de satisfação em relação ao ambiente escolar quando comparadas às meninas da amostra-escola.

3.5) Trabalho infantil

Percentuais de trabalho infantil:

Amostra-Escola: Uma seção da pesquisa foi dedicada especialmente a questões relacionadas ao trabalho infantil, tendo com uma das finalidades aferir o cumprimento do ECA no que tange à proibição do trabalho de menores de 16 anos, excetuando-se a condição de aprendiz (acima de 14 anos).

Praticamente três quartos das participantes da pesquisa declararam não trabalhar (75,7%), em que pese os afazeres domésticos ocupar bastante espaço no tempo que as meninas tem fora da escola. Do total das participantes da Amostra-Escola, 6,6% delas, 106 meninas em número absolutos, declararam já ter tido experiência laboral em algum momento da vida, mas que não estavam trabalhando no momento da realização da pesquisa. O Estado de São Paulo contribuiu para a elevação percentual da média nacional, onde 9,7% de meninas se encontravam nessa situação.

Tabela 90 - Como é sua situação de trabalho?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca trabalhei	Nº meninas	305	266	243	222	182	1218
	% UF	82,2%	70,6%	67,1%	81,9%	79,8%	75,7%
Já trabalhei mas não trabalho atualmente	Nº meninas	23	21	35	12	15	106
	% UF	6,2%	5,6%	9,7%	4,4%	6,6%	6,6%
Estou trabalhando	Nº meninas	13	32	34	20	16	115
	% UF	3,5%	8,5%	9,4%	7,4%	7,0%	7,1%
Estou procurando trabalho	Nº meninas	3	10	16	7	1	37
	% UF	,8%	2,7%	4,4%	2,6%	,4%	2,3%
NR	Nº meninas	31	60	49	14	17	171
	% UF	8,4%	15,9%	13,5%	5,2%	7,5%	10,6%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

- Chama a atenção, no entanto, que 7,1% (115 meninas), contrariando as proibições legais do ECA, declararam estar trabalhando no momento de realização da pesquisa. Contribuíram para elevar os índices da média nacional, os percentuais declarados pelas meninas do Estado de São Paulo e do Maranhão, com respectivamente 9,4% e 8,5%. As meninas do Estado do Pará apresentaram, por sua vez, os percentuais mais reduzidos de meninas que informaram estar trabalhando (3,5%).

- Chama atenção ainda que 2,3% das participantes, o equivalente a 37 meninas em números absolutos, tenham declarado estar em busca de trabalho, quando este expressamente proibido no grupo etário compreendido nesta pesquisa. As meninas do Estado de São Paulo apresentaram os maiores percentuais de meninas que se encontram nesta condição (4,4%).

Dentre as meninas que trabalham, o maior percentual delas afirmou estar realizando trabalho doméstico (37,4%, 43 meninas em número absoluto) quando comparado aos trabalhos nos demais setores econômicos. Contribuíram para elevar esses índices, os percentuais registrados pelas meninas do Estado do Mato Grosso (50%) e do Pará (46,2%).

- O trabalho no setor econômico comércio, foi apontado em segundo lugar de recorrência entre as meninas, com 16,5% pontos percentuais. As meninas dos Estados de São Paulo, apresentaram percentuais acima da média nacional em 10 pontos percentuais (26,5%).

- Apesar dos baixos percentuais individuais verificados para cada uma das atividades econômicas - agricultura/pecuária/pesca , indústria, na rua e na área administrativa quando somados juntos, esses percentuais alcançam praticamente 20% (22 meninas), agravando a preocupação o fato de muitas das atividades realizadas por essas meninas serem encontradas entres as “piores formas de trabalho infantil”.

Tabela 91 - Onde Trabalha?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Trabalho em comércio (em loja, mercados, etc.)	Nº meninas	0	4	9	4	2	19
	% UF	,0%	12,5%	26,5%	20,0%	12,5%	16,5%
Trabalho na rua (vendendo coisas, reciclagem, catação, engraxate, vigiando ou limpando carros, etc.)	Nº meninas	0	2	1	2	1	6
	% UF	,0%	6,3%	2,9%	10,0%	6,3%	5,2%
Faço trabalho doméstico na casa de outras pessoas (cuidado de crianças, limpando, passando, etc.)	Nº meninas	6	12	10	7	8	43
	% UF	46,2%	37,5%	29,4%	35,0%	50,0%	37,4%
Trabalho na agricultura, pecuária ou pesca	Nº meninas	1	0	6	0	1	8
	% UF	7,7%	,0%	17,6%	,0%	6,3%	7,0%
Trabalho na área administrativa (office-boy, secretária, informática, etc.)	Nº meninas	0	1	0	0	0	1
	% UF	,0%	3,1%	,0%	,0%	,0%	,9%
Trabalho em indústria/fábrica	Nº meninas	0	2	4	1	0	7
	% UF	,0%	6,3%	11,8%	5,0%	,0%	6,1%
Trabalho em outro lugar.	Nº meninas	2	14	9	4	1	30
	% UF	15,4%	43,8%	26,5%	20,0%	6,3%	26,1%

- A análise desagregada dos dados por grupo etário, aponta que é entre as adolescentes do Grupo Etário 2 (11 a 14 anos), como se poderia supor, onde se registram os maiores percentuais de meninas que declararam estar trabalhando: 10,5% para G2 versus 3,5% para o G1.

Tabela 92 - Como é sua situação de trabalho?

		G1 - 6 a 10 anos	G2 - 11 a 16 anos	NR	Total
Nunca trabalhei	Nº meninas	590	622	6	1218
	%	77,0%	74,5%	75,0%	
Já trabalhei mas não trabalho atualmente	Nº meninas	23	83	0	106
	%	3,0%	9,9%	,0%	
Estou trabalhando	Nº meninas	27	88	0	115
	%	3,5%	10,5%	,0%	
Estou procurando trabalho	Nº meninas	5	32	0	37
	%	,7%	3,8%	,0%	
NS/NR	Nº meninas	128	41	2	171
	%	16,7%	4,9%	25,0%	
Total	Nº meninas	766	835	8	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

- Com referência à análise dos cruzamentos por tipo/área escola, não é de se surpreender o fato das meninas das escolas particulares haver apresentado os maiores percentuais de nunca terem trabalho (88,8%), contra 75,5% das meninas das escolas públicas urbanas e 66,7% das escolas públicas rurais, numa clara evidencia do papel das condições sociais na existência do trabalho infantil.

O recorte analítico por etnia confirma dados de pesquisas sobre o trabalho infantil os percentuais de meninas afrodescendentes que declararam estar trabalhando são maiores (7,6%) do que aqueles registrados pelas meninas brancas (6,2%).

De igual forma, mais meninas afrodescendentes que brancas estão trabalhando na agricultura (8,2% x 5,1%), na rua (6,8% x 2,6%) e no comércio (17,8% x 12,8%).

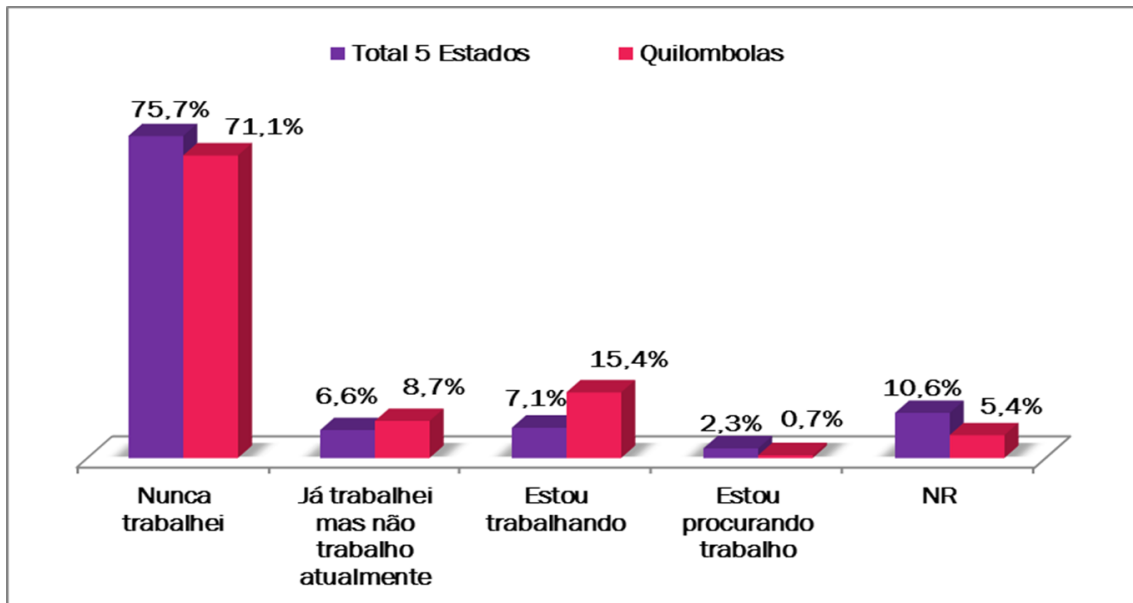
Merece reflexão, contudo, o fato da pesquisa haver registrado um percentual levemente maior de meninas brancas em busca de trabalho (2,9%) do que de meninas afrodescendentes nessa situação (1,9%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola : Em geral, ainda que de forma pouco acentuada, as meninas quilombolas estão mais expostas à situação de trabalho do que as meninas da amostra-escola.

Embora com diferenças percentuais não muito acentuadas, as meninas da amostra-escola que declararam nunca haver trabalhado foi de 75,7 pontos percentuais, contrapondo-se com percentuais aferidos pelas meninas quilombolas que nunca tiveram experiência de trabalho (71,1%). Essa maior exposição das meninas quilombolas ao trabalho infantil pode ser evidenciada nos percentuais daquelas que declaram estar trabalhando: 15,4% das meninas quilombolas estavam trabalhando no momento da realização da pesquisa, enquanto apenas 7,1% das participantes da amostra-escola se encontravam nessa condição.

Contudo, chama atenção que mais meninas da amostra-escola tenham declarado estar procurando trabalho do que meninas quilombolas.

Gráfico 12 - Como é sua situação de trabalho?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Na análise comparada entre amostra Quilombola e Amostra-Escola, o setor econômico onde se verifica maior participação do trabalho de menina quilombola é no trabalho doméstico, cujos percentuais foram de 17,4% versus 37,4% registrados para a Amostra-Escola, demonstrando-se, no entanto, mais recorrente para as meninas da amostra-escola.

Foi na agricultura onde se registrou o segundo maior percentual de distribuição do trabalho entre as meninas quilombolas (8,7%), restando ainda maior recorrência quando comparados com os 7% das meninas da amostra-escola que trabalham nesse segmento da economia.

Os motivos do trabalho infantil:

Amostra-Escola: Os principais motivos para estarem trabalhando declarados pelas meninas/adolescentes foram os seguintes e na seguinte escala: “por gostar” (54,8%), “para ganhar dinheiro para se divertir” (42,6%), “para ajudar a família” e “para juntar dinheiro” (32,2%). Contudo, chama a atenção o fato de 8,7% terem declarado estar trabalhando “por que me mandam”.

Tabela 93 - Por quê VOCÊ trabalha?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Por que gosto	Nº meninas	4	21	19	11	8	63
	% UF	30,8%	65,6%	55,9%	55,0%	50,0%	54,8%
Por que tenho que ajudar a família	Nº meninas	3	18	6	5	5	37
	% UF	23,1%	56,3%	17,6%	25,0%	31,3%	32,2%
Por que quero dinheiro para mim (divertir, comprar coisas)	Nº meninas	4	13	16	8	8	49
	% UF	30,8%	40,6%	47,1%	40,0%	50,0%	42,6%
Por que quero juntar dinheiro para o futuro	Nº meninas	2	15	10	6	4	37
	% UF	15,4%	46,9%	29,4%	30,0%	25,0%	32,2%

Por que me mandam	Nº meninas	1	7	1	1	0	10
	% UF	7,7%	21,9%	2,9%	5,0%	,0%	8,7%
Outros	Nº meninas	0	3	2	1	0	6
	% UF	,0%	9,4%	5,9%	5,0%	,0%	5,2%
NS/NR	Nº meninas	1	3	7	0	0	11
	% UF	7,7%	9,4%	20,6%	,0%	,0%	9,6%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Ao contrário do que se poderia prever, os percentuais registrados pelas meninas do grupo etário G1 (6 a 10 anos) para as alternativas “trabalha para ajudar a família” e para “juntar dinheiro para o futuro” foram expressivamente maiores (cerca de 30 pontos percentuais) do que os declarados pelas meninas componentes do G2 (11 a 14 anos). Para ambas alternativas verificou-se 55,6% para o G1 e 25% para o G2.

Também foi entre meninas do Grupo Etário 1 que se registrou os maiores percentuais para “trabalho por que me mandam”: 14,8% versus 6,8% para o grupo etário de maior idade.

Tabela 94 - Por quê VOCÊ trabalha?

		G1 - 6 a 10 anos	G2 - 11 a 16 anos	NR	Total
Por que gosto	Nº meninas	15	48	63	126
	%	55,6%	54,5%	54,8%	
Por que tenho que ajudar a família	Nº meninas	15	22	37	74
	%	55,6%	25,0%	32,2%	
Por que quero dinheiro para mim (divertir, comprar coisas)	Nº meninas	7	42	49	98
	%	25,9%	47,7%	42,6%	
Por que quero juntar dinheiro para o futuro	Nº meninas	15	22	37	74
	%	55,6%	25,0%	32,2%	
Por que me mandam	Nº meninas	4	6	10	20
	%	14,8%	6,8%	8,7%	

Outros	Nº meninas	2	4	6	12
	%	7,4%	4,5%	5,2%	
NS/NR	Nº meninas	3	8	11	22
	%	11,1%	9,1%	9,6%	
Total	Nº meninas	61	152	213	426
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Já a análise do recorte por tipo/área escola, como seria de se esperar, indicou que as meninas da escola pública rural apresentaram maiores percentuais para a opção trabalhar para ajudar a família (55,2%) do que aqueles encontrados pelas meninas das escolas urbana pública (24%) e particular (27,3%).

Tabela 95 - Por que VOCÊ trabalha?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Por que gosto	Nº meninas	16	41	6	63
	%	55,2%	54,7%	54,5%	54,8%
Por que tenho que ajudar a família	Nº meninas	16	18	3	37
	%	55,2%	24,0%	27,3%	32,2%
Por que quero dinheiro para mim (divertir, comprar coisas)	Nº meninas	10	36	3	49
	%	34,5%	48,0%	27,3%	42,6%
Por que quero juntar dinheiro para o futuro	Nº meninas	11	22	4	37
	%	37,9%	29,3%	36,4%	32,2%
Por que me mandam	Nº meninas	5	4	1	10
	%	17,2%	5,3%	9,1%	8,7%
Outros	Nº meninas	1	4	1	6
	%	3,4%	5,3%	9,1%	5,2%
NS/NR	Nº meninas	2	7	2	11
	%	6,9%	9,3%	18,2%	9,6%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Por sua vez, vale ressaltar que o percentual de meninas da escola rural que declarou estar trabalhando por serem mandadas (17,2%) é bem maior para as meninas das escola urbana pública (5,3%) e urbana particular (9,1%).

A pesquisa também identificou que os percentuais de meninas afrodescendentes que declararam estar trabalhando porque são mandadas (11%) é maior do aqueles verificados por meninas brancas (2,6%), também porque precisam ajudar a família: 37% versus 23,1%, porque querem juntar dinheiro para o futuro: 34,2% contra 28,2% e, também, porque mandam: 11% versus 2,6%. Contudo, ainda que com diferença de pouco mais de 6 pontos percentuais, as meninas brancas trabalham mais do que as afrodescendentes para fins de diversão: 46,2% 39,7%.

Tabela 96 - Por quê VOCÊ trabalha?

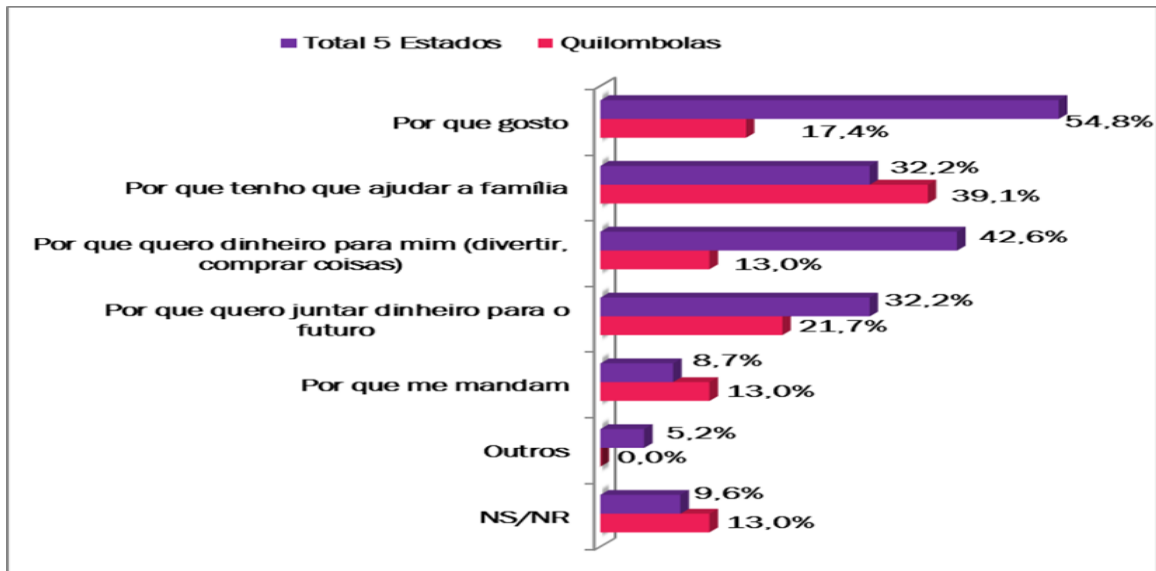
		Branca	Preta/parda	Outra	Total
Por que gosto	Nº meninas	20	40	3	63
	%	51,3%	54,8%	100,0%	54,8%
Por que tenho que ajudar a família	Nº meninas	9	27	1	37
	%	23,1%	37,0%	33,3%	32,2%
Por que quero dinheiro para mim (divertir, comprar coisas)	Nº meninas	18	29	2	49
	%	46,2%	39,7%	66,7%	42,6%
Por que quero juntar dinheiro para o futuro	Nº meninas	11	25	1	37
	%	28,2%	34,2%	33,3%	32,2%
Por que me mandam	Nº meninas	1	8	1	10
	%	2,6%	11,0%	33,3%	8,7%
Outros	Nº meninas	2	4	0	6
	%	5,1%	5,5%	,0%	5,2%
NS/NR	Nº meninas	5	6	0	11
	%	12,8%	8,2%	,0%	9,6%
Total	Nº meninas	66	139	8	213
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Visivelmente a situação de trabalho atinge uma maior proporção de meninas quilombolas do que meninas de outros segmentos sociais que compuseram a Amostra-Escola. Da mesma forma, o trabalho para elas é, em maior medida, uma forma de compromisso com a manutenção do grupo familiar do que uma forma de autofinanciamento da cultura juvenil. Essa observação vale mesmo quando são comparadas com as meninas afrodescendentes da zona urbana.

Enquanto a resposta trabalho “porque gosto” foi a que ganhou maior adesão para as meninas da amostra-escola (54,8%), dentre as quilombolas a resposta mais recorrente foi “porque tenho que ajudar a família” (39,1%). Enquanto “trabalho porque quero dinheiro para mim” ganhou a segunda posição na média geral das meninas da amostra-escola (42,6%), para as meninas quilombolas foi “porque quero juntar dinheiro para o futuro” (21,7%). Nesta mesma direção, os percentuais de “trabalho porque me mandam” foi maior entre as meninas quilombolas do que da amostra-escola: 13% versus 8,7%.

Gráfico 13 - Por quê VOCÊ trabalha?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Analisando comparativamente meninas quilombolas e afrodescendentes da amostra-escola, embora os percentuais para cada uma das alternativas estejam numericamente mais próximos do que das meninas que se autodeclaram brancas, as diferenças se mantem: Enquanto “trabalhar porque gosto” recebeu adesão de 54,8% das meninas afrodescendentes, o percentual registrado pelas meninas quilombolas foi de 17,4%. Enquanto 39,7% das meninas afrodescendentes “trabalham porque querem dinheiro para si”, esse percentual entre as meninas quilombolas recebeu uma das mais baixas taxas de adesão: 13,0%.

Embora “trabalhar para ajudar a família” tenha alcançado percentuais semelhantes entre os dois segmentos, ainda assim alcançou maiores percentuais dentre as meninas quilombolas: 37% para as meninas afrodescendentes e 39,1% para as meninas quilombolas. “Trabalhar para juntar dinheiro para futuro” parece um objetivo mais distante para um conjunto maior de meninas quilombolas do que para as meninas afrodescendentes da amostra-escola: 21,7% para as meninas quilombolas versus 34,2% para as meninas afrodescendentes da amostra-escola.

Finalmente, um percentual maior de meninas quilombolas são “obrigadas” a trabalhar (13,0%) em comparação com suas contrapartes afrodescendentes da amostra-escola.

Quando comparadas com as meninas brancas da amostra-escola, em geral as distâncias aumentam ainda mais: “Trabalho por que gosto” (51,3% para as meninas brancas versus 17,4% das meninas quilombolas), “para ajudar a família” (23,1% branca versus 39,1% quilombolas), “Juntar dinheiro para mim” (46,2% x 13,0%), “guardar dinheiro para o futuro” (28,2% x 21,7%). O ponto de maior proximidade foi “trabalhar para guardar dinheiro para o futuro”, que apontou uma diferença de 7,0 pontos percentuais, e, o mais distante, foi “trabalho por que gosto” que alcançou 33,9 pontos percentuais.

3.6) Direitos, Violações e Violência

Grau de conhecimento dos instrumentos que asseguram direitos:

Amostra-Escola: A pesquisa demonstrou que, infelizmente, os instrumentos que asseguram os direitos da criança e do adolescente são ainda bastante desconhecidos por pelo menos 70% das meninas do Brasil. Desses instrumentos foram aferidos o nível de conhecimentos dos seguintes deles:

Declaração Universal dos Direitos da Criança:

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, instrumento pilar para assegurar o direito de proteção integral às crianças e adolescentes no mundo inteiro, tem como média de meninas que “nunca ouviram falar” e que “já ouviram, mas nunca leram” um percentual de **84,3%**. Em geral, os índices estaduais se aproximaram da média nacional, contribuindo para elevá-la o Estado do Pará (92,7%) e para reduzi-la o Mato Grosso: 77,2%. Esses dados revelam que as meninas do Pará desconhecem, em maior medida, a Declaração Universal e o que Mato Grosso a desconheça um pouco menos. Observando essas categorias individualmente, as meninas do Estado do Pará apresentaram o maior percentual para a categoria “nunca ouvi falar” (69,0%).

Tabela 97 - Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959)

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca ouvi falar	Nº meninas	256	169	180	139	116	860
	% UF	69,0%	44,8%	49,7%	51,3%	50,9%	53,4%
Já ouvi falar, mas não li	Nº meninas	88	124	119	106	60	497
	% UF	23,7%	32,9%	32,9%	39,1%	26,3%	30,9%
Já li partes	Nº meninas	10	18	18	6	12	64
	% UF	2,7%	4,8%	5,0%	2,2%	5,3%	4,0%
Já li os documentos oficiais inteiros	Nº meninas	2	4	2	0	1	9
	% UF	,5%	1,1%	,6%	,0%	,4%	,6%

Já li versões feitas para crianças e adolescentes	Nº meninas	6	14	8	5	4	37
	% UF	1,6%	3,7%	2,2%	1,8%	1,8%	2,3%
NR	Nº meninas	9	48	35	15	35	142
	% UF	2,4%	12,7%	9,7%	5,5%	15,4%	8,8%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Nos cruzamentos por tipo/área da escola e etnia observou-se comportamento similar à média nacional. Quanto ao grupo etário, embora a soma das categorias “nunca ouvi falar” e “já ouvi falar mas não li” estejam próximas nas duas faixas etária - 81,8% para G1 e 86,9% para o G2, a observação individual da categoria nunca ouvi falar apontou um grande descompasso entre os dois grupos etários: muito mais meninas do grupo etário 1 (06 a 10 anos) do que do Grupo Etário 2 (11 a 14 anos) encontram-se nessa posição: 64,4% versus 43,4%, respectivamente.

Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança:

Em relação à Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança – o principal documento que assegura universalmente direitos para as crianças e adolescentes - a média nacional acompanhou, com uma leve diferença, os percentuais médios de desconhecimento observados para a Declaração Universal dos Direitos da Criança: **82,3%** para a Convenção e 84,3% para a Declaração, para as categorias “nunca ouvi falar” e “já ouvi falar, mas nunca li”, somadas juntamente. Os índices dos Estados, para as duas categorias, se aproximaram da média nacional, com oscilações de 8,5 pontos percentuais para além dela nos Estados do Pará e do Rio Grande do Sul: 90,8% e abaixo dela no Estado do Maranhão (74%). Embora não tenham sido identificadas consideráveis oscilações para os recortes de grupo etário, tipo/área escola e etnia para os totais dessas duas categorias somadas juntas.

Vale ressaltar que os percentuais de meninas do Grupo Etário 1 (6 a 10) apresentam índices relativamente maiores para a categoria “nunca ouvi falar” do aqueles registrados pelas adolescentes do Grupo Etário 2: 56,8% versus 41,6%.

Tabela 98 - Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca ouvi falar	Nº meninas	239	144	152	140	112	787
	% UF	64,4%	38,2%	42,0%	51,7%	49,1%	48,9%
Já ouvi falar, mas não li	Nº meninas	98	135	129	106	69	537
	% UF	26,4%	35,8%	35,6%	39,1%	30,3%	33,4%
Já li partes	Nº meninas	14	20	28	10	8	80
	% UF	3,8%	5,3%	7,7%	3,7%	3,5%	5,0%
Já li os documentos oficiais inteiros	Nº meninas	4	5	3	2	0	14
	% UF	1,1%	1,3%	,8%	,7%	,0%	,9%
Já li versões feitas para crianças e adolescentes	Nº meninas	4	12	9	2	3	30
	% UF	1,1%	3,2%	2,5%	,7%	1,3%	1,9%
NR	Nº meninas	12	61	41	11	36	161
	% UF	3,2%	16,2%	11,3%	4,1%	15,8%	10,0%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Em relação à legislação mais importante do País para a proteção dos direitos da criança e do adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a média nacional das meninas que “nunca ouviram falar” e que “já ouviram, mas nunca leram” chega a **70,6%**.

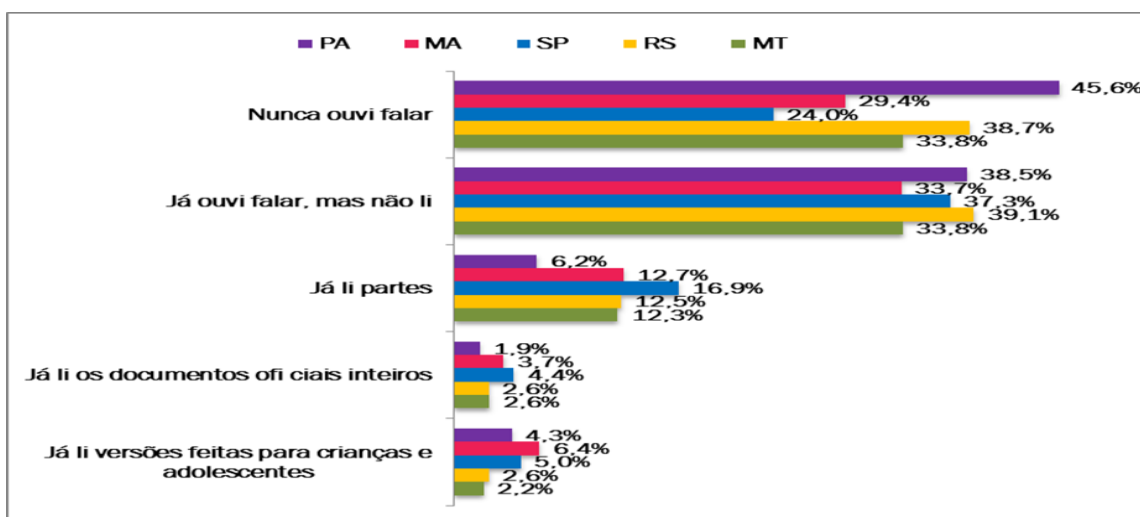
Tabela 99 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca ouvi falar	Nº meninas	169	111	87	105	77	549
	% UF	45,6%	29,4%	24,0%	38,7%	33,8%	34,1%
Já ouvi falar, mas não li	Nº meninas	143	127	135	106	77	588
	% UF	38,5%	33,7%	37,3%	39,1%	33,8%	36,5%
Já li partes	Nº meninas	23	48	61	34	28	194
	% UF	6,2%	12,7%	16,9%	12,5%	12,3%	12,1%
Já li os documentos oficiais inteiros	Nº meninas	7	14	16	7	6	50
	% UF	1,9%	3,7%	4,4%	2,6%	2,6%	3,1%
Já li versões feitas para crianças e adolescentes	Nº meninas	16	24	18	7	5	70
	% UF	4,3%	6,4%	5,0%	2,6%	2,2%	4,4%
NR	Nº meninas	13	53	45	12	35	158
	% UF	3,5%	14,1%	12,4%	4,4%	15,4%	9,8%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Chama atenção, contudo, a variação da média observada no Estado do Pará, alcançando índices de 84,1% de desconhecimento do instrumento. Nesta mesma direção vale observar que foi também no Estado do Pará onde se observaram os maiores índices de “nunca ouvi falar” do Estatuto da Criança e do Adolescente 45,6%.

Gráfico 14 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Do lado positivo da questão, a melhor performance em termos de conhecimento do ECA foi registrada pelas meninas do Estado de São Paulo onde 26,3% delas que já leram algum tipo de versão desse Diploma Legal.

A análise por etnia acompanhou a tendência da média nacional. Quando analisada, no entanto, na desagregação por grupo etário, como era de se esperar, as meninas do grupo etário 1 (6-10 anos) apresentaram um índice maior de desconhecimento: 76,1% contra 65,7% do grupo etário 2 (11 a 14 anos). Registrando-se que praticamente a metade das meninas do GE 1 nunca ouviram falar do ECA (49,6%).

Os índices de desconhecimento do ECA são maiores para as meninas da zona rural. O cruzamento por tipo/área de escola identificou que enquanto 70,0% das meninas das escolas públicas urbanas e 63,9% das escolas particulares urbanas “nunca ouviram falar” do ECA ou “já ouviram falar, mas não leram”, os índices para as meninas da escola rural que desconhecem ECA são da ordem de 77,2%.

Lei 11.525/2007

No tocante à Lei 11.525 de 2007, que dispõe sobre a obrigação do Ensino dos Direitos da Criança e do Adolescente no ensino fundamental da rede de ensino, esta foi também, em grande parte, desconhecida pelas meninas participantes da pesquisa, alcançando o percentual de **79,3%**. Os índices dos Estados obedeceram a tendência da média nacional com oscilação de aproximadamente 10 pontos percentuais para cima da média, novamente no Estado do Pará: 89,8%. Nas análises desagregadas, a tendência percentual não foi diferente da média nacional.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Da mesma forma que o registrado na amostra-escola, o grau de conhecimento dos principais documentos que asseguram direitos à criança e ao adolescente foi extremamente baixo na amostra das meninas quilombolas:

- 72,5% das meninas quilombolas nunca ouviram falar da Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e outras 19,5% já ouviram falar do documento mas não o leram, **totalizando 92%** , posicionando-se ainda acima do desconhecimento desse instrumento pelas meninas da amostra-escola: **84,3%**

Tabela 100 - Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959)

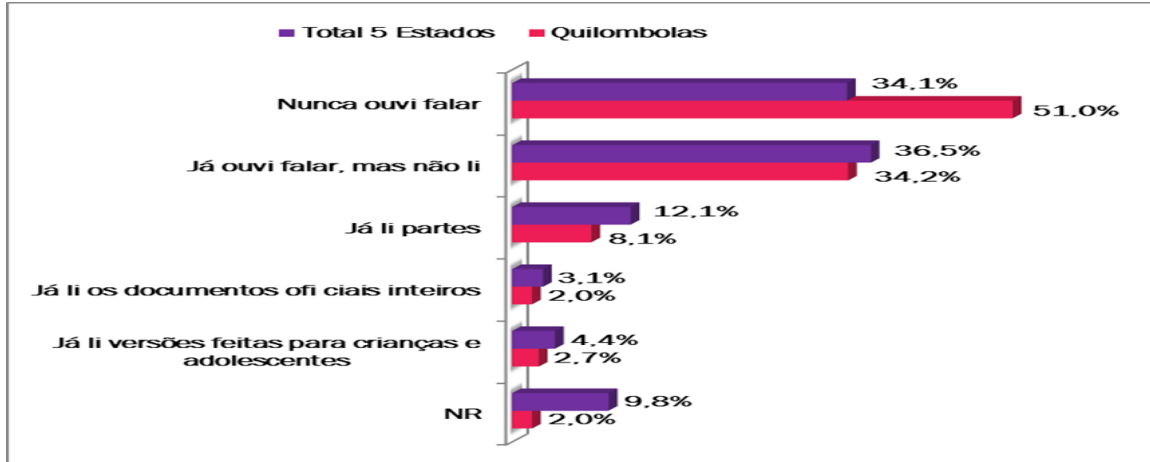
		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Nunca ouvi falar	Nº meninas	860	108	968
	%	53,4%	72,5%	55,1%
Já ouvi falar, mas não li	Nº meninas	497	29	526
	%	30,9%	19,5%	29,9%
Já li partes	Nº meninas	64	4	68
	%	4,0%	2,7%	3,9%
Já li os documentos oficiais inteiros	Nº meninas	9	2	11
	%	,6%	1,3%	,6%
Já li versões feitas para crianças e adolescentes	Nº meninas	37	2	39
	%	2,3%	1,3%	2,2%
NR	Nº meninas	142	4	146
	%	8,8%	2,7%	8,3%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

-
- Um pouco mais da metade das meninas/adolescentes da amostra quilombola também nunca ouviu falar da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1990 (55,7%) e cerca de um terço já ouviu falar, mas não leu (29,5%), **totalizando 85,2%** de meninas que nunca leram nem um tipo de versão da Convenção, ultrapassando levemente a média nacional das meninas da amostra-escola: **82,3%**

- O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ainda é completamente desconhecido pela grande maioria das meninas/adolescentes da amostra quilombola **85,2%**, representando uma diferença considerável em comparação ao resultado da amostra Escola: **70,6%**.

Gráfico 15- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

- Da mesma forma, a Lei 11.525/2007 mostrou-se muito pouco conhecida pelas meninas/adolescentes e provavelmente também para os professores e operadores de direitos: 73,8% delas nunca ouviram falar da Lei e outros 18,8% afirmaram nunca ter lido nenhuma versão da lei, alcançando o índice de **92,6%**, também distanciando-se, em alguma medida, do resultado da amostra-escola: **79,3%**.

Os dados revelam que as meninas quilombolas estão ainda mais desinformadas do que as meninas em geral, quanto aos instrumentos que dispõem sobre a proteção de seus direitos, alcançando índices de desconhecimento médios entre 2 e 15% inferiores àqueles verificados pelas meninas que compuseram a Amostra-Escola, dependendo do instrumento legal em avaliação.

Chama atenção, contudo, que os índices de “nunca ouvi falar” foram acentuadamente maiores para as meninas quilombolas em todos os instrumentos legais (Declaração, Convenção, ECA e Lei 11525) - e que foi em relação ao ECA que a diferença entre os dois segmentos alcançou os maiores percentuais de desconhecimento (14,6%).

Onde aprendem sobre direitos:

Amostra-Escola: Quando perguntadas aonde aprendem sobre seus direitos, a média nacional revelou que em grande parte aprendem na escola (71,4%) e em casa (59,4%).

Chama atenção que os amigos tenham também sido apontados, ainda que em percentual menor (18,1%), como fonte de aprendizado dos direitos e que as meninas do Pará e do Mato Grosso tenham apresentado significativos índices para “nenhum lugar”, respectivamente: 16,4% e 12,7%.

Tabela 101 - Onde você aprende sobre seus direitos?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Na escola	Nº meninas	246	289	268	188	158	1149
	% UF	66,3%	76,7%	74,0%	69,4%	69,3%	71,4%
Com os amigos	Nº meninas	48	75	84	47	38	292
	% UF	12,9%	19,9%	23,2%	17,3%	16,7%	18,1%
Em casa	Nº meninas	188	224	245	173	126	956
	% UF	50,7%	59,4%	67,7%	63,8%	55,3%	59,4%
Nenhum lugar	Nº meninas	61	12	14	16	29	132
	% UF	16,4%	3,2%	3,9%	5,9%	12,7%	8,2%
Na comunidade	Nº meninas	26	55	36	21	17	155
	% UF	7,0%	14,6%	9,9%	7,7%	7,5%	9,6%
Outro lugar	Nº meninas	8	19	22	13	10	72
	% UF	2,2%	5,0%	6,1%	4,8%	4,4%	4,5%

NS/NR	Nº meninas	5	38	35	22	9	109
	% UF	1,3%	10,1%	9,7%	8,1%	3,9%	6,8%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quanto aos percentuais dos cruzamentos por grupo etário, tipo/área escola e etnia, merece destaque o seguinte:

- No cruzamento tipo/área, os percentuais de aprendizagem dos direitos na escola e em casa foram maiores para as meninas de escolas particulares urbanas: 81,2% aprendem sobre seus direitos na escola e 72,2% em casa. Tomando apenas o lócus de maior índices de aprendizagem – a escola -- os percentuais revelados para as meninas de escola rural e urbana pública, ficam significativamente abaixo, respectivamente 71,2% e 68,7%.

Nesta mesma direção, com diferença ainda maior, de quase 20 pontos percentuais, um maior número de meninas da escola particular aprendem mais sobre seus direitos em casa (72,2%) do que quando comparadas às meninas das outras escolas públicas urbana (57,9%) e rural (54%).

Tabela 102 - Onde você aprende sobre seus direitos?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Na escola	Nº meninas	269	655	225	1149
	%	71,2%	68,7%	81,2%	71,4%
Com os amigos	Nº meninas	62	167	63	292
	%	16,4%	17,5%	22,7%	18,1%
Em casa	Nº meninas	204	552	200	956
	%	54,0%	57,9%	72,2%	59,4%
Nenhum lugar	Nº meninas	33	90	9	132
	%	8,7%	9,4%	3,2%	8,2%
Na comunidade	Nº meninas	43	80	32	155
	%	11,4%	8,4%	11,6%	9,6%

Outro lugar	Nº meninas	9	37	26	72
	%	2,4%	3,9%	9,4%	4,5%
NS/NR	Nº meninas	32	63	14	109
	%	8,5%	6,6%	5,1%	6,8%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

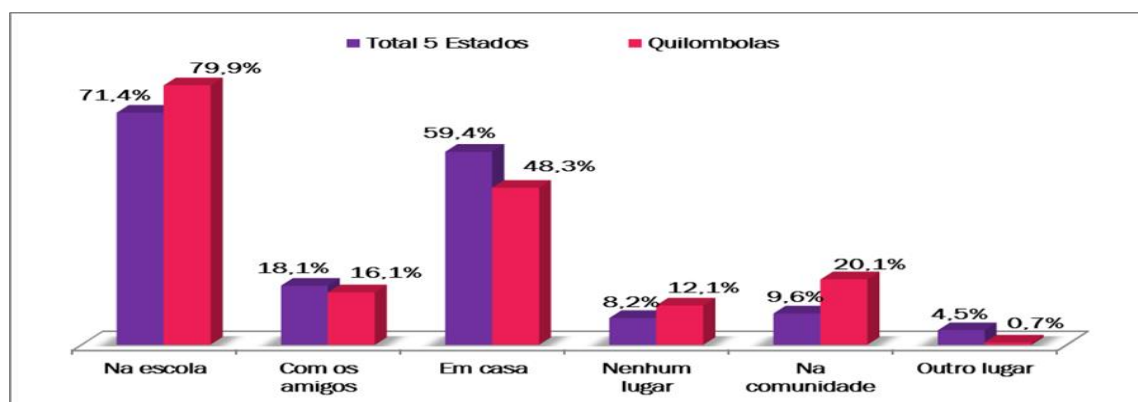
Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Como era de se esperar, conseqüente com o dado de que o percentual de conhecimento dos instrumentos de direitos foram maiores para as meninas do Grupo Etário de maior idade (11 a 14 anos), foram as meninas desse Grupo (grupo etário 2) que apresentaram os maiores percentuais percentuais para o aprendizado de seus direitos na escola e em casa, com oscilação deste diferencial de 15 a 17 pontos percentuais entre os dois grupos etários. Dentre as meninas de 6 a 10 registram respectivamente 62,3% para a escola e 51,0% em casa enquanto que para as adolescentes de 11 a 14 anos observaram-se os percentuais de 80,0% e 67,3%.

Vale também o registro de que os percentuais de não sabem/não responderam foram maiores para meninas do GE1 (11,5%) do que para o GE2 (2,3%). Da mesma formas que os percentuais registrados para “nenhum lugar” foram maiores para as meninas do GE (12,9%) do que para as adolescentes do G2 (3,8%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A perspectiva comparada entre amostra-escola e amostra quilombola demonstrou similaridade na escala de priorização de alternativas sobre o aprendizados dos direitos, com leve oscilação, contudo, entre os resultados. As meninas da amostra quilombola afirmaram aprender sobre seus direitos principalmente a partir das seguintes fontes e na seguinte ordem: na escola (79,9%), em casa (48,3%) e com os amigos (16,1%), demonstrando que, de fato, o aprendizado dos direitos pelas meninas quilombolas e pelas meninas da amostra-escola, em geral, ocorre, em maior grau, na escola.

Gráfico 16- Onde você aprende sobre seus direitos?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os direitos de meninos e meninas são iguais na prática?

Amostra-Escola: Meninos e meninas tem os mesmos direitos? As respostas afirmativas para este questionamento alcançaram, em média, um pouco mais da metade das meninas da amostra-escola (56%). Contudo, vale registrar que quase 40% das meninas responderam negativamente à questão, num claro indicativo de que para elas os direitos entre meninos e meninas são, na prática, desiguais.

Tabela 103 - As leis dizem que direitos de meninos e meninas são iguais. Na prática, você acha que meninos e meninas têm os mesmo direitos?

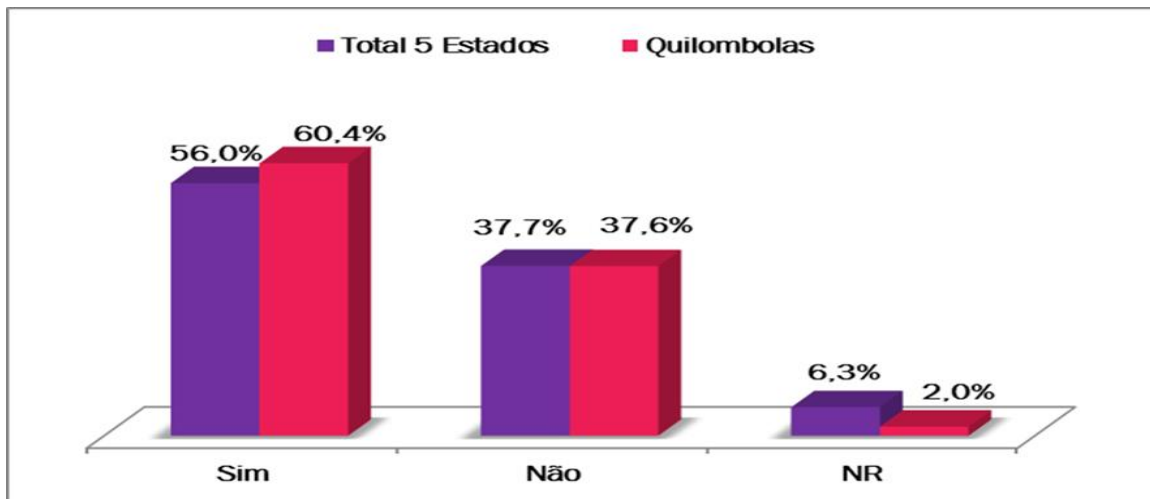
		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	221	195	187	160	138	901
	% UF	59,6%	51,7%	51,7%	59,0%	60,5%	56,0%
Não	Nº meninas	139	147	139	95	86	606
	% UF	37,5%	39,0%	38,4%	35,1%	37,7%	37,7%
NR	Nº meninas	11	35	36	16	4	102
	% UF	3,0%	9,3%	9,9%	5,9%	1,8%	6,3%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Seguiram a mesma tendência da média nacional os percentuais nos Estados e nos cruzamentos por grupo etário, tipo/área da escola e etnia para respostas afirmativas e negativas.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A opinião das meninas/adolescentes da amostra quilombola acompanhou as respostas da média nacional das meninas da amostra-escola. Enquanto 60,4% das meninas quilombolas responderam que sim, meninos e meninas tem o mesmo direito, 37,6% discordaram. Quanto aos percentuais da média nacional das meninas da amostra-escola, os resultados foram equivalentes, com uma pequena oscilação para as respostas afirmativas: 56% e, quase idêntica às das meninas quilombolas para as respostas contrárias à afirmativa: “meninos e meninas tem os mesmos direitos” (37,7%).

Gráfico 17- As leis dizem que direitos de meninos e meninas são iguais. Na prática, você acha que meninos e meninas têm os mesmos direitos?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Percepção sobre desrespeito aos direitos:

Amostra-Escola: A pesquisa quis também aferir se as meninas já tiveram, de alguma forma, seus direitos desrespeitados.

E foi com preocupação que a pesquisa registrou que grande parte delas afirmou que não (60,3%), principalmente levando-se em consideração que a grande maioria das participantes desta pesquisa compõem os estratos “C” e “D” da população, os quais experienciam altos níveis de violação de direitos.

Contrastivamente, em termos de estados considerados em posições econômicas diferenciadas, foram as meninas dos estados do Pará (67,1%) e do Rio Grande do Sul (66,8%) que mais contribuíram para elevar a média das respostas negativas e dos Estados do Maranhão (53,6%) e São Paulo (54,4%) que registraram os menores percentuais de respostas, alegando que nunca tiveram seus direitos respeitados.

Contudo, mesmo que mais baixos, os percentuais das declararam “sim” já terem tido seus direitos desrespeitados são suficientemente altos para preocupar todos aqueles interessados em assegurar que os direitos da criança e do adolescentes sejam respeitados: quase 30% delas responderam positivamente a questão (28,6%).

Os Estados do Maranhão (31,3%) e São Paulo (33,4%) registraram percentuais maiores, ainda que levemente, de meninas que declararam ter tido seus direitos violados, do que a média nacional (28,6%).

Tabela 104 - você já teve seus direitos desrespeitados?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	97	118	121	59	65	460
	% UF	26,1%	31,3%	33,4%	21,8%	28,5%	28,6%
Não	Nº meninas	249	202	197	181	142	971
	% UF	67,1%	53,6%	54,4%	66,8%	62,3%	60,3%
NR	Nº meninas	25	57	44	31	21	178
	% UF	6,7%	15,1%	12,2%	11,4%	9,2%	11,1%

Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Embora fosse de esperar diferenças significativas nos percentuais de declaração afirmativa na experiência de já ter tido direitos violados, os resultados desagregados por grupo etário, etnia, tipo e área de escola acompanharam a média nacional.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Foram muito equivalentes as percepções sobre as violações das meninas da amostra-escola com aquelas registradas pelas meninas da amostra quilombola resultantes da questão abaixo: Enquanto 60,3% das meninas da amostra-escola responderam negativamente à questão, os percentuais para as meninas quilombolas foram de 62,4%.

105 - você já teve seus direitos desrespeitados?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Sim	Nº meninas	460	43	503
	%	28,6%	28,9%	28,6%
Não	Nº meninas	971	93	1064
	%	60,3%	62,4%	60,5%
NR	Nº meninas	178	13	191
	%	11,1%	8,7%	10,9%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Esta pequena diferença nos percentuais de respostas negativas e afirmativas dos estratos das amostras escola e quilombola podem estar significando, como hipótese a ser verificada, que embora os níveis de violações sejam diferenciados, e mesmo a maiores para as meninas quilombolas, a percepção de direitos das meninas, muito influenciada pela escola, apresentem níveis semelhantes.

Dentre as meninas que afirmaram terem tido seus direitos violados, um pouco mais da metade delas (52%) declarou ter buscado ajuda, enquanto 34,6% responderam que não procuraram.

Tabela 106 - Se sim, procurou ajuda?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Não	Nº meninas	33	36	41	14	35	159
	% UF	34,0%	30,5%	33,9%	23,7%	53,8%	34,6%
Sim	Nº meninas	52	61	62	40	24	239
	% UF	53,6%	51,7%	51,2%	67,8%	36,9%	52,0%
NR	Nº meninas	12	21	18	5	6	62
	% UF	12,4%	17,8%	14,9%	8,5%	9,2%	13,5%
Total	Nº meninas	97	118	121	59	65	460
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Em situação de terem seus direitos desrespeitados, as meninas do Estado do Rio Grande do Sul afirmaram ter buscado mais ajuda (67,8%), enquanto as do Mato Grosso do Sul apresentaram um percentual menor 36,9%, quando comparadas à média nacional da amostra-escola.

As análises desta questão sob a ótica dos outros recortes propostos por esta pesquisa indicaram que a condição social e a etnia apresentaram as diferenças mais significativas,

ainda que muito moderadas: Os percentuais de meninas das escolas particulares (54,9%) e das escolas públicas urbanas (52,5%) que declararam ter buscado ajuda foram ligeiramente maiores do que aqueles registrados pelas meninas das escolas públicas rurais (48,6%). Por sua vez, as meninas branca buscam ajuda em percentuais ligeiramente maiores dos que as afrodescendentes: 52,1% e 51,9%, respectivamente.

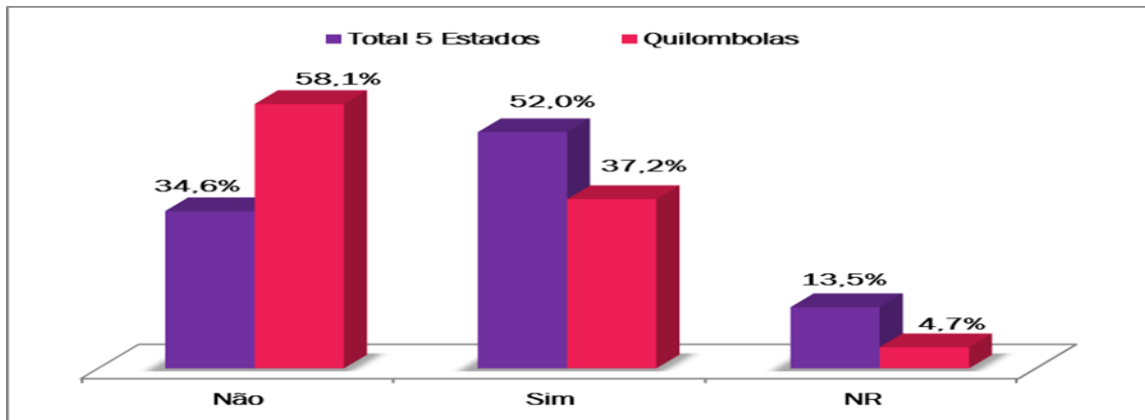
Tabela 107 - Se sim, procurou ajuda?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Não	Nº meninas	45	88	26	159
	%	41,3%	31,4%	36,6%	34,6%
Sim	Nº meninas	53	147	39	239
	%	48,6%	52,5%	54,9%	52,0%
NR	Nº meninas	11	45	6	62
	%	10,1%	16,1%	8,5%	13,5%
Total	Nº meninas	109	280	71	460
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: São altos os índices de meninas quilombolas que declararam “não ter buscado ajuda” em casos de violações dos seus direitos: 58,1% declararam não haver procurado nenhum tipo de ajuda versus 37,2% que disseram ter buscado.

Gráfico 18 - Se sim, procurou ajuda?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Embora na resposta à questão “você já teve seus direitos desrespeitados?” meninas da Amostra-Escola e Quilombolas tenham registrado equivalências, dentre as que declararam ter tido seus direitos desrespeitados, os percentuais das meninas quilombolas que indicaram haver buscado ajuda foram menores do que aqueles registrados para as meninas da Amostra-Escola, respectivamente : 52,0% e 37,2%.

Onde buscam ajuda quando seus direitos são violados:

Amostra-Escola: Outro objetivo da pesquisa foi conhecer a quem as meninas recorrem quando sentem seus direitos violados. Os resultados revelaram que as meninas recorreram muito mais aos canais/mecanismos informais do que aqueles institucionalizados pelo Estado: foram os pais/familiares os entes a quem as meninas mais recorrem (69%). Os amigos e os professores são as pessoas mais procuradas, após os pais/familiares, com percentuais respectivos de 40,2% e 28,5%.

Chama a atenção que os conselhos tutelares, órgãos especificamente criados para a proteção de crianças e adolescentes com direitos ameaçados ou violados tenham ficado muito abaixo na escala pessoas/instituições mais procurados (quarta posição), tendo sido procurados por uma média 4,2% meninas.

A escala gradativa, por estado, também acompanhou a média nacional, com oscilações para cima da média nos Estados de São Paulo (80,6%) e para abaixo no Rio Grande do Sul (57,5%) no que pertine à alternativa pais/familiares. Para a resposta amigos, contribuíram para aumentar a média nacional os índices do Estado do Maranhão (47,5%) e para reduzi-la o Estado do Pará (23,1%). Os dados apontam, portanto, que no Estado do Maranhão “os amigos” das meninas são importantes fontes de consulta em situação de violação de direitos, diferentemente do Estado do Pará. Não se observou oscilações significativas nos Estados para a opção professores/diretores.

Tabela 108 - Quem procurou quando teve seus direitos violados?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Pais, responsáveis ou outros membros da família	Nº meninas	35	39	50	23	18	165
	% UF	67,3%	63,9%	80,6%	57,5%	75,0%	69,0%
Amigos (as)	Nº meninas	12	29	28	17	10	96
	% UF	23,1%	47,5%	45,2%	42,5%	41,7%	40,2%
Professores ou diretores da escola em que estuda	Nº meninas	11	12	21	14	10	68
	% UF	21,2%	19,7%	33,9%	35,0%	41,7%	28,5%
Conselho Tutelar	Nº meninas	3	3	1	3	0	10
	% UF	5,8%	4,9%	1,6%	7,5%	,0%	4,2%
Polícia de proteção da criança e do adolescente	Nº meninas	1	3	3	3	1	11
	% UF	1,9%	4,9%	4,8%	7,5%	4,2%	4,6%
Outra pessoa	Nº meninas	4	4	1	3	1	13
	% UF	7,7%	6,6%	1,6%	7,5%	4,2%	5,4%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

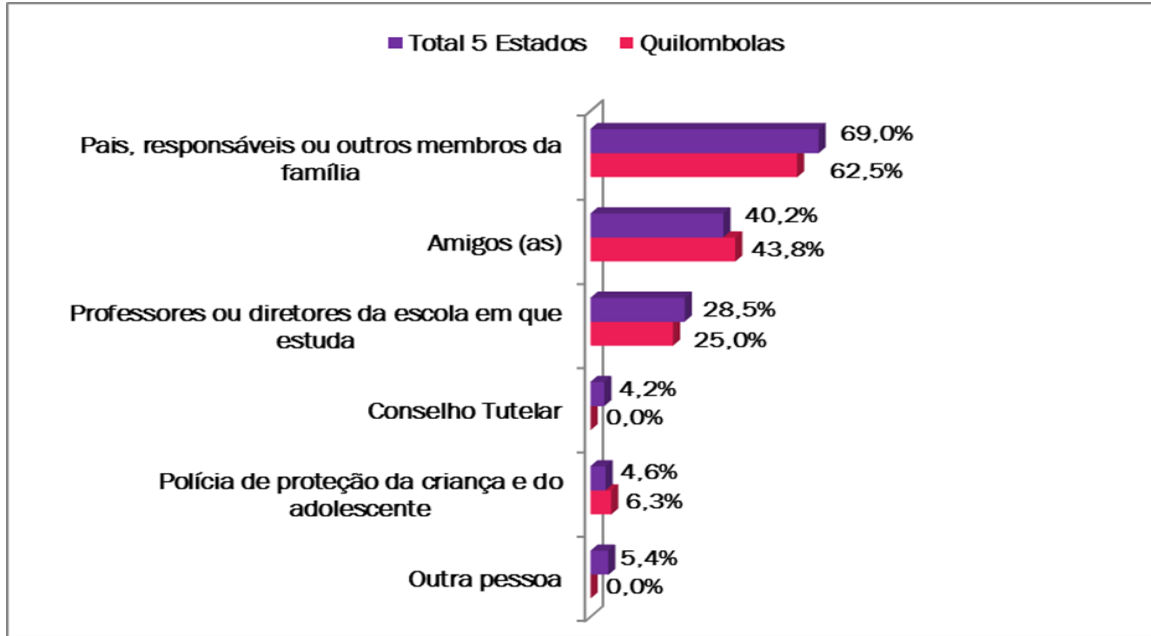
Na análise por grupo etário e por tipo e área da escola, a principal diferença foi registrada para opção “amigos”. Com referência ao grupo etário, como seria de se esperar, um maior percentual de meninas do grupo etário 2 (11 a 14 anos) recorrem aos amigos (50%) do que as meninas que compõem o grupo etário 1 (06 a 10 anos): 25,8%.

Já com relação ao tipo/área, os percentuais de busca dos amigos em caso de violações de direitos para as meninas da escola privada (56,4%) foram ligeiramente maiores do que os registrados pelas meninas da escola pública urbana (41,5%) e muito maiores do que os declarados pelas meninas da escola pública rural (24,5%).

A análise desagregada por etnia não revelou oscilações significativas entre as meninas de cor branca e as afrodescendentes.

A Amostra Quilombola e análise comparada com a Amostra-Escola: Ainda que as meninas quilombolas recorram, na mesma escala gradativa: em primeiro lugar família (62,5%), em segundo, amigos (43,8%) e, em terceiro, professores (25%), os percentuais comparados entre as amostras apresentam contrastes relevantes para aqueles relativos às meninas da amostra-escola, respectivamente: 69%, 40,2% e 28,5%.

Gráfico 19 – Quem procurou quando teve seus direitos desrespeitados?



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2104

Os percentuais das meninas/adolescentes quilombolas que declararam haver buscado ajuda nos órgãos oficiais de garantia de direitos foram muito pequenos, acompanhando a média nacional da amostra-escola. O único órgão mais apontado pelas meninas da amostra quilombola foi a Polícia de proteção da criança e do adolescente: 6,3%. O percentual “0” para busca das meninas quilombolas aos conselhos tutelares pode ser um indicativo do baixo índice de cobertura desses órgãos, nas regiões onde vivem as meninas destas comunidades pesquisadas.

Conhecimento/reconhecimento dos principais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente:

Amostra-Escola: O fato de 460 meninas da Amostra-Escola (28,6%) terem declarado ter tido seus direitos violados e desse montante apenas 239 (um pouco mais da metade delas) declararam haver buscado ajuda para a solucionar a violação e, dessas 239, apenas 6,3% informaram haver procurado os Conselhos Tutelares, estaria relacionado com desconhecimento dos órgãos do Sistema de Garantia de Direitos? Aprofundando um pouco mais sobre os órgãos do Sistema de Garantia de Direitos que as meninas tem conhecimento, chegou-se às seguintes constatações:

- Ao contrário, o Conselho Tutelar é o órgão mais conhecido pelas meninas dos cinco estados, em média de 70,7% das meninas da amostra-escola. Percentuais semelhantes foram registrados em todos estados. Foi no Estado do Rio Grande do Sul onde se registrou a maior taxa percentual de conhecimento do órgão dentre os cinco estados pesquisados: 76,4%

- O Disque 100, após o Conselho Tutelar, é o segundo órgão (serviço) mais conhecido pelas meninas, tendo alcançado uma média de 39,7%. O conhecimento do serviço apresentou índices ligeiramente mais elevados para os estados do Maranhão e do Mato Grosso, respectivamente: 46,2% e 44,7%.

- Logo em seguida do Disque 100, a Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente registrou a terceira maior média de conhecimento dentre os órgãos do SGD, com 39%, praticamente empatado tecnicamente com os percentuais alcançados pelo Disque 100. Contudo, as diferenças regionais do conhecimento desse órgão podem ser acentuadas se tomadas por exemplo os estados com maiores e com menores percentuais: São Paulo com 48,1% e Pará com 25,9%. Vale aqui um esclarecimento que as meninas podem estar entendendo por Delegacia de Proteção (a única opção de órgão policial oferecido pela pesquisa) todo tipo de órgão policial, uma vez que na cidade de São Paulo e muitas cidades do interior dos estados pesquisados as delegacias especializadas em proteção da criança e do adolescente são inexistentes.

- Em quarto lugar percentual vem o órgão do Sistema de Justiça mais reconhecido pelas meninas: as Varas/Juizados da Infância, com 34,4%. Este órgão também apresentou os mais baixos índices de reconhecimento por parte das meninas dos estados do Pará (22,6%) e Mato Grosso (26,8%). Já o mais alto foi verificado no Estado de São Paulo (44,8%).

Tabela 109 - Quais órgãos/ serviços de garantia do direito da criança e da adolescente você conhece?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Conselho Tutelar	Nº meninas	264	245	264	207	157	1137
	% UF	71,2%	65,0%	72,9%	76,4%	68,9%	70,7%
Justiça (Vara da infância e juventude, Juizado de menores, Fórum etc.)	Nº meninas	84	136	162	111	61	554
	% UF	22,6%	36,1%	44,8%	41,0%	26,8%	34,4%
Conselhos de direitos	Nº meninas	66	121	75	52	37	351
	% UF	17,8%	32,1%	20,7%	19,2%	16,2%	21,8%
Delegacias de proteção da criança/ infância e juventude	Nº meninas	96	164	174	114	79	627
	% UF	25,9%	43,5%	48,1%	42,1%	34,6%	39,0%

Defensoria pública	Nº meninas	45	87	92	66	49	339
	% UF	12,1%	23,1%	25,4%	24,4%	21,5%	21,1%
Disque 100	Nº meninas	121	174	132	109	102	638
	% UF	32,6%	46,2%	36,5%	40,2%	44,7%	39,7%
Promotoria da infância e juventude	Nº meninas	44	120	107	67	39	377
	% UF	11,9%	31,8%	29,6%	24,7%	17,1%	23,4%
NS/NR	Nº meninas	74	62	55	31	54	276
	% UF	19,9%	16,4%	15,2%	11,4%	23,7%	17,2%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

- Pouco reconhecidos pelas meninas dos 5 estados da pesquisa estão os seguintes órgãos, cujos os percentuais ficaram próximos a 20%: Promotoria da Infância (23,4%), Conselho de Direitos (21,8%) e Defensoria Pública (21,1%). Ficaram abaixo da média nacional, no caso da promotoria, os Estados do Pará (11,9%) e Mato Grosso (17,1%); das Defensorias públicas, o Estado do Pará (12,1%) e, dos Conselhos de Direitos, também os estados de Mato Grosso (16,2%) e Pará (17,8%). Os maiores percentuais para os três órgãos foram encontrados, para as delegacias, no Estado de São Paulo (48,1%); para as defensorias, também no Estado de São Paulo (25,4%); e, por fim, para os Conselhos de Direitos, o Estado do Maranhão (32,1%).

O cruzamento por grupo etário mais uma vez apontou maiores percentuais de conhecimento dos órgãos do SGD pelas meninas mais velhas do grupo etário 2 (11 a 14 anos) para todos os órgãos exceto para os conselhos de direitos, para qual os percentuais do G1 (21,9%) ficaram praticamente empatados tecnicamente com aqueles registrados pelas adolescentes do G2 (21,7%). A maior diferença percentual deve ser debitada na conta dos conselhos tutelares que registraram 55,5% dentre as meninas do G1 e 84,8% dentre as adolescentes do G2.

A análise por etnias indicou que um maior percentual, embora com diferença ínfima (entre 0 e 5%), de meninas brancas comparadas às meninas afrodescendentes, conhecem esses órgãos do SGD, exceto os conselhos de direitos e o Disque 100, onde os percentuais foram praticamente idênticos.

Tabela 110 - Quais órgãos/ serviços de garantia do direito da criança e da adolescente você conhece?

		Branca	Preta/parda	Outra	Total
Conselho Tutelar	Nº meninas	455	665	17	1137
	%	72,3%	69,6%	70,8%	
Justiça (Vara da infância e juventude, Juizado de menores, Fórum etc.)	Nº meninas	242	303	9	554
	%	38,5%	31,7%	37,5%	
Conselhos de direitos	Nº meninas	136	209	6	351
	%	21,6%	21,9%	25,0%	
Delegacias de proteção da criança/ infância e juventude	Nº meninas	266	354	7	627
	%	42,3%	37,0%	29,2%	
Defensoria pública	Nº meninas	140	195	4	339
	%	22,3%	20,4%	16,7%	
Disque 100	Nº meninas	249	379	10	638
	%	39,6%	39,6%	41,7%	
Promotoria da infância e juventude	Nº meninas	155	213	9	377
	%	24,6%	22,3%	37,5%	
NS/NR	Nº meninas	100	173	3	276
	%	15,9%	18,1%	12,5%	
Total	Nº meninas	629	956	24	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A análise desagregada por tipo/área escola apontou que, em geral, as meninas das escolas particulares quando comparadas àquelas das escolas públicas urbana e rural pública apresentam os maiores percentuais de conhecimento dos órgãos do SGD exceto para os conselhos tutelares e de direitos, onde se registram percentuais mais baixos do que a média para os cinco estados, como demonstra a tabela abaixo.

Por sua vez, foram registrados nas escolas públicas rurais os mais baixos percentuais de conhecimento desses órgãos exceto para os conselhos tutelares.

Tabela 111 - Quais órgãos/ serviços de garantia do direito da criança e da adolescente você conhece?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Conselho Tutelar	Nº meninas	268	683	186	1137
	%	70,9%	71,6%	67,1%	70,7%
Justiça (Vara da infância e juventude, Juizado de menores, Fórum etc.)	Nº meninas	94	332	128	554
	%	24,9%	34,8%	46,2%	34,4%
Conselhos de direitos	Nº meninas	80	212	59	351
	%	21,2%	22,2%	21,3%	21,8%
Delegacias de proteção da criança/ infância e juventude	Nº meninas	120	381	126	627
	%	31,7%	39,9%	45,5%	39,0%
Defensoria pública	Nº meninas	66	206	67	339
	%	17,5%	21,6%	24,2%	21,1%
Disque 100	Nº meninas	129	377	132	638
	%	34,1%	39,5%	47,7%	39,7%
Promotoria da infância e juventude	Nº meninas	74	214	89	377
	%	19,6%	22,4%	32,1%	23,4%
NS/NR	Nº meninas	63	166	47	276
	%	16,7%	17,4%	17,0%	17,2%
<i>Total</i>	Nº meninas	<i>378</i>	<i>954</i>	<i>277</i>	<i>1609</i>
	%	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>

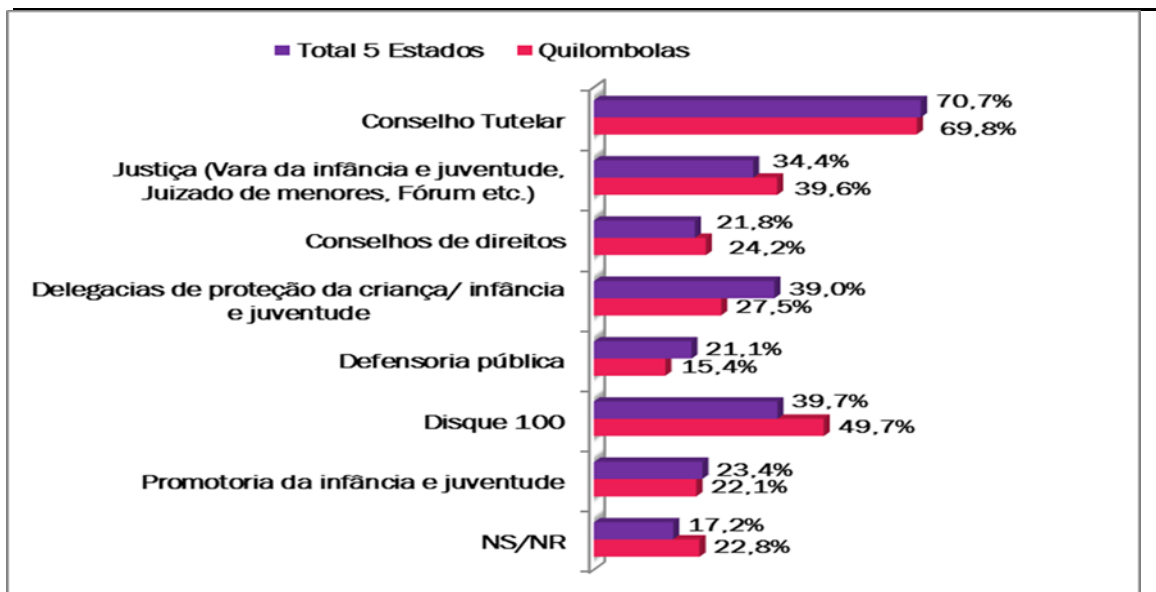
Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: O Conselho Tutelar é também o órgão do sistema de garantia de direitos mais conhecido pelas meninas/adolescentes da amostra quilombola, conforme declaração 69,8% delas e de 70,7% da média das meninas da amostra-escola.

Um fato curioso, no entanto, é que o disque 100 é mais conhecido pelas meninas quilombolas (49,7%) quando comparado aos índices da média nacional da amostra-escola (39,7%).

Em geral, excetuando-se o Conselho Tutelar, todos os órgãos do SGD são desconhecidos por mais de 50% das meninas da amostra-escola e da amostra quilombola, tendo mesmo alguns alcançado percentuais próximos de 80% como foi o caso dos conselhos de direitos e das defensorias públicas, resultando em importante conclusão desta pesquisa.

Gráfico 20 - Quais órgãos/SGD você conhece?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Discriminação de gênero: suspeição, depreciação, exclusão, xingamentos, desrespeitos, ameaças e constrangimento físico e abordagem policial

Amostra-Escola: As meninas que participaram da pesquisa responderam uma série de perguntas relativas a direitos, buscando compreender o nível de percepção delas sobre estes. Procurou também aferir a compreensão das meninas sobre violação de direitos e violências, principalmente em função de gênero.

- Para a pergunta sobre suspeita “alguém suspeitou que você estivesse fazendo algo errado porque você é uma menina?” 71,3% da média nacional das meninas respondeu que nunca, porém quase 20% delas, em algum momento, já vivenciaram algum tipo de suspeita.

Tabela 112 - Alguém suspeitou que você estivesse fazendo algo errado porque você é uma menina?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca	Nº meninas	298	239	231	209	170	1147
	% UF	80,3%	63,4%	63,8%	77,1%	74,6%	71,3%
Poucas vezes	Nº meninas	42	53	52	34	28	209
	% UF	11,3%	14,1%	14,4%	12,5%	12,3%	13,0%
Muitas vezes	Nº meninas	10	12	26	14	12	74
	% UF	2,7%	3,2%	7,2%	5,2%	5,3%	4,6%
Sempre	Nº meninas	7	10	9	2	7	35
	% UF	1,9%	2,7%	2,5%	,7%	3,1%	2,2%
NR	Nº meninas	14	63	44	12	11	144
	% UF	3,8%	16,7%	12,2%	4,4%	4,8%	8,9%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

O índice das respostas dos Estados acompanharam, de forma geral, a tendência da média-nacional. Já para a desagregação dos dados por grupo etário, área/tipo escola e etnia, o recorte tipo/área da escola merece atenção vez que aponta um percentual de meninas de escolas privadas de 80,1% que responderam com maior frequência “nunca” ter vivenciado algum tipo de suspeita pelo fato de ser menina.

O fato das meninas de escola rural pública (67,5%) e urbana pública (70,2%) registrarem índices mais baixos que aqueles verificados para as meninas das escolas particulares

oferece base para pensar que as meninas desses dois estratos escolares possam estar sendo colocadas sob suspeitas em maior contingente.

Quando questionadas “alguém disse coisas negativas sobre você porque você é uma menina?” esse percentual se apresenta da seguinte forma em relação à média nacional: 61,6% de respostas negativas, contra 31,7% das que responderam ter ouvido, em algum momento, coisas negativas por serem meninas. Contribuiu para elevar o percentual da média nacional relativamente às meninas do Estado do Pará, cujo percentual das que declararam nunca ter ouvido coisas negativas por ser menina alcançaram 74,1 pontos percentuais.

Tabela 113 - Alguém disse coisas negativas sobre você porque você é uma menina?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca	Nº meninas	275	211	186	166	153	991
	% UF	74,1%	56,0%	51,4%	61,3%	67,1%	61,6%
Poucas vezes	Nº meninas	65	91	105	78	43	382
	% UF	17,5%	24,1%	29,0%	28,8%	18,9%	23,7%
Muitas vezes	Nº meninas	11	17	18	12	22	80
	% UF	3,0%	4,5%	5,0%	4,4%	9,6%	5,0%
Sempre	Nº meninas	10	13	12	8	5	48
	% UF	2,7%	3,4%	3,3%	3,0%	2,2%	3,0%
NR	Nº meninas	10	45	41	7	5	108
	% UF	2,7%	11,9%	11,3%	2,6%	2,2%	6,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os percentuais elevados das que nunca estiveram na situação de ter ouvido coisas negativas por serem meninas não devem contudo obscurecer o fato de ser uma realidade para praticamente 1/3 das meninas pesquisadas. Embora deva-se ressaltar que os percentuais de “poucas vezes” sejam maiores do que aqueles registros para “muitas vezes” e “sempre”, quando somados juntos alcançam percentuais muito significativos: 37,3% para o Estado de São Paulo; 36,2% para o Estado do Rio Grande do Sul; 32% para o Estado do Maranhão; 30,7% para o Mato Estado do Grosso; e 23,2% para do Estado do Pará.

Analisando os cruzamentos grupo etário, etnia e tipo/área escola, as maiores diferenças percentuais foram localizadas entre os grupos etários, onde observou-se que um maior percentual de adolescentes do grupo etário 2 (11 a 14 anos) do que grupo etário 1 (06 a 10 anos) vivenciou esse tipo de situação, respectivamente 39,1% e 23,8%.

- As respostas à pergunta, “alguém te ignorou ou excluiu de alguma atividade por que você é uma menina” acompanharam a mesma tendência da média nacional registradas para as demais questões: 60,7% para as respostas “nunca”. A exceção ficou por conta dos percentuais registrados pelas meninas do Estado do Pará que ultrapassaram em 10 pontos percentuais a média nacional (70,9%).

Aqui, mais uma vez, vale o registro das tendências minoritárias: quando somadas juntas poucas vezes, muitas vezes e sempre, os percentuais alcançam a marca dos 31 pontos percentuais, significando que praticamente um 1/3 de todas as meninas pesquisadas se sentem excluídas por questões de gênero com frequências regulares.

Os dados analisados de maneira desagregada apontam, novamente, que um maior percentual de meninas do grupo etário 2 (11 a 14 anos) declarou vivenciar com maior frequência esse tipo de situação do que as meninas do grupo etário 1 (06 a 10 anos): 37,7% x 24,1%.

Contudo, a expectativa de índices maiores para meninas afrodescendentes e das escolas rurais não se confirmaram.

- A pesquisa também buscou saber sobre ocorrências de xingamentos relacionadas à discriminação de gênero. A média nacional da amostra-escola alcançou os índices de 73,8% para a resposta “nunca ninguém me xingou por eu ser uma menina”.

Os índices observados nos Estados acompanharam a média nacional, à exceção foi registrada para o Estado do Rio Grande do Sul, os percentuais para “nunca” ganhou adesão de 86,3% das meninas gaúchas. O Estado do Pará registrou a segunda média mais alta para as meninas que declararam nunca terem sido xingadas (79%).

Por outro lado, faz-se importante registrar que, em média, 17,6% das meninas da Amostra-Escola estiveram em situações em que, com alguma frequência, ouviram xingamentos. Essa soma das frequências “poucas” e “muitas” vezes e “sempre” foram ligeiramente mais altas para o Estado de São Paulo (22,7%).

A análise dos cruzamentos observados nesta pesquisa se revelou mais profícua para o tipo e área da escola. Maiores índices das participantes de escolas particulares que nunca foram xingadas por serem meninas (81,2%) foram encontrados quando comparadas aos índices registrados para as escolas públicas rurais (75,4%) e urbana (71,1%).

- Buscou-se saber também se as meninas já haviam sido tratadas com desrespeito pelo fato de serem meninas e os resultados indicaram que a média nacional de 71,3% das participantes declararam nunca haver sido tratadas desrespeitosamente. Ficaram um pouco acima dessa média nacional, os percentuais registrados pelas meninas dos estados do Pará (81,4%) e Mato Grosso (81,1%) e, abaixo, os percentuais registrados para os estados do Maranhão (64,2%) e São Paulo (62,2%).

Também, para este tópico, cerca de 20,0% das meninas declararam haver sido tratadas com desrespeito “poucas” ou “muitas” vezes ou ainda “sempre”, cujos percentuais médios somados juntos alcançaram 18,9 pontos percentuais.

A análise dos cruzamentos de grupo etário, etnia e tipo/área escola não demandaram registros relevantes.

- A pesquisa quis também conhecer se em algum momento as meninas se acharam injustiçadas, simplesmente pelo fato de serem meninas. Os resultados apontaram que, em média, 69,4% das meninas da Amostra-Escola declararam nunca terem sido tratadas de forma injusta. Acima da média nacional ficaram os percentuais registrados para estados do Mato Grosso (81,1%) e Pará (79,2%) e, abaixo dessa média, os registrados para os estados do Rio Grande do Sul (69,4%), do Maranhão (64,2%) e São Paulo (57,5%).

Contudo, é preciso ressaltar que, em média, 21,7% das meninas pesquisadas já se sentiram injustiçadas por serem meninas. Contribuíram para elevação da média nacional, os percentuais registrados para os estados de São Paulo (29%) e Rio Grande do Sul (27,3%).

Os três tipos de cruzamentos observados pela pesquisa (grupo etário, área/tipo escola e etnia) não mereceram destaques relevantes.

Tabela 114- Alguém foi injusto com você porque você é uma menina?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Nunca	Nº meninas	294	242	208	188	185	1117
	% UF	79,2%	64,2%	57,5%	69,4%	81,1%	69,4%
Poucas vezes	Nº meninas	52	53	72	56	28	261
	% UF	14,0%	14,1%	19,9%	20,7%	12,3%	16,2%

Muitas vezes	Nº meninas	9	13	25	13	3	63
	% UF	2,4%	3,4%	6,9%	4,8%	1,3%	3,9%
Sempre	Nº meninas	2	10	8	5	1	26
	% UF	,5%	2,7%	2,2%	1,8%	,4%	1,6%
NR	Nº meninas	14	59	49	9	11	142
	% UF	3,8%	15,6%	13,5%	3,3%	4,8%	8,8%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

- Outro questionamento lançado às meninas participantes da pesquisa foi “alguma vez alguém te ameaçou ou te causou algum dano físico (machucado) por você ser menina?” A média nacional das respostas negativas (nunca) para essa pergunta foi de 80,4%. Os índices estaduais se comportaram de forma similar à média nacional, com pequenas oscilações.

Tabela 115 - Alguém te ameaçou ou te causou algum dano físico (machucado) porque você é uma menina?

		G1 - 6 a 10 anos	G2 - 11 a 16 anos	NR	Total
Nunca	Nº meninas	571	717	6	1294
	%	74,5%	85,9%	75,0%	80,4%
Poucas vezes	Nº meninas	67	50	0	117
	%	8,7%	6,0%	,0%	7,3%
Muitas vezes	Nº meninas	20	15	0	35
	%	2,6%	1,8%	,0%	2,2%
Sempre	Nº meninas	11	7	0	18
	%	1,4%	,8%	,0%	1,1%
NR	Nº meninas	97	46	2	145
	%	12,7%	5,5%	25,0%	9,0%
Total	Nº meninas	766	835	8	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

O cruzamento por faixa etária, sinalizou um fato curioso: os percentuais registrados pelas meninas do grupo etário 1 (6 a 10) para a alternativa “nunca” (74,5%), foram menores do que aqueles verificados para as meninas do grupo etário 2(11 a 14 anos) cujos índices foram de 85,9%, o que pode ser um indício de que um maior percentual de meninas menores estejam sendo mais ameaçadas do que as maiores.

Já a análise do cruzamento por tipo/área de escola revelou diferença maior nos índices daquelas meninas das escolas particulares que responderam “nunca” terem sido ameaçadas (88,4%), quando comparadas àqueles registrados pelas meninas das escolas públicas rural e pública urbana 77,8% e 79,1%, respectivamente, o que pode ser um indicador de que as meninas das escolas públicas rurais e urbana estejam mais suscetíveis à ameaça/dano físico por serem meninas.

Com foco nas meninas que afirmaram que sim, já terem sido ameaçadas e sofrido danos físicos causados por terceiros “poucas” ou “muitas” vezes ou “sempre”, registrou-se a média de 10,6%. A diminuição dos percentuais comparados com outras questões acima mencionada pode estar acompanhado de um agravamento nas formas de violência.

- Por fim, as meninas foram questionadas se alguma vez elas foram abordadas pela Polícia pelo simples fato de serem meninas e os índices da média nacional para “nunca” foram de 88,4% e de respostas afirmativas, “sim”, independente da frequência, apenas 2,1%. Em geral, os percentuais estaduais acompanharam a média nacional, chamando atenção, novamente, para o alto índice de não resposta do Estado do Maranhão. Para a desagregação por tipo/área de escola, mais uma vez foi demonstrado que as meninas das escolas públicas rurais (84,4%) e urbanas (88,2%) estão mais vulneráveis quando comparadas às de escola particulares (94,6%).

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Alguns contrastes se revelaram entre as duas amostras, como demonstrados a seguir:

- Para a pergunta “alguém suspeitou que você estivesse fazendo algo errado porque você é uma menina?” A amostra quilombola teve comportamento similar à amostra escola: 73,8% x 71,3% de marcações para a resposta “nunca”, e 22,2% x 19,8% para as respostas afirmativas, independente da frequência da ocorrência.

- No tocante à indagação “alguém disse coisas negativas sobre você porque você é uma menina?” observou-se uma leve diferença entre as duas amostras. Enquanto a média nacional da amostra-escola ficou em 61,6% para as respostas negativas (nunca), para as meninas/adolescentes quilombolas esse percentual elevou-se em quase 10 pontos percentuais (71,1%). Da mesma forma, os 31,7% da média nacional da amostra-escola que ouviram, de alguma forma, coisas negativas por serem meninas, confrontaram-se com o percentual de 26,2% das meninas quilombolas para essa mesma categoria de resposta.

Tabela 116 - Alguém disse coisas negativas sobre você porque você é uma menina?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Nunca	Nº meninas	991	106	1097
	%	61,6%	71,1%	62,4%
Poucas vezes	Nº meninas	382	24	406
	%	23,7%	16,1%	23,1%
Muitas vezes	Nº meninas	80	10	90
	%	5,0%	6,7%	5,1%
Sempre	Nº meninas	48	5	53
	%	3,0%	3,4%	3,0%
NR	Nº meninas	108	4	112
	%	6,7%	2,7%	6,4%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

- As respostas das meninas quilombolas para “alguém te ignorou ou excluiu de alguma atividade por que você é uma menina” acompanhou a mesma tendência da média nacional da amostra escola: 57% x 60,7% para as respostas “nunca” e 34,8% x 31% para as respostas afirmativas, independente da frequência.

- Acompanhou também a média nacional da amostra-escola o questionamento vinculado aos xingamentos. A média nacional da amostra-escola alcançou os índices de 73,8% para “nunca ninguém me xingou por eu ser uma menina” e de 17,6% para, em algum momento (independente da frequência), “alguém me xingou por ser uma menina”. De forma similar, a amostra quilombola alcançou o índice de 76,5% para a resposta “nunca” e 17,4% para as respostas algum tipo de ocorrência, independente da frequência.

- Cerca de 3/4 das meninas/adolescentes quilombolas declararam nunca ter se sentido desrespeitadas ou tratadas injustamente por serem meninas (72,5%). Contudo, existe um conjunto de meninas quilombola que declarou já haver se sentido desrespeitadas (22,2%), refletindo a mesma tendência da média nacional: 71,3% das participantes da amostra-escola nunca foram e 18,9% delas em algum momento já o foram.

Tabela 117 - Alguém te tratou com desrespeito porque você é uma menina?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Nunca	Nº meninas	1148	108	1256
	%	71,3%	72,5%	71,4%
Poucas vezes	Nº meninas	232	22	254
	%	14,4%	14,8%	14,4%
Muitas vezes	Nº meninas	53	3	56
	%	3,3%	2,0%	3,2%
Sempre	Nº meninas	20	8	28
	%	1,2%	5,4%	1,6%
NR	Nº meninas	156	8	164
	%	9,7%	5,4%	9,3%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

- À guisa de análises mais profundas, os percentuais para “nunca” foram tratados com injustiça foram quase 10 pontos percentuais maiores na amostra quilombola em comparação com a Amostra-Escola: Enquanto 69,4% das participantes na Amostra-Escola se encontravam nesta posição, os percentuais das quilombolas na mesma posição foi 78,5%.

- Aproximaram-se também os resultados das duas amostras para a pergunta “alguma vez alguém te ameaçou ou te causou algum dano físico (machucado) por você ser menina?” A média nacional das respostas negativas (nunca) para essa pergunta foi de 80,4% e para as meninas quilombolas foi levemente maior: (85,9%).

- Por último, sobre o questionamento se as meninas já foram abordadas pela Polícia pelo simples fato de serem meninas, os índices da amostra quilombola e da média nacional da amostra-escola tanto para “nunca” (91,3% x 88,4%), quanto para as respostas afirmativas (2,1% x 2,6%) se aproximaram.

Embora os percentuais de meninas que declararam não estarem sofrendo severas violações de direitos, os níveis de violações considerados mais leves, em muitos casos, chegam até 40% das meninas pesquisadas. Já as violações mais severas afetam consistentemente entre 12 e 30% das meninas, dependendo do tipo de violação e do estado. Indubitavelmente, as meninas quilombolas, da zona rural e afrodescendentes urbanas estão entre as mais vulnerabilizadas pelo fato de serem meninas

Percepção do que seja violência:

Amostra-Escola: As meninas participantes da pesquisa apresentaram níveis de percepções diferenciados sobre o que seja considerado violência. Para a grande maioria delas a violência está relacionada, em primeiro lugar, à violência física: matar/tirar a vida de alguém e às agressões físicas, ambos (75,2%), bem como obrigar alguém a fazer algo à força (74%).

Um segundo grupo de ações consideradas violência, as quais alcançaram índices acima de 60%, foram: tocar o corpo da menina sem sua permissão (68,2%), manter alguém presa em casa ou no quarto (62,8%) e pressão psicológica -- ameaçar e xingar - (61,7%), ainda que em recorrência menor, foram mencionados pelas participantes.

Tabela 118 - Por Ser Menina, o que VOCÊ considera violência?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Falta de atenção	Nº meninas	117	138	123	74	52	504
	% UF	31,5%	36,6%	34,0%	27,3%	22,8%	31,3%
Falta de cuidado	Nº meninas	159	187	139	109	94	688
	% UF	42,9%	49,6%	38,4%	40,2%	41,2%	42,8%
Quando os pais ou responsáveis não levam a criança/ adolescente ao médico quando ela adoecer	Nº meninas	198	184	133	126	111	752
	% UF	53,4%	48,8%	36,7%	46,5%	48,7%	46,7%
Não respeitar a privacidade (ex. ler o diário secreto, ler suas mensagens)	Nº meninas	138	181	168	141	72	700
	% UF	37,2%	48,0%	46,4%	52,0%	31,6%	43,5%
Quando os irmãos mais velhos mandam em irmãos menores	Nº meninas	112	126	105	83	69	495
	% UF	30,2%	33,4%	29,0%	30,6%	30,3%	30,8%
Pressão psicológica (ameaças e xingamentos)	Nº meninas	239	220	214	161	159	993
	% UF	64,4%	58,4%	59,1%	59,4%	69,7%	61,7%
Manter alguém presa em casa ou no quarto	Nº meninas	269	233	200	155	153	1010
	% UF	72,5%	61,8%	55,2%	57,2%	67,1%	62,8%
Quando alguém toca o corpo da menina sem a sua permissão de modo que causa desconforto	Nº meninas	275	231	232	188	171	1097
	% UF	74,1%	61,3%	64,1%	69,4%	75,0%	68,2%
Agressão física (tapas, murros, beliscões)	Nº meninas	306	257	256	208	183	1210
	% UF	82,5%	68,2%	70,7%	76,8%	80,3%	75,2%

Obrigar a menina a fazer algo à força, sem que ela queira	Nº meninas	292	263	248	210	177	1190
	% UF	78,7%	69,8%	68,5%	77,5%	77,6%	74,0%
Tirar a vida de alguém	Nº meninas	311	263	245	213	178	1210
	% UF	83,8%	69,8%	67,7%	78,6%	78,1%	75,2%
Outra	Nº meninas	12	15	8	15	4	54
	% UF	3,2%	4,0%	2,2%	5,5%	1,8%	3,4%
NS/NR	Nº meninas	7	39	44	9	10	109
	% UF	1,9%	10,3%	12,2%	3,3%	4,4%	6,8%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Foram também consideradas violências por um pouco menos da metade das meninas, “não levar a menina ao médico quando ela adoecer” (46,7%), “desrespeitar a privacidade” (43,5%) e “não cuidar da menina” (42,0%). Por fim, alcançando um pouco mais de 30% das opiniões, foram considerados atos violentos: “falta de atenção” (31,3%) e o fato “dos irmãos mais velhos mandarem nos irmãos mais novos” (30,8%), atos também que traduzem a noção de violência de quase 1/3 das meninas participantes

Emergem desses dados, o entendimento de que embora seja forte a percepção que atos de violência estejam ligadas às noções mais recorrentes de violência física, como matar ou agredir fisicamente, a pesquisa aponta que um conceito mais ampliado de violência pode estar sendo compartilhado por um número crescente de meninas, passando acolher outras perspectivas, como a sexual, psicológica, a negligência e o desrespeito à privacidade por exemplo.

No geral, os percentuais estaduais sobre os atos considerados como violência, acompanharam a média nacional com pequenas oscilações. Vale, no entanto, destacar que as meninas do Estado do Mato Grosso registram percentuais menores para as opções “falta de atenção” e “não respeitar a privacidade”, bem como as de São Paulo para a alternativa “quando os pais não levam as meninas ao médico quando ela adoecer”.

Na desagregação dos dados, por grupo etário, vale registrar que as maiores diferenças percentuais foram registradas para tocar no corpo da menina sem a permissão dela (violência sexual), considerado violência por 73,7% das meninas componentes do grupo etário 2 (11 a 14 anos) versus 62,1% pelas meninas do grupo das mais novas, G1 (06 a 10 anos), uma diferença de quase 10 pontos percentuais.

Os maiores percentuais comparativos de consideração “pressão psicológica”, “tocar o corpo da menina sem sua permissão” e “agressão física” como atos de violência pelas meninas das escolas particulares, pode ser um indicativo de que um número maior de meninas das escolas particulares compartilham das noções contemporâneas de direitos e de uma visão mais ampla do que seja considerado violência quando comparadas às suas contrapartes das escolas públicas urbanas e rurais. Os índices encontrados para esses três tipos de violência foram consecutivamente para escolas particulares (74,2%, 73,3% e 85,5%), para as escolas públicas urbanas (60,6%, 68,2%, 73,3%) e públicas rurais (54,0%, 64,3% e 72,2%).

A Amostra Quilombola e a análise Comparada com a Amostra-Escola: Na análise comparada entre as amostras Escola e Quilombola, embora os seis atos considerados mais violentos tenham sido apontados pelas meninas da Amostra-Escola na mesma perspectiva das meninas quilombolas, observaram-se diferenças percentuais consideráveis, com todas elas alcançando percentuais de cerca de 80% ou acima deste percentual. Para exemplificar, com os três atos com maiores índices recorrentes dentre as populações quilombolas pesquisadas: “tirar a vida de alguém (88,6% versus 75,2% da amostra-escola), obrigar a menina fazer algo à força (87,2% versus 74,0% da amostra-escola) e agressões físicas (86,6% versus 75,2% da amostra-escola).

Tabela 119- O que VOCÊ considera violência?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Falta de atenção	Nº meninas	504	45	549
	%	31,3%	30,2%	
Falta de cuidado	Nº meninas	688	72	760
	%	42,8%	48,3%	
Quando os pais ou responsáveis não levam a criança/ adolescente ao médico quando ela adoece	Nº meninas	752	96	848
	%	46,7%	64,4%	
Não respeitar a privacidade (ex. ler o diário secreto, ler suas mensagens)	Nº meninas	700	87	787
	%	43,5%	58,4%	
Quando os irmãos mais velhos mandam em irmãos menores	Nº meninas	495	62	557
	%	30,8%	41,6%	
Pressão psicológica (ameaças e xingamentos)	Nº meninas	993	115	1108
	%	61,7%	77,2%	
Manter alguém presa em casa ou no quarto	Nº meninas	1010	123	1133
	%	62,8%	82,6%	
Quando alguém toca o corpo da menina sem a sua permissão de modo que causa desconforto	Nº meninas	1097	125	1222
	%	68,2%	83,9%	
Agressão física (tapas, murros, beliscões)	Nº meninas	1210	129	1339
	%	75,2%	86,6%	
Obrigar a menina a fazer algo à força, sem que ela queira	Nº meninas	1190	130	1320
	%	74,0%	87,2%	
Tirar a vida de alguém	Nº meninas	1210	132	1342
	%	75,2%	88,6%	
Outra	Nº meninas	54	3	57
	%	3,4%	2,0%	

NS/NR	Nº meninas	109	3	112
	%	6,8%	2,0%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%			

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Vivência ou testemunho de violência: Você já viu alguma menina/adolescente ser maltratada?

Amostra- Escola: Quando perguntadas se conhecem alguma menina que já sofreu violência, a grande parte delas respondeu negativamente (72,2%).

Tabela 120 - Você conhece alguma menina que já sofreu violência?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Não	Nº meninas	260	287	241	200	173	1161
	% UF	70,1%	76,1%	66,6%	73,8%	75,9%	72,2%
Sim	Nº meninas	98	50	81	54	45	328
	% UF	26,4%	13,3%	22,4%	19,9%	19,7%	20,4%
NR	Nº meninas	13	40	40	17	10	120
	% UF	3,5%	10,6%	11,0%	6,3%	4,4%	7,5%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

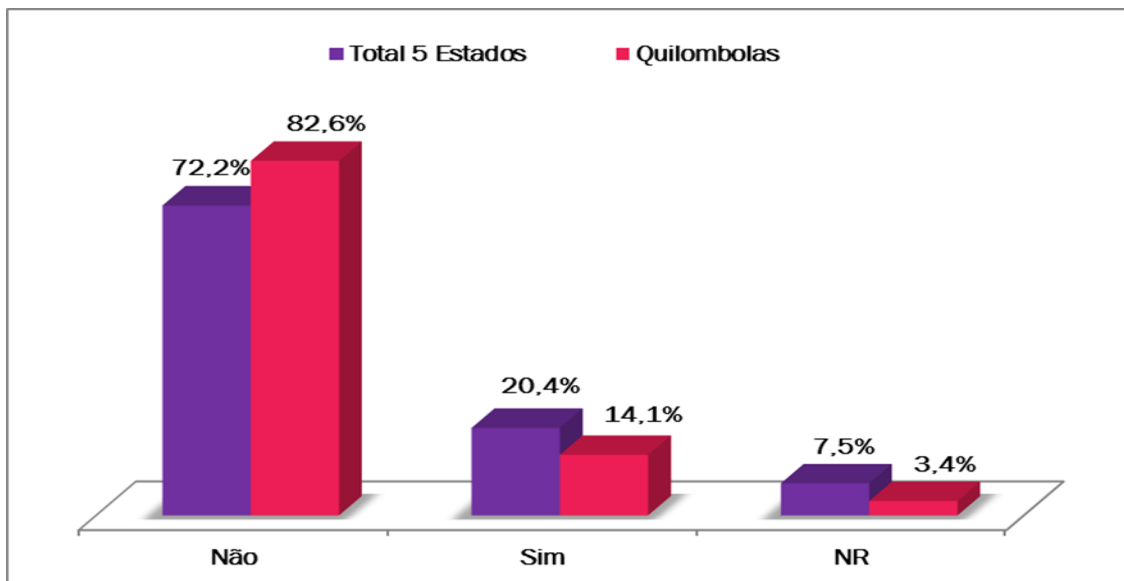
Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Conquanto o percentual de meninas que declararam não conhecer alguma menina que tenha sofrido violência, não se pode descuidar de um percentual médio nacional de 20,4% delas afirmou que sim, conhecem. Os percentuais registrados para os estados do Pará (26,4%) e São Paulo (22,4%) foram levemente superiores à média encontrada na amostra-escola dos cinco estados.

Um maior percentual de meninas do grupo etário 2 (11 a 14 anos) declarou conhecer meninas que sofreram violência (24%) quando comparadas ao grupo etário 1 (06 a 10 anos): 16,7%. As desagregações por tipo/área de escola e por etnia permaneceram constantes, sem grandes diferenciações.

A Amostra-Escola e a análise comparada com a Amostra Quilombola: O contraste entre esses dois estratos amostrais demonstram que um percentual maior de meninas quilombolas respondeu negativamente à questão “você conhece alguma menina que já sofreu violência”. A diferença foi cerca de 10 pontos percentuais maior para as meninas da amostra quilombola (82,6%) do que para a média nacional das meninas da amostra-escola (72,2%).

Gráfico 21- Você conhece alguma menina que já sofreu violência?



Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

E contrariando as expectativas, os percentuais para aquelas que responderam que “sim”, indicando conhecerem meninas que tenham sofrido violência, foram menores para as meninas quilombolas do que para aquelas da amostra-escola dos cinco estados pesquisados. Fato este que pode estar relacionado com a percepção de violência como atos mais graves e externos às suas vidas.

3.7) Ser menina: bem estar x mal estar

Em geral, a maioria das meninas declarou se sentir contente e satisfeita na condição de menina e demonstrou ter um bom nível de autoestima quando comparadas aos meninos.

Inteligência

Amostra-Escola: Em média, mais da metade das meninas dos cinco estados (60,1%) concordou que meninas são tão inteligentes quanto os meninos.

Contudo, essa afirmativa não é consensual entre o universo de meninas participantes desta pesquisa: em média 28% delas discordam da premissa. Chama atenção os índices de discordância do Estado do Rio Grande do Sul (33,2%), ultrapassando a média nacional em aproximadamente 5 pontos percentuais. Essas taxas de discordância devem ser interpretadas de forma cuidadosa, pois entre as meninas que marcaram essa alternativa pode se encontrar aquelas que acreditam que as meninas são “mais” inteligentes do que os meninos.

Os dados desagregados para faixa etária, tipo e área da escola, bem como para etnia, comportaram-se de forma equivalente à média nacional.

Tabela 121 - As meninas são tão inteligentes quanto os meninos

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	41	33	51	30	21	176
	% UF	11,1%	8,8%	14,1%	11,1%	9,2%	10,9%
Discordo	Nº meninas	74	47	55	60	39	275
	% UF	19,9%	12,5%	15,2%	22,1%	17,1%	17,1%
Concordo	Nº meninas	125	121	84	74	104	508
	% UF	33,7%	32,1%	23,2%	27,3%	45,6%	31,6%

Concordo totalmente	Nº meninas	110	103	119	78	49	459
	% UF	29,6%	27,3%	32,9%	28,8%	21,5%	28,5%
NR	Nº meninas	21	73	53	29	15	191
	% UF	5,7%	19,4%	14,6%	10,7%	6,6%	11,9%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A grande maioria das meninas pesquisadas discordou da afirmativa “os meninos são melhores em matemática que as meninas” (70,9%). Chama atenção os índices de discordâncias do Estado do Maranhão (59,4%), ficando abaixo em quase 15 pontos percentuais quando comparados aos demais Estados.

Contudo, esse posicionamento não encontrou consenso entre o grupo de meninas pesquisadas: 17,5% concordam com ela. O percentual de meninas que concorda que os meninos são melhores em matemática do que as meninas foi maior dentre as meninas dos estados do Pará (21,3%) e Maranhão (20,7%).

Tabela 122 - Os meninos são melhores em matemática do que as meninas

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	123	111	164	130	87	615
	% UF	33,2%	29,4%	45,3%	48,0%	38,2%	38,2%
Discordo	Nº meninas	154	113	90	80	89	526
	% UF	41,5%	30,0%	24,9%	29,5%	39,0%	32,7%
Concordo	Nº meninas	43	46	27	25	22	163
	% UF	11,6%	12,2%	7,5%	9,2%	9,6%	10,1%
Concordo totalmente	Nº meninas	36	32	26	15	10	119
	% UF	9,7%	8,5%	7,2%	5,5%	4,4%	7,4%
NR	Nº meninas	15	75	55	21	20	186
	% UF	4,0%	19,9%	15,2%	7,7%	8,8%	11,6%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan/ Socializare, 2014

Quando analisados por faixa etária e por etnia não houve também maiores oscilações quanto à discordância da afirmativa “meninos são melhores em matemática que as meninas”.

No entanto, examinadas as respostas das participantes por tipo/área de escola, constatou-se que as meninas das escolas rurais públicas registram maiores percentuais de concordância com a afirmativa (23,5%) do que aqueles encontrados dentre as meninas das escolas urbanas públicas (16,4%) e urbana particular(13,4%).

Tabela 123 - Os meninos são melhores em matemática do que as meninas

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Discordo ou discordo totalmente	Nº meninas	237	683	221	1141
	%	62,7%	71,6%	79,8%	70,9%
Concordo ou concordo totalmente	Nº meninas	89	156	37	282
	%	23,5%	16,4%	13,4%	17,5%
NR	Nº meninas	52	115	19	186
	%	13,8%	12,1%	6,9%	11,6%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Valores morais: honestidade

Amostra-Escola: Um pouco mais da metade das meninas que compuseram amostra-escola concorda com a afirmativa de que “meninas são mais honestas que os meninos” (56,2%). Vale ressaltar que os percentuais registrados pelas meninas do Estado do Pará (68%) ficaram bem acima da média nacional.

Contudo, praticamente um terço das meninas pesquisadas (amostra-escola) que discordou com a afirmativa que “meninas sejam mais honestas que meninos” somou quase 30%, mais precisamente 29,7%. O comportamento dos percentuais estaduais se apresentou similar à média nacional para concordâncias e discordâncias, com pequenas oscilações de até 8 pontos acima ou abaixo.

Tabela 124 - Meninas são mais honestas que meninos

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	32	44	63	48	24	211
	% UF	8,6%	11,7%	17,4%	17,7%	10,5%	13,1%
Discordo	Nº meninas	66	46	59	51	45	267
	% UF	17,8%	12,2%	16,3%	18,8%	19,7%	16,6%
Concordo	Nº meninas	146	116	83	71	93	509
	% UF	39,4%	30,8%	22,9%	26,2%	40,8%	31,6%
Concordo totalmente	Nº meninas	106	75	97	77	41	396
	% UF	28,6%	19,9%	26,8%	28,4%	18,0%	24,6%
NR	Nº meninas	21	96	60	24	25	226
	% UF	5,7%	25,5%	16,6%	8,9%	11,0%	14,0%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A análise por faixa etária, tipo/área de escola e etnia também acompanhou a média nacional.

Comportamento: obediência

Amostra-Escola: Os índices de concordância com a afirmativa “meninas são mais obedientes que os meninos” foi equivalente a 64% (média nacional). Vale observar, novamente, que o percentual de concordâncias das meninas do Pará (76%) ficou acima da média nacional.

Indicando não ser uma questão consensual, um total 21,2% das meninas pesquisadas, componentes da amostra-escola, discordou do afirmativa de que meninas são mais obedientes do que os meninos.

Os dados desagregados de faixa etária, tipo/área de escola e etnia acompanharam a tendência da média nacional para os índices de concordância e discordância.

Tabela 125 - Meninas são mais obedientes que os meninos

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	17	33	44	40	24	158
	% UF	4,6%	8,8%	12,2%	14,8%	10,5%	9,8%
Discordo	Nº meninas	40	38	34	38	34	184
	% UF	10,8%	10,1%	9,4%	14,0%	14,9%	11,4%
Concordo	Nº meninas	142	131	102	90	94	559
	% UF	38,3%	34,7%	28,2%	33,2%	41,2%	34,7%
Concordo totalmente	Nº meninas	140	83	118	79	51	471
	% UF	37,7%	22,0%	32,6%	29,2%	22,4%	29,3%
NR	Nº meninas	32	92	64	24	25	237
	% UF	8,6%	24,4%	17,7%	8,9%	11,0%	14,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A maioria das meninas pesquisadas expressou sua concordância com a afirmativa “meninas são mais amigas que os meninos” (61,7%). Mais uma vez aqui, chama atenção os índice de concordância registrados pelas meninas do Estado do Pará (79,2%), os quais ultrapassaram em mais de 15 pontos percentuais a média nacional.

Tabela 126 - Meninas são mais amigas que meninos

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	19	34	59	43	30	185
	% UF	5,1%	9,0%	16,3%	15,9%	13,2%	11,5%
Discordo	Nº meninas	37	41	55	45	34	212
	% UF	10,0%	10,9%	15,2%	16,6%	14,9%	13,2%
Concordo	Nº meninas	161	121	75	76	91	524
	% UF	43,4%	32,1%	20,7%	28,0%	39,9%	32,6%
Concordo totalmente	Nº meninas	133	90	111	84	50	468
	% UF	35,8%	23,9%	30,7%	31,0%	21,9%	29,1%
NR	Nº meninas	21	91	62	23	23	220
	% UF	5,7%	24,1%	17,1%	8,5%	10,1%	13,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A expressão de discordância foi em média 24,7%. As meninas dos estados do Rio Grande do Sul (32,5%) e São Paulo (31,5%) apresentaram as mais altas taxas de discordância com a afirmativa e o estado do Pará as menores (15,1%)

Da mesma forma, a desagregação por faixa etária, tipo/área escola e etnia acompanhou a média nacional, não apresentando oscilações significativas.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Embora com percentuais aproximados, um percentual maior de meninas da amostra quilombola concordou com a afirmativa de que são tão inteligente quanto os meninos (73,8%) do que aqueles verificados pela amostra-escola (60,1%).

Confirmam essa tendência, quando as meninas quilombolas são questionadas sobre se meninos são melhores em matemática: 70,5 % delas discordam.

Tabela 127 - As meninas são tão inteligentes quanto os meninos

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	176	7	183
	%	10,9%	4,7%	10,4%
Discordo	Nº meninas	275	25	300
	%	17,1%	16,8%	17,1%
Concordo	Nº meninas	508	65	573
	%	31,6%	43,6%	32,6%
Concordo totalmente	Nº meninas	459	45	504
	%	28,5%	30,2%	28,7%
NR	Nº meninas	191	7	198
	%	11,9%	4,7%	11,3%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quando comparadas à média nacional, as respostas das meninas da amostra-escola para: “ser mais honesta”, “mais obediente” e “ser mais amigas”, as meninas da amostra quilombola apresentaram um maior percentual de concordância, com diferença entre 10 a 13,5 pontos percentuais.

Um percentual maior de meninas quilombolas do que da amostra-escola concordou com as afirmativas de que meninas são mais honestas que os meninos: 67,1%, versus 56,2% da média nacional da amostra-escola; são mais obedientes do que os meninos (74,5% versus 64%) e, com uma diferença um pouco maior, acreditam que são mais amigas que os meninos: 75,2% contra 61,7% da média nacional das meninas quilombolas.

Oportunidades de sucesso e a perspectiva de gênero: Meninos e meninas têm as mesmas oportunidades?

Amostra-Escola: Em geral, na opinião da maioria das meninas que participou da pesquisa Por Ser Menina, “meninos e meninas tem a mesma oportunidade para ter sucesso” (63,3%).

Muitas das meninas pesquisadas acreditam ser as meninas que possuem maior oportunidade de ter sucesso (21,9%), com destaque para os percentuais registrados pelas meninas do Estado do Rio Grande do Sul, que ficaram significativamente abaixo da média nacional (14,4%)

Contrariando o imaginário de que são os meninos que tem mais oportunidade de sucesso, uma parcela muito pequena opinou que são os meninos que estão nessa posição: apenas 4,5%.

Tabela 128 - Quem tem mais oportunidade para ter sucesso?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Meninas	Nº meninas	103	99	63	39	49	353
	% UF	27,8%	26,3%	17,4%	14,4%	21,5%	21,9%
Meninos	Nº meninas	17	16	19	11	9	72
	% UF	4,6%	4,2%	5,2%	4,1%	3,9%	4,5%
Igual	Nº meninas	218	208	232	206	155	1019
	% UF	58,8%	55,2%	64,1%	76,0%	68,0%	63,3%
NR	Nº meninas	33	54	48	15	15	165
	% UF	8,9%	14,3%	13,3%	5,5%	6,6%	10,3%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As análises orientadas pelo recorte de tipo/área de escola indicaram uma pequena diferença percentual, a maior, na opinião das meninas de escola particular quando comparada às escolas públicas rurais e urbanas. Um total de 72,6% das meninas da escola particular opinaram que “meninos e meninas tem a mesma oportunidade de sucesso”, diferenciando-se em quase 10 pontos percentuais da média nacional (63,3%) e da escola pública urbana (63,6%) e, aproximadamente, 17 pontos do percentual das meninas da escola pública rural (55,8%).

Tabela 129 - Quem tem mais oportunidade para ter sucesso?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Meninas	Nº meninas	108	206	39	353
	%	28,6%	21,6%	14,1%	21,9%
Meninos	Nº meninas	15	42	15	72
	%	4,0%	4,4%	5,4%	4,5%
Igual	Nº meninas	211	607	201	1019
	%	55,8%	63,6%	72,6%	63,3%
NR	Nº meninas	44	99	22	165
	%	11,6%	10,4%	7,9%	10,3%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A análise dos dados desagregados, por faixa etária, indica que um percentual maior de meninas do Grupo Etário 2 (11 a 14 anos), com diferença de quase 15 pontos percentuais, declarou pela igualdade entre meninos e meninas nas oportunidades de sucesso: 70,8% para o G1 versus 55,2% para o G2.

Tabela 130 - Quem tem mais oportunidade para ter sucesso?

		G1 - 6 a 10 anos	G2 - 11 a 16 anos	NR	Total
Meninas	Nº meninas	200	153	0	353
	%	26,1%	18,3%	,0%	21,9%
Meninos	Nº meninas	13	59	0	72
	%	1,7%	7,1%	,0%	4,5%
Igual	Nº meninas	422	591	6	1019
	%	55,1%	70,8%	75,0%	63,3%
NR	Nº meninas	131	32	2	165
	%	17,1%	3,8%	25,0%	10,3%
Total	Nº meninas	766	835	8	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A análise por etnia comportou-se de forma bastante similar à média nacional, não sendo constatadas diferenças significativas entre os percentuais de meninas brancas e afrodescendentes para essa questão.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Para as 149 meninas/adolescentes da amostra quilombola que preencheram o questionário, as meninas tem igual (59,7%) ou mais oportunidades de ter sucesso do que os meninos (32,2%). Um percentual infimamente menor revelou serem os “meninos” (4,7%) que possuem mais chances de sucesso.

Tabela 131 - Quem tem mais oportunidade para ter sucesso?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Meninas	Nº meninas	353	48	401
	%	21,9%	32,2%	22,8%
Meninos	Nº meninas	72	7	79
	%	4,5%	4,7%	4,5%
Igual	Nº meninas	1019	89	1108
	%	63,3%	59,7%	63,0%
NR	Nº meninas	165	5	170
	%	10,3%	3,4%	9,7%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quando comparadas à média da amostra-escola constatou-se um pequeno diferencial de aproximadamente 10 pontos percentuais entre as respostas das meninas quilombolas que acreditam que são as meninas que tem mais oportunidade para ter sucesso que os meninos: 32,2% versus 21,9% das meninas da amostra-escola.

Poder e dominação

Amostra-Escola: A maioria das meninas da amostra-escola revelou que 72,4% delas discordam da afirmação “ os meninos tem mais poder do que as meninas” e apenas 16% concordam com essa ideia. Os índices dos Estados acompanharam a tendência da média nacional.

Tabela 132 - Os meninos têm mais poder do que as meninas

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	128	128	169	138	90	653
	% UF	34,5%	34,0%	46,7%	50,9%	39,5%	40,6%
Discordo	Nº meninas	164	106	86	66	90	512
	% UF	44,2%	28,1%	23,8%	24,4%	39,5%	31,8%
Concordo	Nº meninas	42	41	24	29	21	157
	% UF	11,3%	10,9%	6,6%	10,7%	9,2%	9,8%
Concordo totalmente	Nº meninas	24	27	27	13	8	99
	% UF	6,5%	7,2%	7,5%	4,8%	3,5%	6,2%
NR	Nº meninas	13	75	56	25	19	188
	% UF	3,5%	19,9%	15,5%	9,2%	8,3%	11,7%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Já a análise dos dados desagregado por tipo/área da escola, chama atenção para o percentual das meninas das escolas rurais públicas que concordam que os meninos têm mais poder do que as meninas 20,4%, quando comparados aos 16,7% da escola pública urbana e 7,2% das meninas da escola urbana particular, demonstrando que um percentual não desprezível de meninas da área rural ainda acredita que meninos tem mais poder do que meninas.

Tabela 133 - Os meninos têm mais poder do que as meninas

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Discordo ou discordo totalmente	Nº meninas	241	687	237	1165
	%	63,8%	72,0%	85,6%	72,4%
Concordo ou concordo totalmente	Nº meninas	77	159	20	256
	%	20,4%	16,7%	7,2%	15,9%
NR	Nº meninas	60	108	20	188
	%	15,9%	11,3%	7,2%	11,7%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Sobre a hipótese da dominação das meninas pelos meninos, quase metade das participantes discordou da afirmativa (48,6%), embora os índices das que concordaram alcançaram mais de 1/3 delas (37,1%). Essa pequena diferença de percentual entre concordâncias e discordâncias (11,5%) pode sinalizar um cenário mais favorável à igualdade de gênero.

Tabela 134 - As meninas dominam os meninos

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	85	72	84	70	49	360
	% UF	22,9%	19,1%	23,2%	25,8%	21,5%	22,4%
Discordo	Nº meninas	121	82	82	68	69	422
	% UF	32,6%	21,8%	22,7%	25,1%	30,3%	26,2%
Concordo	Nº meninas	108	81	49	57	53	348
	% UF	29,1%	21,5%	13,5%	21,0%	23,2%	21,6%
Concordo totalmente	Nº meninas	37	55	79	49	29	249
	% UF	10,0%	14,6%	21,8%	18,1%	12,7%	15,5%

NR	Nº meninas	20	87	68	27	28	230
	% UF	5,4%	23,1%	18,8%	10,0%	12,3%	14,3%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Não houve oscilações significativas em relação ao percentuais estaduais e à média nacional, bem como para os recortes de faixa etária e etnia quando considerados de forma desagregada. No entanto, chama atenção o percentual maior das meninas das escolas rurais e pública que concorda (45,2%) com a frase “as meninas dominam os meninos” quando comparadas com as da escola urbana pública (35,8%) e com as meninas da escola urbana particular (30,3%),

Tabela 135 - As meninas dominam os meninos

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Discordo ou discordo totalmente	Nº meninas	147	473	162	782
	%	38,9%	49,6%	58,5%	48,6%
Concordo ou concordo totalmente	Nº meninas	171	342	84	597
	%	45,2%	35,8%	30,3%	37,1%
NR	Nº meninas	60	139	31	230
	%	15,9%	14,6%	11,2%	14,3%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com Amostra-Escola: Quando perguntadas sobre questões relacionadas ao poder na perspectiva de gênero (se são os meninos que tem mais poder do que as meninas), a maioria das meninas/adolescentes quilombolas

pesquisadas (67,1%) definitivamente não acha que são eles, os meninos, que o tem, embora 24,8% das suas contrapartes avaliarem que sim, os meninos possuem mais poder.

Tabela 136 - Os meninos têm mais poder do que as meninas

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	653	44	697
	%	40,6%	29,5%	39,6%
Discordo	Nº meninas	512	56	568
	%	31,8%	37,6%	32,3%
Concordo	Nº meninas	157	27	184
	%	9,8%	18,1%	10,5%
Concordo totalmente	Nº meninas	99	10	109
	%	6,2%	6,7%	6,2%
NR	Nº meninas	188	12	200
	%	11,7%	8,1%	11,4%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Na perspectiva comparada entre meninas quilombolas e meninas que compuseram a amostra-escola, constatou-se uma pequena oscilação: 5,5 pontos percentuais menos para as discordâncias e 8,8% mais para as concordâncias. A leitura desses dados deve ser cuidadosa, pois pode ser que ao responder à questão as meninas quilombolas estejam realizando um diagnóstico enquanto outras reafirmando uma crença.

Já a opinião das meninas/adolescentes da amostra quilombola sobre se “as meninas dominam os meninos” constatou-se uma distribuição mais equilibrada entre as que concordam e as que discordam. Os percentuais de concordância foram: 49% e os de discordância foram: 42,9% para a amostra quilombola. Na abordagem comparada, os percentuais da amostra quilombola acompanharam a tendência do percentual da média nacional.

Tabela 137 - As meninas dominam os meninos

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	360	23	383
	%	22,4%	15,4%	21,8%
Discordo	Nº meninas	422	41	463
	%	26,2%	27,5%	26,3%
Concordo	Nº meninas	348	49	397
	%	21,6%	32,9%	22,6%
Concordo totalmente	Nº meninas	249	24	273
	%	15,5%	16,1%	15,5%
NR	Nº meninas	230	12	242
	%	14,3%	8,1%	13,8%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Bem estar: níveis de satisfação em ser menina

Amostra-Escola: Em geral, as participantes da pesquisa apresentaram um elevado nível de estima própria.

A maioria das meninas participantes da pesquisa (71,5%) afirmou sentir-se bonita, apenas 3,2% manifestaram opinião contrária. Vale, no entanto, examinar, os motivos pelos quais quase um quarto delas afirmou que se sente bonita “mais ou menos” ou “às vezes”.

Chama atenção o percentual mais baixo registrado pelas meninas gaúchas para o tema “sentir-se bonita” em comparação à média nacional: 57,2% das meninas gaúchas responderam positivamente à questão, enquanto a média nacional de respostas afirmativas 71,5%, registrando uma diferença de aproximadamente 15 pontos percentuais a menor.

Tabela 138 - Você se sente bonita?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	289	286	242	155	178	1150
	% UF	77,9%	75,9%	66,9%	57,2%	78,1%	71,5%
Não	Nº meninas	15	9	12	13	3	52
	% UF	4,0%	2,4%	3,3%	4,8%	1,3%	3,2%
Mais ou menos/ às vezes	Nº meninas	64	74	107	102	41	388
	% UF	17,3%	19,6%	29,6%	37,6%	18,0%	24,1%
NR	Nº meninas	3	8	1	1	6	19
	% UF	,8%	2,1%	,3%	,4%	2,6%	1,2%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os dados desagregados por tipo/área da escola e etnia acompanharam a tendência da média nacional. No entanto, chama atenção a diferença percentual de meninas que declararam se sentir bonitas nos dois grupo etários. Os percentuais de respostas afirmativas foram muito maiores para o G1 (82,8%) do que para G2 (61,3%). Por sua vez, os percentuais para aqueles que afirmaram se sentir mais ou menos bonitas foram maiores entre as meninas do G2 (34,3%) do que do G1 (12,9%). A interpretação desses dados deve levar em conta a fase de desenvolvimento, o grau de espontaneidade das meninas menores, bem como o interesse pelas questões estéticas.

Tabela 139 - Você se sente bonita?

		G1 - 6 a 10 anos	G2 - 11 a 14 anos	NR	Total
Sim	Nº meninas	634	512	4	1150
	%	82,8%	61,3%	50,0%	71,5%

Não	Nº meninas	24	28	0	52
	%	3,1%	3,4%	,0%	3,2%
Mais ou menos/ às vezes	Nº meninas	99	286	3	388
	%	12,9%	34,3%	37,5%	24,1%
NR	Nº meninas	9	9	1	19
	%	1,2%	1,1%	12,5%	1,2%
Total	Nº meninas	766	835	8	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quando perguntadas se a cor da pele lhes parece bonita, a resposta da quase totalidade das meninas foi afirmativa (94,8%). O índice de respostas negativas foi bastante baixo (2,7%).

Tabela 140 - Você considera a tua cor de pele bonita?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Sim	Nº meninas	352	354	342	265	212	1525
	% UF	94,9%	93,9%	94,5%	97,8%	93,0%	94,8%
Não	Nº meninas	11	11	10	6	6	44
	% UF	3,0%	2,9%	2,8%	2,2%	2,6%	2,7%
NR	Nº meninas	8	12	10	0	10	40
	% UF	2,2%	3,2%	2,8%	,0%	4,4%	2,5%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Os dados desagregados para os três recortes (faixa etária, tipo/área escola e etnia) apresentaram-se de forma muito similar. Uma das possibilidades de leitura desse dado é que a cor de pele, ao contrário de que se poderia imaginar, é motivo de satisfação das meninas brasileiras.

Pode ser também que esses dados estejam condicionados pela impossibilidade de mudança de cor da pele, pois quando se oferece a possibilidade dessa mudança ocorrer 15,7% das meninas o fariam, distanciando do percentual registrado para as meninas que afirmaram não achar a sua cor de pele bonita (2,7%).

Tabela 141 - Se ao nascer você pudesse escolher a cor de sua pele, você:

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Escolheria a mesma cor	Nº meninas	272	252	296	215	177	1212
	% UF	73,3%	66,8%	81,8%	79,3%	77,6%	75,3%
Escolheria outra cor	Nº meninas	75	66	49	26	37	253
	% UF	20,2%	17,5%	13,5%	9,6%	16,2%	15,7%
NR	Nº meninas	24	59	17	30	14	144
	% UF	6,5%	15,6%	4,7%	11,1%	6,1%	8,9%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Contudo, um maior percentual de meninas pardas e negras (19,9%) do que brancas (8,7%) gostaria de mudar de cor de pele e, para a maioria das pardas e negras, uma possível escolha da cor de pele recairia sobre a branca, revelando que uma potencial tensão racial esteja afetando pelos menos 20% das meninas pesquisadas.

Tabela 142 - Se ao nascer você pudesse escolher a cor de sua pele, você:

		Branca	Preta/parda	Outra	Total
Escolheria a mesma cor	Nº meninas	523	674	15	1212
	%	83,1%	70,5%	62,5%	75,3%
Escolheria outra cor	Nº meninas	55	190	8	253
	%	8,7%	19,9%	33,3%	15,7%
NR	Nº meninas	51	92	1	144
	%	8,1%	9,6%	4,2%	8,9%
Total	Nº meninas	629	956	24	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: A maioria das meninas/adolescentes da amostra quilombola participantes da pesquisa, declarou se achar bonita (73,8%). Outra parte das meninas quilombolas (14,1%) declarou “se achar mais ou menos bonita ou às vezes bonita” e uma minoria não se acha bonita (6%). Em termos gerais, os índices acompanharam a média nacional da amostra-escola, com uma diferença a ser observada para o sentir-se bonita às vezes/mais ou menos.

Tabela 143 - Você se sente bonita?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Sim	Nº meninas	1150	110	1260
	%	71,5%	73,8%	71,7%
Não	Nº meninas	52	9	61
	%	3,2%	6,0%	3,5%
Mais ou menos/ às vezes	Nº meninas	388	21	409
	%	24,1%	14,1%	23,3%
NR	Nº meninas	19	9	28
	%	1,2%	6,0%	1,6%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A imensa maioria das meninas/adolescentes da amostra quilombola (96%) considera a cor da sua pele bonita, acompanhando os índices da média nacional. Quando consultadas sobre a possibilidade de escolha da cor da pele, 64,4% das meninas quilombolas afirmaram que escolheriam a mesma cor, índice este pouco abaixo da média nacional (75,3%).

Acompanhando a tendência nacional das meninas afrodescendentes da amostra escola, o percentual de meninas quilombolas que gostaria de mudar a cor da pele, aproxima-se do percentual das meninas afrodescendentes que também revelaram esse desejo: praticamente 20%.

Tabela 144 - Se ao nascer você pudesse escolher a cor de sua pele, você:

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Escolheria a mesma cor	Nº meninas	1212	96	1308
	%	75,3%	64,4%	74,4%
Escolheria outra cor	Nº meninas	253	28	281
	%	15,7%	18,8%	16,0%
NR	Nº meninas	144	25	169
	%	8,9%	16,8%	9,6%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Se você pudesse escolher seria menina ou menino?

Amostra-Escola: A maioria absoluta das meninas se declararam satisfeitas por terem nascido meninas (90,3%).

As respostas das meninas dos cinco Estados encontraram ressonância com a média nacional tanto para a opção “nascer menina”, como para a alternativa “nascer menino”, embora os percentuais para os estados de São Paulo (82,9%) e Rio Grande do Sul (87,1%) tenham ficado levemente abaixo da média nacional.

Da mesma forma, para os recortes de grupo etário, tipo/área escola e etnia, os percentuais se comportaram de forma similar à média nacional.

Tabela 145 - Se você pudesse escolher, você gostaria de nascer:

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Menina	Nº meninas	350	349	300	236	218	1453
	% UF	94,3%	92,6%	82,9%	87,1%	95,6%	90,3%
Menino	Nº meninas	9	17	20	22	4	72
	% UF	2,4%	4,5%	5,5%	8,1%	1,8%	4,5%
NR	Nº meninas	12	11	42	13	6	84
	% UF	3,2%	2,9%	11,6%	4,8%	2,6%	5,2%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A maioria sociológica das que optariam por ser menina, se pudessem escolher entre menino e menina, não deve relegar ao desprezo as minorias estatísticas de 4,5% das meninas que gostariam de nascer menino, sobretudo pelas sucessivas discriminações que experienciam em seu cotidiano. Os percentuais de interesse em ter nascido menino foram maiores para os estados do Rio Grande do Sul (8,1%), São Paulo (5,5%), seguida do Maranhão (4,5%).

A satisfação ou não satisfação em pertencer ao gênero feminino pode ser identificada a partir das questões: “não me sinto feliz por ser menina” e “me sinto orgulhosa por ser menina”.

Enquanto 75,4% das meninas da amostra-escola discordam da afirmativa “não me sinto feliz por ser menina” uma parcela de quase 10% das meninas (9,6%) concordou com a assertiva.

Os percentuais registrados pelas meninas do estado do Maranhão ficaram um pouco abaixo, cerca de 10 pontos percentuais, da média nacional para discordâncias com a afirmativa mencionada (65%).

Tabela 146 - Não me sinto feliz por ser menina

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	190	152	197	164	111	814
	% UF	51,2%	40,3%	54,4%	60,5%	48,7%	50,6%
Discordo	Nº meninas	109	93	64	58	75	399
	% UF	29,4%	24,7%	17,7%	21,4%	32,9%	24,8%
Concordo	Nº meninas	24	20	11	11	13	79
	% UF	6,5%	5,3%	3,0%	4,1%	5,7%	4,9%
Concordo totalmente	Nº meninas	21	16	25	5	8	75
	% UF	5,7%	4,2%	6,9%	1,8%	3,5%	4,7%
NR	Nº meninas	27	96	65	33	21	242
	% UF	7,3%	25,5%	18,0%	12,2%	9,2%	15,0%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As análises desagregadas pelos recortes definidos nesta pesquisa chamam atenção para o fato de que um maior percentual de meninas do grupo etário 2 (11-14 anos) tenha discordado da assertiva “não me sinto feliz” (81,7%) quando comparadas as do grupo etário 1(10 a 11 anos): 68,7%. Os cruzamentos tipo/área escola e etnia comportaram-se de forma similar aos índices da média-nacional.

Quando perguntadas se as meninas se sentem orgulhosas por serem meninas, 84,9% responderam positivamente. Discordaram da pergunta apenas 5,7% da média-nacional

das participantes. Uma suave oscilação em 10 pontos percentuais abaixo da média nacional foi observada nos índices de concordância das meninas do Estado do Maranhão.

Tabela 147 - Eu me sinto orgulhosa por ser menina

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Discordo totalmente	Nº meninas	7	12	10	4	3	36
	% UF	1,9%	3,2%	2,8%	1,5%	1,3%	2,2%
Discordo	Nº meninas	12	16	10	12	6	56
	% UF	3,2%	4,2%	2,8%	4,4%	2,6%	3,5%
Concordo	Nº meninas	154	125	95	89	116	579
	% UF	41,5%	33,2%	26,2%	32,8%	50,9%	36,0%
Concordo totalmente	Nº meninas	186	154	200	153	94	787
	% UF	50,1%	40,8%	55,2%	56,5%	41,2%	48,9%
NR	Nº meninas	12	70	47	13	9	151
	% UF	3,2%	18,6%	13,0%	4,8%	3,9%	9,4%
Total	Nº meninas	371	377	362	271	228	1609
	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

As análises desagregadas indicaram uma leve diferença entre os percentuais de discordâncias pelos tipos/áreas de escola: enquanto 8,2% das meninas da escola rural pública não se sentem orgulhosas em ser menina, somente 5,1% e 4,3%, respectivamente das escolas urbana pública e privada trazem consigo esse sentimento por sua condição.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Se pudessem escolher entre menino ou menina a escolha recairia sobre “menina” para 91,3% das participantes da amostra quilombola. Esses percentuais acompanham aqueles registrados pela média nacional: 90,3%.

Tabela 148 - Se você pudesse escolher, você gostaria de nascer:

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Menina	Nº meninas	1453	136	1589
	%	90,3%	91,3%	90,4%
Menino	Nº meninas	72	7	79
	%	4,5%	4,7%	4,5%
NR	Nº meninas	84	6	90
	%	5,2%	4,0%	5,1%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Nesta mesma direção, constata-se que maioria das meninas da amostra quilombola participantes nesta pesquisa compartilha do sentimento de felicidade e orgulho por ser menina: 87,9% e 92,1% delas, respectivamente, declararam concordar e concordar totalmente com a afirmativa. Esses percentuais foram muito semelhantes aos registrados pela média nacional da amostra-escola.

Quanto à afirmativa não me sinto feliz, uma pequena nuance nos percentuais de concordâncias foi percebida em relação à média nacional e a amostra quilombola: 9,6% e 19,4%, demonstrando que cerca de 10% das meninas da amostra-escola e aproximadamente 20% da amostra quilombola não estão felizes na condição de menina.

Tabela 149 - Não me sinto feliz por ser menina

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	814	65	879
	%	50,6%	43,6%	50,0%
Discordo	Nº meninas	399	46	445
	%	24,8%	30,9%	25,3%
Concordo	Nº meninas	79	20	99
	%	4,9%	13,4%	5,6%

Concordo totalmente	Nº meninas	75	9	84
	%	4,7%	6,0%	4,8%
NR	Nº meninas	242	9	251
	%	15,0%	6,0%	14,3%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Quando as meninas gostariam de ter nascido “menino”

Amostra-Escola: Como já mencionado anteriormente, a imensa maioria das meninas gostaria de ter nascido menina se pudesse fazer essa escolha.

Um percentual de 7,5% das entrevistadas declarou não gostar de ser menina. A observação dos dados desagregados pelo tipo de escola, registra que um maior percentual para as meninas de escolas públicas rurais (9,8%) e urbanas (8,1%) do que os registrados pelas meninas da escola urbana particular (2,5%).

Tabela 150 - Eu não gosto de ser menina

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Discordo ou discordo totalmente	Nº meninas	275	742	256	1273
	%	72,8%	77,8%	92,4%	79,1%
Concordo ou concordo totalmente	Nº meninas	37	77	7	121
	%	9,8%	8,1%	2,5%	7,5%
NR	Nº meninas	66	135	14	215
	%	17,5%	14,2%	5,1%	13,4%
Total	Nº meninas	378	954	277	1609
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Ainda em relação ao ser menina, algumas sentenças foram apresentadas às meninas para que elas opinassem sobre o grau de aceitação de pessoas próximas sobre atos de cruzamento de marcações de gênero.

Na primeira delas, quando perguntadas “as pessoas da minha família ficariam chateadas se eu quisesse fazer coisas que geralmente meninos fazem”, um pouco mais da metade discordou da afirmação (54,6%), enquanto quase 1/3 (32,6%) acredita que sim, que os membros da família ficariam chateados caso as meninas quisessem fazer coisas que os meninos fazem. Destoou da média nacional em 13 pontos percentuais os índices de discordância das meninas do Estado do Maranhão: 41,6%. As análises dos dados desagregadas por grupo etário, raça/etnia e tipo de escola, não demandaram destaques relevantes.

Um pouco mais das metade das meninas (51,1%) acredita que suas minhas amigas “ficariam chateadas” se a menina quisesse fazer coisas que geralmente os meninos fazem”. Contudo, demonstrando pontos de vistas diferenciados para a mesma temática, 36,5% das meninas da amostra escola discordaram da ideia.

Da mesma forma, um pouco mais da metade das meninas participantes da pesquisa (53,2%), acredita que “outras meninas ficariam chateadas” se elas fizessem “coisas que geralmente os meninos fazem”. Contudo para esta afirmativa também registram-se percentuais significativos de concordância (35,1%).

É digno de nota a análise dos dados desagregados por tipo/área da escola: enquanto um percentual maior das meninas da escola privada opinou que outras meninas não ficaram chateadas, discordando da afirmação (62,5%). Índices de discordâncias mais baixos foram registrados pelas meninas da escola pública rural (45,8%) e urbana pública (53,6%).

Tabela 151 - As pessoas da minha família ficariam chateadas se eu quisesse fazer coisas que geralmente os meninos fazem

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total
Discordo ou discordo totalmente	Nº meninas	172	535	172	879
	%	45,5%	56,1%	62,1%	54,6%
Concordo ou concordo totalmente	Nº meninas	141	297	86	524
	%	37,3%	31,1%	31,0%	32,6%
NR	Nº meninas	65	122	19	206
	%	17,2%	12,8%	6,9%	12,8%
<i>Total</i>	Nº meninas	<i>378</i>	<i>954</i>	<i>277</i>	<i>1609</i>
	%	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Por último, um pouco mais da metade das meninas pesquisadas (51,1%), quando perguntadas se suas amigas ficariam chateadas se elas se vestissem como meninos, responderam afirmativamente.

Contudo, vale o registro, de que 36,5% delas discordaram dessa afirmativa. Não foram observadas nuances significativas nas análises desagregadas por faixa etária, tipo/área da escola e etnia quando comparados à média nacional. Constatou-se que na percepção das participantes, um percentual significativo de meninas enfrentaria muitas resistências culturais à possíveis transigência de gênero.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: Do total de 149 meninas/adolescentes quilombolas, algumas reconheceram as dificuldades em ser meninas e 7 delas (4,7%) afirmaram que gostariam de ter nascido “menino”. Um percentual muito próximo a este, foi observado nas respostas das meninas da amostra-escola: 4,5% optariam nascer menino.

Tabela 152 - Se você pudesse escolher, você gostaria de nascer:

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Menina	Nº meninas	1453	136	1589
	%	90,3%	91,3%	90,4%
Menino	Nº meninas	72	7	79
	%	4,5%	4,7%	4,5%
NR	Nº meninas	84	6	90
	%	5,2%	4,0%	5,1%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014

Existem meninas que se sentem infelizes por ser menina. Os altos percentuais de meninas que acreditam que é legal ser menina e que se sentem felizes não deve obscurecer o fato e o sofrimento de um conjunto de meninas, ainda que pequeno, que não se sente feliz sendo menina. Ao perguntar se as meninas se sentiam felizes por serem meninas, (4,7%) discordou da afirmação.

Quando a pergunta foi, no entanto, “não me sinto feliz por ser menina”, os percentuais de concordância alcançaram a casa dos 19,4%. Os índices de discordância da amostra quilombola para a pergunta não me sinto feliz (74,5%) acompanhou a média-nacional das meninas da amostra-escola (75,4%). Já nas concordâncias, as respostas das meninas quilombolas apresentaram um percentual maior para a afirmativa “ não me sinto feliz” (19,4%), quando comparadas à média nacional das meninas da amostra-escola (9,6%).

Tabela 153 - Não me sinto feliz por ser menina

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	814	65	879
	%	50,6%	43,6%	50,0%
Discordo	Nº meninas	399	46	445
	%	24,8%	30,9%	25,3%
Concordo	Nº meninas	79	20	99
	%	4,9%	13,4%	5,6%

Concordo totalmente	Nº meninas	75	9	84
	%	4,7%	6,0%	4,8%
NR	Nº meninas	242	9	251
	%	15,0%	6,0%	14,3%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Ademais, o orgulho em ser menina da maioria das meninas/adolescentes da amostra quilombola não deve contudo obscurecer o fato de 9,4% das meninas não se orgulharem dessa sua condição de gênero.

A análise comparada para o sentimento de orgulho das meninas quilombolas, tanto para as discordâncias como para as concordâncias, se apresentou similar, com oscilações muito pequenas em relação à amostra nacional.

Ainda quando a afirmativa foi “eu não gosto de ser menina”, os níveis de concordância das meninas quilombolas foram de 17,5%. Ou quando a afirmativa foi “eu me sinto mal por ser menina”, os percentuais registrados foram de 11,4% de concordância das meninas da amostra quilombola.

Nesses quesitos, a amostra quilombola apresentou-se de forma similar à amostra-escola, diferenciando-se, no entanto, em 10 pontos percentuais acima da média-nacional em concordância para a afirmativa “ eu não gosto de ser menina”

Tabela 154 - Eu não gosto de ser menina

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Discordo totalmente	Nº meninas	857	70	927
	%	53,3%	47,0%	52,7%
Discordo	Nº meninas	416	43	459
	%	25,9%	28,9%	26,1%
Concordo	Nº meninas	49	19	68
	%	3,0%	12,8%	3,9%

Concordo totalmente	Nº meninas	72	7	79
	%	4,5%	4,7%	4,5%
NR	Nº meninas	215	10	225
	%	13,4%	6,7%	12,8%
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

Pelas frases abaixo, de como seria o comportamento de familiares, amigos(as) e pessoas em geral se uma menina “fizesse coisas que geralmente os meninos fazem”, pode-se constatar que existe uma grande pressão social para as meninas/adolescentes se conformarem às marcações de gênero. Vejam as opiniões das meninas de quilombolas, que, em grande medida, acompanham os índices da média nacional da amostra-escola :

- 49,7% delas afirmam que membros da família SIM ficariam chateados enquanto 45,6% acreditam que estes NÃO ficariam chateados. Quando comparadas aos índices da média nacional da amostra escola percebeu-se índices um pouco menor para as discordância (32,6%) e um pouco maiores, quase, 10 pontos para as concordâncias (54,6%),
- 46,3% acreditam que suas amigas NÃO ficariam chateadas, mas praticamente metade delas 49% avaliam que SIM, elas ficariam chateadas. Já os percentuais da média nacional apresentaram-se da seguinte forma: 55,2% discordam e 32,2% concordam que suas amigas ficariam chateadas.
- 55% das meninas quilombolas acreditam que outras meninas - que não sejam amigas- SIM, ficariam chateadas, enquanto 40,9% avaliam que estas NÃO ficariam chateadas. Para a média nacional os percentuais da amostra escola foram 53,2% de discordância contra 35,1% de concordância

Foi a afirmativa “minhas amigas meninas ficariam chateadas se eu me vestisse como um menino” que alcançou o maior percentual de concordância dentre as alternativas apresentadas: 63,1% delas concordaram que suas amigas, sim, ficariam chateadas, enquanto 33,6% avaliaram que não teriam problemas com as amigas. Esses percentuais acompanhou tendências parecidas registradas na média nacional: 36,5% para discordância 51,1 % para concordância.

3.8) Expectativas de futuro: O que é importante para ser feliz?

Amostra-Escola: Em geral, grande parte das meninas da amostra-escola, julga que, para ser feliz, precisa, em primeiro lugar, estudar (89,2%) e, em seguida, ter uma vida saudável (87,6%).

Chama atenção que para as meninas de São Paulo e do Rio Grande do Sul esta ordem registrada na média nacional encontra-se invertida: quando consideraram que ter uma vida saudável (83,7% e 90,4 %) é ainda mais importante do que estudar (82,3% e 88,2%) para serem felizes.

Brincar, fazer amizade com meninas da própria idade, cuidar de si própria e cuidar do meio ambiente também receberam altos índices de adesão pelas meninas da amostra-escola como significância de requisitos para a felicidade: 82%, 79,1%, 78,9% e 77,7%.

Ainda que com uma frequência levemente menor, outras afirmativas foram também consideradas significativas para o alcance da felicidade pelas meninas que participaram da pesquisa: fazer amizade com pessoas maiores (72%), conhecer seus direitos (70,7%), desenvolver talento artístico (70,6%) e praticar esportes (70,5%).

Dentre os quesitos referentes ao relacionamento com o “outro” e com o “coletivo” foram considerados importantes por mais da metade delas: conversar sem brigar para se chegar a uma solução em um conflito (68,7%), ter atitude de respeito às diferenças (66,4%), identificar quando alguém precisa de ajuda e ser solidário (65,1%), cuidar dos irmãos (53,4%) e mobilizar as pessoas para melhorar os espaços coletivos (53,3%).

Quesitos mais convencionais considerados por muitas pessoas como fundamentais em projetos de futuro, parecem descer na escala de prioridades das meninas que participaram da pesquisa, já que menos da metade das meninas consideram, hoje, que

casar (47,7%), ganhar dinheiro (45,9%) e ter filhos (45,2%) sejam importantes para sua felicidade.

De igual forma, o uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC), uma realidade na vida cotidiana moderna, também foi identificado por menos da metade das meninas da amostra-escola (45,6%) como um requisito para a felicidade.

No entanto, chama atenção que o fator tecnologia/comunicação registou comportamentos percentuais distintos entre os vários estados: enquanto no Rio Grande do Sul os índices foram relativamente maior à média nacional (61,3%), no Estado do Pará os percentuais foram muito menores (25,9%). O item foi considerado importante para um maior número de adolescentes do G2 (52,3%) do que do G1 (38,7%). Já o recorte por etnia, demonstrou que as meninas brancas (50,7%) conferem às TICs maior importância quando comparadas às meninas afrodescendentes (42,2%). De igual forma, vale ressaltar a significativa diferença de percentuais conferida pelas meninas das escolas privadas (61,5%) quando comparadas às meninas das escolas rurais e urbanas públicas: 42,2% e 41,3%, o que pode sinalizar que o acesso às novas tecnologias de informação seja considerado fator de felicidade para um maior contingente de meninas provenientes de famílias de maior renda.

Os menores índices que as meninas consideram para o quesito “ser feliz” se concentraram nos itens trabalhar cedo (27,7%) e negociar – fazer um combinado -- (26,8%).

Tabela 155 - O que VOCÊ considera importante para ser feliz?

		UF					Total
		PA	MA	SP	RS	MT	
Estudar	Nº meninas	352	331	298	239	215	1435
	% UF	94,9%	87,8%	82,3%	88,2%	94,3%	89,2%
Cuidar de mim mesma	Nº meninas	290	292	285	215	187	1269
	% UF	78,2%	77,5%	78,7%	79,3%	82,0%	78,9%

Cuidar dos meus irmãos	Nº meninas	240	223	161	117	119	860
	% UF	64,7%	59,2%	44,5%	43,2%	52,2%	53,4%
Fazer amizade com pessoas de outras idades	Nº meninas	237	284	272	212	153	1158
	% UF	63,9%	75,3%	75,1%	78,2%	67,1%	72,0%
Fazer amizade com pessoas da minha idade	Nº meninas	283	291	285	226	187	1272
	% UF	76,3%	77,2%	78,7%	83,4%	82,0%	79,1%
Ter uma vida saudável	Nº meninas	338	323	303	245	201	1410
	% UF	91,1%	85,7%	83,7%	90,4%	88,2%	87,6%
Praticar esportes	Nº meninas	254	254	252	208	167	1135
	% UF	68,5%	67,4%	69,6%	76,8%	73,2%	70,5%
Realizar atividades de lazer, brincar, se divertir	Nº meninas	316	300	280	225	198	1319
	% UF	85,2%	79,6%	77,3%	83,0%	86,8%	82,0%
Desenvolver talento artístico (música, canto, dança, pintura etc.)	Nº meninas	268	263	247	188	170	1136
	% UF	72,2%	69,8%	68,2%	69,4%	74,6%	70,6%
Utilizar tecnologia da informação e comunicação	Nº meninas	96	177	199	166	96	734
	% UF	25,9%	46,9%	55,0%	61,3%	42,1%	45,6%
Conhecer meus direitos	Nº meninas	269	274	243	188	164	1138
	% UF	72,5%	72,7%	67,1%	69,4%	71,9%	70,7%
Negociar (fazer um combinado)	Nº meninas	68	105	109	89	61	432
	% UF	18,3%	27,9%	30,1%	32,8%	26,8%	26,8%
Conversar sem brigar para chegar a uma solução sem um conflito	Nº meninas	236	246	249	208	167	1106
	% UF	63,6%	65,3%	68,8%	76,8%	73,2%	68,7%
Começar a trabalhar cedo	Nº meninas	110	109	87	91	48	445
	% UF	29,6%	28,9%	24,0%	33,6%	21,1%	27,7%
Ganhar muito dinheiro	Nº meninas	176	161	166	126	110	739
	% UF	47,4%	42,7%	45,9%	46,5%	48,2%	45,9%
Casar	Nº meninas	176	184	188	137	83	768
	% UF	47,4%	48,8%	51,9%	50,6%	36,4%	47,7%

Ter filhos	Nº meninas	173	164	180	135	76	728
	% UF	46,6%	43,5%	49,7%	49,8%	33,3%	45,2%
Ter atitude de respeito às diferenças	Nº meninas	235	256	240	195	142	1068
	% UF	63,3%	67,9%	66,3%	72,0%	62,3%	66,4%
Identificar quando alguém precisa de ajuda e ser solidário	Nº meninas	242	240	237	193	135	1047
	% UF	65,2%	63,7%	65,5%	71,2%	59,2%	65,1%
Mobilizar as pessoas para melhorar espaços coletivos (escola, bairro, cidade)	Nº meninas	182	223	184	155	114	858
	% UF	49,1%	59,2%	50,8%	57,2%	50,0%	53,3%
Cuidar do meio ambiente	Nº meninas	299	287	262	213	189	1250
	% UF	80,6%	76,1%	72,4%	78,6%	82,9%	77,7%
Outra	Nº meninas	10	12	15	14	5	56
	% UF	2,7%	3,2%	4,1%	5,2%	2,2%	3,5%
NS/NR	Nº meninas	2	32	36	6	1	77
	% UF	,5%	8,5%	9,9%	2,2%	,4%	4,8%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

A Amostra Quilombola e a análise comparada com a Amostra-Escola: De forma similar à amostra-escola, os três requisitos mais recorrentes, considerados importantes para as meninas quilombolas serem felizes foram: estudar (94,6%), ter uma vida saudável (90,6%) e realizar atividades de lazer, brincar, se divertir (86,6%).

A amostra quilombola seguiu também a mesma tendência da amostra-escola, considerando que apenas pouco mais da metade das meninas julgou como importante para sua felicidade casar e ganhar muito dinheiro (55,0%) e ter filhos (53,7%), o que demonstra uma possibilidade de mudança no padrão das expectativas de futuro para o alcance da felicidade no imaginário das meninas brasileiras.

Vale também ressaltar as diferenças observadas entre a amostra-escola e a amostra quilombola no tocante aos fatores relacionados ao coletivo e a convivência com o outro. No geral, as meninas quilombolas demonstraram ser mais importante para sua felicidade a consideração do contexto que envolve terceiros: “identificar quando alguém precisa de ajuda e ser solidário” (79,2% x 65,1%), cuidar dos irmãos (73,2% x 53,4%) e mobilizar pessoas para melhorar espaços coletivos (70,5% x 53,3%).

Tabela 156 - O que VOCÊ considera importante para ser feliz?

		Total 5 Estados	Quilombolas	Total
Estudar	Nº meninas	1435	141	1576
	%	89,2%	94,6%	
Cuidar de mim mesma	Nº meninas	1269	124	1393
	%	78,9%	83,2%	
Cuidar dos meus irmãos	Nº meninas	860	109	969
	%	53,4%	73,2%	
Fazer amizade com pessoas de outras idades	Nº meninas	1158	121	1279
	%	72,0%	81,2%	
Fazer amizade com pessoas da minha idade	Nº meninas	1272	126	1398
	%	79,1%	84,6%	
Ter uma vida saudável	Nº meninas	1410	135	1545
	%	87,6%	90,6%	
Praticar esportes	Nº meninas	1135	119	1254
	%	70,5%	79,9%	
Realizar atividades de lazer, brincar, se divertir	Nº meninas	1319	129	1448
	%	82,0%	86,6%	
Desenvolver talento artístico (música, canto, dança, pintura etc.)	Nº meninas	1136	109	1245
	%	70,6%	73,2%	
Utilizar tecnologia da informação e comunicação	Nº meninas	734	80	814
	%	45,6%	53,7%	
Conhecer meus direitos	Nº meninas	1138	117	1255
	%	70,7%	78,5%	
Negociar (fazer um combinado)	Nº meninas	432	62	494
	%	26,8%	41,6%	
Conversar sem brigar para chegar a uma solução sem um conflito	Nº meninas	1106	121	1227
	%	68,7%	81,2%	

Começar a trabalhar cedo	Nº meninas	445	65	510
	%	27,7%	43,6%	
Ganhar muito dinheiro	Nº meninas	739	82	821
	%	45,9%	55,0%	
Casar	Nº meninas	768	82	850
	%	47,7%	55,0%	
Ter filhos	Nº meninas	728	80	808
	%	45,2%	53,7%	
Ter atitude de respeito às diferenças	Nº meninas	1068	121	1189
	%	66,4%	81,2%	
Identificar quando alguém precisa de ajuda e ser solidário	Nº meninas	1047	118	1165
	%	65,1%	79,2%	
Mobilizar as pessoas para melhorar espaços coletivos (escola, bairro, cidade)	Nº meninas	858	105	963
	%	53,3%	70,5%	
Cuidar do meio ambiente	Nº meninas	1250	126	1376
	%	77,7%	84,6%	
Outra	Nº meninas	56	7	63
	%	3,5%	4,7%	
NS/NR	Nº meninas	77	2	79
	%	4,8%	1,3%	
Total	Nº meninas	1609	149	1758
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Plan Brasil/ Socializare, 2014.

4. PERSPECTIVA QUALITATIVA DA PESQUISA²

4.1) O que é ser menina/menina adolescente?

4.1.1) Respostas às Questões Abertas

4.1.1.1) Amostra-Escola

Na questão aberta do questionário, “Escreva em algumas linhas o que é ser menina para você” os índices de respostas positivas foram expressivamente maiores (73,5%) do que alternativas como aspectos negativos (0,3%), não sei (1,7%) e não respondeu (9,4%), significando que as meninas/adolescentes em geral estão muito positivas e satisfeitas com o fato de serem meninas.

Quadro 8 – O que é ser “Menina” para você? Aspectos Gerais (amostra-escola)

Item	Respostas	Números	%
01	Aspectos positivos (apreciativos, atributos, possibilidades)	1.182	73,5%
02	Aspectos Negativos	05	0,3%
03	Aspectos Combinados	230	14,3%
04	Aspectos Descritivos	13	0,8%
05	Respondeu que não sabe	27	1,7%
06	Não respondeu	152	9,4%
	Total	1609	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

A grande maioria das meninas participantes da pesquisa responderam a questão “o que é ser menina para você?” (1430/88,9%). Analisando as respostas, por ordem decrescente de tipo da argumentos, constata-se que: 39,8% utilizaram frases contendo os atributos

² As frases das meninas foram transcritas tais como se manifestaram e as siglas na identificação das mesmas significam o seguinte: PU – Escola Pública Urbana, PTU – Escola Particular Urbana; PR- Pública Rural

de ser menina, 24,1% afirmaram as possibilidades que a condição de ser menina oferece, 14,3% combinaram atributos e possibilidades numa mesma resposta, 11,1% não responderam, 9,8% empregaram termos que demonstram apreciação em ser menina (adjetivos), 0,9% responderam a questão com termos descritivos sem emissão de um juízo de valor mais explícito.

Quadro 9 – O que é ser “Menina” para você?: Tipos de argumentos (amostra-escola)

Item	Respostas	Total
01	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>apreciativos</u> demonstrando satisfação em ser menina construídos com base em termos qualificativos sem maiores especificações. Algumas meninas utilizaram elementos comparativos entre meninos para reforçar a apreciação delas com a condição de gênero. 	158 (9,8%)
02	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>atributivos</u> no qual as meninas se utilizam de atributos para apresentar o significado de ser menina, em geral de natureza estética, de habilidades e competências. A maioria das vezes, no caso dessa questão em específico, elas apresentaram elementos comparativos entre elas e os meninos. 	641 (39,8%)
03	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>possibilitativos</u> baseados na descrição das possibilidades que o “ser menina” apresenta em termos atividades algumas vezes relacionadas à condição de gênero (realçando aspectos estéticos), mas particularmente relativas à condição de criança e adolescente (diversão e lazer). Muitas vezes essas possibilidades são enunciadas de forma comparativa 	388 (24,1%)
04	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>combinativos</u> no qual as meninas e adolescentes, sem utilizar elementos comparativos com os meninos, empregam tanto atributos quanto termos que indicam as possibilidades, de forma combinativa, numa mesma resposta. Tanto atributos quanto possibilidades podem ainda vir individual ou conjuntamente combinados termos de apreciação pela condição de serem meninas. 	230 (14,3%)
05	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>Descritivos (não opinativo)</u> nas quais algumas meninas descreveram marcadores de diferenças de maneira pouco ou nada opinativa em que pese terem afirmado que se tivessem que nascer de novo escolheriam serem menina 	13 (0,9%)
06	<ul style="list-style-type: none"> Não sabem ou não responderam 	179 (11,1%)
	Total	1609 (100%)

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Os argumentos apreciativos da condição de ser menina (amostra-escola)

Ser menina “é legal”, “muito legal”, “eu amo ser menina”, “é maravilhoso”, “é tudo”, “a melhor coisa do mundo”

A satisfação das meninas/adolescente em ser menina pode ser observada na recorrência de argumentos apreciativos (9,8%), na maioria da vezes expressos com termos qualificativos como ser menina “é legal”, “é muito legal”, “é super legal”, “é uma coisa boa”, “é bom ser menina”, “é muito bom ser menina”, “é ótimo”, “gosto muito” “adoro ser menina”, “amo ser menina”, “é tudo”, “o melhor da vida”, “maravilhoso”, e outros aspectos como , “ser menina é muito importante para todo o mundo” , “é interessante”, “é lindo ser menina”, “ser menina é muito especial”.

“Eu acho que ser menina é a melhor coisa do mundo.” (8 anos, PTU, SP)

“Menina é a melhor coisa que existe.” (11 anos, PTU, SP)

“Menina para mim é muito bom é muito bom mesmo amo ser menina.”

(10 anos, PU, PA, Q.24)

“Ser menina eu acho legal porque sim, eu gosto do jeito que eu sou por ser menina.”

(10 anos, PR, RS, Q.850)

“Um milagre da vida. É muito bom ser menina.”

(8 anos, PU, MA)

“Pra mim ser menina é muito importante, não sei muito descrever o que é ser menina, pra mim é legal, divertido, interessante etc.”

(14 anos, PR, PA)

“Eu acho bom porque ser menina é bom para pessoa e ruim para outros, eu acho legal.”

(13 anos, PR, MA, Q.164)

“Ser menina é ser feminina, é ser feliz. Eu me sinto alegre de ser menina.”

(14 anos, PU, MT, Q.1465)

“Para mim ser menina é maravilhoso, adoro ser menina se fosse para escolher seria menina sempre.”

(11 anos, PR, PA)

“Ser menina para mim é algo bom, algo orgulhoso porquê ser menina é uma maravilha.”

(12 anos, PU, Q.119, PA)

Argumentos Atributivos:

O maior conjunto de meninas participantes da pesquisa (39,8%) descreveu o ser menina por meio de atributos. A sistematização desses atributos, por natureza, sugeriu o agrupamento em seis categorias: comportamento, qualidade afetivo-emociorelacional, estético, capacidade intelectual, valor e nível de autonomia.

Quadro 10 – Natureza dos atributos utilizados pelas meninas

Categorias	Atributos
Comportamento:	Cuidadosa, delicada, educada, atenciosa, gentil, meiga, respeitável, respeitosa, confiável, confiante, verdadeira, calma, livre, companheira, esperta, obediente, humilde, corajosa, experiente, organizada, orgulhosa, honesta, obediente, responsável, dedicada, persistente, Legal, divertida, risonha, alegre, bem humorada, bondosa, doce, saber se valorizar, frágil, simpática, solidária, perfeita, preocupada, complicada, abusada, teimosa, mandona, agitada.
Afetivo-emociorelacional:	amiga, carinhosa, amada, amorosa, fiel, romântica, companheira.
Estético:	Bonita, vaidosa, linda, elegante, charmosa, gatinha.
Capacidade intelectual:	Inteligente, estudiosa, genial, talentosa.
Valor:	Importante, sucesso, valiosa, especial, interessante.
Nível de autonomia:	Independente.

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

A análise por natureza e recorrência indicou um uso prevalente de atributos relacionados à estética feminina, comportamento e à construção afetivo-emociorelacional.

Ser menina é ser “legal”, “bonita”, “inteligente”, “elegante”, “vaidosa”, “solidária”, “responsáveis e “melhores” do que os meninos

Os atributos relativos à estética feminina mais utilizados foram: “ser bonita”, “ser linda”, “ser charmosa”, “ser elegante”, “ser vaidosa”, “ser gatinha”

“Bem legal, ser bonita e ser modelo.” (11 anos, PR, Q. 1204, PA)

“Charmosa , bonita, interessante e amiga.” (11 anos, PU, Q. 1553, MT)

“Ser vaidosas, simpáticas, mais dedicadas, delicadas, etc...”

(12 anos, PU, Q. 692, SP)

Os atributos relacionados comportamento e à construção afetivo-emocional foram os seguintes: “ser feliz”, “ser alegre”, “ser amada”, mas também ser “doce”, “carinhosa”, “amorosas”, “solidária”, “sensível”, “delicada”, “corajosa”, “obediente”, “ter atitude”, “genial”, “dedicada”, “atenciosa”, “persistente”, “complicada”, “abusada”, “teimosa”, “mandona”, “perfeita”, “risonha”, ser “amiga” .

“Ser menina é ser feliz, se não menino eu menino tem que ser doce mesma, ser delicada, alegre.”

(12 anos, PTU, RS)

“É ser respeitada, se valorizar, se amar, acreditar em se próprio, ter atitude e coragem para fazer as coisas, é ser verdadeira.” (13 anos, PU, MA)

“É ser amiga, é ser legal, é ser solidária e companheira.”

(9 anos, PU, SP)

“É ser complicada, meiga, abusada, linda, teimosa, mandona, enfim, perfeita. Pois nós temos o que os homens querem, nós sabemos nos virar, sabemos fazer tudo, completamente tudo, nós sabemos como enlouquecer nossas mães, sabemos ser certas quando estamos erradas kkk, ou seja, somos muito perfeitas.”

(14 anos, PU, SP)

“Ser feliz, se divertir, sair com amigas, jogar futebol, ter respeito com todo mundo, fazer amizades com pessoas de nossa idade e também as mais velhas, mas e mais importante é ser respeitada e curtir a vida.” (13 anos, PR, RS)

“Ser menina e muito legal porque menina é inteligente.”
(9 anos, PR, MA)

“Ser menina é meiga, companheira e amiga e a menina quando crescer tem uma missão de cuidar e ser cuidada.” (11 anos, PU, MT)

“Ser menina é especial para minha família. Gosto de brincar, estudar, ser alegre e divertir com minhas amigas.” (10 anos, PU, PA)

“Ser menina é cuidar do cabelo, das unhas, do meu corpo, enfim da aparência. Mais além disso é ser educada, amorosa, respeitadora, divertida, alegre, e claro cada menina tem seu próprio “estilo.” (13 anos, PTU, MA)

“Ser menina para mim é ser educada, inteligente e elegante.”
(9 anos, PU, RS)

“Ser menina é ser feliz, se não menino eu menino tem que ser doce mesma, ser delicada, alegre.”
(12 anos, PTU, RS)

“Ser menina para mim é algo bom, algo orgulhoso porquê ser menina é uma maravilha.” (12 anos, PU, PA)

“É ser amiga, é ser legal, é ser solidária e companheira.” (9 anos, PU, SP)

Várias meninas utilizaram esses atributos numa perspectiva comparativa em relação aos meninos. Os termos mais empregados foram: as meninas são mais “legais”, “ vaidosas”, “capacitadas”, mais “habilidosas”, “talentosas”, “obedientes”, “estudiosas”, “delicadas”, “organizadas”, “responsáveis”, “cuidadas”, “companheiras”, “confiáveis”, “melhores”,

do que os meninos. Elas são “tão capazes quanto os meninos” e “podem fazer várias coisas que meninos não podem”. O único senão: elas conversam mais do que os meninos.

“Ser menina é ter habilidades que meninos não tem, amadurecer mais rápido, ser na maioria das vezes mais inteligente e ter um belo entendimento da vida.”

(14 anos, PU, PA)

Ser menina pra mim é saber se cuidar, ser responsável, amorosa, carinhosa, frágil mas ao mesmo tempo uma "menina mulher" ah e não deixar o mundo entrar em extinção, porque afinal nós que temos o famoso útero. Ser mais sentimental, afetiva e se expressar sem ter medo de ser julgada como um menino seria, se chorasse por amor, por exemplo. (14 anos, PU, RS)

“Ser bonita se sentir melhor do que os meninos.”

(10 anos, PU, MT)

“Ser menina é se sentir legal, não ter vergonha porque é uma menina ,ser uma menina é legal porque a gente faz coisas que os meninos não conseguem fazer, menina tem mais sentimentos e são mais delicadas e tem mais educação, menina é ser gentil é ter responsabilidade pelo seu comportamento.”

(14 anos, PU, MA)

“Muito legal, porque é diferente porque eu gosto de fazer coisas que meninos fazem, exemplo jogar bola. Na minha sala só eu que estou jogando e mostra que sou diferente, gosto muito de desafiar os meninos, de querer ser a melhor em tudo e, sendo menina, eu consigo porque os meninos não tem graça.”

(13 anos, PU, SP)

“É ser uma pessoa gentil, uma pessoa amorosa e carinhosa, ser bem tratada pelos outros.”

(10 anos, PU, PA)

“É ser legal, amigável é brincar com amigos e amigas que menina sabe o que acolher.”

(9 anos, PTU, MA)

“Ser menina é tudo de bom. As meninas são mais legais e cuidadosas.”

(14 anos, PU, SP)

Argumentos possibilitativos: Ser menina é “brincar de boneca”, fazer “amizades”, “se arrumar”, “sair com as amigas”, “fazer sucesso”

Cerca de um quarto das meninas participantes da pesquisa (24,1%), definiram ser menina pelas possibilidades oferecidas, podendo ser agrupadas em cinco categorias: 1) diversão, lazer e prática de esportes, 2) estética feminina, 3) direitos, 4) afetivo-relacionais 5) trabalho/profissão.

Quadro 11 – As possibilidades que ser menina oferece

Categorias e eventos/atividades
1. diversão, lazer e pratica de esportes
Brincadeiras de vários tipos (boneca, videogame); “brincar com os meninos”; praticar de esportes; fazer danças de diversas modalidades; sair com amigas, se divertir
2.Aspectos estéticos feminino
“usar maquiagem”, “usar sapatos de salto alto”
3.Possibilidades relacionadas aos direitos
ter direitos e não ser violada; direitos iguais; respeito e não discriminação.
4.Possibilidades afetivo-relacionais: amizade, tratamento dos pais
“fazer amizades”, “contar segredos”, “compartilhar momentos”, “ter uma família”, conversar com os pais, receber atenção, namorar, amadurecer mais rápido.
5. Possibilidades de trabalhar e igualdade de oportunidade
“fazer sucesso”, “ter muitas profissões”, ter cargos importantes, ser independente financeiramente.

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

“Ser menina é ter liberdade para se expressar e ter direito de brincar com algumas brincadeiras que são consideradas de meninos, ser respeitada pelas amigas e amigos, poder falar com amigos sem outras pessoas te criticar.”

(12 anos, PTU, MA)

“Ser menina é a coisa mais legal, uma coisa que eu tenho certeza que nem uma das meninas gostam é a menstruação que vem todo mês. Agora eu estou amando ser menina, porque eu estou grávida, essa é a melhor coisa que uma mulher pode ter, eu tenho certeza que os homens não podem engravidar né.”

(15 anos, PU, SP)

“Menina é ser amiga, é compartilhar momentos bons com suas amigas e seus familiares, é poder fazer o que quiser, é poder andar de skate, jogar exx box 360 com as amigas e jogar vôlei, se maquiar com cosméticos como batom, rímel, lápis de olho, base, poder usar vestidos rosas lindos, poder usar brincos, colares pulseiras e poder usar sapatos de salto alto.” (12 anos, PU, RS)

Argumentos combinativos: Ser menina “é tudo”, por “ser mais dedicada, inteligente e respeitada”, por “poder conversar com suas amigas sobre beijos, roupas, namorado, maquiagem, festa...”

Um pouco mais de 10% das meninas participantes (14,3%) definiram ser menina usando, de maneira combinada, termos relacionados aos atributos e às possibilidades. Os atributos mais utilizados foram: “dedicada”, “meiga”, “inteligente”, “respeitada” mas também “abusada”, “teimosa”, “mandona”. Dentre as possibilidades, as mais citadas foram: “sair”, se “divertir”, “conversar com amigas”, “usar maquiagem,” “cada vez mais conquistar direitos”.

“Ser menina pra mim é um dos maiores bens que tenho, é tudo, por ser mais dedicada, inteligente e respeitada. Pra mim ser menina é um privilégio, em fim amo ser menina.”
(14 anos, PU, MA)

“Ser menina é poder conversar com suas amigas sobre beijos, roupas, namorado, maquiagem, festa... Pra mim ser menina é maravilhoso.”
(13 anos, PTU, SP)

“É muito legal porque eu gosto de ser menina. Menino é muito ruim sei lá é isso que eu penso!!!”
(12 anos, PU, PA)

“É ser complicada, meiga, abusada, linda, teimosa, mandona, enfim, perfeita. Pois nós temos o que os homens querem, nós sabemos nos virar, sabemos fazer tudo, completamente tudo, nós sabemos como enlouquecer nossas mães, sabemos ser certas quando estamos erradas kkk, ou seja, somos muito perfeitas.”
(14 anos, PU, SP)

Ser importante por ter nascido, pelo fato de cada vez mais conquistar seus direitos. Ser menina não é diferente de ser menino, pois somos seres humanos
(14 anos, PR, RS)

“Para muitas ser menina é ser delicada, é andar na moda, gostar de rosa, mas eu tenho uma visão diferente, eu não gosto de muitas coisas da maioria. Não gosto de rosa, minha cor favorita é preta, nunca me agradei da moda, eu acho que tudo aquilo é uma ditadura da sociedade que empurra-nos a usar o que eles acham bonito. Eu acho que devemos usar o que gostamos, criar o próprio estilo. É assim que eu faço, uso o que eu gosto. Ser menina é sair com amigos, se divertir, se divertir, receber carinho e atenção pelo fato de ser menina, é ter humildade acima de tudo, ter sempre amigas com segredos que só elas sabem, ser menina é tudo isso e muito mais, ser menina é muito bom.” (14 anos, PTU, MA)

Argumentos Descritivos (não opinativo): Ser menina “é ser menina”, “muita coisa”.

Por fim, menos de 1% das meninas utilizaram definiram meninas em termos descritivos não associados termos qualitativos ou apreciados os quais não possibilita:

“Menina é ser menina.” (12 anos, PU, RS, Q.356)

“Muita coisa.” (11 anos, PU, MA, Q.147)

Por fim um cerca de 15% das meninas participantes não responderam ou responderam que não sabem o que é ser menina, das 179 participantes nessa condição, imensa maioria (142 meninas) pertencia ao Grupo Etário G1 (entre 6 e 10 anos).

4.1.1.2) Análise das Questões Abertas: Amostra-Quilombola

Na questão aberta do questionário, “Escreva em algumas linhas o que é ser menina para você” os índices de respostas positivas foram expressivamente maiores (81,9%) do que alternativas como aspectos negativos (0,7%), não sei (2,0%) e não respondeu (8,8%). Significando que as meninas/adolescentes em geral estão muito positivas e satisfeitas com o fato de serem meninas.

Quadro 12 - “Para você o que é ser menina?”: Tipo de resposta (amostra quilombola)

Item	Respostas	Números	%
01	Aspectos positivos (apreciativos, atributos, possibilidades)	122	81,9%
02	Aspectos Negativos	01	0,7%
03	Aspectos positivos e negativos	01	0,7%
04	Aspectos Descritivos	09	6,0%
05	Respondeu que não sabe	03	2,0%
06	Não respondeu	13	8,7%
	Totais	149	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Do ponto de vista do conteúdo das respostas, um terço das meninas/adolescentes utilizaram atributos para descrever a condição de ser menina (32,2%). Com percentuais levemente menores, veio o conjunto de meninas/adolescentes que empregou termos apreciativos sem maiores qualificações (19,6%) e aquelas que descreveram o que ser meninas pelas possibilidades que ser menina se-lhes-apresentam (18,8%). Em menor escala vieram as meninas/adolescentes que responderam a questão combinando os elementos das outras três categorias mencionadas (atributos, termos indicando as possibilidades e apreciação): 12,7%. Finalmente, o menor grupo foi o das meninas/adolescentes que utilizaram termos descritivos, sem maiores especificações, e com pouca ou nenhuma dimensão opinativa.

Os percentuais estiveram à maior para as meninas quilombolas em termos de argumentos apreciativos e descritivos. Por sua vez, os percentuais para os outros argumentos (atributivos, possibilitativos e combinativos).

Quadro 13 – O que é ser “Menina”?: Tipos de argumentos (amostra quilombola)

Item	Respostas	Números absolutos (%)
01	<ul style="list-style-type: none"> • Argumentos <u>apreciativos</u> demonstrando satisfação em ser menina construídos com base em termos qualificativos sem maiores especificações. Algumas meninas utilizaram elementos comparativos entre meninos para reforçar a apreciação delas com a condição de gênero. • 	30 (19,6%)
02	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Argumentos Atributivos</u> no qual as meninas se utilizam de atributos para apresentar o significado de ser menina, em geral de natureza estética, de habilidades e competências. A maioria das vezes, no caso dessa questão em específico, elas apresentaram elementos comparativos entre elas e os meninos. 	48 (32,2%)
03	<ul style="list-style-type: none"> • Argumentos <u>possibilitativos</u> baseados na descrição das possibilidades que o “ser menina” apresenta em termos atividades algumas vezes relacionadas à condição de gênero (realçando aspectos estéticos), mas particularmente relativas à condição de criança e adolescente (diversão e lazer). Muitas vezes essas possibilidades são enunciadas de forma comparativa 	27 18,8%
04	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Argumentos combinativos</u> no qual as meninas e adolescentes, sem utilizar elementos comparativos com os meninos, empregam tanto atributos quando termos que indicam as possibilidades combinadamente numa mesma resposta. Tanto atributos quanto possibilidades podem ainda vir individual ou conjuntamente combinados termos de apreciação pela condição de serem meninas. 	19 12,8%
05	<ul style="list-style-type: none"> • Argumentos <u>Descritivos (não opinativo)</u> nas quais algumas meninas descreveram marcadores de diferenças de maneira pouco ou nada opinativa em que pese terem afirmado que se tivessem que nascer de novo escolheriam serem menina 	09 6,0%
06	<ul style="list-style-type: none"> • Não Sabem ou Não Responderam 	16 10,7%
	Total	149 (100%)

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Os argumentos apreciativos da condição de ser menina (amostra quilombola)

A satisfação das meninas/adolescente em ser menina pode ser observada na recorrência de argumentos apreciativos (30 meninas = 20,2%), na maioria da vezes expressos com termos qualificativos, como “é legal ser menina”, “é bom ser menina”, “ser menina é muito importante”, e outros aspectos como “é interessante”, “é lindo ser menina”, “eu amo ser menina”, “é fantástico”, “ser menina é muito especial”, “importante para as mães”, “mais importantes para os pais”.

“Porque ser menina é muito importante para mim é importante para nós.

Ser menina é bom, legal e eu amo ser menina.”

(12 anos, PR, MA)

“Menina é mais legal e também é mais fantástico.”

(14 anos, PR, MA)

“Muito legal, muito bom, muito lindo.” (11 anos, PR, SP)

“É ser criança e ter uma vida legal, com minhas amigas.

Isso é ser menina para mim. É viver a vida.” (9 anos, PR, MA).

Algumas meninas utilizaram elementos comparativos entre meninos para reforçar a apreciação delas com a condição de gênero quando afirmaram que *“Ser menina é melhor do que ser menino”* como declarou uma menina de 7 anos, da Escola Pública do Pará; ou que é *“muito legal ser uma menina”*. *“Se eu fosse um menino seria muito ruim.”* (10 anos, Rural e Pública, MA) ou *“Eu não trocaria meu corpo por um de menino”*, como afirmou uma menina de 7 anos, de uma Escola Pública Rural do Pará.

“Ser menina é melhor do que menino.”

(7 anos, PR, PA).

“Ser menino ou menina independente é ser humano e ser menina

é viver feliz, sorrindo e ter orgulho de ser menina.”

(12 anos, PR, SP).

*“Meninas são mais legais.
Eu não trocaria meu corpo por um de menino.”*
(12 anos, PR, MA).

“Porque meninas são mais importantes para os pais.”
(12 anos, PR, MA).

*“É importante tanto para nós como para os nossos pais, porque as meninas
ajudam mais em casa do que os meninos.
E eles não fazem quase nada, então é isso.”*
(12 anos, PR, MA).

Os atributos utilizados para descrever a experiência de ser menina: argumentos atributivos (amostra quilombola)

Ainda quando questionadas sobre o que é “ser menina”, as meninas da amostra quilombola se utilizam de argumentos atributivos (48 meninas = 32,2%) para apresentar o significado de ser menina:

Quadro 14 – Atributos utilizados para definição do ser menina (amostra quilombolas)

O que é SER MENINA	Total de Menções
Bonita/linda	22
Legal	18
Cuidadosa	12
Educada	9
Inteligente	8
Vaidosa	7
Divertida	6

Responsável	5
Alegre, amiga, carinhosa e simpática	4 (cada uma delas)
Estudiosa	3
Atenciosa, calma, elegante, gentil, higiênica (se cuidar), honesta, meiga, respeitada	2 (cada uma delas)
Agitada, amada, amorosa, bem humorada, boa, livre, companheira, confiante, delicada, doce, especial, esperta, fiel, humilde, importante, independente, mais experiente, obediente, organizada, orgulhosa, preocupada (com outras pessoas), regras a seguir, romântica, respeitosa, sucesso, frágil e valiosa	1

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Os atributos utilizados com maior frequência, acima de dez indicações, foram: ‘Ser bonita/linda’, ‘Ser legal’, ‘Ser cuidadosa’. Seguidos por aqueles citados entre 5 e 10 vezes: ‘Ser educada’, ‘ser inteligente’, ‘ser vaidosa’, ‘ser divertida’, ‘ser responsável’. Outros atributos menos recorrentes foram: Alegre, amiga, carinhosa e simpática; estudiosa, atenciosa, calma, elegante, gentil, higiênica (se cuidar), honesta, meiga, respeitada; agitada, amada, amorosa, bem humorada, boa, livre, companheira, confiante, delicada, doce, especial, esperta, fiel, humilde, importante, independente, mais experiente, obediente, organizada, orgulhosa, preocupada (com outras pessoas), romântica, respeitosa, sucesso, frágil e valiosa.

A sistematização desses atributos, por natureza, sugeriu o agrupamento em cinco categorias: comportamento, qualidade, afetivo-emociorelacional, estético, capacidade intelectual, valor e nível de autonomia. A análise por natureza e recorrência indicou um uso prevalente de atributos relacionados ao comportamento e à construção afetivo-emociorelacional.

Quadro 15– Natureza e frequência dos atributos (amostra quilombola)

Categorias	Atributos	No de Atributos
Comportamento:	Cuidadosa, educada, atenciosa, gentil, meiga, delicada, respeitável, calma, agitada, livre, companheira, confiante, esperta, obediente, humilde, experiente, orgulhosa, honesta.	18
Qualidade:	Legal, divertida, responsável, respeitosa e organizada	5
Afetivo-emociorelacional:	Alegre, amiga, carinhosa, simpática, meiga, amada, amorosa, bem humorada, bondosa, doce, especial, fiel, preocupada, romântica, frágil.	15
Estético:	Bonita, vaidosa, linda, elegante e higiênica (se cuidar)	5
Capacidade intelectual:	Inteligente e estudiosa	2
Valor:	Importante, sucesso, valiosa	3
Nível de autonomia:	Independente	1

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

Abaixo ilustramos as frases mais recorrentes que na opinião das meninas representa o “ser menina”:

“É ser bonita.” (10 anos, Escola PR, PA).

“É ser igual uma borboleta e ser bonita.”
(idade não informada, PR, PA).

“Eu sou uma menina linda e é bom ser menina.”
(10 anos, PR, MA).

“Ser menina para mim é ser cuidadosa humilde com as pessoas, educadas, mais legais e mais experientes.”
(12 anos, PR, MA).

“É ser bonita, vaidosa, legal, amiga, companheira.”

(14 anos, PR, MA).

“Menina é aquela pessoa que adora conversar, brincar, passear e muito mais.”

(9 anos, PR, SP).

“Nós meninas somos legais. Todas somos muito agitadas.

Somos bem legais.” (11 anos, PR, MA).

“Ser inteligente, ser legal, aprende a ler, escrever e ser menina.”

(11 anos, PR, MA).

“Ser legal, responsável, se preocupar com outras pessoas(ajudar)...”

(12 anos, PR, SP)

“Menina é uma pessoa mais frágil, atenciosa, romântica, cuidadosa”

(14 anos, PR, SP).

O uso de atributos comparativos também foram recorrentes. Neste perspectivas, as meninas são mais bonitas dos que os meninos, mais simpáticas, mais educadas, amorosas são mais inteligentes, fazem mais sucesso, são mais obedientes, meigas, doces, gostam de mais de se arrumar, são mais elegantes, contribuem mais para tarefas domésticas, são mais respeitosas com os mais velhos e mais queridas pelos pais. Já os meninos, são menos inteligentes, mais chatos, mais bagunceiros e mais mal vestidos.

“Elas são mais bonitas e sempre fazem sucesso.”

(9 anos, PR, PA).

“As meninas são mais delicadas.”

(11 anos, PR, MA)

“Menina é uma inteligência e os meninos não são, eles ficam bagunçando na

sala de aula é muito chato.”

(11 anos, PR, MT).

*“É ser simpática, ser educada, bonita, mais [bem] vestidas do que os meninos.
Ser cuidadosa, ser mais amorosa e ser elegante, etc.”
(13 anos, PR, MA).*

*“Pra mim ser menina é ter responsabilidade, regras a seguir, cuidados. Ser
menina é ser gentil, educada. São meigas, doces... Ser menina é cuidar de si.
As meninas gostam mais de se arrumar.”
(13 anos, PR, SP).*

*“Para mim menina é melhor e meus pais gostam de mim muito, me ama por ser
menina inteligente, bonita, educada.”
(14 anos, PR, MA).*

*“É ter uma educação boa, ser legal com todo mundo, respeitar os mais velhos e
não ter brincadeiras pesadas, ser honesta e muito educada.”
(14 anos, PR, MA).*

As possibilidades que ser menina/adolescente oferece (amostra quilombola)

As meninas da amostra quilombola apresentaram argumentos possibilitativos (N. 27 = 18,1%) baseados na descrição das possibilidades que o “ser menina” apresenta em termos de atividades, mas particularmente relativas à condição de criança e adolescente (diversão e lazer) e à condição de gênero (realçando aspectos estéticos). Verificou-se também um destaque para as possibilidades relacionadas aos direitos, particularmente a igualdade e não discriminação.

Quadro 16 – As possibilidades que ser menina oferece (amostra quilombola)

Categorias e eventos/atividades	Total de registros
1. diversão, lazer e pratica de esportes	10
Brincadeiras de vários tipos; pratica de esportes; sair com amigas	
2. Aspectos estéticos feminino	7
“Se arrumar”: “sair bem arrumadas”; “arrumar o cabelo”, “vestir roupas curtas”,	
3. Possibilidades relacionadas aos direitos	5
“ter direitos e não ser violada; direitos iguais; respeito e não discriminação.	

4. Possibilidades afetivo-relacionais: amizade, tratamento dos pais	3
“receber amor”, receber orientações da mãe; experiência de vida	
5. Possibilidades de trabalhar e igualdade de oportunidade	1
“fazer sucesso”	
Total	26

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

O maior conjunto das meninas/adolescentes relacionaram a condição se ser meninas ao direito de brincar e se divertir (10 meninas). Assim, as meninas/adolescentes afirmaram que ser menina para mim é gostar de “brincar de coisas de meninas”, “de boneca”, “de fazer comidinha”, de “pular corda”, de “brincar de elástico”. Segundo muitas delas “é muito bom brincar com as outras colegas”. Ser menina é “sair para conversar com outras meninas”, “bate-papos”. Também, para elas “as meninas se divertem mais” e fazem “muitas coisas maravilhosas”.

Contudo, pelo menos duas meninas ressaltaram a igualdade entre meninos e meninas na diversão e prática de esportes.

“Brincar de boneca, pular corda, brincar de elástico.”

(9 anos, PR, SP).

“Ser menina para mim gosto de brinca de boneca e cozinha e fazer comidinha e ser legal com amigas de outras meninas.”

(14 anos, PR, MA).

“Ser menina não é ruim, só porque os meninas jogam bola. As meninas também podem jogar bola com os meninos, pode brincar com meninos.”

(12 anos, PR, MT).

“Menina é igual menino, porque podem jogar bola e sair com os amigos.”

(13 anos, PR, MA).

“É muito legal, as meninas se divertem mais, saem para conversar com outras meninas, bate-papo, ser menina é muito linda e etc.”
(13 anos, PR, MA).

As possibilidades relacionadas aos padrões estéticos femininos foram contemplados pelo segundo maior conjunto da categoria ‘possibilidades’ (7 meninas/adolescentes).

Assim, as meninas/adolescentes podem “se arrumar”: “vestir roupas bonitas”, “mais bonitas do que as dos homens”, “vestir roupas curtas”, “se maquiar”, “arrumar os cabelos”, enfim sair com “tudo combinando”. Uma das meninas/adolescente acredita também que as meninas “valorizam” mais seus corpos dos que os meninos.

“É se maquiar, vestir roupas curtas e fazer outras coisas.”
(12 anos, PR, MA).

“Ser menina é muito importante porque menina não é igual menino, as meninas tem que valorizar seu corpo.”
(14 anos, PR, MT).

“Porque eu gosto muito de ser menina, porque nos meninas andamos mais arrumadas do que os meninos”.
(14 anos, PR, MA).

*“Ser muito legal com muitas pessoas.
As roupas são mais bonitas do que dos homens”.*
(13 anos, PR, MA)

“Ser menina é uma coisa legal por se arrumar combinando, fazer coisas junto com a mãe, sair com as amigas.”
(14 anos, PR, SP).

As possibilidades relativas a “ter direitos” foram também incluídas nas definições do que é ser menina na sociedade brasileira contemporânea.

Assim, para as meninas/adolescentes que incluíram essa perspectiva meninas e meninas possuem “direitos iguais”, o que implica dizer que as meninas também tem seus “direitos”. Entre as proteções registradas por elas destacam-se o direito “de ser respeitada”, “não ser discriminada”, “não ser violada”, “não apanhar”. Por sua vez, as meninas/adolescentes também devem “respeitar os direitos dos outros”. Para uma delas o lado bom de ser menina “é ser feliz.”

“Ser obediente, ter seus direitos de menina e não ser violada.”

(13 anos, PR, MA)

“Ser uma menina para mim é muito importante por que nós respeitamos os direitos dos outros e para mim os direitos são iguais.”

(14 anos, PR, MA).

“Meninas tem muitos direitos como o homem não pode bater na menina e várias outras coisas.”

(11 anos, PR, MA).

“É ser feliz e ser bem respeitada pelos outros e não ser discriminada porque o bom de ser menina é ser feliz...”

(13 anos, PR, MA).

“Ser menina é ser mulher e ter seu direito brasileiro. Todas tem que ser mulher.”

(13 anos, PR, MA).

Os argumentos combinados: Atributos, Possibilidades e Apreciação (amostra quilombola)

Dezenove meninas/adolescentes (N. 19 = 12,8%), ao responder à questão aberta, combinaram várias formas de argumentos para demonstrarem o que elas entendem “por ser menina”. Onze destas meninas/adolescentes combinaram o uso de atributos, termos apreciativos e comparativos. Quatro utilizaram termos que retratam as possibilidades combinadas com termos apreciativos e por fim ser outras quatro meninas combinaram atributos e possibilidades nas suas respostas à questão.

“Ser menina é reconhecer seus direitos ser honesta, respeitada, orgulhosa daquilo que faz, confiar nos colegas e não ter angústias.”

(12 anos, PR, SP).

“Ser menina é ser uma pessoa com muito direito, responsabilidades, privacidade e etc.. Ser menina é muito mais legal. E é isto.”

(12 anos, PR, MA).

“Menina é muito legal. Eu não arrumo encrenca, sou muito obediente para os meus pais. Ser menina é muito bom.”

(11 anos, PR, MA).

“Ser menina pra mim é tudo, é ser legal, é ser honesta, etc.”

(13 anos, PR, MA).

“Porque é melhor que os meninos, as meninas brincam de casinha e é muito bom. As meninas são sempre mais cuidadosas do que os meninos. Os meninos são salientes.”

(14 anos, PR, MA).

“É ter uma educação boa, ser legal com todo mundo, respeitar os mais velhos e não ter brincadeiras pesadas, ser honesta e muito educada.

(14 anos, PR, MA).

“E especial, ser menina é muito bom porque somos muito alegres e bonitas. Não só por fora mais por dentro também. Meninas são mais carinhosa

(13 anos, PR, MA).

“Menina é uma pessoa importante para mim e para as outras meninas. Eu não queria ser homem. Se deus quis, assim é que vai ser. Eu adoro ser menina porque somos todas bonitas e inteligentes, não importa o que os outros...”

(12 anos, PR, MA).

“Ser menina é mais legal porque fazem comida”

(12 anos, PR, MA).

“Ser menina é bom, mais é ruim, porque sofre violência. Mais por outra parte, é legal ser, menina pode se arrumar, fazer penteados, vestir saia, short, vestido.”

(14 anos, PR, MA).

Os argumentos de caráter mais descritivos (amostra quilombola)

Nove meninas/adolescentes (N. 9 = 6,0%), ao responder à questão aberta do questionário “o que é ser menina?”, descreverem situações, atividades utilizando atributos, comparações com os meninos porém sem manifestar uma apreciação explícita sobre esta condição de gênero. Meninas descreveram ser menina com o uso outros substantivos e verbos relacionadas à condição de menina-criança. Assim ser menina é ser “criança” e ser “igual a estudar”. Uma das meninas descreveu a condição de gênero pelas os afazeres domésticos, desta forma ser menina significa “varrer a casa” e “ajudar” a mãe dentro de casa. Outras seis descreveram a condição pela marcação da diferença entre meninas e meninos na aparência física, no comportamento e na forma de brincar.

“Criança.”

(9 anos, PR, PA).

“É ser menina.”

(NR, PR, PA).

“Ser igual estudar.”

(10 anos, PR, MA).

“Varrer a casa, ajudá.”

(10 anos, PR, MA).

“Porque as meninas são diferentes dos meninos.”

(9 anos, PR, PA).

“Que as meninas, tem cabelo grande e os meninos tem cabelo curto.”

(NR, PR, PA).

“Que menina é mais tímida.”

(9 anos, Escola Pública Rural, SP).

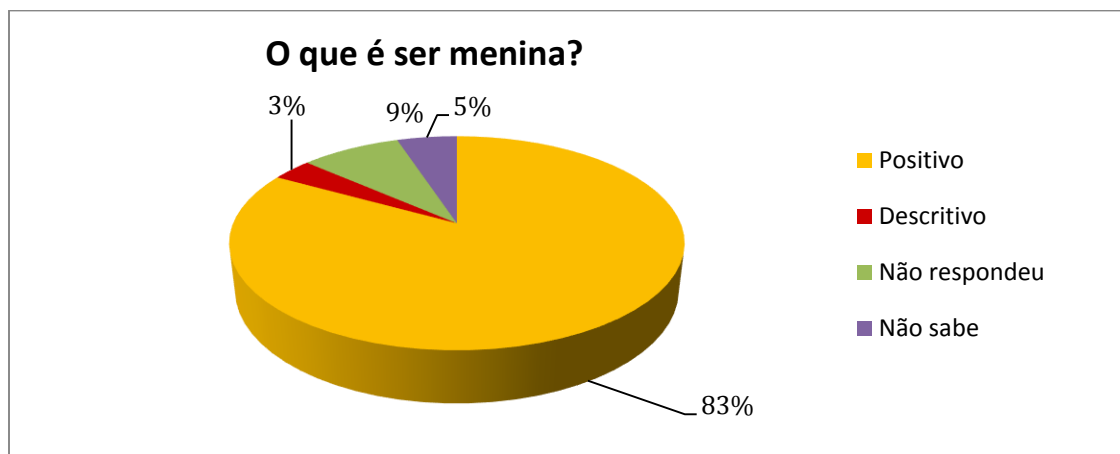
“Porque as meninas são diferentes dos meninos: as meninas gostam de boneca e os meninos gostam de jogar de bola.”
(10 anos, Escola Pública Rural, PA).

4.1.2) A Análise das Entrevistas Individuais (06 a 10 anos)

4.1.2.1) Amostra-Escola

Para o grupo de meninas entre 06 e 10 anos os índices de respostas positivas foram expressivamente maiores (83%) para a questão “O que é ser menina para você?” do que respostas de caráter descritivo (3%) ou alternativas como não sei (5%) e não respondeu (9%). Significando que as meninas desse grupo etário em geral estão muito positivas e satisfeitas com o fato de serem meninas.

Gráfico 21 – Distribuição das impressões gerais sobre Ser Menina



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Quadro 17- “Para você o que é ser menina?”: Tipo de resposta (Amostra Escola)

Item	Respostas	Números	%
01	Aspectos positivos (apreciativos, atributos, possibilidades)	1.182	73,5%
02	Aspectos Negativos	05	0,3%

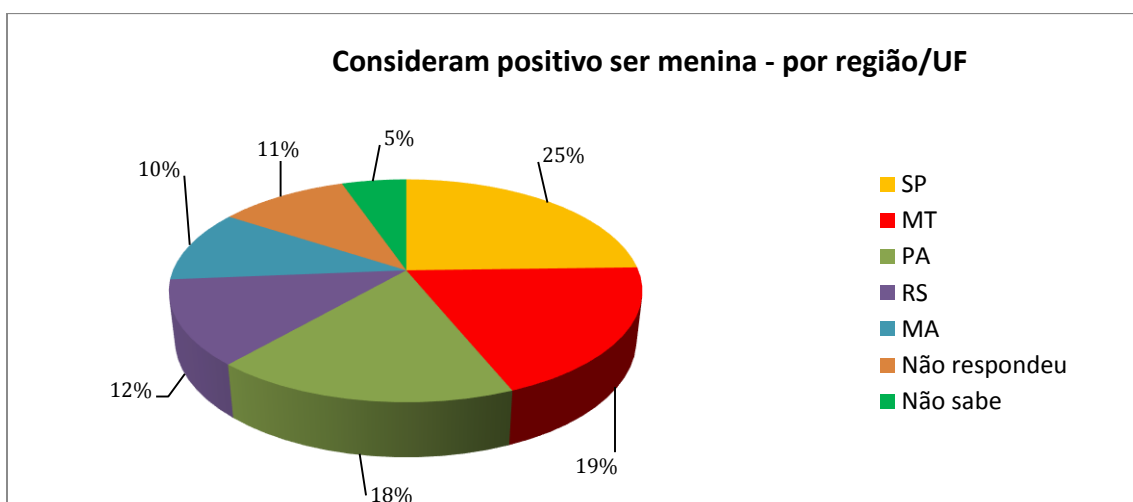
03	Aspectos Combinados	230	14,3%
04	Aspectos Descritivos	13	0,8%
05	Respondeu que não sabe	27	1,7%
06	Não respondeu	152	9,4%
Total		1609	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Consideram positivo ser menina – por região/UF (amostra-escola)

Distribuída nas cinco regiões uma grande maioria das meninas entre 06 e 10 anos que considera positivo ser menina reforçam a ideia de satisfação tal como expressa o gráfico abaixo. Em que pese a variação percentual entre um estado e outro é interessante notar a frequência do significativo número de respostas positivas por estado/região, dado que corrobora a afirmação anterior em termos de satisfação e caráter positivo da condição de ser menina. Em dados absolutos, revela-se que em São Paulo, de 15 entrevistadas individualmente, 14 consideram positivo ser menina. No Rio Grande do Sul de oito entrevistadas, sete consideram positivo enquanto no Pará dez entre dez entrevistadas consideram positivo ser menina. O Mato Grosso e o Maranhão registram os seguintes dados: MT – onze positivas para quatro não respondeu/não sei e finalmente MA – seis positivas para quatro não respondeu/não sei e uma descritiva.

Gráfico 22 – Positividade em Ser Menina (amostra-escola)



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Quadro 18– Consideram positivo ser menina – por região/UF (amostra-escola)

Item	Respostas	Números	%
01	SP	14	25
02	MT	11	19
03	PA	10	18
04	RS	7	12
05	MA	6	10
06	Não Respondeu	6	11
07	Não Sabe	3	5

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

4.1.3) Análise das entrevistas individuais por área e tipo de escola (amostra-escola)

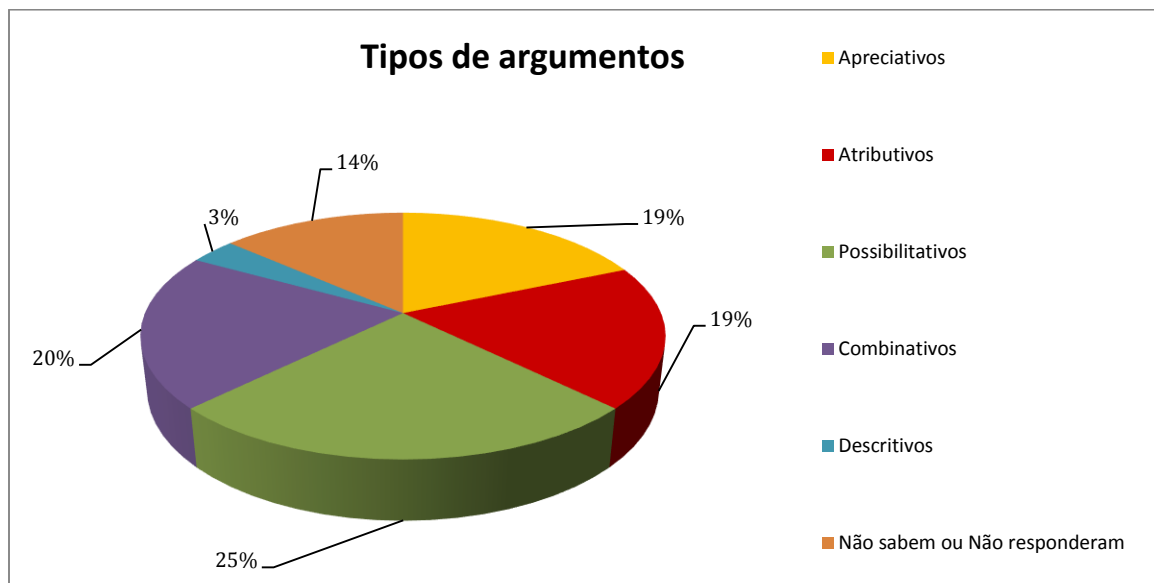
O maior conjunto das meninas entre 06 e 10 anos que estudam em escolas públicas da zona rural considera positivo ser menina (9 meninas de um total de 14) sendo o Pará o estado com o maior número de respostas positivas (quatro entre quatro. Seguido do Mato Grosso e São Paulo que entre 3 respondentes, duas afirmaram ser positivo, para uma que não respondeu ou não soube responder. No Rio Grande do Sul a única entrevistada considera positivo ser menina e finalmente no Maranhão de três entrevistadas uma descreveu o que para ela ser menina representa para duas meninas que não responderam. A única escola particular entrevistada na zona rural não respondeu a questão.

Na área urbana foi bastante expressiva a proporção de respostas positivas para o que consideram “ser menina”. Dezoito entre vinte e uma meninas da escola pública urbana consideram positivo ser menina. O maior número de respostas positivas na escola pública foi identificado em São Paulo (5 = 5), seguido do Rio Grande do Sul (4 = 4), Pará (3 = 3), Mato Grosso (de 5 quatro consideram positivo para uma que não soube responder) e finalmente o Maranhão com duas respostas positivas divididas entre não respondeu e não soube responder.

Na escola particular o número de respostas positivas subiu ainda mais. De 23 entrevistadas 22 responderam positivamente, enquanto somente uma descreveu o que considera ser menina. No Mato Grosso sete entre sete meninas consideram positivo ser menina. Sem São Paulo cinco entre seis meninas responderam de forma positiva o que consideram ser menina enquanto no Maranhão quatro entre quatro meninas e no Pará três entre três meninas responderam de forma satisfatória.

Do ponto de vista do conteúdo das respostas pode-se registrar 25% entre aquelas que descreveram o que é ser meninas pelas possibilidades que ser menina se-lhes apresentam. Para descrever a condição de ser menina 19% utilizaram atributos e outros 19% fizeram apreciações, termos apreciativos sem maiores qualificações, enquanto 20% das entrevistadas responderam a questão combinando os elementos das outras três categorias mencionadas (atributos, termos indicando as possibilidades e apreciação) Finalmente o menor grupo foi o das meninas que utilizaram termos descritivos, sem maiores especificações, e com pouca ou nenhuma dimensão opinativa (3%).

Gráfico 23 – Tipos de Argumentos



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Quadro 19 – O que é ser “Menina” para você?: Tipos de argumentos: Entrevistas individuais (amostra-escola)

Item	Respostas	Total
01	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>Apreciativos</u> demonstrando satisfação em ser menina construídos com base em termos qualificativos sem maiores especificações. Algumas meninas utilizaram elementos comparativos entre meninos para reforçar a apreciação delas com a condição de gênero. 	11 (19%)
02	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>Atributivos</u> no qual as meninas se utilizam de atributos para apresentar o significado de ser menina, em geral de natureza estética, de habilidades e competências. A maioria das vezes, no caso dessa questão em específico, elas apresentaram elementos comparativos entre elas e os meninos. 	11 (19%)
03	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>Possibilitativos</u> baseados na descrição das possibilidades que o “ser menina” apresenta em termos atividades algumas vezes relacionadas à condição de gênero (realçando aspectos estéticos), mas particularmente relativas à condição de criança e adolescente (diversão e lazer). Muitas vezes essas possibilidades são enunciadas de forma comparativo. 	15 (25%)
04	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>Combinativos</u> no qual as meninas, sem utilizar elementos comparativos com os meninos, empregam tanto atributos quanto termos que indicam as possibilidades combinadamente numa mesma resposta. Tanto atributos quanto possibilidades podem ainda vir individual ou conjuntamente combinados termos de apreciação pela condição de serem meninas. 	12 (20%)
05	<ul style="list-style-type: none"> Argumentos <u>Descritivos (não opinativo)</u> nas quais algumas meninas descreveram marcadores de diferenças de maneira pouco ou nada opinativa em que pese terem afirmado que se tivessem que nascer de novo escolheriam serem menina. 	2 (3%)
06	<ul style="list-style-type: none"> Não Sabem ou Não Responderam 	8 (14%)
Total		59 (100%)

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Os argumentos apreciativos da condição de ser menina: entrevistas individuais (amostra-escola)

A satisfação das meninas em ser menina pode ser observada na recorrência de argumentos apreciativos (11 meninas = 19%), na maioria da vezes expressos com termos qualificativos, como “é legal ser menina” (25 vezes), “é bom e muito bom ser menina” (13 vezes), “é especial”, “é bonito ser menina”, “eu gosto de ser menina”.

“Ser menina para mim é uma coisa muito legal”.

(Gabriele, 10 anos, PTU, MA)

“É muito bom! Eu gosto! Porque sim”.

(Sofia, 8 anos, PU, PA)

“Eu acho legal, porque eu acho que é bom ser menina”.

(Alice, 10 anos, PTU, SP)

“Ser menina é ser legal, hum eu gosto. Não sei, porque é legal”.

(Patrícia, 10 anos, PU, RS)

“Eu acho que é legal e divertido”.

(Bela, 9 anos, PTU, MT)

“Eu tenho orgulho por ser menina”.

(Estela, 8 anos, PTU, PA)

Algumas meninas utilizaram elementos comparativos entre meninos para reforçar a apreciação delas com a condição de gênero quando afirmaram que *“É bom, é legal, é melhor”*. (Vitória, 7 anos, Escola Urbana Particular, MT); ou *“É muito bom, eu acho que eu sou mais feliz por ser menina do que ser menino”*(Bianca,10 anos, Escola Rural Pública, RS) ou *“Eu gosto muito de ser menina, não trocaria de sexo, sabe? Eu gosto muito, eu não gostaria de ser menino. Eu acho que eu não iria me dar bem, como menino”*. (Mayana,10 anos, Escola Urbana Particular, SP)

Os atributos utilizados para descrever a experiência de ser menina - argumentos atributivos: entrevistas individuais (amostra-escola)

Durante as entrevistas individuais 19% das meninas de 06 a 10 ainda quando questionadas sobre o que é “ser menina se utilizam de argumentos atributivos para apresentar o significado de ser menina:

Quadro 20 – Atributos utilizados para definição do ser menina : entrevistas individuais (amostra escola)

O que é SER MENINA	Total de Menções
Legal	25
Bonita	4
Educada	3
Divertida	3
Inteligente	2
Honesta,	2
Vaidosa, Estudiosa, Quieta, Gentil, Higiênica (se cuidar),Respeitosa, Obediente, Especial, Delicada, Exemplar, Livre, Organizada, Brincalhona	1 (cada uma delas)

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

O atributos utilizado com maior frequência acima de dez indicações foi “Ser legal’ (25 vezes), seguido de atributos com mais de uma ocorrência como ‘Ser bonita’ (4 vezes), ‘Ser educada’ (3 vezes), ‘Ser divertida’ (3 vezes), ‘ser inteligente’(2 vezes), ‘ser honesta’ (2 vezes). Outros atributos com registro de pelo menos uma ocorrência foram: vaidosa, estudiosa, especial, gentil, higiênica (se cuidar),respeitosa, quieta, obediente, delicada, organizada, livre, exemplar e brincalhona.

A sistematização desses atributos por natureza sugeriu o agrupamento em cinco categorias: comportamento, qualidade, estético, capacidade intelectual, valor, afetivo-emocional e nível de autonomia. A análise por natureza e recorrência indicou um uso prevalente de atributos relacionados ao comportamento (6) e as qualidades (4 deles).

Quadro 21 – Natureza e frequência dos atributos utilizados pelas meninas: entrevistas Individuais (amostra-escola)

Categorias	Atributos	Nº de Atributos
Comportamento:	Educada, gentil, delicada, obediente, quieta, honesta.	6
Qualidade:	Legal, bacana, divertida, brincalhona, respeitosa e organizada	5
Estético:	Bonita, vaidosa, e higiênica (se cuidar)	3
Capacidade intelectual:	Inteligente e estudiosa	2
Afetivo-emocional:	Especial	1
Valor:	Exemplar	1
Nível de autonomia:	Livre	1

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

Abaixo ilustramos as frases mais recorrentes que na opinião das meninas representa o “ser menina”:

“É ser educada, ter respeito por todo mundo”.

(Bruna, 10 anos, PU, RS)

“É ser uma pessoa que é delicada e usa as coisas da mãe”.

(Camila, 9 anos, PTU, MA)

“Ser menina...ser divertida, exemplar, estudiosa, brincalhona. Isso é ser menina pra mim! Ser menina como eu disse é ser bacana, legal, divertida. É acho que é isso mesmo.”

(Rebeca, 10 anos, PTU, PA)

“É ser honesta, ser gentil e só.” (Ana Clara, 7 anos, PTU, SP)

“É ser uma pessoa legal, que não bate, que não xinga, que conversa e não vai à violência”.(Mariana,7 anos, PU, RS)

O uso de atributos comparativos também foram identificados. Nesta perspectiva as meninas são mais inteligentes, mais educadas, mais honestas, mais limpas, mais obedientes, mais respeitadas, mais vaidosas, contribuem mais para tarefas domésticas, enquanto os meninos são mais sujos, menos inteligentes, menos educados, mais chatos e mais bagunceiros.

“Ser menina é ser legal. eu gosto, não sei, porque é legal. Que as gurias são quase iguais os guri, que os guri são tipo sujo e as gurias já são mais limpas”.
(Patrícia, 10 anos, PR, RS)

“É muito bom porque é mais educado do que meninos, eu acho que eu sou mais feliz por ser menina do que ser menino”.
(Bianca, 10 anos, PU, RS)

“Para mim é legal ser menina por que posso dizer que menina é mais honesta do que menino e menina não é tão bagunceira quanto menino. Que geralmente as meninas são mais quietas do que os meninos. Eu gosto de ser menina”.
(Teresa,10 anos, PTU, SP)

As possibilidades que ser menina oferece: Entrevistas individuais (amostra-escola)

Baseado na descrição das possibilidades sobre que o “ser menina” apresenta das meninas entre 06 e 10 anos entrevistadas individualmente 25% (N.15) apresentaram argumentos possibilitativos em termos de atividades, mas particularmente relativas à condição de criança e adolescente (diversão e lazer) à condição de gênero (realçando aspectos estéticos). Verificou-se também um destaque para as possibilidades relacionadas ao consumo, aos direitos e a liberdade de expressão.

Quadro 22– As possibilidades que ser menina oferece: Entrevistas Individuais (amostra-escola)

Categorias e eventos/atividades	Total de registros
Diversão e lazer	13
Brincadeiras de vários tipos; “brincadeiras não violentas”; brincar com amigas”, “brincar de boneca”, “brincar de panelinha”, “brincar de várias coisas de meninas”	
Aspectos estéticos feminino	11
“Se arrumar”: “sair bem arrumadas”; “arrumar o cabelo”, “se maquiar”, “usar vestido, pulseiras”, “fazer progressiva”, “passar cremes”, “passar batom”	
Possibilidades de consumo	2
“comprar o que se quer”, “comprar muitas roupas”	
Possibilidades relacionadas aos direitos	1
“ter direitos a ser tratada diferente dos meninos”, “a grandes oportunidades”, “a sonhos”	
Possibilidades de liberdade de expressão	1
“falar o que pensa”	
Total	28

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

O maior conjunto das meninas relacionou a condição se ser menina ao direito de brincar e se divertir (13 meninas). Assim as meninas afirmaram que ser menina é gostar de “brincar de coisas de meninas”, “de boneca”, “de panelinha”. Segundo muitas delas “é muito bom brincar com as outras amigas”. Segundo elas “as meninas tem mais brincadeiras” e “brincam coisas de meninas”.

“Ser menina é uma coisa boa, porque a gente pode brincar de várias coisas de menina.”

(Maria, 7 anos, PU, RS)

“Ser menina é bom. Porque dá para a gente aproveitar e brincar de panelinha, brincar de boneca”.

(Gabriela, 7 anos, PU, RS)

“Ser menina é legal, porque você pega poder brincar com boneca, essas coisas. Ah, tem também brincar de cozinheira, eu gosto bastante”.

(Aline, PU, SP)

“Ser menina é bem legal. É legal porque eu gosto de ficar em casa assistindo televisão, brincar com as minhas primas, com a minha amiga”.

(Julia, PU, SP)

Contudo, a igualdade entre meninos e meninas nas modalidades de diversão foi ressaltada.

“Ser menina é legal, é mais legal do que ser menino, menina tem mais brincadeira do que menino, e o que os meninos brincam as meninas também podem brincar”.

(Nicole, 9 anos, PTU, MT)

As possibilidades relacionadas à padrões estéticos femininos foram contempladas pelo segundo maior conjunto da categoria ‘possibilidades’ (11 meninas). Segundo as entrevistadas as meninas podem “se arrumar mais”, têm “mais variedade para vestir roupas como vestidos”, acessórios tipo pulseiras, tiaras”, “se maquiar”, “arrumar os cabelos”, “passar cremes”. Também foi observado nessa categoria o enfoque de comparação com os meninos:

“Eu acho legal ser menina porque os meninos, eles usam, tipo blusa comprida, short. Eu gosto de usar vestido de botar tiara. Eu acho bem legal ser menina porque eu posso usar sapatilha e coisas bem diferentes de menino, pulseira e eu gosto de ser menina”.

(Evelyn, 10 anos, PTU, MA)

No que se refere a condição de gênero na sociedade ter “ter direitos a um tratamento diferente dos meninos” foi incluído como uma possibilidade pela condição de ser menina, o que implica no reconhecimento de que o respeito das especificidades entre meninas e meninos deve ser garantido e também o direito oportunidades, a sonhos e à liberdade de expressão.

“Ser menina é ter grandes oportunidades, grandes sonhos. Para mim ser menina é falar o que eu quero, sabe? O que eu sinto o que eu estou engasgada vou lá e falo, entendeu? Eu acho que para mim é isso mesmo. Eu gosto muito de ser menina, não trocaria de sexo, sabe?”

Eu gosto muito, eu não gostaria de ser menino”.

(Mayana, 10 anos, PTU, SP)

Chama a atenção a relação entre ser menina e possibilidades de consumo, “de comprar tudo o que se quer” apontada por duas das meninas entrevistadas em escolas particulares localizadas em áreas urbanas:

“Ser menina é legal. Comprar tudo o que quer, compra o que pede”.

(Ana, 6 anos, PTU, SP)

“É comprar muitos sapatos de todas as cores, é comprar muitas roupas”.

(Estela, 8 anos, PTU, PA)

Os argumentos combinados: Atributos, Possibilidades e Apreciação – Entrevistas Individuais (amostra-escola)

Doze meninas (N. 12 = 20%), ao responder à questão aberta, combinaram várias formas de argumentos para demonstrar o que elas entendem “por ser menina” como o uso de atributos (estéticos, de comportamento, de diversão), termos apreciativos e comparativos. Outras utilizaram termos que retratam as possibilidades combinadas com termos apreciativos e por fim combinaram atributos e possibilidades (de diversão, consumo) nas suas respostas à questão.

“É uma coisa bem divertida, porque a gente brinca e se maquia”.

(Leila, 9 anos, PTU, MT)

“Ser menina é tão bom porque menina ela brinca mais do que meninos, elas são melhores do que os meninos, também trabalha bem! Trabalham de fazer comida, varrer o chão, arrumar a cama e os meninos só ficam deitados”

(Rosa, 8 anos, PU, PA)

“Para mim ser menina é eu ter um bom lar, entendeu? Assim, estudar, brincar, conviver em harmonia, sabe? Com a minha família. E é isso, para mim é isso... É eu brincar com os meus amigos [...] é se eu me acho bonita eu falo, se eu me acho bonita eu estou falando e se eu não gosto de mim eu falo também, sabe? Mas para mim ser menina e falar o que eu quero, sabe? Eu acho que para mim é isso mesmo.”

(Mayana, 10 anos, PTU, SP)

Os argumentos de caráter mais descritivos: Entrevistas Individuais (amostra-escola)

Duas meninas (N. 2 = 3%), ao responder à questão aberta do questionário “o que é ser menina?”, descreveram situações, atividades utilizando atributos, comparações com os meninos porém sem manifestar uma apreciação explícita sobre esta condição de gênero. Descreveram o que é ser menina com o uso outros substantivos e verbos relacionadas à condição de menina-criança. Assim ser menina é ser “criança” e ser “igual a brincar”.

“Brincar” (Princesa, 6 anos, PR, MA)

“É poder fazer o que você quer. Se você quiser fazer alguma coisa assim de menino você pode. Não porquê você é menina que você não pode fazer alguma coisa que é de menino”.

(Maria Cecília, 8 anos, PTU, SP)

4.1.4) Análise Comparada das Entrevistas Individuais sobre o que é Ser Menina: Amostra-Escola x Amostra Quilombola

Como o registrado pelas meninas da amostra escola, nas entrevistas individuais realizadas com as meninas quilombolas, estas responderam positivamente ao fato de ser menina, por meio da definição de atributos, pela indicação das possibilidades que a condição de ser menina pode trazer.

Das dezesseis meninas de 6 a 10 quilombolas que participaram da entrevistada semiestruturadas, apenas duas não responderam a questão. A imensa maioria respondeu positivamente à pergunta “Como é ser menina pra você?”. Um pouco mais de um terço

delas (6 meninas) destacaram as possibilidades que se traduzem o ser menina. Assim ser menina é “brincar com amigas”, “boneca, de casinha”, “fazer várias coisas”:

“Poder brincar de várias coisas, boneca, esportes, vôlei. Andar de bicicleta, às vezes. Brincar de pular corda. Elástico.”

(Paula, 9 anos, PR, SP).

Outras quatro meninas definiram o ser menina por meio de atributos: “podemos ser bonita e legal”; “ser bonita, ser elegante, ser organizada” (Isabella, 10 anos, PR, SP); ser “Inteligente, bonita, legal.”

Um percentual de meninas ao anterior (4 meninas) respondeu à questão do que é ser menina por meio de atributos apreciativos sem oferecer maiores especificações: “e bom!” e é “legal” (3 vezes).

Uma das meninas combinou possibilidades e atributos para expressar sua opinião, “É estudar, é brincar, é... Inteligente. É elegante. Pessoa que é legal, pessoa que não é chata, não é mal educada”. (Vitória Ellen, 9 anos, PR, SP). Outra menina expressou o significado de ser menina em termos de sentimentos, “gostar das amigas, amar muito.” (Raiely, 6-10 anos, PR, MA).

4.1.5) Análise das Entrevistas Coletivas (11 a 14 Anos)

4.1.5.1) Amostra-Escola

***“Ser menina é muito legal”:* termos apreciativos e atributos de ser adolescente menina**

Um grupo de cinco adolescentes meninas respondendo positivamente sobre questão “Como é ser adolescente menina para você?” afirmaram que ser menina “é muito legal”, “especial” e que “gosta” de ser menina. Ser menina é ser “respeitosa”, “educada”, “carinhosa”, “amada”, “cuidada”. É também ser mais “vaidosa”, mais “esforçada” e mais “quieta” do que os meninos. Em contraposição os meninos são mais “violentos”, “conversam muito” e são mais “bagunceiros”.

“Agatha. Ser adolescente menina para mim é muito legal por causa é... (silencio) Passo.”

(Agatha, 10 anos, EPU, SP)

“Especial. Ser respeitosa... Educada... Ser amada... Ser carinhosa... Ser cuidada... Ser carinhosa.”

(1-14 anos, EPU, MA)

“Meu nome é Nicole, eu acho que as meninas devem ser mais adolescente porque, as meninas são mais vaidosa que os meninos, os meninos eles são muito violentos.”

(Nicole, 13 anos, EPU, SP)

“Meu nome é Kelly e eu acho que também para mim uma adolescente, ser menina é legal. É menina é mais carinhosa, meninos às vezes falam muitos palavrões, são muito violento, e é isso.”

(Kelly, 14 anos, EPU, SP)

“Meu nome é Giovana. É... Hum... Eu gosto... É... Ser menina é muito legal por causa que menina é mais esforçada, aprende mais coisas e os meninos são muito bagunceiros, eles falam muito, conversam muito, e as meninas são mais quietas.”

(Giovana, 11 anos, EPU, SP)

Ser menina Adolescente é“(...) aproveitar bastante a sua vida, é ter várias oportunidades...”

Um grupo de seis adolescentes meninas definiram o ser adolescente menina pelas possibilidades que esta condição social oferece. É uma fase de desenvolvimento que “tem ainda um pouco da criança” na menina, mas ela está querendo “acelerar a vida” e ter “prioridades mais avançadas”. Ser adolescente “é a melhor parte da vida” por ter “várias oportunidades”. As oportunidades de diversão e lazer são inúmeras como “brincar de boneca” bonecas para algumas ou poder andar junto com os meninos, conhecer pessoas diferentes, sair e “namorar”. Para algumas meninas significa ainda “ser diferente”.

“Ser adolescente menina é tu não perceber que tem ainda um pouco da criança em ti, tu tá querendo é vamos dizer acelerar a tua vida um pouco mais rápido para ti ter prioridades mais avançadas, eu acho que é isso.”

(Vitória, 12 anos, EPU, RS)

“Bom para mim ser adolescente é a parte melhor da vida porque pode fazer várias coisas e aproveitar bastante a sua vida, ter várias oportunidades.”

(Exchilyn, 14 anos, EPU, RS)

“Meu nome é Amanda, ser adolescente menina pra mim é muito divertido porque tem muitas coisas que as meninas podem fazer e os meninos não, e pra mim é normal. Brincar de bonecas os meninos não podem. E outras coisas mais.”

(Amanda, 11 anos, PU, SP)

“A gente sai, a gente conhece novas pessoas, é isso. Eu esqueci o que eu queria falar.”

(Mayara, 12 anos, EPR, RS)

“Ser muito feliz, é muito bom ser menina. Sim pra poder namorar.”

(11-14 anos, PR, MT)

“É legal ser menina, por que você consegue se relacionar com a outra pessoa. Você... É legal por que , tipo você consegue ser diferente de outras pessoas. Eu sou diferente das outras pessoas, como a maioria das meninas. E também, meu pai é muito rígido. Eu não fico saindo muito. Então esse negócio. Sou diferente.”

(Bianca, 13 anos, PTU, SP)

Ser Adolescente menina é “ter a sua opinião”, “ter os próprios direitos”

Um de cinco adolescentes meninas, na linhas das possibilidades e oportunidades de ser adolescente menina reafirmaram a importância da autonomia que se ganha ou que se pretende alcançar. Assim ser adolescente menina é “ter sua opinião”, sem ninguém “mandar em você”, é “lutar pelos objetivos”, “pelo que se quer”, é ter os seus “próprios direitos”

“Eu acho que ser adolescente menina é ter a sua opinião sem ninguém escolha ninguém queira mandar em você.”

(Lara, 14 anos, PU, RS)

“Ser menina eu acho que a gente ter uma própria opinião muitas vezes pode até ser questionada, mas a gente pode ser propicio a certo trabalho, a gente não tenha e a gente tem que lutar pelo o que quer.”

(Isabele, 14 anos, PU, RS)

“Ser menina é saber o que que a gente quer dar vida, ter a sua própria opinião.”

(Maiara, 14 anos, PU, RS)

“Eu acho que ser adolescente menina é ter alcançar, poder alcançar os seus objetivos sem que ninguém interrompa e correr atrás do que realmente importa.” (Emanuele, 14 anos, PU, RS)

“Para mim ser adolescente menina, hoje em dia é ter respeito e consideração porque não é só com meninos que tem que respeitar as meninas também tem os seus próprios direitos.”

(Briana, 11 anos, PU, RS)

Ser adolescentes menina “tem um lado bom e o lado ruim”

Em que pese muitas meninas que participaram das entrevistas coletivas tenham reforçado o lado positivo de ser adolescente menina um conjunto maior ainda delas registraram aspectos positivos e negativos de ser adolescente menina:

“É um difícil” ser adolescente menina: “tu quer se governar, mas tu ainda é criança e não sabe se governar”

Em primeiro lugar, algumas meninas em entrevista coletiva, em escola urbana pública do Rio Grande do Sul, relataram as dificuldades das transformações significadas no processo de tornar-se menina mulher:

“Tu muda todo o teu jeito de pensar. Que nem, tu pensa que antes era

“Ah, eu quero...” Pensava mais em brincar, “ah, eu quero brincar, eu quero isso, eu quero aquilo”.

Agora não, tu muda teu jeito de ver as coisas.

A gente passa por uma fase de ama... Amadurecimento.

A gente fica mais madura. Que nem, antes que a gente pensava só nisso, hoje a gente não, hoje a gente pensa mais, assim, nosso bem, nosso futuro. Hm, e...

No bem das pessoas ao nosso redor, e mil e uma voltas.”

(11-14 anos, PU, RS)

“Eu acho que ser adolescente é tu ser meio que rebelde, tu quer se governar, mas tu ainda é criança e não sabe se governar.”
(11-14 anos, PU, RS)

“Eu acho que ser adolescente é tu ser meio que rebelde, tu quer se governar, mas tu ainda é criança e não sabe se governar.”
(11-14 anos, PU, RS)

“É bom e ruim ao mesmo tempo. É bom por que, sei lá...Não sei por que é bom. Mas é ruim_ eu sei. Eu não é legal sangrar por uma semana. É insuportável. Sangrar. Você não pode colocar uma roupa branca. Você não pode colocar uma calça apertada.”
(11-14 anos, PU, RS)

Mais responsabilidade por ser menina. “Os direitos tem que ser iguais”

Segundo, de um lado as novas descobertas mas de outro o aumento das responsabilidades.

É assim. É mais responsabilidade porque é menina. É igual lá em casa, quando o meu irmão quer sair, aí o papai fala com a mamãe e o papai, aí papai fala: ‘vai’, porque ele é menino. Aí lá em casa eu não sabia né, 14 (quatorze) anos eu fiz agora, aí ela falou, aí eu quis me comparar com meu irmão, sendo que ele é homem, aí o papai falou: ‘não, não é assim porque ele é homem’. Homem é diferente de mulher, aí agora que eu vim entender, então pra mim é responsabilidade agora ser menina. Assim. Na minha opinião, assim, ser menina assim, na minha opinião, é quando a gente, agora adolescente como nós estamos já é uma fase de descobrimento né, e tal, e assim a mamãe ensinou assim sobre o que ela falou a mamãe sempre fala isso, que eu quero me comparar com meus irmãos que eles são homens, mas mesmo assim, eu não acho assim que, os homens são, tem mais direito que mulher, nem que mulher é, tem mais direito que o homem, então acho assim que, os direitos tem que ser iguais.”
(11-14 anos, PR, PA)

“Principalmente nas coisas de casa, com o irmão. É sempre você. A cozinha é toda sua. É. Tudo sobra pra você.”
(Maitê, 14 anos, PU, SP)

É uma loucura... Por que é muita decisão que ...É que é muita decisão pra você tomar. É muita responsabilidade em cima de você por você ser menina. Eles cobram mais de você do que do menino. Se for menina, tem que ser certinha. Tem que ser a santa. Tem que ser “Nossa tá no altar” . Ela não é aquela que pode ter liberdade, de poder opinar uma coisa. Ela é menina não liga.... “

(Pietra, 13 anos, PU,SP)

Ser Adolescente menina é as vezes bom e às vezes ruim: “os pais pegam muito no pé”, “mas às vezes eles liberam”

Em terceiro lugar várias meninas reclamaram do controle dos pais que as vezes “pegam muito no pé”, mas também “às vezes liberam” para sair com os amigos, “fazer certas coisas”. Umhas poucas meninas buscaram agregar ao depoimento delas a explicação dos motivos pelos quais os pais controlam mais as meninas: ciúmes, desconfiança, cultura que concebe a mulher como “sexo frágil”, sem capacidade de se defender.

“Bom, ser adolescente assim, menina, é meio difícil porque os pais pegam muito no pé (risos).”

(Talita, 14 anos, PR, RS)

Porque é muito bom ser menina... Por que... os pais pegam muito no pé. (PR, RS)

Ser adolescente é diferente porque tamo entrando numa fase nova e porque os pais pegam muito no pé. (PR, RS)

Sei lá, é porque, as vezes tipo, é bom e as vezes é ruim. Tipo, ruim é quando... que nem elas falaram, que os pais pegam muito no pé, tipo, não dá pra fazer a maioria das coisas que a gente dá vontade. E as vezes é bom porque eles liberam certas coisas... sei lá. (PR, RS)

Hm... Ser menina, né? É ruim, é ruim. Porque também os pais pegam muito no pé, e de vez em quando eles deixam fazer alguma coisa. Ir na casa do amigo... Isso é bom. (PR, RS)

Eu acho que é difícil, e é bom. Difícil porque tu entra numa fase... E... Que nem, os pais pegam no pé... e... aí surgem certas coisas tipo... a mudança e coisa. E é bom porque... aí surgem novas oportunidades e... coisas. (PR, RS)

É... É bom, mas as vezes é ruim, até mesmo por causa dos pais, dos tios que pegam no pé. Ficam... que falam um monte de coisa. Mas também é bom por causa que... Às vezes eles deixam a gente fazer coisas que... que as vezes... os tios não deixam, minha mãe deixa, então... é bom ser menina. (PR, RS)

Ser adolescente menina é “uma fase aonde agente sofre muito”: maior pressão e mais julgamento na escola por ser mais velha

Adolescente menina para mim é ser.... Meu nome é July, ser adolescente menina para mim é uma fase aonde a gente tipo sofre muito porque no caso a gente está estudando e coisas assim e daí as pessoas julgam mais porque são mais velhas na sala e daí a gente sempre é as pessoas julgam mais porque sempre tem alunos mais velhos na sala e daí a gente sempre é aquela uma que tipo a gente vai fazer uma coisa e eles querem se achar porque eles são grandões e tal e outra coisa também é que a gente quer fazer coisas que tipo não são apropriadas para a nossa idade no caso a gente quer ir a algum lugar e coisa assim tipo a gente está achando que a gente vai coisa assim, mas a gente não é livre, que hoje em dia acontece muita coisa e é isso. (PR, RS)

É bom e difícil né, ao mesmo tempo, quando a menina vai crescendo, assim, muitas pessoas vão julgando o jeito que ela é assim, acho que é um pouco difícil essa parte. E tem o lado bom também. (PU, RS)

É difícil ser menina pelos condicionantes culturais: preconceitos, discriminações, inequidades de gênero:

Com a aproximação ou início da adolescência as meninas começam a sentir o significado de ser mulher em sociedade com muitos condicionantes culturais que obrigam as mulheres a viverem uma espécie de estereótipo feminino. Três aspectos foram destacados: hábito de vestir e sentar que podem ser entendido como evidencia de vulgaridade; ideia errônea da “fragilidade” da mulher; e, a visão preconceituosa da incompetência da mulher.

Que nem veste de mulher....Fala que veste não define caráter. Mas muita gente julga. Muita gente tem preconceito. Por exemplo, você vai usar um short....Ai todo mundo “Ah tá muito curto”. A ela tá usando calça...Mulher sofre disso. À com decote, falam assim “Oh lá. Tá mostrando os peitos”. Sempre tem isso. É muito preconceito. (PU, SP)

As mulheres ficam doentes, mas elas pelo menos elas ajudam. Elas fazem. Agora homem fica morrendo.....As mulheres tem cólica e ficam o dia inteiro trabalhando. Fazem seus deveres de casa...os homens com uma dorzinha já pedem....Eu acho que os homens acham que são mais fortes, mas eles não tem ideia do que as mulheres passam. Eles não reconhecem o que elas passam. (PU, SP)

Que as meninas sempre vão fazer alguma coisa e “Ah a menina não consegue fazer.” “Ah menina é fraca.” “Ah menina é...” Você não pode fazer o mesmo trabalho... Por que é assim , mesmo a mulher e o homem tendo o mesmo trabalho o homem ganha mais. Só que a mulher pode ser melhor... mais eficiente. Mais competente que o homem, mas existe esse preconceito (PU, SP)

Uma das adolescentes meninas do Estado de São Paulo, manifestou de forma descritiva o imponderável de ter nascido menina:

Bruna. Para mim ser adolescente menina é normal, eu nasci assim eu tenho que me acostumar. O dia-a-dia de uma adolescente menina, eu acredito que para todas são iguais. É... Acho que só, passo. (PU, SP)

Por fim uma das participantes definiu ser menina pelas noções de solidariedade e bem estar e de experiência de vida.

Eu acho que ser menina é ter amor ao próximo e se sentir bem todos os dias. (PU, RS)

A cada dia conhecer uma experiência nova da vida. (PR, MA)

As adolescentes das escolas públicas rurais, particularmente do Rio Grande do Sul, foram as que mais enfatizaram como negativo o maior controle dos pais sobre as meninas e como positivo o amadurecimento e as possibilidades de conhecer gente nova. As adolescentes meninas das escolas públicas centraram na afirmação dos atributos positivos e nas possibilidades/oportunidades de ser menina, enquanto as adolescentes meninas das escolas particulares enfatizaram as transformações que ocorrem nos papéis e responsabilidades e no enfrentamento das discriminações sociais contra as meninas.

4.1.5.2) Análise Comparada/ Aproximações das Entrevistas Coletivas: Amostra-Escola x Amostra Quilombola

As adolescentes meninas de 11 a 14 anos, quilombolas dos estados do Maranhão, Pará Mato Grosso e São Paulo, como suas contrapartes do grupo etário de 6 a 10 anos, responderam a questão “como é ser adolescente menina para você?” pela perspectiva sobre tudo de brincar e se arrumar: Ser adolescente meninas é muito legal, “coisa especial”. É bom brincar com as colegas de boneca, de casinha; vestir uma roupa legal, bonita, arrumar o cabelo, ganhar presentes.

“É bom porque a gente pode brincar, jogar bola e lavar louça.”

(Bianca, 11 a 14 anos, PR, MA)

“Ser menina é uma coisa diferente, e é bom ser menina que a gente se veste bem.”

(Maria Joaquina, 11 anos, PR, PA)

Além das possibilidades de brincar e se arrumar, o diferencial das adolescentes meninas de 11 a 14 anos para o grupo de 6 a 10 anos foi ressaltado pelas possibilidades de sair com as colegas, ir a festas, viajar. Algumas acrescentaram é jogar bola e apenas uma acrescentou lavar louça.

“Ser adolescente e bom porque podemos viajar ir para a festa e brincar com as colegas.”

(Vitoria1, 11 a 14 anos, PR, MA).

Em geral as adolescentes quilombolas centraram-se nas possibilidades que condição de ser meninas se lhes apresentam . Já as meninas da Amostra Escola, em que pese ter um contingente que definiu o ser meninas em termos de atributos apreciativos e oportunidades, concentraram seus depoimentos em, dialeticamente, evidenciar os aspectos positivos e negativos dessa condição feminina das meninas.

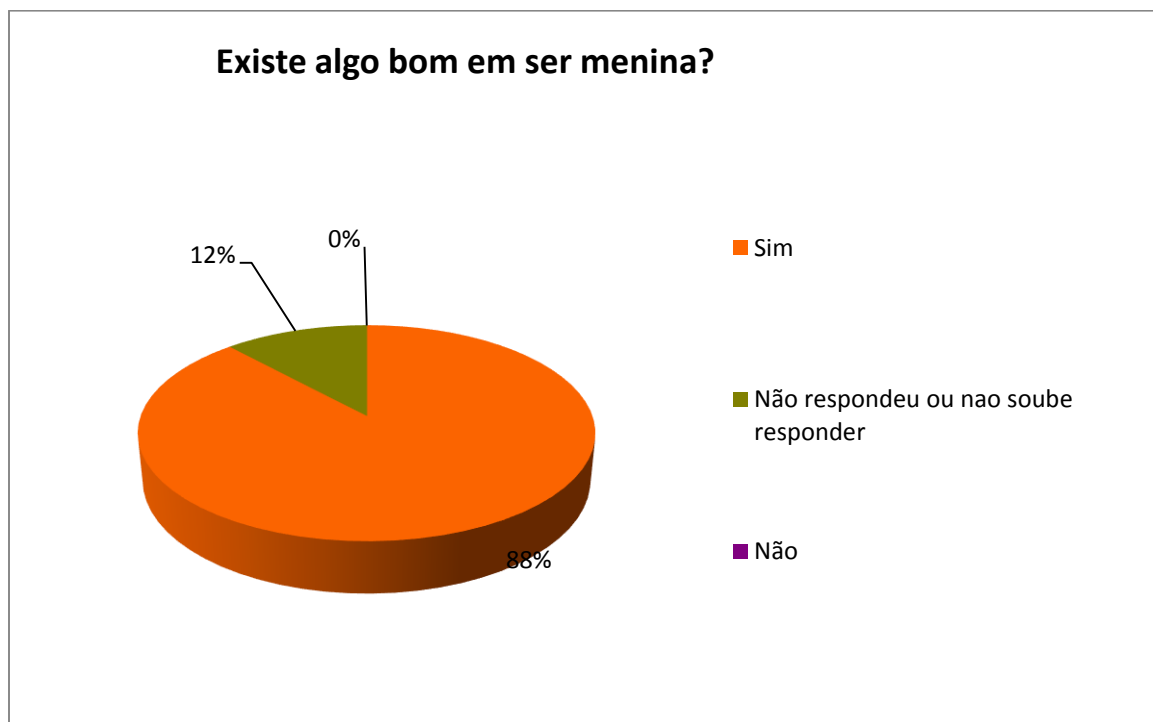
4.2) Existe algo bom em ser menina?

4.2.1) Análise das Entrevistas Individuais (Meninas de 6 a 10 anos)

4.2.1.1) Amostra-Escola

Nas cinco regiões quando perguntadas se existe algo bom em ser menina uma maioria absoluta (88%) respondeu positivamente a questão enquanto nenhuma das cinquenta e nove meninas entre 06 e 10 anos entrevistadas respondeu negativamente. Por ordem decrescente de distribuição o Mato Grosso registrou o maior número de respostas positivas (14) seguidos por São Paulo (12), Pará (10), Rio Grande do Sul e Maranhão, ambos com oito respostas positivas para cada um.

Gráfico 24 - Existe algo bom em ser menina? (amostra-escola)



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Quadro 23 - Existe algo bom em ser menina (amostra-escola)

Existe algo bom em ser menina?	Número absoluto	%
Sim	52	88%
Não respondeu ou não soube responder	7	12%
Não		0%
Total	59	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

A análise nos cinco estados indicou a escola urbana pública com o maior número de respostas positivas (20), seguida pela a escola urbana particular (19), em terceiro, a escola rural pública com doze e por último a única escola rural filantrópica que também considera bom ser menina. Em termos de conteúdo os atributos estéticos associados a beleza, limpeza, vestuário, acessórios foram especialmente ressaltados por meninas das escolas particulares de São Paulo, mas não exclusivamente:

"Que as meninas gostam de se arrumar, pintar as unhas, essas coisas". (Alice, 10 anos, PTU, SP)

"Acho. Não, você poder se arrumar, essas coisas. Se vestir, o jeito as roupas que se vestem. Poder brincar de umas brincadeiras mais delicadas assim, que é bom. Não ficar se sujando. E depois é até bom para os pais que não ficam lavando roupa, esfregando. Acho que...o bom de ser menina é isso." (Maria Cecília, 8 anos, PTU, SP)

"Sim. Bom porque menina, nós usamos batom, usamos o que passa aqui na sobrancelha, passa também aquele negocinho, é o blush, usa brinco!" (Rosa, 8 anos, PU, PA)

"Eu gosto de tudo em ser menina. Porque as meninas não são sujas, são limpas, a gente obedece as mães, os pais, limpa a casa". (Patrícia, 10 anos, PR, RS)

"É porque você pode ser arrumar, passar perfume, passar maquiagem. É uma coisa um pouco mais diferente do que ser menino. Muitas e muitas coisas". (Valentina, 10 anos, PTU, MT)

O apreço por ser menina foi também expresso de forma combinada entre os atributos estéticos, as possibilidades de consumo e as brincadeiras:

“Sim! Porque é. A gente pode se maquiar, passar batom, a gente pode brincar de boneca, de Barbie, é comprar todos os tipos de roupa, sandálias de desenhos.” (Estela, 8 anos, PTU, PA)

“Porque a gente tem um monte de brinquedo. A gente ganha boneca. A gente ganha celular. Um tablete, computador. Um monte de coisa! Os meninos também ganham! É legal porque a nossa mãe da mais exemplo pra gente! É tipo orientar a gente! É porque a gente, a gente um dia pode casar. A gente pode namorar”. (Sofia, 8 anos, PU, PA)

“Ser menina é bem legal. Muita coisa. Quando a minha mãe me leva pro shopping, ela fala para eu escolher as roupas e só tem roupa de meninas, de meninos não tem. Que menina é ser legal, e menina é mais inteligente do que menino”.(Julia, PU, SP)

“Sim, porque a gente ganha brinquedos, bonecas, bastante roupas e tudo mais”.(Sofia Abraão, 9 anos, PTU, MA)

“Sim, porque ser menina você pode ter brincadeiras que meninos também podem, mas os meninos não gostam das brincadeiras, tipo de bebê, eles não gostam ser menino é assim”.
(Nicole, 9 anos, PTU, MT)

“Sim. É porque menino tem uma brincadeira violenta e a gente já não tem essas brincadeiras”.
(Gabriele, 10 anos, PTU, MA)

“Porque nós nascemos assim. É porque menina brinca com brinquedo e menino brinca com carrinho”.(Rainha, 7 anos, PU, MT)

Comparativamente aos meninos para as entrevistadas o estado e o comportamento das meninas são outros aspectos positivos de ser menina. É bom ser ‘carinhosa’, ‘mais inteligente’, ‘mais educada’, ‘mais divertida’ e até ‘mais feliz’ do que os meninos:

“Ser menina é bom, a gente se sente mais feliz, sei lá, Uma coisa assim. Não sei! Na minha opinião minha mais inteligente do que os meninos, mais divertida”.
(Rebeca, 10 anos, PTU, PA).

“Que é legal ser menina porque a gente é mais educada que os meninos e a gente não fala tanto palavões como os meninos”.(Amanda, 10 anos, PU, RS)

“A menina é carinhosa, a menina não maltrata os animais, e também ela não.. ela não.. ela não bate”. (Mariana, 7 anos, PU, RS)

“A menina é mais inteligente”. (Bia, 6 anos, PU, MT)

“Porque sim... ser bonita e inteligente, .e.....estudar bem”.
(Alice, 9 anos, PU, MT)

“É bom ser menina, eu também não sei... Porque eu já sou menina, eu já sou estudiosa eu já gosto dessa escola aqui”. (Rosa, 7 anos, PU, MT)

“Sim, várias coisas, ser amorosa, ser... alegre e ser bonita.”
(Taís, 9 anos, PTU, MA)

Para Andrea, 9 anos, aluna da escola urbana particular do Pará é ser menina é bom por considerar que o direito a ter direitos: *“Sim! Eu acho bom ter os direitos. Nós temos ao ser bem tratadas. É melhor! Porque eu posso ser tratada de uma maneira diferente, e não ser igual a eles. Eu acho que eu posso fazer coisas diferentes dele. É eu faço uma coisa e ele faz outra, e em todas elas são diferentes. E eu brinco de uma coisa, e ele brinca de outra. Eu falo de uma coisa, e ele fala de outra”.* Ana de seis anos, aluna de escola particular em São Paulo associa as qualidades positivas a aspectos da convivência familiar *“A mãe dá mais cuidado”.* (Ana, 6 anos). Já Evelyn, 10 anos, do Maranhão aluna da escola urbana particular considera que a condição de ser menina favorece o acesso a melhores oportunidades de trabalho: *“ Eu acho legal porque também tem outras oportunidades diferentes, porque talvez, tipo, empregos que as mulheres são mais escolhidas que os meninos. Assim, alguns empregos que tem. E isso eu acho legal”.*

Formas de sociabilidade e possibilidades relacionais afetivas entre meninas também foram especialmente valorizadas na condição de ser menina:

“Sei! É bom porque com essa idade dá pra gente tá passeando com as amigas. Tem mais é menina pra se fazer amigos. Aí já pra ser mais legal tem mais menina pra ser amigos do que meninos. Porque menina anda mais agarrada, anda mais bonitinha, anda com aquelas presilhas que é tão bonitinha. É assim mesmo, a minha prima anda assim mesmo, eu encho o cabelo dela daquelas presilhas.

*A mãe dela fica falando, égua tu é mais do que uma mãe!
Ela fala, ela gosta, ela gosta muito, muito quando eu faço isso”.*

(Barbie, 10 anos, PR, PA)

“A gente pode fazer várias coisas de menina. A gente pode brincar com menina. A gente pode brinca de boneca, andar de bicicleta. Fazer várias coisas de menina”.

(Maria, 7 anos, PU, RS)

“Tem, é... tem coisas que os meninos não podem fazer. Não sei explicar assim muitas coisas. É legal ser menina por que aí você entende mais coisas de meninas. Os meninos não tem muita coisa pra saber. É mais as meninas mesmo. É mais legal.”

(Juliana, 8 anos, PTU, SP)

“É, a gente pode brincar, a gente não fica brigando muito, pode arrumar os cabelos, pode ir ao shopping, é brincar de boneca, de Barbie, pode alisar os cabelos, passar boneca, se arrumar direito. Ah, é bom, é eu posso brincar com as minhas amigas. A gente fica sempre juntas é, é muito bom ficar, ser menina”. (Daiane, 9 anos, PU, SP)

“Sim. Ah! A gente pode fazer tipo brincar. Eu e uma menina, mas assim porque eu brinco, eu não gosto de brincar com menino, porque os meninos têm muitas violências, e coisas de safadeza essas coisas. Então eu não gosto, então geralmente eu só brinco com menina. Por isso que eu gosto de menina”. (Letícia, 11 anos, PR, SP)

4.2.2) Análise das Entrevistas Coletivas (11 a 14 anos).

As adolescentes da Amostra Escola que participaram das entrevistas coletivas responderam confirmaram o lado positivo de ser menina utilizando atributos apreciativos e termos que indica as possibilidades ou oportunidades que a condição de ser menina oferece, muitos desses aspectos já informados na própria definição do que seja ser menina:

O lado bom de ser menina é que elas são mais jeitosas, cuidadas, organizadas e vaidosas do que os meninos

Na perspectiva coletiva de um grupo de meninas, o lado bom de ser menina é poder ajudar as mães. Para elas, as meninas são mais “jeitosas”, “mais organizadas”, “não bagunçam muito”; recebem “mais carinho dos pais”, “são mais “mimadas”, “são mais vaidosas”, “tem mais graça”, se “cuidam” mais, “são mais respeitosas”. Algumas se consideram mesmo muito diferentes dos meninos, os quais em contrapartida são mais agitados, não ajudam as mães, são mais desobedientes.

Hum, meu nome é Giovana, é ser menina é... bom é.... Que que é legal é por causa que as meninas são mais jeitosas, não bagunçam muito, os meninos já são mais agitados, é... As mães, elas, as meninas ajudam as mães e os meninos não ajudam, tem uns que ajudam, tem uns que não. Passo. (PU, SP)

Meu nome é Larissa, o bom de ser menina é que ela se cuida mais. Deixa eu ver, que elas são mais organizadas . Ah, não sei, passo! (PU, SP)

Meu nome é Amanda, o bom de ser menina é que as meninas são mais vaidosas, se cuidam mais e recebem mais o carinho dos pais do que os meninos. Os meninos são mais desobedientes e etc... (PU, SP)

Meu nome é Jessica, para mim o que é bom ser menina é porque, tipo, menina é mais, sei lá, tipo, mais mimada pelos pais e é tratada diferente dos meninos (...) é mais diferente ser menina. (PU, SP)

As amizades

Como afirma uma das participantes do Rio Grande do Sul, “Ser menina é ter muitos pontos positivos e um deles é ter muitas amizades”. Amizades da escola se leva para a “vida inteira”. Ao fazer novas amizades deve-se “conservar as velhas”.

Para mim o que é bom de ser menina é que a gente leva a amizade para a vida inteira (PU, RS)

O bom de ser menina é que a gente pode fazer várias amizades e pode ser com menina ou menino sem o preconceito de achar que as pessoas vão de ignorarem ou achar que as pessoas podem mais só porque são meninos. Eu acho que é isso que importa para mim. (PU, RS)

O que eu acho de bom é que nós as meninas podemos fazer novas amizades só que a gente tem que conservar as velhas. (PU, RS)

As possibilidades estéticas

Para um grande grupo de participante, o lado bom de ser menina é poder “se arrumar”: “arrumar o cabelo”, usar brinco, escolher uma roupa bonita, usar sapato de salto alto, fazer maquiagem.

É bom ser menina porque as meninas elas são, elas são mais jeitosas, arrumam mais o cabelo. Os meninos nem ligam mais, eles largam eles pra lá. (PU, SP)

Sim, pra mim sim, bastante. Cabelo, maquiagem, usa brinco, escolhe roupa, haa que lindo esta roupa, a gente pode falar há que lindo os meninos não porque já acham que e gay (risos). (PTU, SP)

Pode usar maquiagem. Escova o cabelo, pode passar chapinha no cabelo, a gente pode calçar sapato de salto alto. (PR, MT)

A diversão e o lazer

O outro lado bom de ser adolescente menina são as possibilidades de diversão: “se diverte muito”. Algumas meninas encontram-se alimentadas da ideia de é preciso ‘aproveitar’ enquanto se é jovem, pois na fase adulta as responsabilidade limita o tempo de diversão.

Eu acho que ser menina adolescente é bom porque a gente vive mais na adolescência do que depois. Se diverte mais, eu acho. (PU, RS)

Eu acho que é bom. Porque tem várias oportunidades de namorar, de ficar e de divertir bastante. (PU, RS)

No momento em que a pessoa é adolescente ela passa a ter uma fase em que ela pode ser dividir, sair com amigos, ir para festas desde que os pais estejam cientes do que ela está fazendo e também porque tipo depois que fica adulto tu começa a ter filhos, trabalhar se dedicar a isso e não a poder sair com os amigos e se divertir, então é um momento de que a pessoa vive que a pessoa tem consciência do que ela está fazendo é isso. (PU, RS)

Eu acho bom porque tu tá descobrindo um novo lado da vida e tu ainda tá podendo se divertir mais e curtir mais a vida, sair, conversar com os amigos sem ter tanta responsabilidade, mas tu também tens que aprender e criar a responsabilidade aos poucos, isso é porque tem pessoas às vezes eu paro para pensar que uma vez eu estava lendo um texto que falava assim “Se a adolescência não existisse” entendeu, tu sairia ali da fase de ser criança, de brincar, de não ter responsabilidade quase nenhuma e daí já ser largado assim no mundo adulto, de você ter que se sustentar, sustentar seus filhos, e dar conta das coisas que você tem, é isso. (PU, RS)

É bom ser adolescente menina, “os pais pegam mais no pé das meninas”, mas dá “um pouco mais de liberdade”

Ser adolescente menina é ter um pouco mais de liberdade, assumir um pouco mais de “responsabilidade”, mas ter lidar com o controle dos pais. Segundo as participantes da pesquisa “os pais pegam mais no pé das meninas”, mas “agente começar viver um pouco mais para nós”, “a gente tá tendo uma base do que a gente quer para o nosso futuro” (MA, Particular). Algumas meninas sentem que agora são “mais compreendidas”. A liberdade aqui é importante para “sair com as amigas” ir a festas e voltar na hora combinada.

Eu acho assim que... Os pais pegam mais no pé das meninas, porque ela tem até uma certa liberdade. E os meninos, tipo eles se acostumam assim de qualquer jeito. E daí nós meninas, assim, se sentimos um pouco excluída. E daí os pais tentam conversar essas coisas e acaba, assim, as meninas se constringendo, assim, não conversa com os pais. E outras coisas também, mas é bom ser menina. (PR, RS)

Eu acho que tem coisas boas porque os pais começam a dar mais liberdade. E também a gente pode sair e tomar algumas decisões por nós mesmas. Tipo se a gente achou alguém pra... que a gente quer ficam, daí os pais deixam. (PR, RS)

Tem o lado bom que é a confiança dos pais nas meninas, ou na gente, e também a questão do...
Da responsabilidade também. Que eles, tipo, eles deixam...
Nessa fase eles botam em nós as responsabilidades de nossos atos. (PR, RS)

É bom ser menina porque... Por causa que as vezes os pais dão mais liberdade pra gente. Mas a gente ta, tipo, na fase de aprender as coisas. Quando eu era pequena a mãe dava banho, dava comida. Agora não, a gente toma banho sozinha, come sozinha a hora que quer. É bom ser menina. Que tem... Tem pouca liberdade, os meninos tem mais, mas...
Fazer o que se eu nasci menina. (PR, RS)

O lado bom de ser menina é que, desde pequena, é sempre a mais paparicada, é sempre a mais arrumadinha, qualquer coisa assim. Só que sempre tem um pouco mais de pressão, de os pais segurarem mais em casa. Mas é bom, é bom porque a gente se sente mais cuidada.
Tipo, de sair não vai aprontar. Sempre. (PR, RS)

Quando a gente começa a viver um pouco mais pra nós. Tem mais descobertas, ahan, a gente começa a ficar um pouco mais adulta, que a gente começa a escolhe... Fazer as nossas escolhas, a nossa roupa, o que nós vamos comer, a hora que a gente quer dormir. Lado bom é que pode sair com as amigas, sem compromisso só que com hora pra voltar pra casa. Acho que é isso.
(PR, RS)

As transformações do corpo é a chegada da menstruação: Menina-moça, menina-mulher

As meninas da escolar pública rural do Para que participaram da entrevista coletiva, ao responder a pergunta sobre a existência (ou não) de algo positivo em ser menina, prestaram um comovente depoimento sobre a chegada da idade.

Pra mim 'é ótimo' tá difícil. Por causa assim, que, no namoro assim, quando vira, tá adolescente assim no namoro, aí vai conhecer assim né, muitas coisas, então é nessa parte. Risos. (PR, PA)

Ah, bom em ser adolescente menina, é que assim, as meninas assim, por que de primeiro as meninas tinham menos direito, as mulheres né. E hoje não, hoje quando a gente é uma adolescente a gente vai descobrindo novas coisas, e novas coisas assim, como, assim muitas coisas tem pra gente descobrir assim sendo adolescente, e também tem a parte ruim de ser adolescente né?! . (PR, PA)

Eu acho bom assim ser adolescente menina porque, quando a gente tá com uns 11 (onze) anos aí começa a nascer o peitinho e a gente fica toda feliz né?! Aí é quando a gente vê, a gente vê assim que o professor tava falando que, é ano, ano, uns anos atrás quando nós tava na 5ª (quinta) série, nós era tudo um monte, ele falou que nós era tudo um monte de pulguinha, hoje não. Nós estamos mais evoluídas. E ser assim adolescente menina a gente, quando a gente tá assim com, com os peitos crescendo a gente acha muito bom assim sabe, mas é isso que é legal assim ser adolescente menina, poder mostrar o que tem, não assim na extravagância, mas sim. . (PR, PA)

A primeira menstruação...Eu achei bom, eu achei bom uma parte porque assim, aí, tipo assim “ei tu já é moça?” eu falo assim: “ah sou”. Quando eu não era eu ficava assim “não”, aí falo assim eras. A minha menstruação veio muito cedo, muito cedo mesmo com 12 (doze) anos, aí na primeira. A mamãe sempre falava, a mamãe ela é assim, ela tem hora de brigar e tem a hora de ser legal. De dar carinho, aí no primeiro dia pra ela foi super fácil isso, por ela ser assim, foi super fácil, mas no primeiro dia eu me senti incomodada, ah que coisa chata, ficava insegura... agora não é diferente, a gente tem mais experiência né, tem mais experiência nisso, então a gente não fica mais insegura como antes. Não, eu sabia. Porque, eu tinha muita vontade. Eu via a minha irmã colocando aquele negócio, aí eu doidinha pra usar já, aí minha mãe: “menina tu não sabe o quanto é ruim”. (PR, PA)

No primeiro dia que veio eu vinha pro colégio, foi, aí eu ia tomar banho, aí eu vir aquele negócio, aí eu me enrolei na toalha e saí correndo, minha irmã estava lá fora, eu fui correndo, aí eu: “maninha tu não sabe”. Ela: “o que foi”, ela falou. Aí ela me viu chorando né, aí ela: “ah eu já sei”. Risos. Ela me abraçou e começou a chorar nós duas. Foi muito emocionante esse dia. Pela uma parte é ruim, mas pela outra é bom. Pra mim. Peraí, pra mim, ser mulher é se cuidar, e tem menina, assim, moça, diz que é moça entre aspas. Por causa que não se cuida direito. Pra mim mulher tem que se cuidar, se valorizar, se respeitar a si mesmo, não querer se depravar, porque tem mulher assim que é moça, é tudo, mas quer ser assim, toda... não é higiene, não é higiene. É mulher pra mim é ser higiene, e cuidar de si mesma assim. (PR, PA)

Quando elas se comparam com os meninos e levam vantagens

As meninas de uma das escolas particulares de São Paulo prestaram um depoimento coletivo comparando meninos e meninas, no qual as meninas são mais fortes e espertas do que os meninos:

É, ele não precisa da menina. Para eles se relacionarem sempre precisaria de uma menina... É. Pra eles terem uma relação. Eles precisam de uma menina. Então eles precisam mais da gente, do que a gente deles. . (PR, PA)

*Eu acho que o homem, a mulher por ser mais sensível, né? Ela tem um poder de sedução muito além do que ela pensa. E o homem, **ele é muito babaca por** que ele cai mesmo. Meninos, que falam que as meninas são idiotas e que podemos iludi-las muitas vezes eles não se tocam que é a gente que está iludindo eles, sabe? Tem coisas que acontecem. A menina sabe manipular melhor. Ela tem mais o controle dela. (PU, RS)*

Ela sabe o que ela quer. Ela não “Ah tô na dúvida.” Não existe isso. Agora o menino. Se comparar um menino da nossa idade com uma menina, meu Deus é muito criança. Eles são muito criança. Você fala “Mandioca.” Eles “Ah Mandioca (risos)”. Eles fazem um escândalo. (PU, SP)

Assim, as garotas conseguem o que elas querem mais fácil. Fazem um jeitinho bobinho de sexo frágil. Qualquer menino cai em uma garota que faz isso. Menina consegue...o que ela quer ela consegue. Fazendo tipinho besta, tipinho bobo de mulherzinha, diríamos. Já o moleque se ele faz isso, ele é chamado de viado. (PU, SP)

Não, assim....do menino mais difícil. Não gosto daquele menino que já vai, já chega e...Entendeu? Mas tipo, a menina se ela se faz mais de difícil o menino se derrete mais por ela. Se ele se faz mais de difícil, a menina se derrete. A menina sempre se derrete pelo menino que é mais difícil. É assim, é sempre assim. É claro os homens sempre gostam da mais difícil, quem é que vai gostar da fácil? (PU, SP)

4.2.3) Perspectiva comparada entre crianças e adolescentes da Amostra Escola e Quilombola (6 a 14 anos)

A grande maioria das meninas/adolescentes que participaram das entrevistas individuais e coletivas, confirmaram o que a maioria das 149 meninas que preencheram o questionário já haviam afirmado: sim, existem muitas coisas boas. A própria definição de ser menina é carregada de possibilidades e atributos positivos, em geral as meninas de 6 a 10 anos valorizaram o fato poder "brincar de boneca e de casinha", "se divertir, "fazer muitas coisas" e ter "amigas" para brincar. Já as adolescentes meninas enfatizaram, além de brincar e se divertir, o fato de poder se "arrumar", "sair com amigas" e também poder "ajudar os amigos" e as pessoas. Contudo, para algumas poucas meninas não "tem nada de bom" como informou Raiane que uma adolescentes fora da escola que foram entrevistas pela pesquisa. A principal razão o/a adolescente é discriminado na sociedade.

Se ao responder como é ser menina, elas já conceberam o ser menina pelos possibilidades e atributos positivos, quando questionadas se "existe algo de bom em ser menina?" e em caso, "o que é bom?" a maioria das 16 entrevistadas, de 6 a 10 anos, afirmou coisas positivas relacionadas ao ato de brincar e em seguida ao ato de trabalhar. Chama a atenção que para várias das meninas de 6 a 10 anos o ato de brincar e trabalhar encontram-se associado no seu cotidiana.

"Existe porque tenho amiga que gostam de brincar comigo."

(Raiely, 6 a 10 anos, PR, MA).

"É bom brincar, estudar, trabalhar, ser uma pessoa boa, brincar com as amigas. Trabalhar, comer todos os dias. Eu trabalho, capino com minha mãe, faço caeira, vou para o mato quebro coco; eu trabalho de roça com meu pai."

(Samara, 6 a 10 anos, PR, MA).

"É bom porque a gente trabalha, brinca com as amigas. Eu gosto de ajudar minha mãe a lavar louça, cortar pau para fazer caeira e, as vezes, meu pai me chama para ir pra roça." (Juliana, 6 a 10 anos, PR, MA).

“Ela Lava Louça e lava roupa. Lava a casa, lava o banheiro. Ela vai buscar água, ela vai ajeitar as cadeira. Ela vai ajeitar o guarda roupa dela, ela vai ajeitar a mesa dela. Vai ajeitar as coisas cama dela.”

(Joice, 6 anos, PR, PA).

Um pouco responderam “sim” sem maiores especificações. Duas delas responderam se comparando com os meninos: “acho bom porque menino é chato. Eles gostam de zombar das meninas e reclamam das nossas brincadeiras”, como afirmou Karlene, de uma escola pública do Estado do Maranhão.

Nessa mesma linha, Fernanda de 8 anos, de uma escola pública do Pará, afirmou que era melhor ser menina “porque menino é mais mal educado”. Isabelle de 10 anos, de uma escola pública do Pará, falou das “várias oportunidades” como a de ser cantora, ser atriz. Finalmente Vitoria Ellen, de 9 anos, de uma escola pública de São Paulo, ao lado dos atributos de ser bonita, ser feliz, reforçou a necessidade de “respeitar a professora”.

Nas entrevistas coletivas com as adolescentes meninas quilombolas de 11 a 14 anos reafirmam os aspectos positivos de ser adolescente menina. As meninas/adolescentes do Maranhão e do Mato Grosso reforçaram o etos da brincadeira e da diversão e em menor escala a condição de estudantes e a prática de esportes: Brincar, estudar... Brincar com os amigos, se divertir, fazer novas amizades, conversar com amigas. Arrumar e passear no Domingo, com as amigas; ir às festas... Viajar para o interior. Ir para escola estudar para ser alguém na vida. Jogar bola na escola.

As adolescentes meninas do Pará (11 a 14 anos) reforçaram o lado afetivo da relação com os pais: “É muito legal ser menina, por causa que nós temos muito carinho. Carinho pelo pai, pela mãe, pelos irmãos” (Entrevista coletiva, Pará). O outro lado bom de ser menina/adolescente é não ser menino: “Os meninos que só ficam atentando. Os meninos quebram vidro de carro, de tudo. Menina é uma coisa bonita. Coisa boa!” (Entrevista coletiva do Pará).

As adolescentes do Maranhão também afirmam o lado bom de ser menina “sair com as amigas e falar muitas coisas de menino” (Vanessa, 11 a 14 anos, Escola Pública Rural, MA).

As adolescentes meninas quilombolas de São Paulo (11 a 14 anos), avaliaram que “depende do ponto de vista (...) tem as partes boas e as partes ruins. As boas... Acho que o desenvolvimento, a gente tem mais, conhece mais coisa, sabe as coisas.”

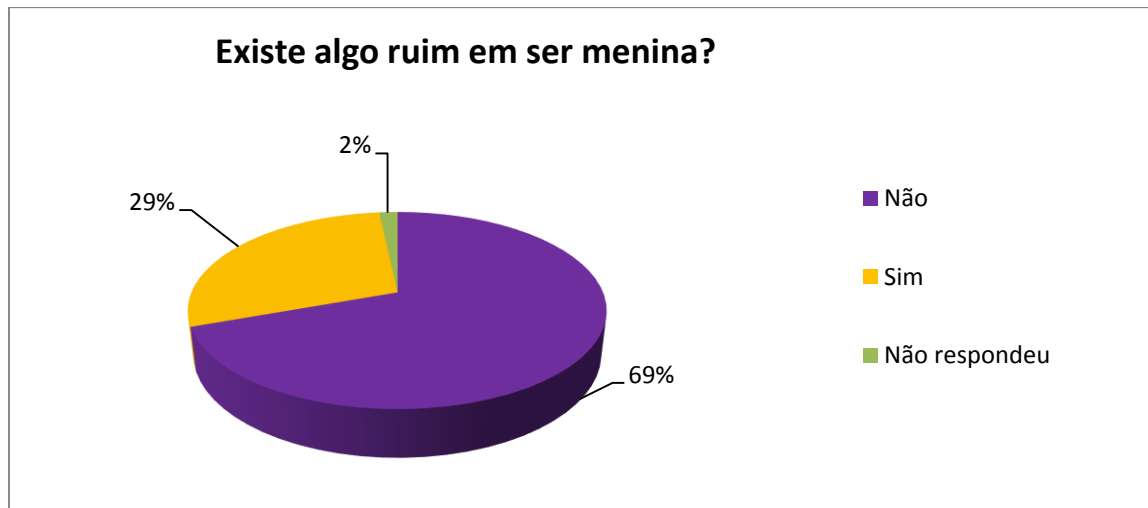
4.3) Existe algo ruim em ser menina?

4.3.1) Análise entrevista individuais (meninas de 6 a 10 anos)

4.3.1.1) Amostra-Escola

Certamente *'se existe algo de ruim em ser menina?'* o apreço pela condição de ser menina supera em muito (quarenta pontos percentuais) aquelas que responderam positivamente a pergunta. Isso porque 69% discordam enquanto 29% acreditam haver aspectos ruim em ser menina, dado que por si merece especial atenção:

Gráfico 25 - Existem algo ruim em ser menina?



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Quadro 24 – Existe Algo Ruim em Ser Menina?

Existe algo ruim de ser menina?	Número absoluto	%
Não	41	69%
Sim	17	29%
Não respondeu	1	2%
Total	59	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

O maior número de respostas positivas foi identificado em São Paulo (8), em segundo lugar o Mato Grosso com 3 e por último o Pará, Rio Grande do Sul e Maranhão com duas menções para cada um deles. Em São Paulo foi a escola particular urbana que apresentou o maior número de meninas que concordam existir algo de ruim em ser menina (5), seguida da escola pública urbana com duas respostas. Os demais estados não apresentaram mais de uma resposta positiva. Nas cinco regiões a escola urbana figurou com o maior número de respostas positivas (7), em segundo lugar as escolas públicas urbanas e rurais apresentaram cada uma delas quatro respostas positivas para a questão.

Quando convidadas a acrescentar o que é ruim uma maior possibilidade de sofrer variadas formas de violência (estupro, abuso sexual, pedofilia, sequestro, assassinato) associada a atributos como fragilidade feminina foi especialmente ressaltada:

“Algo de ruim existe. Porque assim você pode ser violentada, entendeu? Você pode ser morta, entendeu? Então, por algum assassino, entendeu? Por algum homem e pode ser também, ele pode abusar assim de você é isso”.

(Mayana, 10 anos, PTU, SP)

“Ser abusada! Sim! Sequestrar uma criança, ou uma menina da minha idade. Estuprar ela! Estuprar! Essas (coisas). Assim é difícil de conviver com pessoas que façam uma coisa que você não quer fazer. A pedofilia. Que normalmente veem mais ao caso das meninas se não dos meninos. Eu acho que a menina tem mais alguma, tem coisas que os meninos que os meninos não podem fazer né! Sendo mais fácil, sendo frágil é mais fácil de ter esse acesso com pessoas que estupra! Que essas coisas, aquelas coisas né?! É ele é mais forte. E mesmo sendo mulher a gente pode ser mais fraca, e uma criança com um adulto também, mesmo sendo menino”.

(Andrea, 9anos, PTU, PA)

“Existe! Porque o homem gosta de estuprar fazer as coisas ruins. De fazer as coisas de ruim pra menina. Já vi na televisão, quando passa!”

(Princesa, 10 anos, PR, PA)

Quando comparadas aos meninos alguns aspectos de convivência como a dificuldade da menina ser aceita para brincar e uma valoração negativa em termos comportamentais (delicadeza) quando comparadas com os meninos foi mencionada por duas entrevistadas:

“Existe só quando os meninos não querem aceitar a gente brincar junto”.

(Maria, 7 anos, PU, RS)

“Eu acho, porque os meninos eles sempre deixam as meninas de fora. Assim que nem um jogo que tá brincando tem uma menina um exemplo, e as outras também querem brincar e eles não deixam, sei lá, porque eles não gostam das meninas.

Porque elas são mais delicadas? (Alice, 10 anos, PTU, SP)

“É mais quando você brinca de alguma coisa que os meninos brincam mais e algumas meninas zoam com você falando assim: “Menininho. Tem essas coisas também que os meninos não passam muito meninos também passam. Se menino brincar de boneca já viu tem algumas meninas que zoam, têm outras que participam também da brincadeira. Pode ser, mas aí tem que ter mais cuidado por que você pode ser zoado. ” (Juliana, 8 anos, PU, SP)

Em outro sentido atributos depreciativos de ordem estética como tipo de cabelo, e de vestuário e comportamento apareceram de forma combinada para algumas das entrevistadas:

“É bem assim, uma coisa de uma menina. Coisa ruim também é cortar cabelo, eu gosto do meu cabelo deixa até aqui bem no peito, mais minha mãe sempre fala pra eu cortar, que meu cabelo é muito é duro, então eu não gosto”.

(Lilia, 10 anos, PU, SP)

“Só uma coisa: os meninos podem brincar e as meninas não. Na minha casa ninguém pode brincar só os meninos. Porque os meninos são melhores que as meninas e as meninas são um pouco melhores que os meninos. Não podem passar a minha maquiagem e também não podem me bater porque sempre me batem. As meninas não podem brincar de bola e a gente não pode de vôlei, e a gente não pode esconde-esconde, eles não deixam a gente brincar”.

(Julia, PU, SP)

. “Às vezes seu pai não deixa você fazer uma coisa, fica “ai você é menina, não sabe se comportar com saia. É por isso que você não usa. É não poder fazer as coisas que você quer, menino pode mais e às vezes menina não pode e às vezes é uma coisa que você gosta andar de skate. Ninguém da minha família não anda de skate, então eu acho que eles não gostam só que eu gostaria muito de andar de skate. No futuro, às vezes, eu vou pedir pros meus pais quando eles tiverem condições financeiras pra eles me colocarem numa aula de skate”.

(Maria Cecília, 8 anos, PTU, SP)

O preconceito, o estigma, a banalização e formas de dominação da condição de gênero se fizeram presentes entre os aspectos ruins de ser menina:

“Assim, nunca aconteceu isso comigo, mas o preconceito. Porque os homens acham que pode mandar mais que as mulheres, então acho que só isso que é ruim, que a população tem um preconceito mais com as mulheres”.

(Evelyn, 10 anos, PTU, MA)

“Sim. É quando a gente vai virando moça, porque a gente sente muita dor e é difícil, só isso. Tem que ter muito cuidado”. (Letícia, 11 anos, PR, SP)

“Sim. Porque os guri fica xingando, porque os guri fica xingando...”

(Rosa, 7 anos, PU, MT)

Quando perguntadas sobre a existência ou não de aspectos negativos de ser menina, a maioria das meninas quilombolas entre 6 e 10 anos que participaram da entrevista individual (sete de dezesseis) avaliaram que não tinha “nada de ruim” em ser menina. Juliana, de entre 6 e 10 anos, de uma escola pública rural, expressou essa negativa da seguinte forma, “não, pra mim não, porque eu brinco demais!”.

Um pequena parte avaliou haver coisas positivas e negativas. Entre as coisas positivas citadas tem-se “comer todos dias”, “trabalhar”, “estudar”, “ser uma menina boa e legal com as amigas”, “quando ganhamos uma vitória”. De ruim “não ter família”, “não

estudar”, “não saber ler”, “ser uma pessoa de rua”, “não saber fazer nada”, “quando perdemos algo tipo (...) minha boneca”.

“Não tudo de menina é bom pra mim bom e eu comer todos os dias trabalhar estudar ser uma menina boa e legal com as colegas e ruim e não ter pai nem mãe.”

(Samara, 6 a 10, PR, MA).

“Bom é trabalhar, estudar ser menina boa ser e legal com as amigas; e ruim e não estudar, não ser nada da vida e ser uma pessoa de rua e sem saber ler e não saber fazer nada da vida.” (Raiely, 6 a 10 anos, PR, MA).

Apenas três das entrevistadas de 6 a 10 anos expressaram o lado ruim de ser menina, temas relacionados discriminação dos meninos em relação ao tipo de brincadeira, comportamento e valores mais e a disciplina corporal dentre de casa.

“É... Brincar com menino. Ser mal educada. A prisão.”

(Vitoria Ellen, 9 anos, PR, SP).

“Ahã. Quando você é menina, aí tem brincadeira de, tipo, jogar bola, aí eles falam: “você é menina, você não aguenta ficar jogando bola”. É, eu estava brincando de boneca, aí eu queria colocar a boneca dentro do carrinho, aí os meninos não deixam. É porque eu sou menina.”

(Isabelle, 10 anos, PR, SP).

“Nossa Mãe! Porque ela, porque ela bate. Eu apanho porque eu sou menina!”

(Fernanda, 8 anos, PR, PA).

4.3.2) Entrevista Coletiva (11 a 14 anos): O Ruim de Ser Menina

4.3.2.1) Amostra-Escola

Algumas meninas (seis) responderam negativamente à questão. Elas avaliaram que não acham não havia “nada de ruim na adolescência”. Uma das meninas expressou um certo conformismo com as sua condição de gênero, concebendo-a como um desígnio de Deus, “ser menina é uma Glória de Deus”.

Eu acho que não tem nada de ruim ser menina, ser menina é uma glória de Deus, porque Deus quis que fosse menina é porque ele quis. (PU, RS)

Eu não acho que tem alguma coisa ruim em ser menina adolescente. (PU, RS)

Três meninas afirmaram não gostar de algumas características ou comportamentos que podem ser adotados por certas meninas: ser briguenta, escandalosa e falsa. Uma das meninas manifestou mesmo que o fato das meninas falarem mal da amiga é motivo para ela preferir andar com os meninos.

Eu acho que essa questão de menina ser mais briguenta, tudo querer brigar, tudo quer bater, eu acho que é isso. (PU, RS)

Para mim o lado ruim de ser menina, para mim é ser escandalosa. (PU, RS)

Toda menina é falsa. Toda menina fala mal da amiga, entre aspas. Menino não. Ele vem e fala na tua cara. Eu ando com muitos meninos. Eu ando só com menino, praticamente. Com elas, eu ando só com essas daqui de meninas, praticamente. E assim, quando meu pai chega aqui na escola pra me buscar eu só tô no meio de menino. Ele chega “Oh fica com um monte de menino”. Por que meu pai sabe como que é a cabeça dos meninos. Principalmente meu irmão, “Oh mãe só tá saindo com os meninos”. Meu irmão sabe o que eles são. Por isso que ele me defende às vezes por que ele sabem como eles pensam. Ele sabe que às vezes eles têm mais malícia. (PU, SP)

Contudo, ficou mais evidente na entrevista coletivas das adolescentes meninas que existe o “lado bom” e o “lado ruim”. A maioria das meninas expressaram suas preocupações com o desenvolvimento corporal, a mudança no relacionamento afetivo com os pais, o aumento da responsabilidade com os afazeres domésticos, o maior controle dos pais e uma certa pressão para definição do projeto de futuro.

Várias adolescentes meninas (oito) falaram das transformações corporais ocorridas neste ciclo de desenvolvimento, como o “susto” de dormir de uma jeito com 9 anos e acordar já com “pelos”, “seios” crescidos, espinhas no rosto, com a chegada da menstruação e as crises de TPM. Uma das meninas mencionou as diferenças no padrão de desenvolvimento, “tem meninas de 9 anos que não tem nada, mas tem meninas de 9 que parecem uma mulher de 20 anos”. A chegada da menstruação foi vista por umas como uma coisa natural de se transformar em mulher, com susto da maneira que chegou para outras, ou ainda como uma desvantagem das meninas em relação aos meninos. Uma das participantes lembrou que o fluxo menstrual pode ser seguido de cólicas penosas para algumas meninas. Uma delas expressou mesmo que “virar moça” é uma parte “chata” da adolescência. Outra participante elegeu três coisas mais ruins na opinião dela “Sim. Ter muitas espinhas e muito ruim. TPM. O preconceito contra as meninas” (MT, EPR)

Tem várias. Eu só falei que tem várias. Se desenvolver rápido. É um susto isso. É um susto. Por que você dormiu e... É estranho... Com 9 anos você dormiu de um jeito e parece que você acordou e você já tem pelos. O seu corpo todo. O seu peito cresceu. Gente que aconteceu comigo? Ai do nada, você acorda num dia e sua calcinha tá vermelha. “O que é isso?”. É um susto. (PR, PA)

Eu acho que o que tem de ruim em ser adolescente menina são as espinhas, é uma coisa muito comum, eu já perguntei várias vezes para a nutricionista se chocolate dá espinha, ela disse que não, mas toda vez que eu como chocolate enche a minha cara de espinha, e eu não gosto disso, é sério. (PU, SP)

Quando eu menstruei eu disse: “Mãe eu acho que eu machuquei...” (risos). Ela: “Não filha. Você menstruou mesmo”. É muito estranho. Acordar de um dia pro outro. Coisa de 1 a 2 anos. Você ficar do lado de uma tábua a sua mãe podia passar roupa em você de tão magra. De tão reta que você era. Agora, você já tá com meninas... Você já tem mais bunda, mais peito. (PU, SP)

Ah, que nem ela falou, tudo mundo já sabe, né? Que todo mês as meninas, algumas sentem cólica, outras não, o ciclo menstrual. E os meninos não tem isso, por que menina tem cólica, sente cólica, e menino não tem paciência, e menina tem mais. (PR, PA)

*E assim quando, quando a gente começa assim naquela fase de puberdade, ah é muito chato essa parte adolescente. Virar moça... A primeira menstruação. No primeiro dia eu fiquei tão nervosa que eu chorei. No primeiro dia eu fiquei tão nervosa que eu chorei. (...)
Ah! Tu sente dor de cólica, às vezes vem muita dor. Assim na parte de ser adolescente mulher, como é o assunto né, é mulher, menina, assim, tem menina, hoje em dia as meninas acham. (PU, MT)*

Antes não tinha esse corpo que todo mundo tem né, a gente podia andar só de calcinha, de blusa sem sutiã. Porque assim eu não gosto de andar sem sutiã. Nem quando tô em casa, porque eu acho muito esquisito assim uma menina sem sutiã. Eu acho muito esquisito assim né na minha opinião assim eu acho muito esquisito, pra mim ficou ruim nessa parte assim também. (PU, MT)

Esse desenvolvimento corporal vem acompanhado de mudanças do lugar da menina no processo decisório, na afetividade dos pais, no nível de responsabilidade e na forma de se cuidar. Ter que compartilhar as decisões com a mãe pode ser uma tarefa pouco agradável para algumas meninas. Muitas reclamam que os pais deixam de dar atenção e trata-las com carinho e chamego ou por serem já supostamente maiores ou por que dispensam maior atenção aos irmãos mais novos. Contudo, elas acreditam que por estarem vivenciando todas as transformações da adolescência elas precisam sim continuar ganhando atenção e carinho. Além disso, aqueles que tem irmãos menores, sentem que são sempre responsabilizadas pelo que acontece com eles.

Porque a gente tá descobrindo coisas novas e pra nós muita, tem coisas que assim os pais ensinam pra gente, que pra nós é muito novo pra gente conseguir entender, conseguir fazer, então. Não é só bom, mas é também ruim também. De ser adolescente menina pra mim é ruim é que, quando, sempre, eu tenho que conversar as minhas decisões com a minha mãe, compartilhar as minhas decisões com a minha mãe, sendo que às vezes eu não gosto, mas eu tenho que conversar com ela, que compartilhar com ela. (PU, SP)

Eu concordo com ela porque assim, ah tem uma coisa ruim mesmo de verdade quando a gente, quando a gente é adolescente, e quando a gente é criança, aí a nossa mãe, a gente tá com uma dorzinha aí "ah mãe tô com uma dor", ela dá aquele carinho aquele, sabe aquele carinho assim de mãe coruja ela dá. Quando a gente tá adolescente, "menina vai sai procurar um remédio, vai procurar um remédio, tu acha que tu vai ficar, é, velha e eu lá do teu lado te dando remédio". (PU, SP)

Eu acho que algumas coisas são ruins na fase de adolescente, porque às vezes tu como tu tens irmãos mais novos sua mãe e teu pai acabam dando mais amor e carinho e achando que como tu é mais adolescente tu não vai precisar mais disso, e eu acho que isso tá muito errado principalmente por ser menina, acho que tu precisa ter muito mais atenção, do que de quando tu é criança e é por isso que muitas vezes as adolescentes acabam fazendo coisas que levam consequências horríveis por isso. (PU, SP)

E outra coisa também se a gente tem irmãos mais novos, o irmão vai lá faz alguma coisa, tipo ele bota na nossa culpa tipo a gente tá sempre sendo culpada, a mãe está passa a mão por cima da cabeça dele, a gente tem sempre que levar xingão e ficar quieta eu acho que é só isso. (PU, SP)

Nesta mesma direção várias meninas reclamaram da diminuição do tempo e da liberdade de brincar e o aumento das responsabilidades com os afazeres domésticos, com os cuidados de si mesmas e as preocupações com o futuro.

É como eu tinha falando anteriormente que quando tu é criança tu não tem noção das responsabilidades que tu tem que ter quando tu é adolescente e quando tu vai ser adulto, tipo quando tu é criança tu faz coisas que tu sabe que depois tu não vai ter que pagar as consequências, mas quando tu é adolescente tu vai aprendendo isso do que é isso que tu

tem que fazer. E para algumas meninas adolescentes isso é bem difícil porque às vezes alguma delas não tem noção disso, e acaba fazendo alguma coisa errada achando que os pais vão pagar as consequências ainda, é isso. (PR, PA)

Eu acho que coisa ruim na adolescência é que como a gente era menor a gente não precisava fazer muita coisa em casa, a gente não precisava fazer quase nada a gente só comia, dormia e não queria saber de mais nada, agora na adolescência tem que sempre ter no caso consciência de que a gente tem que chegar em casa, ajudar se a gente vai comer a gente tem lavar a louça, secar, a gente tem que sempre estar em função de alguma coisa em casa. (PR, PA)

Meu nome é Jessica, para mim o ruim de ser menina, porque menina tem que se cuidar muito, tipo se um menino levanta de manhã ele não precisa ter todo aquele cuidado que menino tem, já menina tem que ter muito mais cuidado. Passo! (PTU, SP)

Sim (várias vozes). Nós temos mais preocupações. Nós temos mais preocupações com a vida, essas coisas. Tem que se cuidar mais, os estudos, tem que se cuidar mais, tem que se preservar, a gente tem alguns tipos de preocupações que nós meninas temos mais que os meninos. Eu acho que sim, é, as transformações porque a gente acha que não tá pronta pra isso ou a gente não quer. (PU, SP)

O ganho gradativo de um pouquinho mais liberdade vem acompanhado com um nível maior de controle dos pais. As meninas sentem que são mais controladas do que os meninos. Esse controle está relacionado por sua vez principalmente com o namoro que pode desviar as meninas do estudos seja pela diversão ou seja pela possibilidade de engravidar antes da hora, o que pode retardar ou arruinar os planos de futuro.

Eu acho que é... O lado ruim é a pressão que tem. Tanto nas decisões, como os pais, no fato de proibirem, da gente se cuidar. E também na liberdade que... As meninas nunca tem a mesma liberdade que os meninos, né então... E as responsabilidades também, que a gente tem que cuidar com as nossas decisões, pra no futuro não sofrer com elas. (PTU, SP)

Mas tem muita vez que você prende a menina e meio que sufoca a menina. Você não aguenta mais. Tem menina que nem eu que não tem liberdade para falar com o pai ou com a mãe o que tá sentindo. (PTU, SP)

As pressões são, seriam assim "Ah, tu tá namorando, então se cuida. Não vai fazer coisa errada porque daí, um filho é ora vida inteira". Ou tu fica com um, aquele um sai falando de ti, aí tu fica mal falada. Então tem aquela pressão de tu se cuidar, de tu...

Qual é o outro? As decisões. Ah, de tu querer.

Vamos dizer assim, tu tem que saber o que tu decide...

Por exemplo, "Ah, hoje eu vou sair", mas tu tem que decidir o que fazer.

Alguém me chamou, uma amiga minha me chamou pra usar droga.

Eu tenho que decidir o que eu quero, então... Seriam essas. (PTR, RS)

É ruim pelo lado que... Que a gente, tipo, o pai, o pai da gente, a mãe... Eu entendo, por um lado, que eles querem tomar cuidado, que a gente não engravide, que se cuide bastante, que não namore agora. Mas pelo outro, assim, eu acho injusto tipo o meu pai deixar o meu irmão namorar e eu não. E minha mãe, minha mãe deixa mais.

Só que o que que adianta um deixar e o outro não. (PU, MT)

É difícil por que... Eu acho que toda menina já se trancou no quarto e foi chorar. Não sei se com os meninos a mesma coisa, mas acho que não. E... As vezes as pessoas não entendem isso. Que é... Um monte de coisa, assim, na nossa cabeça, e a gente acaba não assimilando. E é difícil também porque os pais "Ah, se tu me vem com namorado, tu vai ver", assim "não volta tarde". E tem essa pressão. (PTR, RS)

O pai falando... Tu chega antes das dez e mesmo assim daí teu pai te proíbe de sair por ciúmes, medo, vive falando que qualquer coisa tu vai engravidar, tu vai deixar tudo, tu vai ter que cuidar, tu vai ter que criar, que não é bem assim as coisas e.... (PU, MT)

Tem muita gente que fala que, a adolescência é a fase do não pode. A pessoa quer namorar com o menino aí o pai não deixa, nem a mãe. Aí tem que namorar escondido porque eles não querem deixar. Falam que quando a gente quer namorar é pra falar, mas nem sempre tem coragem, mas a gente quando vai falar também não deixam, não quer porque a gente tá muito nova, só com 15 anos. Tem. Ruim, sabe por que. (PU, MT)

Bruna. A desvantagem das meninas é todo mês, todo mundo já sabe (risos). Engravidada, tem muitas desvantagens que para umas são coisas maravilhosas, para as outras, não suportam. Menino é força bruta, tem muito mais força tem algumas vantagens para meninos que, mãe deixa sair porque é menino porque sai na rua e acha que não vai acontecer nada, e com menina tem mais aquela cautela e a maioria das violências acontece com meninas. (PR, PA)

Falta de valorização, respeito às suas opiniões, capacidade profissional, preconceitos, vulnerabilidade à violência.

Eu acho que o lado não tão positivo de ser menina é que às vezes a gente é muito questionada, tipo eles acham que a gente é muito sensível não tem capacidade de fazer de tal coisa, por exemplo, de escolher a carreira ah essa profissão é de homem, então eu acho que a gente teria que ter mais liberdade de escolha. . (PU, MA)

As meninas estão se desenvolvendo cada vez mais rápido. Vamos supor, a infantilidade está deixando. (de ser criança) Cada vez mais cedo. Vamos supor, quando eu tinha 7 anos eu brincava com os meninos na maior inocência e todo mundo aqui, eu creio. Hoje eu vejo menino de 7 anos passando e assobiando para as meninas. Mexendo com elas. Passando a mão nelas meninas. Mexer comigo, principalmente, na rua. Acho que todo mundo aqui. Eu não gosto. Você não pode usar uma calça. . (PU, MA)

Vai você tá andando na rua aí passa um cara e ele buzina pra você . Manda você entrar. Se uma menina ficar um menino. Nossa, puta, vadia é tudo. E o menino que fica com várias meninas, nossa é o pegador. É o gostoso. Exatamente. Parece que você está numa prateleira. Que todas nós estamos em uma prateleira e ele pega, escolhe, compra e depois ele devolve. (PU, MA)

Os homens dizem assim: “Se valoriza”. Mas eles mesmo não nos valoriza. Eles mexem com a gente na rua e depois vem chamar a gente de piranha e de vadia. Eu acho assim, a menina. Vai aqui na escola. A menina ficou com 2 meninos na escola. Ela já é chamada de puta, de vadia e de vaca. O menino fica com a escola inteira e ele é o “pá” da escola. O pegador. . (PU, MA)

Você tá com alguém e aí você termina e aí “Ah você quer outro?”. Você terminou e quer outro já. E também tem algumas pessoas que ainda não cresceram também. Você vai cumprimentar um garoto, dar um beijo no rosto ou um abraço já falam, “Tá pegando ele?”. (PU, MA)

Sofre muito preconceito. Na cor, no cabelo, na altura, na roupa, tudo. (PU, MA)

Por fim, as meninas reclamaram da vulnerabilidade violência:

Sim. Trabalhar (risos), ser maltratada. (PU, MT)

As meninas, principalmente na adolescências, elas ficam mais propícias a diversos tipos de violência, principalmente a violência verbal. É uma fase, que é um período de transformações que ela quer decidir o que ela quer ser. Se ela gosta de jogar futebol, e se ela é uma menina adolescente o povo já cai nela de Maria machão, por exemplo. As meninas são mais preocupadas com o futuro, como a colega ali falou, porque querendo ou não ela tá vendo o futuro com seu dinheiro com sua classe suas amigas, sua família... (PTU, MA)

Ser abusada sexualmente... É verdade eu quase fui abusada... (PU, MT)

4.3.2.2) Amostra Quilombola

Muitas das **adolescentes meninas quilombolas de 11 a 14 anos** que participaram das entrevistas coletivas nos estados do Maranhão, Pará, Mato Grosso e São Paulo, também avaliaram não haver coisas negativas em ser menina. Como alegaram as meninas/adolescentes do Pará, em entrevista coletiva: “Não. É sempre bom. Menina, menina ela pode trabalhar, ela pode fazer qualquer coisa”.

Dentre as que apontaram coisas negativas, as ênfases foram no excesso de controle dos pais em relação a sair de casa, no caso das adolescentes meninas do Maranhão, em temas relacionados as disputas afetivas, apontadas pelas adolescentes meninas do Estado do Pará, e nas relações de gênero, apontadas pelas meninas do Pará e São Paulo:

“Não porque as vezes meus pais não deixa eu sair para onde eu quero”.

(Erica, 11 - 14 anos, PR, MA).

“Sim porque às vezes meu pai não me deixar eu sair muito a noite; e, ruim porque ele não deixa a gente ir para outros interiores. A gente não pode porque somos meninas e os meninos eles deixam.”

(Patrícia 1, 11 - 14 anos, PR, MA).

“Sim e não porque algumas vezes meu pai não deixa eu sair com minhas amigas e bom porque quando a gente sai eu me divirto muito com elas e jogo bola.”
(Vanessa, 11 - 14 anos, PR, MA).

“(...) E o menino só é jogando bola, quebrando o vidro de caro. É ruim ser menino, menino é tão besta.” (PR, PA)

“As ruins, eu acho que é o assédio dos meninos.”
(PR, SP)

“Arranjar encrenca por causa de namorado é ruim. Diferente dos meninos, como por exemplo, as meninas as vezes elas são “pavulagem” assim (risos). O que é ruim é que muitas são encrenqueiras, muitas brigonas. Elas brigam muito por causa de um menino, por causa de muitas coisas. Brigam pelo namorado. Arrumam encrenca entre elas, isso é ruim!” (PR, PA)

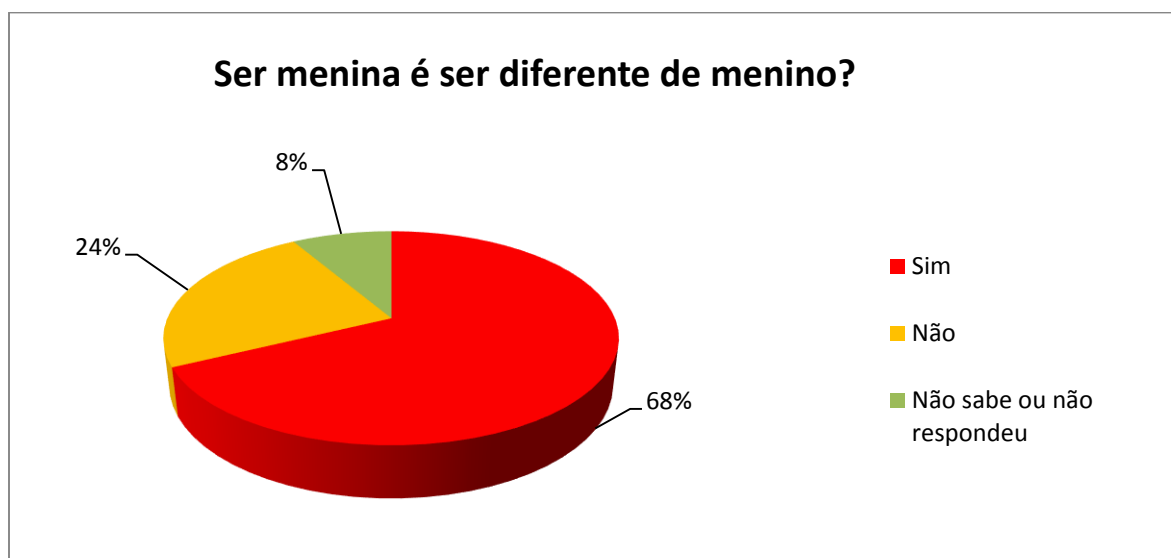
4.4) Diferenças de gênero na perspectiva das meninas/adolescentes: você acha que ser menina é ser diferente de menino? Em caso positivo, como?

4.4.1) Entrevistas Individuais (6 a 10 anos)

4.4.1.1) Amostra-Escola

Ao considerarem a pergunta 'você acha que ser menina é ser diferente de menino?' 68% de um total de 59 de meninas entre 06 e 10 entrevistadas nas cinco regiões anos (40) concordaram, enquanto 24% (quatorze) discordaram e cinco não responderam ou não souberam responder a pergunta. Em termos de cortes regionais São Paulo apresentou o maior número de respostas afirmativas (11), seguido do Mato Grosso (10), o Pará com nove, seis para o Rio Grande do Sul e quatro respostas positivas no Maranhão. Entre as respostas negativas São Paulo e o Maranhão registraram o maior número de afirmativas (quatro para cada estado), sem, contudo alcançar sequer a metade das respostas positivas. A única escola rural filantrópica entrevistada no Mato Grosso respondeu negativamente a questão.

Gráfico 26 – Ser Menina é ser diferente de menino?



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Quadro 25 - Ser Menina é Ser diferente de Menino?

Ser menina é ser diferente de menino?	Número absoluto	%
Sim	40	68%
Não	14	24%
Não sabe ou não respondeu	5	8%
Total	59	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

A amostra escolar de meninas entre 06 e 10 anos entrevistadas individualmente quando distribuída por tipo de escola e área de localização indicou que a soma das respostas positivas das escolas de áreas urbanas particulares (16) e públicas (15) assim como das escolas públicas da área rural (9) indica certa polaridade na percepção de gênero desde a mais tenra idade. Isso porque que uma grande maioria (quarenta meninas) concorda com a existência de diferenças entre meninas e meninos. A escola urbana particular do Mato Grosso apontou o maior número de respostas positivas (7), seguida por São Paulo com quatro afirmações. Em segundo lugar, a escola urbana pública apresentou o maior número de respostas positivas no Pará (4), no Rio Grande do Sul (4) e também em São Paulo (4).

Uma das principais diferenças entre meninas de meninos foi atribuída às *modalidades de brincadeiras* citadas por vinte e sete das cinquenta e nove meninas entrevistadas entre 06 e 10 anos. Alguns aspectos culturais de tipificação de gênero na diferença do brincar, neste caso enfatizado como *brincadeiras de meninas* (como brincar de boneca) e *brincadeiras de menino* (como brincar de carrinho) não só merecem um posterior aprofundamento discursivo como ganharam destaque na percepção das meninas quando convidadas identificar ‘como’ se dava essa diferença:

“Sim. Tipo assim porque, às vezes na brincadeira os meninos brincam de carrinho as meninas brincam de boneca, entendeu, é assim.”
(Vitória, 7 anos, PTU, MT)

*“É diferente porque é às vezes eu gosto de brincar de boneca, os meninos não gostam, entendeu?
É eu gosto de ficar com as meninas e eles gostam de ficar só com eles, entendeu? Com os
homens. Então é isso essa é a diferença de menino e menina”. (Mayana, 10 anos, PTU, SP)*

*“Muito diferente, meninos brincam de bola, de carrinho, já as meninas brincam de boneca, de
casinha”. (Nathalie, 9 anos, PTU, SP)*

*“Sim. Porque os meninos brincam com os carrinhos e as meninas brincam com boneca”.
(Rapunzel, 8 anos, PR, MA)*

*“É. Porque menina tem mais paciências, brincadeiras inventadas”.
(Ágata Sofia, 9 anos, PR, MA)*

*“Menino joga bola e menina brinca de boneca”.
(Gabriele, 8 anos, PTU, MT)*

*“É, meninas tem brincadeiras que meninos não gostam, os meninos gostam de brincar na lama,
já as meninas não... É isso”. (Nicole, 9 anos, PTU, MT)*

A opinião de Estela, oito anos, aluna de uma escola particular urbana no Pará não só reafirma a diferença de gênero nas brincadeiras, como amplia o leque analítico ao inserir um novo componente de distinção entre meninas e meninos - os *atributos estéticos*, dentre os quais na opinião da entrevistada a vaidade tende a oferecer maiores possibilidades estéticas às meninas: *“Acho! Meninas, elas são muito vaidosas e meninos não são tanto igual a elas. É porque meninas podem se maquiar e meninos não. É meninos podem brincar de bola, mas não podem brincar de Barbie, nem boneca. Boneca é uma coisa pra menina brincar e não pra homem”*. Entre os atributos estéticos mais recorrentes assinalados por vinte e uma das entrevistadas estão àqueles de ordem física como o tipo de pele, de órgão sexual, o cabelo (tamanho), a indumentária, os acessórios, o uso de cosméticos e inclusive de ordem cultural e subjetiva como a beleza e a vaidade foram assinalados:

“Sim, porque as meninas são mais bonitas”.

(7 anos, PR, SP)

“Acho! Porque menino tem cabelo e menina tem cabelo mais comprido e usa batom e menino não. Ela usa roupa vestido e menino não, ele usa bermuda calça. Homem usa relógio, mulher usa brinco, é também ela usa anel, e homem não usa”. (8 anos, PU, PA)

“Às vezes os meninos tem aquelas bermudas que as meninas não tem, as blusas que as meninas não têm os cabelos que as meninas não têm. Várias coisas que os meninos não tem que a gente tem”.

(7 anos, PU, RS)

“Bom eu acho que os meninos têm maneiras e gostos diferentes das meninas. Eles gostam de brincar de bola, de futebol e a gente não, a gente gosta de brincar de boneca, de casinha. E o sexo que é diferente também, ele é um menino e eu sou uma menina. Corpo né?! Sim! É eles tem um jeito diferente de falar, de mandar ou dizer a maneira pra fazer e as meninas, mulheres, meninas tem outros jeitos!”.

(9 anos, PTU, PA)

“Muito. O jeito de se vestir. O jeito de brincar. Jogos. Brincadeiras. Várias coisas, que quase nem me vem na cabeça.”

(8anos, PTU, SP)

“Acho! Menina ela usa aquele salto alto, anda tudo bonitinha, cabelo amarrado e já o homem não, ele anda só com o cabelo pro lado só anda de sapato, só de bermuda. Aí já a mulher não, anda de xuxinha no cabelo, anda de salto, veste aquelas roupinhas apertadinhas. E os meninos eles andam parecem um doido, tudo só de calça tipo tucandeira. A menina não anda mais bonitinha! Por exemplo, o homem tem um jeito de dançar e a mulher tem outro jeito.”

(10 anos, PR, PA)

"É. Meninos gostam mais de empinar pipa. Gostam mais de jogar bola. Menina é mais calma, mais tranquila. Os meninos gostam de brincadeira mais de bater..."

(8 anos, PTU, SP)

"Sim, é que menino não pinta a unha, não se maquia e não brinca de boneca, só menina! Diferente? É que menino, não pode fazer nada no cabelo, e menina põe arquinho, xuxinha, presilha um monte de coisa". (9 anos, PTU, MT)

Outro indicador da distinção entre meninas e meninos, o *comportamento familiar e sócio comunitário* também aparece no discurso de vinte e uma das meninas entrevistadas como atributo comparativo da condição de ser menina e disputa o segundo lugar entre os aspectos distintivos mais recorrentes a opinião das entrevistadas, de modo que enquanto as meninas são mais 'calmas', 'comportadas', 'inteligentes', 'estudiosas' e 'fazem o dever de casa' os meninos costumam ser 'atrevidos', 'teimosos', 'bagunceiros', 'nervosos', 'desobedientes', 'mal educados', 'salientes', 'chatos' e 'sujos',

"Têm! As meninas pintam as unhas e os meninos não! Os meninos são mais bagunceiros do que as meninas. Em casa os meninos brigam com as meninas! Quando a eles brigam a gente conta para os nossos pais, eles pegam porrada. Os meninos às vezes eles varram a casa, enche garrafa, a gente (menina) lava louça, lava roupa".

(10 anos, PR, PA)

"Com certeza! Porque menino é mais danado, inquieto. Menina a gente sabe se comporta de vez em quando. Eu?! Em minha opinião é só isso".

(10 anos, PTU, PA)

"Acho. Isso não é justo que os meninos podem fazer e coisas que meninas não podem fazer. Sim, as meninas são mais bonitas, são mais bonitas do que os meninos e legais".

(PU, SP)

"São. É, as meninas assim, elas são mais fraquinha, o que eu acho é isso? E as meninas assim não tem muita violência, os meninos já têm. Os meninos já são mais atrevidos. As meninas assim de vez em quando, mas só..."

(11 anos, PR, SP)

“É muito. Porque eles são muito diferentes, porque as meninas são comportadas, inteligentes, e eles não. Eles são ignorantes, gostam de jogar bola e as meninas não”
(9 anos, PR, SP)

“Eu acho porque menino tem um jeito só dele, assim, é mais mal comportado, assim o cabelo curto. E as meninas, não, têm um cabelo longo, assim, então eu acho diferente”. (10 anos, PTU, MA)

“Sim, acho muito. Porque menino é muito chato... saliente e não gosta de, só gosta de brincar de futebol. Em estudar, e, E também porque eles gostam muito de não prestar muita atenção na aula. E as meninas também gostam de prestar atenção na aula”.
(9 anos, PTU, MA)

“Porque os meninos são sujos, alguns são cheiram mal tudo tem alguns meninos tipo não tomam banho e as meninas já tomam todos os dias”.
(10 anos, PR, RS)

“Sim! Ela brinca! Brinca de carrinho. Brinca de boneco. De "marquetil" e de bola! Os meninos só são diferentes nas brincadeiras. São diferentes na escola porque ele não gosta de fazer dever. Ela bate, ele "maltrata" a professora. A menina ela escreve! Lá pede pra ir ao banheiro. Aí a professora deixa ir. O menino ela não deixa. Porque ele são teimoso. Dentro de casa tem diferença, eu lavo louça. Eu varro a casa”. (7 anos, PU, PA)

"Só um pouco. Porque os meninos brincam de maneira diferente da gente e estudam também. Eles brincam de carrinho e a gente de boneca”.
(9 anos, PTU, MA)

"Sim. É porque tipo assim os meninos são mais, são mais tipo eles fazem mais coisas erradas, eu acho que as meninas são mais educadas. Eles são mais nervosos. Tipo como lá na sala tipo quando eu vou falar com algum menino tipo assim ninguém tipo quer falar com nós.”
(10 anos, PU, RS)

“Tipo, menina ela é vaidosa, os meninos eles sempre ficam brigando, falando palavrão, os meninos são muito maliciosos. As meninas não, as meninas elas são educadas, algumas, ela é vaidosa, ela sempre é arrumada, é bonita, pode se arrumar direito. Os meninos não, alguns são maliciosos, brigam, alguns ficam mexendo com as meninas, entende? As meninas não, as meninas passam e não mexem com os meninos. As meninas podem brincar os meninos não, eles arrumam muita briga, não pode ninguém brincar de um lado que eles já arrumam briga. As meninas não, as meninas olham de um jeito, mas depois é amiga.” (9 anos, PU, SP)

4.4.2) Análise das entrevistas coletivas (adolescentes de 11 a 14 anos)

4.4.2.1) Amostra-Escola

Quando perguntadas se existiam aspectos que meninos e meninas são diferentes, a grande maioria das meninas participantes responderam positivamente. Contudo, umas poucas responderam “eu não sei”, “eu acho que não tem”. Várias responderam que “não” existem diferenças e que os direitos de meninas e meninos são iguais e as mulheres podem fazer “o que quiser”:

Na minha opinião não, porque meninos e meninas são iguais. (PU, RS)

Na minha opinião não tem diferença, eles tem direitos iguais. (PU, RS)

Na minha opinião eu acho que não também porque as meninas e meninos tem que ter direitos iguais. (PU, RS)

Na minha opinião também não, é que antigamente eu acho que tinha agora não. (PU, RS)

Também na minha opinião não, porque no mundo de hoje a gente sabe que tem bastante igualdade. (PU, RS)

Eu acho que não também porque as mulheres hoje têm escolhas para fazer, porque antigamente a mulher só ficava em casa, hoje ela pode fazer o que quiser. (PU, RS)

Dentre a maioria das adolescentes meninas que destacaram diferenças, estas foram agrupadas em três núcleos: (i) desenvolvimento, formas de sentir, pensar e fazer escolhas; (ii) atributos a cada um dos gêneros; (III) no terceiro grupo meninos e meninas são diferentes no campos possibilidades. Algumas adolescentes meninas enfatizaram tanto as diferenças como se nada fosse “igual” entre meninas e meninos.

Assim, no primeiro grupo desenvolvimento, formas sentir, de pensar, e fazer escolhas, as adolescentes acreditam que as meninas amadurecem mais rápido do que os garotos; são mais sentimentais de preocupadas com os outros, com a família dos que os meninos; as meninas pensar “melhor” do que os meninos – enquanto eles só pensam em brincar e brigar, elas pensam em poesia –; por elas são mais preocupadas com o futuro do que os meninos.

Bom eu acho que as escolhas. As meninas são, assim mais preocupadas. Os meninos nessa idade, é, na mesma idade que a gente são criações, não sabem assim o que é que eles querem. Eu acho que é verdade que as meninas amadurecem, ... mais rápido do que os garotos. (PTU, MA)

É (várias vozes). Não usar as mesmas roupas e nem ter os mesmos pensamentos. Eu acho que as meninas tem o pensamento mais positivo que os meninos. Porque os meninos... Acho que as meninas pensam melhor do que eles, porque eles só pensam em brincar, as meninas pensam mais em poesia... E os meninos só pensam em negócio de brigar, essas coisas. (PR, MA)

Bom, pra mim, tipo, ser menina, nós somos mais sentimentais, eles não vão mais pelo sentimento, são mais racionais, eles vão mais pela razão que pelo coração. Nós não. Eu acho que as meninas tem mais preocupações, elas se preocupam mais com os outros, com a família, do que os meninos. Às vezes eles nem pensam e fazem coisas e esquecem o sentimento dos outros. Porque as meninas são mais preocupadas com o futuro, são mais amadurecidas do que os meninos e são mais delicadas. Os pais pensam mais em preservar as filhas mulheres do que os filhos homens. (PTU, MA)

No **segundo grupo tem-se as diferenças nos atributos de cada um dos gêneros**: as meninas são mais sentimentais e os meninos mais racionais – “elas vão mais pela razão do que pelo coração”; as meninas são mais preocupadas com as aparências e os meninos mais práticos; as meninas são mais obedientes e os meninos mais bagunceiros; os meninos ‘querem ser autoridade’, são mais bravos, agressivos e mesmo mais violentos, já as meninas são mais carinhosas, mais meigas. Contudo, da maior racionalidade dos meninos não foi uma opinião compartilhada por todas as meninas. Alguns adolescente afirmaram que elas são mais racionais, na medida que são mais maduras e sambem escolher melhor dos que os meninos.

“Tem diferença sim porque ser menino é muito mais prático do que ser menina, e não eu acho que é só isso mesmo.” (PU, RS)

“Sim! Por vários motivos. Eu acho assim, que a mulher se cuida, a menina se cuida mais que o menino. Na higiene.” (PU, RS)

“Ei como é que é menina se preocupa mais. Ah com roupa, corpo, já menino não se preocupa tanto.” (PU, RS)

“Eu acho que tem sim, eu acho que tem várias diferenças, tipo menino pode cortar cabelo, menina não tem que arrumar tudo e tipo menino pode sair, tipo a minha mãe só deixa meus irmãos sair para rua e eu não, eu acho que ser menina é muito chato (risos).” (PU, RS)

“Eu acho que os meninos têm menos preocupações que as meninas tipo ah tem um aniversário para ir a menina vai lá e toda se arruma e o menino não o menino com calça de moletom, uma camisa, um boné e deu, e um chinelinho de dedo e tá lindo, e tipo o menino não se preocupa com espinha, se vai ficar gordo, se vai ficar magro, o menino só quer saber de rua e não tem preocupação ele só se não se preocupam com as consequências tipo ah vamos matar aula hoje tipo se a menina for matar aula ela vai se preocupar com as consequências não bah depois minha mãe vai me encher de pau não sei o que papapa (risos), o menino já não, ah não eu não tô nem aí o que vai acontecer depois e também eu acho ... ah eu esqueci o que eu ia falar.” (PU, RS)

“Eu acho que eles são mais largados então, elas são mais bonequinhas, ou seja, elas são mais delicadas, e os pais tem medo de perder elas mais rápido.” (PU, RS)

“É, mas eles são meio se descuidados de si. Sei lá.

Totalmente diferentes. O jeito de pensar, até, é, tudo diferente, não tem nada igual. Depende da pessoa. Tipo assim, porque se o pai vestir a menina toda de patricinha e ela, se não for assim, é mais diferente. Porque os meninos se vestem do jeito que querem e são expostos do jeito que querem, são mais impostos. Eu acho que é o meio que a menina vive. Se no meio dela, botarem ela de um modo mais meiguinho e tal, ela, no futuro, ir ser mais desse jeito. Eu acho que é os pais, o convívio na família que faz a menina ser do jeito que ela é, o seu estilo.” (PU, RS)

“Meu nome é Jessica, uma menina, querendo ou não, ela tem que se arrumar porque menina tem um monte de coisas que menino não tem. Tipo, menina tem que se cuidar, querendo ou não ela, tem que se cuidar porque senão ela vai acordar e tipo, meu deus, tem que se cuidar bem.”
(PU, RS)

“Os meninos eles gostam mais de marca e as meninas são mais, mais ou menos, o que a mãe dá, elas se agradecem, as meninas elas agradecem os meninos não, os meninos já quer tênis de marca, roupa de marca, já quer tudo de marca.” (PU, SP)

“É. Os meninos não obedecem a professora, ela fala vai sentar os meninos não obedecem, ela fala sentar por favor as meninas vai lá e senta, os meninos não. Isto que eu ia falar os guri são atentados...” (PTU, SP)

“O meu irmão tem 18 (dezoito) anos né, então a diferença entre nós dois, que eu sou menina e ele é menino, é que ele é muito bagunceiro, bagunceiro mesmo, ele chega da escola ele vem deixando o tênis lá no portão, a calça ele deixa na sala, o caderno ele deixa lá fora, ele é muito bagunceiro e eu não. Aí eu vou juntando de pouquinho em pouquinho até juntar tudo e guardar num canto.” (PTU, SP)

“Então o meu é muito mais bruto: “Kelly tu já fez a comida? Eu: peraí né”. Eu que cozinho porque a mamãe trabalha. Ele cozinha de vez em quando. Quando a gente não tá assim, também quando eu não quero fazer, ele vai, frita um ovo pra ele. Porque assim às vezes quando eu saio com a minha mãe, ele e... eu chego, ele lavou a louça. Eu chego ele varreu a casa, arrumou nossas camas, e dobrou roupa, eu acho isso muito legal nele, mas também tem, mas as vezes ele é muito bagunceiro não sei nem... Aí o papai fala alguma coisa. Com ele não, já é difícil, só pergunta onde ele tava. Ele é muito bagunceiro, também. Mas eu não gosto muito de tá nós dois

dentro de casa. Porque, (risos), nós briga, assim, não briga assim de porrada, mas briga assim de discussão, por causa que ele quer mandar sabe?! Ele quer mandar, ni mim e na minha irmã. Só, sendo que minha irmã é mais velha que nós dois, ele quer mandar em nós duas. Aí eu falo que não, que ele não tem que mandar. Aí o papai fala pra ele que, ele é homem, mas ele não manda, quem manda lá dentro é ele. Risos. A mamãe sempre diz também que a galinha que, a galinha, a galinha canta mais alto do que os pintinho. Aí a gente começa a rir. Aí ele quer gritar mais alto que todo mundo. Aí eu não gosto disso, aí não é muito bom assim.” (PR, PA)

“Eu acho, porque, os meninos é, na maioria das vezes os meninos são mais bravos, qualquer coisa eles ficam com raiva, a gente não pode falar nada eles querem ser autoridade sabe? E também as meninas são mais amigas. Quando vê uma amiga: 'ai amiga num sei que, tenho um babado pra te contar'. Os meninos não: 'ê rapaz vem aqui'. É assim. É tem uns que são mais carinhoso e as meninas também são, mas tem uns que são mais, tem mais, tem mais um lado bem mais agressivo assim. As meninas que são mais assim carinhosas. Porque o homem tem mais liberdade do que mulher, mulher não pode fazer muitas coisas, se for sair tem que pedir pro pai. O filho pode sair que o pai deixa, de noite a filha tem que dizer pra mãe a hora que vai chegar, com quem vai andar. Homem não. Homem tem mais liberdade do que mulher.” (PR, PA)

“Meu nome é Larissa, acho diferente por causa de que ele são muito violentos. Passo!” (PTU, SP)

“Sim (uníssono). Totalmente. Menino é muito agressivo, sei lá. É. Alguns. É, realmente alguns.” (PTU, SP)

“Sim, com certeza, eles são grosso a gente e delicada, a menina e sensível, as brincadeiras sem graça, as brincadeiras são batendo, a gente pergunta, pergunta para a professora só porque ele sabe já chama a gente de burro coisa assim.” (PTU, MT)

No terceiro grupo meninos e meninas são diferentes no campos possibilidades, nas preferencias do que fazer e na forma de brincar. Assim enquanto as meninas preferem ficar mais dentro de casa e ajudar as mães, os meninos gostam mais de soltar pipa, jogar bola, andar de skate e de bicicleta do que as meninas, embora existam meninas também que gostam de andar de bicicleta e de skate. A grande diferença contudo, para adolescentes meninas é que os meninos tem mais liberdade do que as meninas para sair e namorar. Os pais controlam mais as meninas do que os meninos, no modo de vestir,

nos locais onde ir e com quem ir, na hora de retornar, na idade para namorar. Os receios dos pais são das meninas “ficarem mal faladas” e engravidar.

“Porque as meninas são mais carinhosas, e os meninos gostam mais de soltar pipa, jogar bola, é, andar de skate, andar de bicicleta, do que as meninas. As meninas preferem ficar mais dentro de casa.” (PU, SP)

“Ser diferente é por causa que os meninos estão é... Como você falou, eles gostam de, é, sair muito, as meninas elas gostam de ajudar as mães praticamente, né? E têm as meninas que também gostam de andar de skate, eu também gosto de andar de skate.” (PU, SP)

“Meu nome é Amanda, eu acho assim que ser menina é diferente de ser menino. Porque a mãe muitas vezes deixa o menino sair na rua porque é menino e muitas vezes a mãe não deixa a menina sair na rua.” (PTU, MA)

“Sim! (várias vozes). A adolescente menina pensa diferente do adolescente menino, ele pensa outras coisas. ... Porque tem adolescente meninos que pensam em brincar e adolescente meninas que já pensam em namorar, isso já é uma diferença. As meninas pensam e alguns meninos não. Eles pensam em brincar... Alguns meninos. Mas tem uns... que sim” (PTU, MA)

“Eles são bem diferente eles brincam de uma coisa a gente brinca de outro, eles são bem diferente a gente faz uma coisa eles fazem outra.” (PU, MT)

“Ah, que eles podem fazer mais do que as meninas. Sair pros canto, pedi pro pai, o pai deixa. As meninas não tem que saber com quem vai andar, com quem sair tem que ter o responsável. Os meninos podem sair, só falar pai vou ali, nem fala que horas chega.” (PTU, MA)

“Existe sim uma certa diferença entre menino e menina. Menino já é mais liberal, assim, o pai libera, assim "ah, pai, deixa eu ir ali com os amigos", não sei o que, "vai filho, vai vai, volta a hora que quiser". Daí a filha pergunta "pai, deixa eu ir ali com as amigas", não sei o que, "volta na hora que eu te pedir". Tá, daí ela volta, assim, acho que tem até uma certa liberdade com a menina, assim, porque o menino, ele... os pais pensam que ele não pode fazer alguma coisa de errado, mas é quase igual a menina que fazem também coisas erradas. E eu acho errado, assim, deixar ou não deixar, o pai, assim, deixar o filho ou a filha não ir há algum lugar, assim, eu acho bem mais complicado porque a filha acaba não pedindo as coisas pra ele, não pedindo outras coisas. Enfim, é isso. “ (PR, RS)

“Existe a diferença que os meninos podem fazer mais o que eles querem do que as meninas. Eles têm mais liberdade que as meninas.” (PR, RS)

“É como elas falaram, os guris tem mais liberdade... mais liberdade do que as gurias e mesmo assim... Que nem elas falaram, os guris tem mais liberdade pra sair, pra namorar, fazer o que eles querem. Já as gurias não, tipo, o pai não deixa porque tem ciúmes e tal. Tipo não acho... que nem elas falaram, não acho justo isso porque... A gente, só porque ele é guri e a gente é guria. A gente é ser humano, a mesma coisa, e não muda muita coisa.” (PR, RS)

“Acho que existe sim uma diferença entre os meninos e as meninas. Que os meninos tem... Não tem essa questão da... Das responsabilidades. Pra eles tanto faz... Parece que pra eles tanto faz as decisões que eles tomarem e as gurias... as garotas não, né. E também a questão dos pais né, eles... Ah, os meninos fazem o que eles querem, agora as meninas tem que pensar na... No... Nas consequências que vem dos atos que elas tomam. É isso.” (PR, RS)

“Existe uma diferença entre menina e guri por causa que a menina está sofrendo.... sofrendo certos mutações... Tá desenvolvendo o corpo, minha mãe, meu pai tem medo de que aconteça alguma coisa. Com o meu irmão não, eles... Ele meu pai deixa. Sai, volta da... Da hora pra voltar mais tarde. As meninas não, é... É complicado, tipo, é... Não é bom nem ruim ser menina.” (PR, RS)

“Existe sim uma diferença entre menino e menina. O menino, tipo, ele é mais largadão, mais assim "ah, porque eu posso fazer", então... E assim, os pais acabam deixando mais porque eles são assim. Já a menina é mais fechada, assim, na dela, por isso acabam proibindo muito o que elas fazem, assim. Acho que é isso.” (PR, RS)

“Eu acho que o problema é que se tiver um piá no meio de um monte de guria, sempre vai ser chamado "ganhão", "gostoso". Agora se é uma menina no meio de um monte de piá ela sempre vai ser mal falada, sempre os piás, eles sempre vão ser o tal, eles podem tudo, os pais deixam tudo, são mais liberais. As meninas não, tem que ficar mais em casa, mais trancadas, mais na delas. E se uma menina tiver chorando ou coisa parecida, eles sempre vão ficar preocupados ou alguma coisa assim. Já com os piás não. Aí isso é uma coisa que vale a pena por ser garota.” (PR, RS)

“Existe diferença sim, hm... quem nem, por questão da...

Existe uma diferença, que nem, começando pela roupa. Que nem o jeito de se vestir. Se dependesse de quem do meu pai eu sairia só com roupa de piá. Por questão do que: "Ah, vestido não pode, calção curto não pode, só até uns 2, 3 dedo perto do joelho, sem decote, casaco". Que nem, eu não tenho irmãos homens, eu tenho uma irmã mais velha só. Mas a pressão sempre cai na mais nova porque o que saiu de errado na mais velha eles querem concertar na mais nova.”

(PR, RS)

“Eu acho que tem diferença sim porque menino é sempre mais liberado, acaba tudo que vai fazer depende da idade da menina, não sei o que os pais pensam porque quem é mais responsável é a menina., a menina na minha opinião tem mais responsabilidade do que eles, do que está fazendo, do que vai fazer e está sempre pensando no que vai acontecer depois do que tu fazer aquilo, tu tá pensando nas consequências que vai ocorrer do que tu vai fazer alguma coisa de ruim vamos dizer.” (PU, RS)

“Tem muitas diferenças uma delas é que tipo os meninos podem ter 10 anos, 11 anos eles podem namorar, eles podem fazer o que querem sair, os pais tipo dizem vai porque é bonito e quero ver tu fazer e já as meninas já não elas tipo e outra elas tem a delicadeza delas né no caso tipo é que nem a minha mãe sempre diz não que não sei o que, que vocês ficam sempre se preocupando com roupa porque são meninas são mais delicadas, sei lá, tipo o meu primo, por exemplo, ele tipo nem se preocupa vai lá e compra a roupa mais barata e no caso os meninos são muito diferentes eles não se arrumam, eles não se preocupam com nada eles querem ir lá fazer e acontecer e qualquer coisa vai ser bonito, e menina já não elas pensam bem antes de fazer as coisas e eu acho legal ser menina eu prefiro mil vezes do que menino.” (PU, RS)

“Eu acho que tem muitas diferenças porque eu acho que menino é mais solto mais cedo e a menina já não a menina tem que ser mais levada e guardada sim. Eu acho que os meninos se preocupam menos com responsabilidade, eles também têm responsabilidades o que vai acontecer depois, aconteceu. E eu acho que menina é mais reservada, é mais guardada, eu acho que menina é mais responsável, tem mais maturidade que o menino. Eu acho que as diferenças são que eles, os pais, ah sei lá como explicar é eles são mais soltos que as meninas e eu gosto de ser menina, mas se fosse para eu ser menino tudo bem. (risos)” (PU, RS)

“Que ser menino não tem tanta responsabilidade e menino é mais largado cedo tipo ah menino pode ficar com umas 10 ele é garanhão, menina se fica com 10 é galinha, piriguete, é caboete não pega (risos), tipo eu acho errado isso, porque que menino pode e menina não?” (PTU, RS)

Embora as adolescentes meninas sejam mais ‘pressionadas’ pela sexualidade, a questão das drogas é expressão com fonte de preocupação dos pais tanto para as meninas quanto para os meninos:

“Existe sim uma diferença, mas a maioria das vezes tem pressão também pro menino porque... Por causa das drogas e tal, assim. Também existe a preocupação, mas a menina é sempre mais... Da sexualidade também. É isso” (PR, RS)

“Eles fazem coisa que não deve. Eles fumam maconha, fuma cigarro, faze coisa que não deve (risos). Eles são chatos a meninas legais.” (PTU, MT)

“Aí, que nem, sempre tem aquela pressão “não, não é isso, não, é aquilo”, os piá também não tem o perigo de ficar mal falado, que entre os amigos eles ainda vão ficar o tal. Questão do horário também, que menina sempre os pais tem mais medo. Drogas é mais falado dos piá, que eles tem medo, pelo que eu vejo. Porque as meninas são mais racionais, elas veem que não é isso que elas querem pra elas.” (PR, RS)

Uma das adolescentes meninas remarcar diferenças nos comportamento de higiene:

“Meu nome é Kelly, e eu acho sim, diferente porque a menina ela faz xixi sentada e o menino não, ele faz xixi em pé”. (Kelly, 14 anos, PU, SP)

4.4.2) A análise das entrevistas Individuais e Coletivas da Amostra Quilombola

A maioria das meninas/adolescentes participantes da pesquisa ofereceram respostas afirmativas a respeito de diferenças. A perspectiva das meninas sobre a noção da diferença entre meninos e meninas foi variada de acordo com os grupos etário.

As meninas de 6 a 10 anos apontaram diferenças no tipo de brincadeira. Já as adolescentes-meninas registraram diferenças biológicas, nas brincadeiras, no comportamento geral, nas atividades laborais e profissionais, forma de expressar sentimentos, aparência física, forma de se vestir.

As meninas quilombolas de 6 a 10 anos foram positivas sobre a existência de diferenças entre os meninos e as meninas. Praticamente elas só viram as diferenças e se depender da avaliação delas os meninos estão com a moral baixa. As diferenças mais destacadas foram no comportamento, grau de liberdade/autonomia e forma de brincar. Contudo outros elementos foram registrados como atributos, compleição física e padrão estético.

Em termos de comportamento “os meninos tem o moral muito feio”, são desobedientes, “mal educados”, “bagunceiros”, “mais sujos do que as meninas”, “meninos gostam de fazer travessura com as meninas”, “pega a bolsa e tira o dinheiro todinho”. Contudo a obediência das meninas pode ser culturalmente condicionada como sinalizou Fernanda, 8 anos, Escola pública do Estado do Pará “Menino é desobediente, mal educado. A menina tudo que o pai mandar tem que fazer se não apanha!” Veja outros registros:

“É... Não sei! Menino é diferente a cara dele. Ele bate! Ele risca os outros. As meninas, xingam os meninos também!”
(Lorrane, 7 anos, PR, PA).

“É menino é estúpido, não é legal. Não faz comida e não limpa a casa. Só vive brincando de bolinha de gude. É... e bate nas meninas. E não é muito bem educado também. É estúpido, é mal educado. Não respeita os outros (...).” (9 anos, PR, SP).

Quanto ao grau de liberdade para fazer coisas, as meninas acreditam que os pais dão mais liberdade para os meninos saírem e voltarem a hora que quiser. Mesmo quando eles saem sem pedir, quando voltam eles não ganham broncas ou castigos e elas sim.

“A menina é muito diferente; os meninos tem o moral muito feio. Eles saem de casa e não pede e quando chegam os pais nem briga com eles.”
(6 - 10, PR, MA).

“Eu acho porque os meninos saem e não pede para os pais e as meninas saem de casa e pede para mãe. O menino é mais liberto que as meninas. Quando tem festa as mães deixam os meninos ficarem até tarde na festa.”
(6 - 10, PR, MA).

Meninos e meninas são diferentes nos atributos. Nesse quesito, nas declarações das meninas elas levam vantagem sobre os meninos: as meninas são legais e os meninos são chatos; as meninas mais organizadas e os meninos mais bagunceiros; as meninas são mais limpas e os meninos mais sujos; os meninos são mais atentados, desobedientes e mal-educados.

“Hã. Menina é mais organizada. Menino é mais bagunceiro. Menino é mais sujo e menina é mais limpa. Menina é mais organizada.”
(10 anos, PR, SP).

Meninos e meninas são também diferentes na forma de brincar. Os meninos gostam de brincar de carro, baladeira, jogar bola.

“Sim porque meninos gostam de brincar de carro, de baladeira pra matar passarinho. Meninos gostam de fazer travessura com as meninas.”
(PR, MA).

Também na aparência física e na estética meninos são diferentes: meninas tem cabelo cumprido; meninas fazem tranças no cabelo e menino não; meninas usam roupas diferente dos meninos.

“É. Ter cabelo cumprido. Não sei. Usar roupa diferente. Fala pouco (a menina). A cor. Não sei.” (Paula, 9 anos, PR, SP).

As adolescentes meninas quilombolas, grupo de 11 a 14 anos, que participaram das entrevistas coletivas realizadas nos estados do Maranhão, Para, Mato Grosso e São Paulo, aparentemente se dividiram entre negar e afirmar a existência de diferenças. As meninas/adolescentes do Estado do Maranhão foram praticamente unânimes na negação da existência de diferenças entre meninos e meninas. Mas ao que tudo indica a base para discussão foi realizada em termo de capacidades de cada um, como afirmou Vitória 1, da Escola Pública Rural do Maranhão, “não porque homem pode fazer as coisas que mulheres podem fazer”. Outras se somaram à lógica utilizada por Vitória 1, “a mulher pode lavar roupa, limpar casa, cozinhar, o homem também pode”, afirmou Erika da mesma escola. Ou tudo que os meninos fazem, “nós também podemos fazer tipo roçar”. Patrícia 1, também da mesma escola, citou uma única diferença, que a ela lhe pareceu masculina: “carregar peso”.

“Não, porque tudo que a mulher pode fazer o homem também, por exemplo, varre casa lavar, banhar o menino.” (11 - 14 anos, PR, MA).

*“Não, porque tudo que os meninos fazem, nós também podemos fazer tipo roçar.”
(11 - 14 anos, PR, MA).*

“Não, porque tudo que a mulher pode fazer o homem também pode, só não algumas coisa como carregar peso.” (11 - 14 anos, PR, MA).

Já as adolescentes meninas quilombolas, 11 a 14 anos, que participaram das entrevistas coletivas realizadas nos Estados do Pará e São Paulo remarcaram as diferenças nos aspectos biológico e desenvolvimento físico e atributos estéticos. Segue abaixo alguns trechos da entrevista coletiva:

*“Porque quando a gente é menina ocorre mais mudanças de que quando a gente é menino.”
(11 - 14 anos, PR, SP).*

“São diferentes. Porque a menina é bonitinha, se veste bem. Ela tem cabelo e menino só pro lado e nós maqueia e passa batom. E os meninos não penteiam o cabelo fica tudo ‘pinchaim’ (risos).”
(11 - 14 anos, PR, PA).

“Os meninos têm nojo do que as meninas gostam, dos batom, têm nojo dos das maquiagens, dos esmalte. “A minha irmã ela tem um batonzinho, e o Bruno ele, o Bruno ele é meu irmão né o Bruno e ele totalmente não gosta de batom. Então ele derrama, ele tira a bolinha é derrama o batom. E ela vai lá vê e pensa que fui eu que usei.”
(11 - 14 anos, PR, PA).

“Porque as meninas se vestem bem e os meninos não. O menino se veste só com uma blusinha e uma bermudinha e sai. Menino é chato, menino não sabe se vestir bem! Ó eles botam uma sandália que tá quase arrebitando).”
(11 - 14 anos, PR, PA).

“Eles são mais relaxados. Eles vêm tudo fedendo. Eles são fedendo, eles são tudo sujo. Eles não tomam banham. As unhas tudo cheio de sujo embaixo. Eles vão pro mangar, eles deixam a roupa tudo cheio de lama lá. E as mulheres o quê que elas fazem, elas pegam e lavam. Elas vão lá e lavam. As mães. As mães vão lá!).”
(11 - 14 anos, PR, PA).

As diferenças no comportamento também foram remarcadas pelas adolescentes meninas do Pará e o Estado de São Paulo (11 a 14 anos): as meninas são mais obedientes e os meninos são mais espertos, rebeldes, chatos, falam muito, brigam na escola, batem, mordem, “jogam lagarta” nas meninas.

“Sim. O jeito de ser, tem menino que é mais esperto que as meninas, os meninos são mais rebeldes, as meninas obedece mais do que os meninos...”
(11 - 14 anos, PR, SP).

“Porque os meninos são muitos chatos na escola. Falam muito! Parecem um papagaio. Tem um que briga muito na escola e que bate na, na gente. Eles beliscam a gente, eles batem, eles mordem. Eles jogam lagarta na gente, ai gente corre! A gente corre e começa a gritar e a professora vem de lá e manda a gente ir pra sala, e a gente conta tudo pra professora e a professora não faz nada.”

(11 - 14 anos, PR, PA).

4.5) Os meninos e meninas possuem pontos em comum?

4.5.1) Entrevistas Individuais (6 a 10 anos)

4.5.1.2) Amostra-Escola

Se por um lado a percepção da diferença de gênero expressa pelas entrevistadas favorece múltiplas interpretações quando a ênfase foi dada a igualdade entre meninas e meninos por meio da pergunta ***‘Você acha que existem aspectos em que meninas e meninos sejam iguais. Quais?’*** de um modo positivamente curioso mais da metade das meninas entrevistadas (54%) consideraram afirmativamente a questão, três responderam positivo/negativo, vinte discordam, duas não souberam responder e duas diretamente não responderam.

Gráfico 27 – Meninos e Meninas possuem pontos em comum?



Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Quadro 26 – Meninos e Meninas possuem pontos em comum?

Você acha que existem aspectos em que meninas e meninos sejam iguais?	Número absoluto	%
Sim	32	54%
Não	20	34%
Sim/não	3	5%
Não sabe ou não respondeu	4	7%
Total	59	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Regionalmente São Paulo lidera o número de respostas positivas (12), seguido pelo Mato Grosso com oito, o Rio Grande de Sul com cinco respostas afirmativas, Maranhão com quatro e por último o Pará com apenas três. Em outro extremo, as respostas negativas, tanto o Pará, como o Mato Grosso e Maranhão registraram seis negativas para cada estado, enquanto São Paulo e Rio Grande do Sul somente uma resposta em cada deles. Vale ressaltar que o Pará foi o estado com o maior número de respostas negativas (6), o dobro para aquelas positivas (3).

Quando analisadas por tipo de escola e área de localização foram as meninas das escolas particulares urbanas de São Paulo (7), do Mato Grosso (5) e do Maranhão que concentraram número mais expressivo de respostas positivas sobre aspectos de igualdade entre meninas e meninos, seguidos pelas escolas públicas urbanas do Rio Grande do Sul e São Paulo com três respostas para cada uma e por último as escolas públicas de áreas rural do Pará, Rio Grande do Sul e São Paulo com duas respostas para cada um e por último o Maranhão uma resposta positiva.

Em termos de conteúdo a escola apareceu como um dos principais ambientes que favorece relações de igualdade e desigualdade entre meninas e meninos:

"Sim. Na escola é um bom exemplo, nas coisas que fazem, não tem diferença, os dois fazem conta, resolvem problema de apostila".
(Juliana, 8 anos, PTU, SP)

"São. É estudar na mesma escola. E o resto eu não sei mais!"
(Sofia, 8 anos, PU, PA)

"Sim. Todos têm o mesmo objetivo de estudar e brincar".
(Camila, 9 anos, PTU, MA)

Alguns componentes para realçar a igualdade entre meninas e meninos também estiveram associados a *atributos de ordem subjetiva* como 'ser humano', 'ter respeito', 'sentimento', 'timidez', entre outros:

"É, todo mundo é humano". (9 anos, PU, SP)

"Sim. Um exemplo de coisa assim que é igual é que a gente tem o mesmo coração. Ninguém é diferente de ninguém". (10 anos, PTU, SP)

"Sim. Como a inteligência, a capacidade de fazer algo, é também no respeito, eu acho que todos devem ser respeitados iguais. É isso que eu acho".
(10 anos, PTU, MA)

"Às vezes ser tímido. Sentimentos. Amor. O jeito de ser às vezes às vezes é né. Tem uns que não é assim, não tá nem aí. Tem gente que é tímida, tem menino que é tímido igual à menina que não gosta de falar."(8 anos, PTU, SP)

O prazer pelo ato de brincar como aspecto igualitário entre meninas e meninos foi ressaltado em que pese que as brincadeiras tenham sido remarcadas no bloco anterior como expressivo fator de diferença. Chamou atenção o gosto das meninas pelas brincadeiras culturalmente atribuídas ao masculino, assim como o também o esporte. Contudo, duas das entrevistadas registraram o interesse de meninos por brincadeiras como boneca, dado que sugere maior aprofundamento sobre a construção cultural e social do lúdico na criança comumente marcado por pela diferença de gênero:

"Sim. Brincadeiras, gostar de brincar". (Taís, 9 anos, PTU, MA)

"Sim. Os meninos podem gostar de vôlei, as meninas também gostam, tem algumas meninas que gostam, os meninos gostam de usar, de brincar de bola queimada, as meninas também... É, muita coisa". (Alice, 10 anos, PU, SP)

"Humm... Um menino é tipo como uma menina, o olho, o cabelo, as perna. Irmão tem isso daí. Irmão. Tem golf. Bolinha de sabão... Guri e guria. Amarelinha. Hm... Pega-pega. Os gurus e as gurias. Também tem pega pega gelo". (Rafaela, 7 anos, PU, RS)

"Sim. De jogar bola, jogar vôlei, brincar de pega-pega e brincar de esconde-esconde". (Lilia, 10 anos, PU, SP)

"Bom, menino... menino também pode pular corda e também pode brincar de mamãe e filhinha". (Gabriela, 7 anos, PU, RS)

"É mais menino pode brincar de boneca se quiser e menina pode brincar de carrinho". (Bela, 9 anos, PU, MT)

"Ah... até que tem. Assim, menino gosta de brincar de boneco, menina gosta de brincar de boneco, de boneca, menino gosta de brincar de peças as meninas também, assim acho que é isso".(Paloma, 9 anos, PU, MT)

A igualdade de direitos a brincar com maior liberdade frente à diversidade de brincadeiras de criança também encontrou seu lugar no discurso das entrevistadas e de certo modo reafirmou a importância e o espaço que as brincadeiras ocupam no mundo infantil:

"Que eles podem ter os mesmos direitos, tipo na folha teve que se os guri só podem brincar de carro e as gurias de bonecas, não precisa ser só isso os meninos podem brincar do que quer e as meninas também". (Patrícia, 10 anos, PR, RS)

"Têm! Tá jogando bola. Tanto menina quanto menino. Em casa os dois podem também fazer do mesmo tipo, um menino quanto à menina.". (Barbie, 10 anos, PR, PA)

"Acho. Eles podem brincar juntos, e também eles têm, eles têm quase os mesmos direitos, quase. Porque os meninos perguntam pra mãe se podem jogar bola e as meninas não tem que perguntar muito. Por que elas, nós gostamos só de brincar de boneca. Meninas não gostam de jogar bola.

Eu tinha uma amiga que gostava muito de jogar bola.

Ela falava que era quase um menino, e não gostava de menina."

(Emily, 9 anos, PR, SP)

Atributos como a vaidade, o respeito e o bom comportamento também ganharam espaço entre os aspectos os quais meninas e meninos podem se encontrar como iguais. Na opinião de Daiane, 9 anos, aluna de escola urbana pública em São Paulo *"tem alguns meninos que são iguais as meninas. Tem alguns meninos que são vaidosos, se arrumam, não são muito malicioso. E isso é... vai e brinca não xingam as meninas, alguns brincam direito com as meninas. E as meninas também, elas não são muito maliciosas, elas brincam direito. Tipo ela não mexe muito com... ela é vaidosa, a menina, e o menino também é vaidoso, alguns, e algumas meninas também, entendeu?"*

Algumas respostas foram de caráter positivo negativo, isto é, começam pelo que é reconhecido como igual entre meninas e menino, mas terminam nas principais diferenças como ressalta a resposta de Mayana a seguir:

"Iguais? Iguais pra mim, na verdade é o sentir, entendeu? O ato de agir. Então para mim assim, é os meninos eles gostam de vestir roupas, sabe assim, tipo diferentes das meninas, não é tão igual. Sabe uma menina veste uma bota, o menino pode vestir também uma bota, entendeu?"

Calçar uma bota é isso daí, eu acho que iguais são isso.

É isso daí". (Mayna, 10 anos, PTU, SP)

4.5.1.3) Amostra Quilombola

No que tange os possíveis pontos de igualdade entre meninos e meninas, os equalizadores de gênero foram a inteligência e capacidade mental. A maioria das meninas se pudessem escolher entre ser menino e menina, escolheriam ser meninas.

As meninas/adolescentes dos dois grupos etários pesquisados (6 a 10 e 11 a 14 anos) e dos diferentes estados responderam diferentemente esta questão.

Das dezesseis meninas quilombolas na faixa etária entre 6 a 10 anos entrevistadas nos estados do Maranhão, Pará, Mato Grosso e São Paulo, apenas seis entraram no mérito da questão “você acha que existem aspectos que meninas e meninos sejam iguais? Quais?”. Outras seis não responderam, duas responderam “não saber” e duas responderam negativamente. Das seis que registraram suas opiniões sobre questão quatro delas continuaram reafirmando as diferenças e apenas duas remarcaram as semelhanças. As diferenças sinalizadas foram no comportamento – os meninos são mais “danados” e as meninas mais obedientes e mais controladas pelos pais – e na constituição biológica e compleição física – as meninas tem seios e os meninos não --; já as semelhanças foram registradas nas possibilidades de brincar e praticar esportes. Abaixo alguns comentários:

“Eu acho que não porque menino é mais danado que as meninas e as meninas ao sair pede para as mães e pais.”

(6 - 10 anos, PR, MA).

“É porque os meninos não têm seios e as meninas têm.”

(6 - 10 anos, PR, MA).

“Sim porque eu tenho uma amiga que comprou uma baladeira para ela. Ela jogava bola com ele.”

(6 - 10 anos, PR, MA).

“Sim, porque os meninos e meninas podem jogar bola juntos.”

(6 - 10 anos, PR, MA).

4.5.2) Análise das Entrevistas Coletivas (11 a 14 anos)

4.5.2.1) Amostra-Escola: Pontos Comum

No tocante ao temas das possíveis igualdades entre meninas e meninos, uma parte do grupo disse que não, sendo algumas meninas enfáticas a ponto de dizer os meninos “são totalmente diferentes.” Aqui mais uma vez as meninas destacaram como diferença que os meninos tem mais liberdade do que as meninas. Contudo o maior grupo participantes afirmaram que sim existiam aspectos de igualdades, como demonstraremos na seção subsequente.

Os meninos tem brincadeiras diferentes e tem mais liberdade para sair e se divertir.

“Não. Eles são totalmente diferentes.”(PTU, MA)

“Eu acho que não, eu acho que não, eu também... (todas disseram a mesma coisa). Meninos soltam pipas, jogam bolas e nós não...” (PU, MT)

“Eu acho que não tem tipo porque o piá sempre vai ter mais liberdade do que a guria.” (PU, RS)

“Bom eu acho que não tem assim por causa que algumas coisas os pais liberam outras não, então depende da menina e dependendo do guri, acho que os pais vão ter mais liberdade para os meninos claro e para a menina talvez não, é isso.” (PR, RS)

“Eu acho que não porque tipo que nem elas falaram o piá sempre vai ter mais aqui aquela liberdade de fazer o que ele quer, e as gurias sempre vai ficar tipo presa dentro de casa, ou vai ter horário para voltar sempre vai ter aquele tipo assim os pais atrapalhando elas fazerem o que elas querem.” (PU, RS)

“Que nem a outra menina falou que não faz assim sempre vai ter mais meninos do que meninas, mas as meninas podem acabar superando os gurus em várias coisas e também as responsabilidades são iguais, mas claro as meninas pensam mais e eu acho que é isso, as responsabilidades, os objetivos, eu acho que é isso.” (PU, RS)

Embora “as diferenças também bastante”, “tem algumas coisas que são iguais”, como afirmou uma das entrevistadas. Os aspectos em que meninos e meninas são iguais são vários: nos direitos; em saber o que quer; na diversificação das escolhas profissionais – as mulheres podem fazer o que elas quiserem, até ser Presidente da República; nas possibilidades brincar e praticar os mesmos tipos de esportes -- as meninas podem brincar de carrinho, jogar bola, fazer kumquifu, lutar judô.

Também meninos e meninas são iguais na inteligência, curiosidade, capacidade de aprender e ensinar; na responsabilidade de frequentar escolar e fazer as tarefas escolares para casa; na frequência à Igreja. Embora os meninos não demonstrem, existe igualdades na forma de sentir (os meninos também sofrem, alguns meninos choram, podem ser educados, delicados, carinhosos e amorosos com a família) e na possibilidade de fazer amizades. Meninos e meninas podem também compartilhar o uso das redes sociais e preferências musicais. E parece lógico que, apesar das diferenças, meninas e meninos tenham características biológicas similar: pelos no braço, unha, cor, olhos.

“Eu acho que meninos e meninas são iguais porque tem direitos iguais, e são iguais tipo na sociedade são vistos iguais.” (PU, RS)

“Eu acho que não tem diferença, porque cada um sabe o que quer, eu acho que todo mundo tem a mesma capacidade de aprender de ensinar.” (PU, RS)

“Eu acho que eles são iguais no futuro porque agora tem mais escolhas para fazer que antigamente só menino escolhia e meninas não, agora tem mais diversificação, eu acho que é isso.” (PU, RS)

“Eu acho que a mulher, menina ela pode ser o que ela quiser gostar de coisa de menino tanto que coisa de menina, então eu acho que tanto menino como menina cada um pode fazer o que quiser não vai ser prejudicado por isso.” (PU, RS)

“Acho que meninos e meninas são iguais porque tem meninas que gostam de jogar futebol e meninos também gostam de jogar vôlei e eles andam juntos, tem meninos que andam com meninas e meninas que andam com meninos e tem meninos que gostam de coisas de meninas e vice versa.” (PU, RS)

“Eu acho que meninos e meninas são iguais nas formas tipo tem vezes que eles agem iguais, tipo gostam de coisas iguais de esportes iguais acho que é isso.” (PU, RS)

“Eu acho que de semelhante o menino e a menina, algumas meninas praticam os esportes, os mesmos esportes que os meninos praticam. Que nem a menina anteriormente disse que ir para a escola e voltar, são coisas que os dois fazem, são as mesmas responsabilidades que são iguais.” (PU, RS)

“Eu pratico judô e lá tem só eu de menina e tem vários dias no horário que eu faço e tipo eu vejo assim os guris fazendo e eu faço igual e tipo eu acho que é muito, eu não sei dizer, como eu vou te explicar... Eu acho que se eles conseguem eu consigo daí eu faço igual, daí fica parelho é isso.” (PU, RS)

“É. Eu acho que tem sim coisa iguais que, por mais que um piá não demonstre ele também sofre né, quem nem ela citou ali que as meninas são mais delicadas, mas os piá também tem alguns que são mais delicados e por não demonstrarem acho que sim que eles sofrem, eles tem as dificuldade deles, eles... também tem.” (PR, RS)

“Eu acho que por um lado sim são iguais, que nem acho que muitas aqui conviveu, cresceu com algum primo, algum parente né, sempre brincando junto, sempre se divertindo, sempre (risos) sempre querendo brinca mais e mais por esse lado a gente sempre foi igual e os dois são igual, que nem quem cresceu com primos sempre vai ter uma coisa assim, por outro lado tipo adolescente assim sentimentos se vê muitos casais assim jovens, a guria sente o piá não tem, o piá também sente senão não estaria com ela. Os dois tem sentimentos, os dois sofrem, os dois amam.” (PR, RS)

“Eu acho que a igualdade entre meninos e meninas é a alegria dos dois terem bastante amizades e sei lá ser amigos.” (PU, RS)

“Eu acho que menino e menina eles podem ir para a escola, fazer esporte os mesmos que meninos e meninas fazem dá para fazer, mas eu acho que não tem muito haver nada menino com menina assim nesse aspecto.” (PU, RS)

“É um pouco parecido porque tipo assim, ai como é que eu vou explicar... Os dois tem a mesma tarefa tá duas pessoas tá duas crianças, as duas tem que na escola tipo assim chega em casa as duas sabem que tem que trocar de roupa, almoçar, eles tem diferenças também bastante, mas tem algumas coisas que são iguais.

Ah sei lá tipo assim Como eu tinha dito ir para escola, voltar, tem que saber o que tem que fazer.” (PU, RS)

“Meu nome é Kelly, e eu acho que tem coisas iguais sim, porque tem meninas que gostam de sair igual a meninos. Tem pais que tratam a menina igual o menino, a mesma coisa. A inteligência. (menina fala baixo). O caráter. O carinho (voz baixa). Educada.” (PU, MA)

“Eu não sei especificamente, mas eu acho que existe. Bom, eu acho que os meninos e as meninas adolescentes são iguais na curiosidade. Porque adolescência é uma fase de descobertas, então... os dois são iguais na curiosidade.” (PU, MA)

*“Meu nome é Bruna, assim como há muitas diferenças entre meninos e meninas, tem muitas coisas que são iguais, o amor pela família, acredito é igual entre os dois. É gostar das mesmas coisas, rede social, é igual isso. Sair também, tem pai que não deixa a filha sair porque é menina, mais gostar de funk é a mesma coisa, acredito que é a mesma coisa, mesmos estilos, não é só por que é menino diferenciado de menina que vai gostar de coisas diferente.”
(Bruna, 14 anos, PU, SP)*

“Sim, sim... Pelos no braço, unha, cor, olhos. Os meninos tem sentimento, alguns meninos choram né, as meninas falam...” (PR, MT)

Em que pese as adolescentes terem destacado os avanços das meninas na igualdade com os meninos como na vestimenta (meninas podem usar calças também, não só saias), nas profissões, na prática de esportes e brincadeiras, existem muitas discriminação social contra meninas que fazem coisas consideradas de meninos e até hoje meninos não

podem brincar de bonecas, não podem usar maquiagem. Eles só podem dançar ballet, mas não sem discriminação.

“Sim (várias vezes). Os direitos são iguais... Tipo, alguns cargos, alguns esportes, as pessoas, às vezes têm discriminação “ah é mulher não vai fazer”, tipo, profissão de pedreiro, ah quando você vê uma mulher assim é porque... ahan é alguma coisa do tipo. Futebol (várias meninas falam ao mesmo tempo a palavra futebol). Os próprios meninos falam “ah futebol é coisa pra menino vocês são cheias de frescura, vão se machucar, não sei o que”. Nem sempre! A gente é, toda menina é delicada, mas se ela gosta de jogar ela tem que jogar. Pois é. Exatamente, ela tem que ter liberdade pra ser do jeito que ela acha que ela tem que ser. Na educação, tanto menino quanto menina tem que ter o mesmo direito na educação, o que nem sempre acontece. Principalmente quando meninos e meninas são crianças, eles brincam juntos fazem coisas juntos, mas quando eles crescem, eles acabam se separando. E eles seguem com personalidades diferentes e acabam sendo influenciados pela sociedade também, que tem muito preconceito ainda com as meninas.”
(PTU, MA)

“Sim, antes só podiam usar saias, hoje não só os meninos usam calças as meninas também, antes as meninas ficavam em casa, só os meninas podiam sair, tinham que cuidar dos filhos, da casa, hoje já temos uma presidenta, hoje já gente já faz tudo, trabalha fora de casa, os meninos não podem brincar de bonecas, mas as meninas podem brincar de carrinho jogar bola, fazer kumquifu, os meninos não podem usar maquiagem, mas pode dança bale, mais as meninas podem brincar de carrinho, joga bola.” (PTU, MT)

Duas meninas manifestaram a opinião de que os pais o tratamento mais igualitário ou mais diferenciador depende do país e do ‘menino que convive com a agente’. Embora nas suas diferenças os pais buscam “fazer” igual para o menino e a menina.

“Eu acho que sim, eu acho que tem, acho que é, mas tem mais a diferença, mas acho também que depende muito do pai e da mãe que a gente tem e do menino que convive com a gente.”
(PR, RS)

“Eu acho que por um lado é igual sim porque os pais sempre se preocupam sendo menino ou meninas, mas sempre é mais as meninas. Algumas coisas que eu acho é igual é que o pai ele nunca vai deixar o filho de lado o que ele fizer para um ele vai fazer para o outro também e algumas questões é que tem coisas a gente pode fazer e outras não.” (PR, RS)

4.5.2.2) Amostra Quilombola: Pontos Comuns

Da mesma forma poucas **adolescentes meninas quilombolas do grupo etário entre 11 a 14 anos** discutiram a questão. As adolescentes do Pará responderam que “não”, significando que parece, na opinião delas, não haver aspectos igualitários entre meninos e meninas. Algumas adolescentes dos estados do Maranhão e do Pará responderam à questão: A única garota do Maranhão que emitiu opinião, registrou uma “diferença e não semelhança” como o solicitado. Sua ênfase foi um pouco nas formas clássicas de concepção de relação de gênero: "os meninos são mais bravos e valentes, nós somos mais calmas e delicadas", como afirmou Vanessa da Escola Pública Rural do Estado mencionado. Já as adolescentes meninas do Estado do Mato Grosso, notaram aspectos equiparáveis na forma de brincar/praticar esportes: “Sim, sim. Meninos jogam futebol e as meninas também” (Entrevista Coletiva, Escola Pública do Estado do Mato Grosso).

4.6) Oportunidades de sucesso e a perspectiva de gênero: meninos e meninas têm a mesma oportunidade? Por quê?

4.6.1) Análise das Entrevistas Individuais (6 a 10 anos)

4.6.1.1) Amostra-Escola

As meninas de 06 a 10 anos entrevistadas pela pesquisa nas cinco regiões do país, mais da metade considera que meninos e meninas têm as mesmas oportunidades, vinte e três não concorda com essa afirmação e quatro não responderam.

De um total de cinquenta e nove meninas 32 que participaram das entrevistas individuais responderam que de um modo geral meninas possuem as mesmas oportunidades que os meninos, seja em casa, na escola ou na comunidade a depender das circunstâncias que se apresentam. Contudo, em termos de abordagem alguns aspectos merecem, pois ser realçados sobre o que consideram oportunidade, isto é, o tipo de oportunidade pode também variar de um contexto a outro, sendo algumas oportunidades mais favoráveis para as meninas, outras já para os meninos. Um exemplo: as “meninas têm mais oportunidades na escola, enquanto os meninos possuem maiores oportunidades no ambiente doméstico”. Em outro sentido, além de atividades escolares, dos afazeres domésticos foram mencionadas circunstâncias que podem favorecer oportunidades similares a meninos e meninas tais como as brincadeiras, o mercado de trabalho, aspectos relacionados ao futuro como “fazer faculdade” e questões de consumo em geral. Segue algumas das respostas positivas quando perguntadas se meninos e meninas têm as mesmas oportunidades e por quê:

“Tem! Porque eles gostam de ficar juntos. Em casa o menino tem mais oportunidade. A menina tem mais oportunidade na escola”. (Juli, 7 anos, PU, PA)

“Sim. Por que se a menina sabe estudar, o menino também vai saber, porque ninguém nasceu diferente, todo mundo é igual”. (Paloma, 9 anos, PTU, MT)

"Eu acho que tem. Porque tipo assim quase todas as meninas fazem as mesmas coisas que os meninos. Em casa com os meus irmãos, a minha mãe trata a mesma coisa, todo mundo. Na escola a professora trata todo mundo igual".

(Bruna, 10 anos, PU, RS)

"Tem. Por que às vezes os meninos lá da minha rua que são meus amigos me deixam brincar com eles e tudo, e também eles são meus melhores amigos. Todo mundo devia ser amigos, mas não é". (Julia, PU, SP)

"Eu acho que sim, mas tem alguns empregos que talvez os homens sejam mais escolhidos e têm outros que as mulheres são mais. Também em outras coisas, mas eu acho que modelo é mais mulher que eles chamam, mas para trabalhar, tipo, com um banco é mais homem. É isso o que eu acho [...]".

(10 anos, UP, MA)

"Sim. Porque não é só porque ele é menino ou é menina que eles não vão poder fazer a mesma coisa, ter um computador, ter um tablete, é isso".

(10 anos, PU, RS)

Ao distribuir por região a percepção de meninas entre 06 a 10 anos sobre a situação das oportunidades entre meninos e meninas indica São Paulo como estado a apresentar um maior número de respostas positivas (10), para duas negativas e três que não responderam à pergunta. Em seguida figura o Mato Grosso com oito respostas positivas para sete negativas. Tanto o Pará como o Maranhão responderam positivamente cinco respostas para outras cinco negativas em cada um dos estados, sendo que no Maranhão também foi registrada uma "não respondeu". Em menor escala o Rio Grande do Sul registrou quatro respostas positivas para quatro negativas.

No que se refere às respostas discordantes de que meninos e meninas têm as mesmas oportunidades, vinte e três em total, quando perguntadas sobre o porquê dessa opinião, não só foi mencionado o ambiente escolar como mais favorável às meninas do que para os meninos como seis delas relacionaram essas oportunidades com uma valorização do

comportamento feminino em detrimento ao masculino, os meninos, geralmente considerados “bagunceiros, enxeridos, preguiçosos, mandões, brigões”. Também foi ressaltado para as meninas atributos de maior inteligência, melhor comportamento, respeito e maior responsabilidade:

“A menina tem mais oportunidade! São as meninas que a tia chama mais para responder as perguntas que ela faz que ela pega só os nomes das meninas. E para quem for sorteada a pessoa vai lá escrever no quadro. Os meninos uma vez são eles também. Menino é muito enxerido, ele bate, ele xinga! A menina ela respeita os professores. Uma vez eu estava na sala e a professora mandou fazer silêncio, aí ele respondeu a professora e ela levou ele para a diretoria [...]”.

(8 anos, PU, PA)

“Não. Porque eles não fazem, eles têm preguiça de fazer os deveres de casa, e também ficam assistindo televisão todo o tempo”. (9 anos, PTU, MA)

“Não. Porque os meninos, eles são mais, eles querem ser mais mandões nas meninas”.

(Rapunzel, 8 anos, PR, MA)

“Não. Porque meninas são mais comportadas e meninos são mais bagunceiros”.

(Leila, 9 anos, PTU, MT)

Em termos de trabalho, vida social e comunitária mais oportunidades foram atribuídas aos meninos e associadas a atributos como força física e maior sociabilidade. As possibilidades de brincadeiras para os meninos também esteve presente no discurso de três das meninas entrevistadas:

Acho que não. Os meninos se desenvolvem mais! Eles têm mais oportunidades, além de serem mais fortes, eles têm um jeito de fazer as coisas diferentes. E eu acho, e pode ser o jeito deles de fazer um modo diferente, que pode ajudar a eles serem. Do que as mulheres. Dentro de casa Não! Na escola eu acho que é tudo igual! Eu acho que assim na escola eles têm a mesma qualidade que as meninas. Eles sabem lê, escrever, eles são inteligentes. Na rua eles têm uma oportunidade maior de, de fazer amizade. Porque as meninas de hoje em dia não são mais aquela de

antigamente que falam só com menina e brincam só com menina.

Elas querem falar agora com menino, menino!”

(Andrea, 9 anos, PTU, PA)

“Não. Porque meninos são diferentes de meninas. Os meninos são diferentes, os meninos brincam das coisas de menino e as meninas brincam das coisas de menina”.

(Maria, 7 anos, PU, RS)

“Nunca pensei em um menino modelo, é mais miss, mais modelo. Menino é mais jogar bola, lutar. Já viu luta MMA? É e não tem como menina lutando contra o Minotauro.

Aí perde feio”. (Juliana, 8 anos, PTU, SP)

“Não. Porque uma brincadeira é só das guria e outra é só dos guris”.

(Rafaela, 7 anos, PU, RS)

“Porque menino também brinca de umas coisas diferentes, faz umas coisas diferentes. E a menina... a menina não. Porque menino às vezes também incomoda. “Atrapalha”.

(Gabriela, 7 anos, Urbana Pública, RS).

“A menina! [...] Em casa sou eu que faço as coisas. Meus irmãos, algumas vezes ele arruma a cama, varre a casa. Meu irmãozinho fica só brincando. A mulher que faz a diferença na

comunidade”. (Rosa, 8 anos, PU, PA)

Por outro lado há que se ressaltar o preconceito enquanto limitador do leque de oportunidades para as meninas quando comparadas aos meninos:

“Acho que às vezes pode ter um preconceito com meninas”.

(Bianca, 10 anos, PR, RS)

“Eu acho que sim em casa, escolas assim, mas em lugares, normalmente por causa do preconceito as meninas têm menos, assim, oportunidade do que os meninos. Porque as pessoas são preconceituosas. E acham que talvez as meninas não saberão fazer isso, as pessoas que mais tem preconceito são os homens com as mulheres, assim, é muito difícil uma mulher ter preconceito com outra mulher. Então são mais os homens são preconceituosos.

Então a maioria das coisas são os homens”.

(Evelyn, 10 anos, PTU, MA)

“Às vezes sim, as vezes mais ou menos. Em casa tem as mesmas oportunidades, acho que na escola e na comunidade também”. (Estela, 8 anos, PTU, PA)

Na escola pública urbana foram registradas onze respostas negativas para nove positivas e uma que não respondeu. Em consonância com o panorama regional para as onze primeiras as meninas possuem mais oportunidades que os meninos, em especial no ambiente escolar tanto por mais inteligência como por melhor comportamento que os meninos.

“As meninas têm mais oportunidade. Exemplo: a menina aprende mais, porque as meninas são inteligentes e os meninos só ficam correndo. Em casa eles reclamam e as meninas não, ficam quietinhas vendo desenho. Eles ficam bagunçando tudo, pulando em cima da cama, em cima do sofá, ficam se macacando, procurando arte! Ela se arruma, ela pode brincar, ela pode passear com os pais dela. Ela pode tudo”.

(Mariana, 7 anos, PU, PA)

Para nove das entrevistadas meninos e meninas com igualdade em termos de oportunidades, neste caso associadas ao aprendizado, como também ao tratamento recebido em casa, na escola ou na comunidade:

“Tem! Eu acho que é a mesma coisa! Na escola todo mundo tem a mesma oportunidade de aprender. Em casa todo mundo também! No bairro e na comunidade todo mundo também”. (Sofia, 8 anos, PU, PA)

“Eu acho que tem. É porque tipo assim quase todas as meninas tipo fazem as mesmas coisas tipo que os meninos. Em casa tipo com os meus irmãos, a minha mãe trata a mesma coisa tipo todo mundo. Ah na escola deixa eu ver, sim a professora trata todo mundo igual”. (Bruna, 10 anos, PU, RS)

A Escola urbana particular inverte o cenário da escola pública e revela uma percepção mais equânime em termos de oportunidades entre meninas e meninos. De um total de vinte e três entrevistadas, quatorze meninas entre 06 e 10 anos responderam sim para a pergunta ‘Meninos e meninas têm as mesmas oportunidades?’, cinco concordam em

alguns aspectos, outras três discordam e uma não respondeu à pergunta. A grande maioria que concorda apresentou respostas mais gerais sem grandes especificações:

“Sim. Porque não importa se a gente é menino ou menina, sempre vai conseguir”.

(Camila, 9 anos, PTU, MA)

“Sim. Porque se a menina sabe estudar, o menino também vai saber, por que ninguém nasceu diferente, todo mundo é igual”. (Paloma, 9 anos, PTU, MT)

“Sim. Porque meninos e meninas podem fazer a mesma coisa, só se quiserem”.

(Gabriele, 10 anos, PTU, MA)

“Sim. Porque tanto menino quanto menina tem características, algumas são iguais outras diferentes”. (Taís, 9 anos, PTU, MA)

Ao especificar o porquê dessa afirmação as entrevistadas se referem a oportunidades para o futuro como bolsa para a faculdade, trabalho ou mesmo ter uma família:

“Sim. Porque assim só muda o jeito, mas você pode ter as mesmas oportunidades de ganhar uma bolsa para ir para a faculdade essas coisas, não muda nada”.

(Valentina, 10 anos, PTU, MT)

“Em que sentido, oportunidade? De trabalhar, essas coisas? Olha, os meninos eles têm oportunidade de trabalhar, as meninas também têm, eles têm oportunidade de ter um lar, as meninas também, entendeu? É ter filhos as meninas também, é isso. Em toda a parte eles são iguais e tem todas as oportunidades. E é isso para mim, ter a oportunidade disso mesmo”.

(Mayana, 10 anos, PTU, SP)

Chamou ainda a atenção que cinco das meninas entrevistadas nas escolas urbanas particulares responderam com enfoque positivo-negativo, ou seja, ora positivo, mas com ressalvas para determinadas oportunidades como tipos de trabalho dificultados por fatores como o preconceito contra a mulher, ora negativo, com ênfase na diferença, mas

também com ressalvas, por exemplo, para o ambiente escolar que favorece o acesso mais equitativo em termos de oportunidades:

"Eu acho que sim, mas tem alguns empregos que talvez os homens são mais escolhidos e têm outros que as mulheres são mais. Também em outras coisas, mas eu acho que, tipo assim, modelo é mais mulher que eles chamam. Mas pra trabalhar, tipo, com um banco é mais homem. É isso o que eu acho. Eu acho que sim em casa, escolas assim, mas em lugares, normalmente por causa do preconceito as meninas têm menos oportunidade do que os meninos. Porque as pessoas são preconceituosas e acham que talvez as meninas não saberão fazer isso, as pessoas que mais tem preconceito são os homens com as mulheres, assim, é muito difícil uma mulher ter preconceito com outra mulher. Então são mais os homens são preconceituosos. Então a maioria das coisas são os homens, então acho que é por isso."

(Evelyn, 10 anos, PTU, MA)

"Tem algumas ocasiões que sim e algumas não, por exemplo, é o trabalho que eu estou fazendo só de meninas. Já os meninos não podem. Em casa eles podem ser diferentes. Eles podem, eles não podem gostar de ser meninos e ai eles vão gostar de coisas de meninas e ai vão ser... Na escola eu acho que sim porque na minha escola a gente joga bola, queimada, vôlei, essas coisas e eles também podem jogar, e também quando tem algumas meninas da minha classe que gostam de futebol, e eles também vão poder jogar. (No futebol) Tem, mas mesmo quando as meninas começam a brincar primeiro eles também vão e parece assim sei lá, parece que eles são donos de tudo, porque eles não deixam a gente fazer quase nada"

(Alice, 10 anos, PTU, SP)

"Não. Porque menino é diferente de menina. Na escola sim, porque menino faz as mesmas coisas que meninas, eles faz tarefa as meninas também"

(Gabriele, 8 anos, PTU, MT).

Em escolas públicas da área rural entre quatorze meninas sete não concordam que meninas e meninos tenham as mesmas oportunidades, seis estão de acordo e uma delas não respondeu. Segundo sua percepção as oportunidades variam segundo as circunstancias sendo que algumas costumam se apresentar mais favoráveis aos meninos

e outras para as meninas. De um modo geral essa favorabilidade foi associada a atributos como habilidades físicas, intelectuais ou mesmo de comportamento.

Em outro sentido como favorecedores de oportunidades foram mencionados aspectos relacionados ao ambiente. Os meninos apareceram mais aptos a trabalhos que requerem maior força física e habilidades esportivas, enquanto as meninas ficaram a frente nos atributos que derivam melhores comportamentos, ou seja, oportunidades que se relacionam com grau de dedicação e inteligência. Com relação ao ambiente os meninos ganharam vantagem no que se refere à hierarquia familiar no ambiente doméstico, sociocomunitário onde a mulher ainda sofre preconceito e formas de violência. A menina apareceu em vantagem no ambiente escolar sendo consideradas mais estudiosas.

"Acho que não! Acho que o menino tem mais oportunidades de jogador de futebol, as meninas tem de ser doutora, professora, advogada, cantora. Na escola acho que meninas tem mais oportunidades porque a menina se dedica mais ao estudo. Em casa, os meninos, é porque eles são maiores, e eu sou menor, mas das meninas são mais por causa da violência. Acho que a menina sofre mais violência do que o menino. Porque as meninas são mais fracas".

(Kellen, 10 anos, PR, PA)

A única menina entrevistada em escola filantrópica na zona rural considera não haver igualdade de oportunidades entre meninos e meninas, sem, contudo explicar o porquê de sua resposta.

Uma maior igualdade de oportunidades entre meninos e meninas se apresentou nas respostas de seis das entrevistadas em escolas públicas rurais e especialmente ressaltadas as possibilidades de brincadeiras, de consumo, de trabalho e de futuro.

"Sim. É se eu tiver oportunidade de brincar os meninos também vão ter oportunidade. Se eu ganhar alguma coisa os meninos também vão ter que ganhar. Por que a gente é igual, diferentes, assim". (Letícia, 11 anos, PR, SP)

Sim. Eles podem bem arrumar um trabalho e ter um futuro melhor”.

(Patrícia, 10 anos, PR, RS)

“É! Meu pai nunca me bateu, nem minha mãe. Em casa eu e meu irmão estamos competindo nas tarefas de casa. Porque um dia é ele, um dia eu, um dia ele”.

(Barbie, 10 anos, PR, PA)

4.6.1.2) Amostra Quilombola

As opiniões das dezesseis meninas quilombolas, de 6 a 10 anos sobre a questão “meninos e meninas têm as mesmas oportunidades? Por quê? Foram variadas com uma tendência para afirmação das oportunidades iguais, sobretudo pelas possibilidades de brincar e por possuírem capacidades iguais de realização profissional, ou de que as meninas tem maior oportunidades do que os meninos sobretudo por serem estudiosas e se comportarem melhor do que os meninos.

“No direito. Mais ou menos. Porque, se a menina quiser ser atriz ela pode ser, se o menino quiser ser ator ele também pode ser, se ela quiser ser cantora ele também vai ser cantor.” (Isabelle, 10 anos, PR, SP)

“As meninas. Eu acho na escola. Eu acho que pra estudar. Porque eles falam muito. Ficam fofocando sobre as meninas. Eles são... Eles são frescurento. (...) Essas coisas.”

(Paula, 9 anos, PR, SP).

As meninas quilombolas de 6 a 10 anos que avaliaram que as oportunidades não são iguais se referiram ao tratamento desigual dentro de casa, sobretudo em relação ao maior grau de autonomia/liberdade dos meninos para fazerem o que querem e o comportamento na escola e na comunidade. Uma das meninas mencionou também diferenças biológicas e na maneira de se trajar.

“Em casa não tem a mesma oportunidade, porque até para comprar um ‘dim dim’ na vizinha ela tem que pedir. Na escola não, porque quando a gente está estudando a professora os chama para fazer a tarefa e eles não vem fica é jogando bola. Na comunidade não porque os meninos não têm moral e ter moral é ser comportado e não querer mandar nas casas alheias.”
(Samara, 6 - 10 anos, PR, MA).

“Em casa não porque os meninos são mais danados e as meninas quietas e são mais delicadas. Na escola não por que os meninos são mais danados e quando estamos em aula os meninos saem para jogar bola. Na comunidade não porque os meninos.”
(Juliana, 6 - 10 anos, PR, MA).

“Acho que não porque as meninas quando crescem elas se formam têm seios grandes e os meninos todo tempo com os peitos do mesmo tamanho os meninos usam cabelo bem baixinho usam calção camisa e as meninas não usam. Elas são mulher usa saia as meninas são mais quieta e usa saia em casa não porque os meninos são danados quando a menina sai tem que pedir pra mãe e os meninos não pedem. Na escola não porque os meninos não obedecem a professora.”
(Raiely, 6 - 10 anos, PR, Maranhão).

Uma das meninas opinou que são os meninos que possuem mais oportunidades de sucesso, mas não sabia explicar a razão:

“Não! O menino tem mais sucesso. Porque eu não sei!” (Lorrane, 7 anos, PR, PA).

4.6.2) Análise das Entrevistas Coletivas (11 a 14 anos): Oportunidades

4.6.2.1) Amostra- Escola

Não! ‘as oportunidades não são iguais para meninas e meninos’, foi a resposta da maioria, mas não a totalidade, das meninas. Em síntese, para a maior parte das meninas participantes na pesquisa, os meninos tem mais liberdade para fazer o que querem do que as meninas, nas expressões delas “meninos tem mais oportunidades de viver coisas do que as meninas”; “o menino pode fazer tudo e a menina não pode tem que aguardar

acontecer”; “os meninos podem sair para onde quiser”. Para algumas dessas diferenças dentro de casa as atingem emocionalmente de maneira tão forte a ponto de parecer que os limites não são se aplicam aos irmãos: *“Se o meu irmão pedir pra ir pro inferno, ela deixa [a mãe]. Agora é muito difícil ela deixar eu, assim.”* Esse maior controle dos pais sobre as meninas é sentido em maior intensidade no campo da autonomia de decisões relacionadas à diversão e ao lazer: os meninos podem sair com mais frequência, ir a festas e voltar mais tarde. Muitas vezes quando as adolescentes são autorizadas ir as festas tem que ser sob a “companhia” de irmãos mais velhos. Qual é o receio dos pais em relação em relação às meninas? Uma das entrevistas foi explícita *“Ele [o pai] acha que eu vou fazer isso. Já acha que eu vou me meter em drogas. Já acha que eu vou ficar grávida, entendeu?”*. As adolescentes manifestam o sua percepção de injustiça pela expressão popular: *“segura as suas cabritas que o meu cabrito tá solto”*. Se a responsabilidade por gravidez deve ser tanto de meninas quanto de meninas esse maior controle sobre as meninas só pode refletir uma crença subliminar dos pais de que a responsabilidade última é das meninas e na diferença de poder entre homens e mulheres no processo de autonomização: *“as meninas... não mandam em si mesmas”*.

“Não. Tem sim, tem as mesmas oportunidades. Entre aspas tem. Assim pra mãe, namorar, um menino, pode, assim. É, fazer que nem aquele lema, segura as suas cabrita que o meu cabrito tá solto. (Risos). E as meninas não, as meninas são sempre, enquanto não sair debaixo da, da casa, não mandam em si mesma. Os meninos tem mais oportunidade de viver coisas do que as meninas.” (PR, MA)

“(...) Assim o menino pode fazer tudo e a menina não pode sempre tem que aguardar acontecer.” (PU, RS)

“A minha mãe é muito liberal. Mas só que assim, se eu pedi pra ir numa festa com as minhas amigas, ela fala assim: “Seu irmão vai?”. O que o meu irmão tem haver com as minhas amigas? O meu irmão se ele pedir...Que nem a Pietra falou. Se o meu irmão pedir pra ir pro inferno, ela deixa. Agora é muito difícil ela deixar eu, assim. Com o seu irmão a sua mãe deixa você ir pra qualquer lugar. Como se o meu irmão fosse fazer muita coisa. Se uma menina chega pra mãe e fala: “Mãe...”. Em casa é diferente, a minha mãe deixa.

Mas se ela chega e fala: “Mãe posso sair?” aí a mãe “Ah não...” inventa um monte de desculpas.

Com quem você vai. Onde você vai. Quantos meninos vai ter.

Que horas você volta? Você bota o endereço. Vai ter pai? Vai rolar drogas?

O que vai acontecer? Perguntam muita coisa.

Agora pro menino “Posso ir pro inferno”, a mãe, “Vai”. Entendeu?” (PTU, SP)

“Que nem a Maitê tava falando. A Minha mãe, sabe o jeito que eu vou sair e o jeito que eu vou voltar. Só que meu pai não. Ele acha que eu vou fazer isso. Já acha que eu vou me meter e drogas.

Já acha que eu vou ficar grávida, entendeu? Aí fui pedir pra minha mãe “Posso ir numa festa, na casa da Pietra?” ela “Pode”. Eu fui. Meu pai já queria ir atrás de mim para ver se eu tava fazendo alguma coisa errada. Ela ficou 15 minutos na minha festa. “Tá. Leva a sua irmã pequena”. O que a minha irmã pequena vai me ajudar? Isso que eu acho incrível.” (PU, SP)

A diferença de oportunidades entre meninas e meninos foi vista dentro de casa, campo em que os meninos acabam tendo mais privilégios. As adolescentes em geral tem menos liberdade para sair e mais responsabilidades de realização das tarefas domésticas, embora em algumas casas essa ‘proteção’ maior das meninas venha na forma de deixar as tarefas mais pesadas para os meninos. Em lares de melhor poder aquisitivo os irmãos homens podem ter mais privilégios no uso do carro, por exemplo. Algumas meninas reclamam também que seus pais são mais “rígidos” com elas do que os irmãos homens.

“Dentro de casa a diferença... Se eu chegar... vamos dizer. Eu tenho uma irmão de 23 e um irmão de 20. Se a minha irmã chegar e disser, “Mãe me empresta o carro” minha mãe vai dizer “Não, você tá maluca? Você vai bater no poste. Você vai atropelar umas 50 pessoas”. Já se meu irmão chegar bêbado e falar: “Mãe me empresta o carro?” ela: “Pega”. Rola esse preconceito. A mulher não, ela tem que pilotar fogão. A mulher isso, a mulher aquilo. Tem até um ditado que mulher no volante perigo constante. E tem muita mulher que, meu Deus, dá um pau em cara que tá dirigindo. Tem cara que é ridículo dirigindo um carro e tem mulher que é muito boa.” (PTU, SP)

“A menina, ela é, dentro de casa, por exemplo, assim, a menina é quem tem que lavar a roupa, tem que lavar a louça, o menino já não. O menino já não tem essas obrigações. Acontece muito, na minha casa também porque eu sempre tenho que fazer tudo, já meu irmão não. Meu irmão pode fazer o que ele tiver vontade, o que ele não quiser ele não precisa fazer. Agora eu tenho

mais vantagem em casa. Eu só lavo a louça, aí o meu irmão lava o quintal, o terraço, lavar roupa... tudo. A tarefa pesada fica pros homens e o trabalho mais leve fica para as meninas, mas isso, é, depende de cada família, em casa.” (PTU, MA)

“Acho que não porque, tipo, se um menino faz uma coisa errada é mais normal, se uma meninas faz isso é tipo, nossa uma menina fez aquilo, é muito diferente porque qualquer coisa que uma menina faz já é muito grande já o menino não tem tanto essa diferença.” (PU, SP)

Uma outra parcela de meninas respondeu que as oportunidades não são devido às discriminações de gênero e preconceitos. Embora elas reconhecem que hoje está bastante diferente do que antigamente, que o mundo está ficando mais “liberal” quanto as possibilidades de escolha da profissão, as discriminações se expressam por meio da abertura menor de vagas para mulheres, recusa de contratação de mulheres para determinados serviços considerados pesados ou por muito tempo considerados ‘tipicamente’ masculinos (ex. Policiamento ostensivo, Marinha) dos salários mais baixos para mulheres mesmo em exercício de profissões similares, da preferência dos clientes por profissionais do sexo masculino, da desqualificação do trabalho de mulheres ou bullying social como o enquadramento de homens trabalhando como costureiros e mulheres em construção nas categorias “gays” e “lésbicas” num sinal de dupla discriminação social. Mesmo sendo possível meninos serem dançarinos e adolescentes meninas farem trabalho pesado, ainda existe muito preconceito por partes da pessoa e do Mercado, que fazem chacotas ou empregadores que deixam de contratar.

“Não. Porque assim, ser mulher já é difícil. Porque ser mulher é, as oportunidades de emprego não levam a gente muito a sério. Eles acham que por ser mulher a gente não é capaz de realizar aquele tipo de trabalho né. Aí eu acho que pro sexo masculino as oportunidades são maiores. Às vezes, na escola, os meninos estudam e as meninas também. Mas as vezes no trabalho, elas Não são tão bem recebidas. São valorizadas.” (PU, MA)

“Eu acho que hoje ainda tem preconceito com o que a mulher trabalha, quando quer ser médica, ser advogada, ou coisa assim, as pessoas têm preferencial por homem porque isso era um cargo para o homem só que hoje tem mulheres tomando esse cargo.” (PU, RS)

“Não porque ah tem alguns sonhos como ser dançarino e o piá quer daí entra na parte de discriminação, aí ele desiste do sonho pelo fato do preconceito. Então eles não tem as mesmas oportunidades, agora uma menina vai querer trabalhar num trabalho pesado e de repente eles não vão contratar ela pelo fato de pensarem que ela não vai conseguir, então eles não tem a mesma oportunidade.” (PR, RS)

“Também tem o preconceito de que todo cabelereiro homem é gay. Que toda mulher que é pedreira é lésbica. Por que, tão falando assim que cada pessoa tem a sua função e que toda mulher tem que ser cabelereiro e todo homem pedreiro.” (PTU, SP)

“Vocês estão falando assim de profissão. Minha irmã...A minha irmã tem 32 anos. Só que ela queria ser da ROTA. Só que eles não deixaram ela entrar por que ela é mulher. Mas e aí tipo, o que isso tem haver ? Homem e mulher assim. Eu acho que os dois dá a mesma profissão. Por isso que eu acho que tem muito preconceito nisso.” (PTU, SP)

“Por exemplo, minha irmã queria entrar na Marinha né? Aí, ela foi ver as vagas. E tem bem menos vaga pra mulher do que pra homem. De 100 vagas que tem, 10 ou 15 são pra mulher. O resto é tudo pra homem. Não é justo isso.” (PTU, SP)

“Mas nas profissões, em que existe a justiça, por exemplo, é os juizes, às vezes as pessoas tem mais confiança nos juizes homens que nas juizas, o mesmo acontece com promotoras e outras profissões que ficam dentro da justiça. Em casa não (muitas vezes).” (PU, MA)

Contudo, não faltaram vozes de meninas que responderam que as oportunidades não são iguais por que as meninas levam vantagens sobre os meninos. As meninas são mais estudiosas, mais dedicadas, mais perfeccionistas e por isso elas tem mais oportunidades. Já os meninos param estudar para “fazer outras coisas”, são mais “largados”, “não se importam muito com o futuro” e “caem mais nas drogas”. As meninas conseguem “emprego mais rápido”. Por fim as mulheres “são vencedoras” podem chegar até a presidência da república.

“Eu acho que, eu acho que às vezes eles consideram a menina mais estudiosa que o menino, eu acho que em alguns aspectos isso é verdade, porque, como ela disse, as meninas são mais perfeccionistas, elas querem, vão fazer, vão fazer direito, sempre com aquela perfeição que é o lado feminino que todo mundo tem. Porque eu acho que as meninas tem às vezes mais oportunidade que os meninos. Exemplo, às vezes no trabalho elas se esforçam mais pra alcançar os objetivos dela. E os meninos assim, eles são mais assim largados, não se importam muito com o futuro.” (PTU, MA)

“Eu acho que não porque as meninas sempre foram mais dedicadas do que os meninos.” (PR, RS)

“Por que as meninas assim algumas sonham em fazer faculdade essas coisas, e os meninos não alguns largam os estudos, outros caem na droga, essas coisas, daí as meninas querem mais ir para a faculdade, ser formar, ter algum um trabalho bom, e os meninos alguns, largam os estudos para fazerem outras coisas.” (PR, RS)

“Eu acho também que não porque tipo a menina pode arranjar um emprego mais rápido do que o guri porque tipo o guri não se dedica muito aos estudos e nem ao trabalho.” (PR, RS)

“Eu considero a mulher muito vencedora, muito mais que o, muito mais que, que o homem, pra mim. Na minha opinião, as mulheres são mais vencedoras do que o homens, nem sempre, entre aspas, nem sempre, mas, mas tem aquela, aquela coisa porque, primeiramente, de primeiro a mulher não tinha direito, e (ago) e hoje em dia não, hoje o nosso presidente é uma mulher, então assim eu me, assim eu me sinto muito legal sendo mulher porque a minha presidente é uma mulher. Risos.” (PR, PA)

“E... eu achei, eu achei, eu acho muito legal essa parte assim. Tem. O Lula não foi presidente? Agora tá sendo é a Dilma. E os dois governaram muito bem. Tem, tem futebol de mulheres e de meninas, de homens e de mulheres. Então isso é um direito que aí tem iguais de jogar o futebol, o direito de estudar num, num colégio bons.” (PR, PA)

O segundo maior grupo de meninas foi composto por meninas que responderam que “sim”, meninas e meninos tem as mesmas oportunidades, no ponto de vistas das capacidades e das possibilidades de escolher qualquer tipo de profissão: “uma mulher pode ser caminhoneira e um homem pode virar cabelereiro”. Segundo uma das

entrevistadas meninos e meninas “tem direitos iguais” e uma “mesma capacidade”. Assim quando um pode ser o que quiser “o que importa é a opinião”.

“Eu acho que os dois têm as mesmas oportunidades como uma mulher pode virar caminhoneira, um homem pode virar cabelereiro.” (PU, RS)

“Eu acredito que eles sejam iguais, porque todo mundo tem direitos iguais, tem a mesma capacidade.” (PU, RS)

“Na minha opinião os meninos e as meninas tem os direitos iguais tipo aonde numa firma onde só aceitam homens, mulheres também deveriam ser aceitas. Eu acho que é, cada um tem a sua opinião, não importa o eu posso ser pedreiro e qualquer um pode ser o que quer, vale a opinião de cada um.” (PU, RS)

“Eles têm sim a mesma oportunidade do que nós, mas poucos aproveitam, tipo como se um pai ajuda a menina ele vai ajudar o menino, mas ele não quer aproveita, oportunidade tem, mas ele não aproveitam.” (PR, RS)

“Antigamente quem sustentava a casa era os homens, agora não, a minha tia e ela quem sustenta a casa, meu tio só fica em casa, minha tia sustenta a casa, não tem mais diferença social, tipo todos podem fazer o trabalho, não tem mais preconceito como antes, dia de sábado ela esta trabalhando então o homem cuida da casa, não tem mais esta diferença entre os dois, tipo são todos iguais.” (PTU, MT)

Porque as pessoas, elas sempre dizem que as meninas tem que se preservar mais e isso acaba aprisionando mais as meninas do que os meninos. Do que eles deveriam ter os mesmo direitos. E na comunidade se uma pessoa ver a menina, é, brincando de carrinho, pode até ser com o irmão mais novo, mas mesmo assim eleja vai pensar de uma forma diferente do que deve ser. O que de certa forma até virar um preconceito. (PTU, MA)

“Eu acho que, meu nome é Giovana, eu acho que existem é, possibilidades de meninas gostarem das mesmas coisas que os meninos. Tipo como eu, que gosto tipo de andar de skate, tem meninas que também gostam de brincar com carrinho tem umas que não, vou falar só isso.” (PU, RS)

“Que nem, meninos muitos também se dedicam aos estudos e as meninas também, sonham em faculdades, em estudar, ser alguém. Nas empresas muitas vezes tu vê meninos vão ganhar estão ganhando mais que as meninas pelo fato de serem homens sempre vai ter essa diferença, mas também meninas querem crescer também e muitos meninos também, tem as meninas exceção e tem os meninos exceção também.” (PR, RS)

Uma parcela menor das meninas manifestou opinião de depende do contexto e que também existem oportunidades diferentes para meninas e meninos. Assim, enquanto na escola as oportunidades são iguais, já em casa e na comunidade as oportunidades são diferentes.

“Não, não. Em casa, na comunidade não tem. Na escola sim. Porque trabalho de mulher não e a mesma coisa de um homem, trabalho de homem e mais pesado, de mulher e leve, a gente faz limpeza em casa (risos).” (PU, MT)

“Eu acho que dependendo das oportunidades, tem oportunidades que são apropriadas mais para os meninos, mas tem meninas que fazem. Por exemplo, ai e agora, e agora, uma oportunidade que o menino faz se ele quiser. Vamos dizer de trabalho, claro que tem trabalhos mais para os meninos são mais apropriados para meninos, mas tem meninas que fazem, mas são muito poucas e dependendo das oportunidades para cada um.” (PU, RS)

“Eu acho que dependendo do tipo de oportunidade tipo se alguém pega vai lá e diz assim para o menino e para a menina, ah vocês querem jogar futebol, a menina vai ser mais, se menino e menina aceitar essa oportunidade, a menina vai ser mais excluída do tipo porque vai ter mais guri, porque é um esporte feito mais para guri. Agora atualmente existe futebol só de meninos e só de meninas e dependendo do emprego também só homens e só mulheres também eles misturam é isso.” (PU, RS)

“Na escola sim (várias vezes). Acho que sim... Eu acho que não, por exemplo... tem menino... Aí... menino saindo do futsal só porque as meninas tão entrando agora... Pois é, e às vezes alguns testes, algumas coisas também é mais para as meninas porque elas meio que são mais organizadas. Os esportes principalmente, porque tem meio que uma discriminação só porque é garota.” (PTU, MA)

“Bruna. Existem oportunidades diferentes para cada um, mas tipo, no mercado de trabalho, por exemplo, numa indústria onde eles precisam carregar caixas, lógico que vai ser preferencial o homem a mulher. E numa indústria, em contabilidade geralmente prefeririam porque ela se dedica muito mais pra essas coisas.” (PU, SP)

Sim, sim, não, mais ou menos. Não porque menino tem um jeito e menina tem outro jeito, sentido de ter outro jeito assim. No mercado de trabalho não tem as mesmas oportunidades. (PR, MT)

4.6.2.2) Amostra-Quilombola: Oportunidades

As opiniões das **adolescentes meninas, 11 a 14 anos** que participaram das entrevistas coletivas se diferenciaram dentre os estados onde estas ocorreram: as adolescentes meninas do Estado do Maranhão e de São Paulo avaliaram que os meninos tem mais oportunidades do que as meninas. Para as adolescentes de Maranhão o ponto central é que os meninos podem sair sem pedir os pais e as meninas/adolescentes não por serem mulheres. Os pais "deixam os meninos" irem para qualquer lugar e elas não podemos "porque são meninas". Os pais fazem mais a vontade dos meninos do que das meninas. Os irmãos quando com as meninas eles “brigam muito” com elas, assumindo o controle sobre elas, sobretudo em assuntos relacionados ao namoro. Já as adolescentes de São Paulo se focaram nas oportunidades de trabalho que de acordo com elas são maiores para os meninos.

“Não porque nossos pais deixam os meninos ir para qualquer lugar e nós não podemos porque somos meninas.” (Patrícia1, 11 – 14 anos, PR, MA).

*“Não porque os meninos são mais livres e as meninas não os meninos saem para qualquer lugar e quando nos saímos eles brigam muito com a gente eles dizem que a gente fica casando namorado vagabundando. O pai faz mais à vontade dos meninos do que a nossa.”
(Vanessa, 11 - 14 anos, PR, MA).*

“É que moleque tem mais oportunidade de trabalho, né? É, e as meninas é bem difícil assim... Os moleques saem mais para trabalhar em outros lugares, assim. Aí as meninas não, trabalha mais em casa, assim.” (PR, SP).

Já as adolescentes de Mato de Grosso responderam afirmativamente sobre as oportunidades iguais entre meninas e meninos sobre tudo por terem os mesmos direitos: *“Tem, sim. Porque tem os mesmos direitos, os dois podem fazer faculdade.”* (Entrevista Coletiva, PR, MT).

4.7) Se você pudesse escolher, nasceria menino ou menina?

A imensa maioria das participantes da pesquisa (90,6%) se pudessem escolher entre ter nascido menina ou menino, escolheriam ter nascido menina. Um grupo menor preferiria ter nascido menino (4,9%), outro percentual delas não respondeu ou não sabe (1,3%).

Quadro 27 – Se pudessem escolher você nasceria menino ou menina?

item	Alternativa	Números	Percentuais
01	Menina	1.453	90,3%
02	Menino	72	4,4%
03	Não sabe	17	1,1%
04	Não Respondeu	67	4,2%
	Total	1609	100%

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

4.7.1) Questões abertas

4.7.1.1) Amostra Escola

Argumentos apreciativos : “gosto da vida de menina”

Nesta resposta também um grande grupo das meninas que, se tiver escolha nasceria menina, reafirmou sua apreciação em ser menina: “é legal”, “muito bom”, “gosto muito”, “tenho orgulho de ser menina”, “é melhor”, “é diferente”, “sou feliz do jeito que eu sou”. Pelo tom do depoimento, para algumas esse gostar de ser menina foi resultado de um processo em que elas passam por “não ter nada contra ser menina” para “se aceitar como menina”.

“Pois é bom e eu gosto de ser menina, mas os direitos são iguais para todos.”

(13 anos, PR, RS)

“Porque me sinto feliz do jeito que eu sou.”

(11 anos, PU, RS)

“É mais legal porque tem mais coisa, não sei, é melhor e gosto de ser menina.”

(10 anos, PU, PA)

*“Porque eu acho que eu sou muito feliz eu só eu, se pudesse nascer de novo ,
nasceria do mesmo jeito.” (12 anos, PU,RS)*

“E muito bom ser menina como eu sou.” (8 anos PU, MT)

“Pois, desse jeito que Deus me fez e eu agradeço muito por isso. Eu tenho orgulho de ser menina.”

(11 anos, PTU, MA)

*“Pois acho que ser menina e legal, mais se eu fosse menino não acharia errado acho que cada um
e de um jeito e ser menina pode até ser chato ou legal mais ser menino também escolhi menina
pois já sei como é e não tenho vontade de mudar os dois são muito importantes igualmente.”*

(12 ano, PTU, SP)

Atributos: Ser menina “é ter mais atitude”

Como o ocorrido em outras respostas, a grande maioria das meninas responderam a sua preferência em ser menina pelos seus atributos. Os mais citados foram “Legal”, “bonita” (incluído linda e bela) “inteligente”. Em gradativamente em menor escala “educada”, “cuidadosa”, “vaidosa”, “feliz”, “comportada”, “estudiosa”, “obediente”, “divertida”, “meiga”, “organizada”, “elegante”, “especial”, “esperta”, “limpa”, “gentil”, “responsável”, “simpática”, “trabalhadora”, “charmosa”, “determinada”, “com atitude”, “extrovertida”, “fofa”, “interessada”, “jeitosa”, “quieta”, “sincera”.

“Porque eu gosto de ser menina. Eu acho que menina é ter mais atitude.”

(12 anos, PU, RS)

“Porque ser menina é ser muito inteligente porque ser menina é bonito, legal e especial, (...) minhas poucas palavras.” (14 anos, PR,PA)

“É delicada.” (7 anos, PTU, SP)

“É legal ser menina porque os meus colegas acham agente inteligente e os cabelos de gente meninas são lindos.” (11 anos, PR, RS)

“Menina é mais bonita.” (10 anos, PTU, MA)

“Menina é mais organizada, sabe se cuidar, é mais carinhosa, meigas etc.” (15 anos, PU, SP)

Possibilidades: “Brincar de boneca”, ter “cabelos grandes”, “usar salto alto”, “ter mais oportunidades”

Os aspectos mais destacados pelas meninas foram: as brincadeiras (boneca, comidinha, roda, bicicleta), fazer amizades, sair para se divertir, usar vestido, usar maquiagem, usar salto alto, ter cabelo liso e solto, se cuidar, ter filhos, ajudar a mãe, ter mais oportunidades, lutar contra injustiças, lutar contra indiferenças, jogar futebol, ser valorizada, conhecer coisas novas, ter futuro melhor.

“Para colaborar contra as injustiças cometidas e tentar mudar essas indiferenças.” (14 anos, PU, SP)

“Brincar de boneca.” (7 anos, PTU, SP)

“Porque eu acho que a menina tem um futuro melhor por ser legal. E pode fazer as coisas na casa.” (12 anos, PR, PA)

“Me sinto bem sendo quem sou. E meninas não tem coragem de bater em meninas isso faz com que eu possa bater nelas a vontade sem medir consequências.” (13 anos, PU, RS)

“Pode deixar os cabelos grandes e brincar com as meninas.” (9 anos, PU, MT)

“Porque ser menina eu acho melhor ter várias amigas e melhor passear juntas.”

(13 anos, PR, MA)

Descritivo: “Temos que aceitar o que somos”

Várias meninas registraram suas respostas com termos descritivos, algumas vezes tautológicos ou em tom de resignação diante do imponderável ou de uma fatalidade.

“Por que sim.” (PU, MT)

“Eu não tenho como explicar.” (12 anos, PR, MA)

“Porque temos que aceitar o que somos e não o que queremos.” (11 anos, PU, SP)

“De qualquer jeito eu sou menina.” (9 anos, PU, PA)

“Porque deus me quis assim” (13 anos, PR, PA)

“Porque é deus que escolhe não sou eu.” (9 anos, PU, MT)

“Deus me fez assim.” (13 anos, PU, SP)

“Porque eu nasci menina então devo me agradar com isso.” (14 anos, PU, MA)

“De qualquer jeito eu sou menina.” (9 anos, PU, PA)

7.1.2) Amostra Quilombola

A maioria das meninas/adolescentes quilombolas declararam como principais razões para a preferência por ser menina as possibilidades de diversão, lazer e prática de esportes: i) Brincar de “boneca”, “pula corda”, “panelinha”, “esconde-esconde”, “de pega-pega”; (ii) ter “muitos brinquedos”, “brincadeiras divertidas”; “divertir muito”; poder “praticar esportes”; (iii) “sair com amigas”, “para todos os lugares”; iv) ter

“amigas”, “ser feliz com as amigas”; v) “vestir de branco no casamento”, cuidar da casa e “cuidar dos filhos”.

Quadro 28 – Possibilidades Por Ser Menina (escolha entre ser menina ou menino)

Categorias e eventos/atividades	Total de registros
Categoria: diversão, lazer e pratica de esportes	17
Brincadeiras de vários tipos; declarações inespecíficas sobre brinquedos, brincadeira e pratica de esportes; sair com amigas	
Aspectos estéticos feminino	8
“Se arrumar”: “sair bem arrumadas”; “arrumar o cabelo” ,	
Possibilidades relacionais: amizade, namoro, tratamento dos pais	4
Ter amigas; ser feliz com as amigas; namorar; receber presentes e bom tratamento dos pais.	
Possibilidades de cunho mais tradicionais	1
Casar, cuidar da casa e dos filhos	
Possibilidades de trabalhar e igualdade de oportunidade	1
“Igualdade de oportunidades”; “trabalhar”; afazeres domésticos	1

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

“ Eu ganho muita coisa da minha mãe por ser menina.” (8 anos, PR, MA)

*“Pra mim, brincar de boneca, de panelinha, de esconde- esconde, de pega- pega.”
(8 anos, PR, SP)*

“Brincar de boneca, arrumar o cabelo.” (11 anos, PR, SP)

*“Porque deus mim escolheu assim mais eu gosto de menina porque eu tenho amiga.”
(14 anos, PR, MA)*

*“Eu me divertia com minhas amigas.
Poderia brincá de boneca e usar sapatilhas e (...) usa saias.” (12 anos, PR, MA)*

“Quando eu crescer serei uma mulher. É a mulher que passa mais tempo em casa, cuida dos filhos e se...” (12 anos, PR, SP)

“É muito legal, eu gosto de ser menina porque eu acho que menina é mais educada que menino e menina é mais amiga, mais companheira, tem mais oportunidades... Meninos também tem. Eu acho que tudo é igual.”

(12 anos, PR, MA)

Argumentos combinativos, o segundo maior grupo de meninas e adolescentes utilizaram tanto atributos quando termos que indicam as possibilidades combinadamente numa mesma resposta. Tanto atributos quanto possibilidades podem ainda vir individual ou conjuntamente combinados termos de apreciação pela condição de serem meninas.

Quadro 29 - Categorias Combinadas: Atributos, Possibilidades e Apreciação (escolha entre ser menino ou menina)

Atributo e apreciativo	18
Combina aspectos apreciativos e atributos: “menina é mais legal”, “mais compreendidas”, “tem mais responsabilidade” e “mais cuidadosas”	
Possibilidade e apreciativo	10
Sente bem em ser menina em razão de possibilidades como poder “usar maquiagem”, vestir “roupas de mulher; “andar cheirosa”, “vestir shorts”, “pintar as unhas”	
Atributo e possibilidade	9
“é muito legal” ser menina, elas “são mais educadas” e tem “mais oportunidades” do que os meninos; “se arruma mais”.	
Total	37

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Além dos atributos e acima mencionadas, as meninas/adolescentes ressaltaram os aspectos estéticos feminino. Elas podem brincar de boneca e fazer muitas coisas legais “que os meninos não podem fazer”, como por exemplo “vestir roupas de mulher”, “arrumar o cabelo, pintar as unhas”, “usar maquiagem”, e serem “charmosas” e “elegantes”.

“Porque é muito legal, as meninas brincam de boneca, fazem muitas coisas legais, os meninos não podem fazer.” (13 anos, PR, MA)

“Menina é mais arrumada que os meninos, nós usamos roupas diferentes todos os dias, nós andamos diariamente bem, somos bem tratadas quanto os meninos.”

(11 anos, PR, MA)

“Ser menina é melhor, menina é mais inteligente do que menino, eu gosto de ser menina. Eu me sinto menina.” (12 anos, PR, MT)

“Eu adoro ser menina, menina é tão bonita quanto os meninos. Meninos são chatos e meninas não, meninas são muito educadas, estudiosas e inteligentes quanto os meninos.”
(12 anos, PR, MA)

“Porque é muito bom, meninas fazem coisas legais, e podem praticar esportes.”
(13 anos, PR, MA)

“É mais linda que os meninos, são mais charmosas, inteligentes e educadas e os meninos são diferentes. Gosto de ser menina, tem muitas coisas na vida, que aproveitam exemplo: arrumar o cabelo, pintar as unhas e etc.”
(13 anos, PR, MA)

“Porque eu gosto de me maquiar me vestir, andar sempre arrumada, vestir shorts de meninas andar bem cheirosa e arrumar meus cabelos e pintar minhas unhas e é por isso que queria nascer ser menina.” (14 anos, PR, MA)

Por fim, algumas meninas utilizaram como justificativas das razões pelas quais se tivessem que nascer de novo escolheriam serem menina frases descritivas com pouco ou nenhum cunho opinativo nas quais afirmaram algumas possibilidades de atividades, objetivos ou preferenciais que ser menina/adolescentes se lhe oferecem.

“Quero estudar muito.” (8 anos, PR, PA)

“Eu quero brincar muito.” (PR, PA)

“Porque eu ajudo meus pais.” (10 anos, PR, MA)

“Porque usa roupa rosa.” (PR, MA)

4.8) Quando as meninas gostaria de ter nascido “ menino”

4.8.1) Questões Abertas

4.8.1.1) Amostra-Escola

As meninas sofrem mais discriminações e violências

A maioria das meninas que manifestaram o desejo de ter nascido menino, atribuíram a razão à falta de valorização, as discriminações e violências contra as mulheres. Meninos não sofrem como as meninas, meninas sofrem mais violência, meninas sofrem mais discriminação, meninas recebem mais críticas do que os meninos, os meninos tem mais respeito da família, “é muito chato ser menina”.

“Porque geralmente as pessoas criticam as meninas e os meninos não.” (12 anos, PR, RS)

“Porque meninos não sofrem muitos preconceitos, meninas não, já sofrem 100% do preconceito.”
(13 anos, PU, PA)

“Porque um menino não recebe muita violência e discriminação durante o dia a dia.”
(14 anos, PU, SP)

“É legal, não iriam falar que sou indefesa é muito legal.”
(9 anos, PTU, MA)

“Porque menino não é tão sensível quanto uma menina e na hora do sexo daí só na menina na hora de ter o filho a mulher que sente a dor. E afinal menina fica sofrendo pelo guri lá e o guri nem sempre sofre por uma menina e o homem quando fica com altas pega fama de pegador menina quando pega todo dia fica com fama de galinha.”
(11 anos, PU, MT)

“Porque geralmente as pessoas criticam as meninas e os meninos não.”
(12 anos, PR, RS)

“Porque meninos não sofrem muitos preconceitos, meninas não, já sofrem 100% do preconceito.”

(13 anos, PU, PA)

Essa discriminação das meninas não isenta o ambiente domésticos, pelo contrário, a casa é um dos seus *loci* de grande expressão:

“Menina é como uma escrava porque nós tem que cozinhar, passar, lavar, cuidar do irmão e irmã e tudo mais.” (12 anos, PU, SP)

“Porque, vou dar um exemplo, na minha casa meus irmãos homens alguns estudam e outros trabalham e as meninas parecem ser obrigadas a fazer as coisas em suas casas. Na minha opinião que deveria fazer era os meninos.”

(14 anos, PU, PA)

Os meninos são “melhores em matemática”, “tem mais liberdade”, “mais poder”.

Várias meninas gostariam de ser meninos pelos qualidades ou possibilidades atribuídas aos meninos, que muitas outras meninas buscam que buscam equidade de gênero contestaram: menino é melhor em matemática, menino têm mais força, melhor aceito na sociedade, menino brinca mais na rua, menino gosta de carrinho, menino é mais legal, é mais fácil ser menino, os meninos não precisam fazer tarefas domésticas, tem mais liberdade, tem mais poder, não ficam chateados, não sofrem abusos (sexuais) e tem “mais direitos” do que as meninas e são mais respeitados.

“Porque menino tem mais força e é muito inteligente em matemática e tem mais direitos que as meninas.” (12 anos, PU, MA)

“É mais fácil, pois não menstrua e o corpo não muda, e são melhores aceitos na sociedade.”

(10 anos, PU, SP)

“Por que os pais deixam mais soltos que é uma raça mais forte.” (13 anos, PU, RS)

“Porque eles tem mais liberdade.” (13 anos, PU, MT)

Meninos “não menstruam”, “não sofrem dores do parto”, “não tem preocupações com aparências”

Muitas meninas avaliam que ser menino “é mais legal”, que elas se sentiram melhor se fossem meninos que seria mais fácil, particularmente porque os meninos são mais respeitados, não menstruam, não engravidam, não sofrem as dores do parto e não precisam se preocupar com as aparências, não se apegam “tão fácil” e portanto não sofrem tanto por amor.

“Porque eu gosto muito de ser menino.” (10 anos, PU, SP)

“Porque a vida de menino é mais fácil, não tem que fazer tarefas domésticas, não sentem muitas dores que as meninas sentem, cólica, dor no parto. Meninos são menos sensíveis e não se apegam tão fácil, evitando assim de sofrer de amor e etc...” (14 anos, PU, SP)

“Porque menino não é tão sensível quanto uma menina e na hora do sexo daí só na menina na hora de ter o filho a mulher que sente a dor. E afinal menina fica sofrendo pelo guri lá e o guri nem sempre sofre por uma menina e o homem quando fica com altas pega fama de pegador menina quando pega todo dia fica com fama de galinha.” (11 anos, PU, MT)

4.8.1.2) Amostra Quilombola

Do total de 149 meninas/adolescentes quilombolas, muitas reconheceram as dificuldades em ser meninas e 7 delas (4,5%) afirmaram que gostariam de ter nascido “menino”. As razões foram diversas, primeiro pela apreciação negativa de aspectos vinculadas a condição de menina/mulher: por “não gostar” de ser menina e para não ter que passar por determinados sacrifícios da condição feminina como “menstruar”, “ter filhos”, sentir “dores na hora do parto”; ou pela identidade o gênero masculino, seja pela adequação aos modos de “menino”, pela possibilidade de fazer coisas que as meninas “não podem” fazer ou ainda para “ter poder” e “mandar”.

“Não gosto de ser menina.” (10 anos, PR, PA)

“Porque eu tenho maneira de um menino.” (12 anos, PR, SP)

“Não porque não pode ter filhos, não sente dor na hora do parto e porque não pode ter menstruação e porque não se sente humilhada.” (13 anos, PR, SP).

*“Os meninos podem fazer coisas que nós meninas [não] podem[os] fazer.”
(14 anos, PR, MA)*

“Porque é bonito ser homem, porque tem poder, mandar.” (12 anos, PR, MA)

4.9) Namoro, sexualidade, direitos sexuais, reprodutivos e gênero

4.9.1) Análise das Entrevistas Coletivas

4.9.1.1) Amostra- Escola

- **Interesse em namoro: com quem falam sobre o assunto e onde buscam informações sobre o tema**

Somente às meninas de 11 a 14 anos, nas entrevistas coletivas, foram perguntadas se elas conversavam sobre o namoro, em caso afirmativo, com quem(?)

- **Se conversam sobre o namoro e com quem**

A maioria absoluta das meninas/adolescentes da amostra-escola, mas não a totalidade, afirmou que sim que conversam sobre o namoro, a maior parte informou conversar com “as amigas”, “amigos”, “colegas”, particularmente da escola onde estudam, por que as amigas são pessoas com que elas podem contar, em razão de serem confiáveis e mais abertas para escutar o que elas têm a dizer.

“Eu converso com as amigas porque tipo eu sei que com elas eu posso contar “

(Raina, 12 anos, PR, RS).

“A maioria das vezes que eu converso sobre namoro assim com as minhas amigas porque elas são mais abertas é o que eu tenho para falar.” (Emanuele, 14 anos, PU, RS).

Em segundo lugar muitas declararam conversar com as mãe. Contudo, poucas declararam falar exclusivamente com a mãe, em geral elas declararam falar “também” ou “de vez em quando” ou ainda “às vezes” com a mãe. Uma das razões para conversar com os pais é porque eles querem o bem das meninas e a outra que tem amigas que são falsas e terminam espalhando os segredos umas das outras.

“Sim. Mais ou menos. (Meninas falam ao mesmo tempo). Eu converso com minhas amigas. Minha mãe (Meninas falam ao mesmo tempo). Porque eu acho que a gente deve confiar mais

nos nossos pais do que em amiga, porque tem aquela coisa de amiga falsa, você conta e ela sai espalhando. Nem todos os pais ouvem ou gostam da ideia. Exatamente. Os meus pais e a minha irmã. É o que falei agora pouco, que às vezes os pais acabam aprisionando mais as filhas mulheres e quando elas vão é, perguntar ou tentar falar com coisas desse tipo com os pais, eles acabam que tentando preservar mais as filhas porque eles tão achando que elas tão se saindo de mais ou coisa do tipo.” (PU, MA)

“Sim eu converso com amigas e de vez enquanto com a minha mãe”.

(Lara, 14 anos, PU, RS)

“Eu acho que eu converso as vezes com a minha mãe, e a maioria das vezes só com as minhas amigas mesmo” (Amanda, 12 anos, PU, RS)

“Eu converso com as minhas amigas e com a minha mãe também, e eu acho que é cedo ainda porque tudo tem o seu tempo (risos)” (Maiara, 14 anos, PU, RS).

Um pouco poucas meninas declararam conversar sobre namoro com as irmãs, pai e padrasto, tias, primos e primas, por que em geral são pessoas que lhes “quer bem”.

“Sim eu converso, com meu pai, com minha irmã, com minhas amigas, e eles conversam comigo só querendo o meu bem” (Andressa 14 anos, PU, RS).

“Eu converso com meu pai, com a minha mãe, e bastante com as minhas amigas também” (Isabele, 14 anos, PU, RS).

Finalmente, algumas meninas preferem conversar com a mãe das amigas, por ter mais liberdade do que com a própria família.

“Não. Eu prefiro falar com a mãe das minhas amigas, que eu tenho mais liberdade... A mãe da Júlia. Eu falo com a mãe dela e ela é mais mãe do que a minha mãe. Mas sabe. A mãe dela me dá muito conselho. Eu chego na casa dela e a mãe dela: “Ah, e aí tá namorando ainda?” Gente, eu tenho a minha liberdade pra falar com a mãe dela. Com a mãe da Ana. Da Júlia. Com a mãe de todo mundo. Com a mãe da Júlia, eu chego e ela que começa a falar as coisas. Por que tipo, ela confia em mim e na Júlia. Então a gente vai conversando e tal.” (Beatriz, 13 anos, PTU, SP)

A relação dos pais com a questão do namoro das meninas/adolescentes refletem as condicionantes de gênero, principalmente em razão dos meninos sempre terem “mais liberdade para namorar do que as meninas”. Esse maior controle sobre as meninas vem na forma de proteção contra sofrimentos ou riscos engravidar cedo, comprometer os estudos e conseqüentemente a carreira. O Reflexo desse controle pode ser “lido” nas atitudes registradas pelas participantes: algumas afirmam declararam ficar envergonhadas de conversar com os pais (mãe) ou por que sabem, de antemão, que “não vai dar certo” ou que a mãe não irá permitir o namoro.

“Eu converso mais com as amigas, mesmo porque sinceramente eu não tento conversar com o meus pais mais porque não vai dar certo” (Mayara, 12 anos, PR, SP).

“Meu nome é Nicole, e eu só converso sobre, com as minhas amigas, com a minha mãe eu tenho muita vergonha de conversar com ela” (Nicole, 10anos, PU, SP)

“Eu converso com as amigas. Eu só com amiga. Mais com as minhas amigas. Com as minhas amigas porque a minha mãe, ela não deixa. Ah, eu converso, (urh)”
(PR, PA)

Contudo, embora algumas encontram dificuldades em conversar com as mães outras tantos tem mais liberdade com estas por que o pai é mais “fechado” ou “mais esquentado”. Vale observar, no entanto, que esse tipo de comportamento do pai não pode ser tomado como regra geral pois em alguns lares o pai normalmente é a pessoa mais permissiva, como informou Nicole de uma escola particular de São Paulo.

“Sim eu já conversei com a minha mãe, com o meu pai e também mais com as amigas, mas assim mais com a minha mãe porque o meu pai é mais na dele e mais fechadão assim ele não gosta muito assim “ (Carla, 13, PR, RS).

“(…) mas conversar assim com os pais eu não converso assim, por causa com o meu pai ele é bem esquentado, e a minha avó não sabe de nada (risos)”
(Talita, 14 anos, PU, RS).

“Por que vai, eu prefiro namorar falando pra minha mãe, do que namorar sem falar pra minha mãe. Mas se eu falar pra minha mãe, não vai dar certo. Eu tenho certeza. Principalmente meu pai. Ele é da PM também. Ele é muito rígido. Se eu falar pra ele, ele vai falar um monte de coisa.

O alfabeto todo em cima de mim, entendeu? Ele dá muito sermão (...) Não sou eu que estou falando com o menino. Com as minhas amigas, eu falo normal. Mas eu acho que não está certo.

Se eu falar alguma coisa pra minha mãe ela vai brigar comigo. Então eu não tenho muita liberdade” (Beatriz, 13 anos, PTU, SP).

“Eu já conversei sobre namoro com o meu padrasto que é bem relex, mais relex do que o meu pai, já conversei com o meu pai também quase apanhei, mas eu tentei, eu tentei. Primeiramente eu conversei com a minha mãe, porque a minha mãe é sempre a base de tudo e depois a gente conversa com as minhas amigas, ah que tu acha dele, o que acha daquele é isso.”

(Valentina, 13 anos, PR, RS).

“Lá na minha casa é assim, minha mãe ela não deixa de jeito nenhum namorar. De jeito nenhum...Ela é legal. Mas só que ela não deixa eu namorar. Mas já meu pai...Meu pai é muito de boa. Ele deixa eu namorar, quando eu saio com ele. Ele fica zoando o namorado da minha irmã.

Ele fica perguntando se eu tenho namorado. Ele é muito legal. Mas essas coisas assim de namoro. Eu também falo com a minha irmã. Com a minha irmã a gente conversa bastante. Depois de um tempo, que eu terminei, e que a minha prima contou tudo pra ela. Eu comecei a falar mais com ela. A minha prima é tipo uma amiga. Por que ela estuda comigo.”

(Nicole 13 anos, PTU, SP).

Enquanto os meninos tem mais liberdade para namorar quando e com que quiser, as meninas enfrentam muito mais obstáculos para namorar. Os pais determinam a idade certa para namorar, querem arrumar o namorado para as filhas, sobretudo quando não gostam do “jeito” do namorado, pedem para conhecer o namorado para ver se ele “legal” para a menina. As intenções dos pais são várias: a moral de que menina “tem que ser toda certinha”; para evitar que ela comente “mesmos erros” cometidos pelos pais no passado; que garantam a mobilidade social não escolhendo qualquer “pé rapado”, sem futuro; e finalmente para evitar uma gravidez precoce que possa interferir nos estudos atrapalhando o projeto profissional e/ou ascensão social.

“Bom eu acho que a questão do namoro assim os pais, são bem mais dão bem mais liberdade para os meninos é claro. Para as meninas existem até um certo ponto, tipo ‘eu estou querendo ver teu namorado, eu quero conhecer ele, eu quero ver se ele é legal para ti, eu quero o melhor para ti, eu não quero que tu sofra’. Como se o pai passou por alguma coisa ou a mãe, ‘eu não quero que tu passe pelos mesmos erros que eu, cuidado, se cuida’, essas coisas de pai e de mãe,” (Talita, 14 anos, PU, RS)

“Meu nome é Jessica, eu converso mais com as minhas amigas e tipo, um menino pra chegar numa menina é mais fácil do que uma menina chegar em um menino, tem essa diferença, porque tem um monte de coisa, tipo a mulher tem que fazer um monte de coisas certinhas, e o homem já é aquele mais solto” (Jessica, 12 anos, PU, SP)

“Converso sim, com a minha mãe. Eu acho que tem uma diferença porque os meninos sempre vão ter mais liberdade para namorar mais do que as meninas. Porque os pais sempre vão querer conhecer, saber quem é, conhecer. E só.” (Sofia, 12 anos, PR, RS)

“E assim e por isso como tu vai conversar com a sua mãe ela não vai aceitar né, porque que nem ele tem o jeito dele né, aí tipo o teu namorado tem um jeito aí tua mãe não gosta do teu namorado assim, aí tipo ela quer arrumar teu namorado , aí é difícil isso eu acho que é isso.” (Carla, 13anos, PR, RS)

“Conversar sobre namoro, mas tipo assim com várias pessoas, com as minhas amigas assim mais próximas né, sobre o que que elas achavam por causa da idade, com a minha mãe uma vez a gente sentou para entrar no assunto assim não deu muito certo a gente acabou brigando lá, só que como lá em casa o meu pai ele é muito que meio que fechado ele acha que tudo é em determinado tempo daí a minha irmã é mais velha do que eu ela tem 21 anos e quando ela tava ela ia entrar na faculdade ela tinha 19, ela pediu para namorar para o meu ele disse que não, ou ela escolhia estudar ou escolhia o namorado ela disse que ia tentar fazer as duas coisas meu pai disse que não” (Samanta, 13 anos, PR, RS).

Hum, com as minhas amigas. É tem umas meninas que nem querem saber de namoro, quer saber mais de faculdade, pensa mais no que quer ser quando crescer. A minha mãe fica falando assim (...) que não quer nem saber de namoro, ela só quer saber no que eu vou ser quando crescer, e que eu vou fazer faculdade, essas coisas.

(Giovana, 11 anos, PR, SP).

Dentre as poucas meninas que declararam não conversar sobre namoro, as razões foram por não ter a “idade certa”, como declarou Briana de 11 anos, ou pelos obstáculos que os pais podem colocar, como alegou Carol de 13 anos.

“Não porque eu acho que não estou na idade certa” (Briana, 11 anos, PU, RS)

“Não. (Não fala com ninguém sobre namoro.) Eu acho que não vai adiantar porque, porque os meninos podem fazer um pouco mais e já as meninas não porque elas tem que, os pais pedem para conhecer e tal” (Carol, 13 anos, PR, RS)

Comparativamente com as meninas da amostra-escola, as meninas e adolescentes meninas quilombolas também de 11 a 14 anos responderam sobre se elas conversavam sobre o namoro, em caso afirmativo, com quem... de forma similar: A grande maioria das meninas quilombolas, mas não a totalidade, afirmou que sim que conversam sobre o namoro. Dentre estas, a maior parte informou conversar com “as amigas”, “amigos”, “colegas”, particularmente da escola. Umhas poucas declararam conversar sobre namora com as “irmãs”, “tia” e “de vez em quando com a “mãe”.

- **Onde ou com quem buscam informações sobre namoro**

A pergunta onde ou com quem vocês buscam informações sobre namoro obteve respostas semelhantes à questão sobre se elas conversam sobre namoro e “com quem?”

As respostas das meninas e adolescentes meninas da amostra escola que participaram das entrevistas coletivas foram variadas: num primeiro grupo, com dez e mais menções, as meninas/adolescentes declararam buscar informação sobre namoro principalmente

com os pais (27 citações), as amigas ou amigos (15 menções) e escola pública (10 registros). Num segundo grupo, entre cinco e nove registros, primas (7 vezes), tias (6 vezes) e Internet/redes sociais (6).

“Eu falo, peço para minha mãe e as vezes tem palestras na escola que também ajuda bastante” (Lara, 14 anos, PU, RS)

*“A maioria das vezes é na internet e na escola que a gente aprende com os amigos e amigas”
(Emanuele, 14 anos, PU, RS)*

*Eu tenho muita liberdade com a minha mãe. Desde quando eu comecei a namorar assim, a minha mãe me levou no médico. Eu nunca fiz nada com o meu namorado. Mas ela manda eu tomar anticoncepcional do mesmo jeito. Minha mãe. Ela diz “Mesmo que você não vai fazer. Mas se um dia você tentar fazer você está prevenida.” Ela sempre me deu todos os conselhos. Minha prima também. Ela é muito minha amiga. Me conta tudo. Me conta até os detalhes do que ela faz com namorado dela. É muito estranho. Meu irmão ele me fala. Antes ele ficava com muita menina, antes de começar a namorar. Ele me contava tudo. Depois de namorar ele ainda me fala. Meu pai fica naquelas assim: “Eu prefiro não saber. Não vou comentar”. Por não querer saber que a filha dele faz essas coisas. (Conversa). Mais com as amigas.
(Camila, 14 anos, PR, RS)*

*Não, eu também nunca procurei falar com outras pessoas assim, mas nas escolas eles mesmos vêm falar com a gente sobre essas coisas do namoro, adolescência, mas eu nunca fui falar. Ah, tipo para tomar cuidado, já tipo já teve várias palestras disso aí, aqui na escola para a gente saber, mais sobre a adolescência que vai mudando o corpo assim, mas assim eu não procuro.
(Carla, 14 anos, PU, RS)*

Em menor escala foram registradas, todas com uma ou duas menções: Irmãos mais velhos, amigos dos irmãos, Pessoas mais velhas, que já namoraram, fofoca na rua, Revistas, Sozinha Madrinha e Televisão . Vale ressaltar que quatro meninas/adolescentes entrevistadas afirmaram não conversar sobre namora e por essa razão não indicaram a fonte onde buscaram informações sobre a temática.

Em contraste com as meninas que participaram das entrevistas coletivas da amostra escola, as meninas/adolescentes quilombolas buscam informações sobre namoro num leque um pouco menor de fontes, mas as principais delas foram coincidentes, alternado apenas a ordem de recorrência em alguns casos: a maior parte declarou buscar informação sobre namoro em primeiro lugar com as amigas e em seguida com parentes, particularmente primas e irmãs. Já as meninas/adolescentes do Pará e de São Paulo afirmaram buscar informação principalmente com a “professora”. Pelas declarações das meninas/adolescentes do Estado do Pará, as professoras também abordam o tema pela perspectiva do perigo e não de suas potencialidades: *“A professora já sim, que ela falou que não era pra nós namorar ainda, que nós não tinha nem idade, que nosso namoro era no quadro (risos)”*

Pais, principalmente a mãe, e amigas alternam na relação de pessoas mais confiáveis para falar de namoro entre as adolescentes meninas que participaram das entrevistas coletivas das amostras escola e quilombola. O fato de na contagem geral as adolescentes da amostra escola ter afirmado conversarem mais sobre namoro com as mães e as quilombolas com as amigas e professoras pode ser indicativo de um grau diferenciado de “tradicionalidade” ou de uma cultura afetivo-emocional. Contudo, vale indicar que essa variação entre pais e amigas foi registrado também internamente à cada segmento dependendo do contexto e tipo de escola em que o grupo de entrevista coletiva foi realizado.

Em que pese que a maioria das participantes afirmaram poder conversar sobre namoro com entes familiares, vale ressaltar que é muito grande o número de adolescentes meninas que não encontram espaço dentro de casa para conversar esse tema é apenas ligeiramente inferior ao daqueles que sim encontram ambiência familiar para tal diálogo. Embora não possa ser tomado como regra geral, o pai oferece para as adolescentes o foco de maior dificuldade ou resistência.

Subjacente à essa dificuldade de tratar do tema com os familiares, encontra-se definitivamente uma questão de gênero. Em geral adolescentes da amostra escola e quilombolas, a partir dos 12 anos acima, particular entre 13 e 14 anos, reclamam do controle dos pais sobre elas e a correspondente maior liberdade para os meninos namorarem.

Essa “discriminação” velada de gênero é sentida na tanto na forma quanto no conteúdo das abordagens das conversas, particularmente com pais e professores. A forma é o discurso da proteção do tipo ‘digo isso para o seu bem!’ e o conteúdo é abordado na perspectiva dos riscos e não do seu potencial de realização afetiva. Esses entes alertam para os riscos engravidar cedo, comprometer os estudos e conseqüentemente a carreira.

As conversas entre pares ou membros da família onde existe uma relação afetiva mais próximas ou pessoas mais velhas e mais experientes foram preferidas como espaços de troca e aprendizagem. Contudo, mesmo as fontes mais seguradas podem produzir efeitos não desejados como a falta de sigilo das ‘amigas falsas’.

As fontes de informação sobre namoro mais tradicionais vem sendo ampliadas com o advento da internet, particularmente das redes sociais virtuais. Contudo, a inclusão digital ainda não ampla o suficiente para agregar o universo pesquisado: são as meninas da amostra-escola do contexto urbano quem mais se beneficiam dessas possibilidades.

- **Onde ou com quem buscam informações sobre sexo e sexualidade e a responsabilidade de prevenção da gravidez**

As adolescentes meninas, de 11 a 14 anos, da amostra-escola, que participaram das entrevistas coletivas, nos deram contas das dificuldades relacionadas ao tema da sexualidade na idade em que estão vivendo seja na forma de não resposta para questão, nas respostas breves ou mesmo, em estados como o Rio Grande do Sul, nas respostas longas porém individualizadas. Também por meio das falas ao se referir à sexualidade

“disso”, “dessas coisas”, “esse tipo de coisa”. Como afirmou Valentina, 13 anos de uma Escola Pública Urbana, do Rio Grande do Sul, “*não tem menina que não fica encabulada para falar sobre isso*”.

Eu não pergunto para ninguém (Luana, 12 anos, PU, RS)

Eu não costumo falar dessas coisas, mas as minhas amigas sempre ficam falando assim dessas coisas assim (Aline, 11 anos, PU, RS).

Eu não costumo falar dessas coisas (Exchilyn, 14 anos, PU, RS).

Eu não procuro saber muito disso porque eu acho que ainda é muito cedo assim para a minha idade, embora eu tenha muitas amigas falando sobre isso e às vezes chegam à sala desesperadas achando que estão grávidas e não tão. (Samanta, 13 anos, PU, RS).

Eu não procuro ficar sabendo nada sobre isso, mas eu acho que é normal hoje em dia gente da minha idade tendo filho fazendo sexo e é isso. (Milene, 13 anos, PU, RS)

- **Onde ou com quem falam sobre sexo e sexualidade**

Mesmo que várias adolescentes não falem com “ninguém” sobre sexualidade ou apenas “escutem falar” sobre a temática, o maior conjunto delas dos cinco estados pesquisados afirmou conversar sobre o tema com as mães. Contudo, como pode ser observado pelo depoimentos abaixo, a conversa muitas vezes soa como um conselho ou alerta para os potenciais perigos ou consequências. Algumas mães lançam do recurso ginecologista para explicar as filhas sobre a sexualidade ou fiscalizarem sobre a perda ou não da virgindade.

“Minha mãe também porque ela fala assim, que quando tem a idade certa e o tempo, ela conversa.” (Entrevista Coletiva, 11 - 14 anos, PTU, MA).

“Com meus pais (Várias vozes). Com minha mãe... Ela diz assim “Você só pode beijar na boca, mas não fazer aquelas coisas. Você ainda é muito nova”. Minha avó é mais aberta do que minha mãe, minha avó ela fala assim “se eu não te falar aqui, é, eu que tenho que te ensinar porque os outros te ensinando, vai ser de um jeito muito pior”, eu prefiro minha avó.”

(Entrevista Coletiva, PTU, MA).

“Embora eu não faça, eu não pratique tipo por eu ser muito nova eu sempre procuro conversar com a minha mãe porque a minha mãe procura me explicar, não é porque ela não quer que eu faça assim na minha idade, é porque eu preciso saber por que quando eu começar a fazer esse tipo de coisa eu tenha uma noção dos cuidados que eu tenho que ter das preservações e de tudo né, daí ela vem conversa comigo, procura me ensinar tipo botar na minha cabeça que tá muito cedo, e botar na minha cabeça também que eu tenho que me cuidar porque tipo eu tenho muitas pessoas da minha família que no caso são exemplo para mim que de exemplo que eles me dão de filho muito nova que nem a minha prima ficou grávida com 14 anos isso é um baita de um exemplo para mim né, é isso.” (Jully, 13 anos, PU, RS)

“A minha mãe também porque a minha mãe ela fala muito sobre esse assunto comigo, pra eu tomar cuidado. Porque ela diz que eu tenho que saber sobre isso, porque faz parte da realidade e um dia eu vou sentir vontade de fazer e que (meninas riem), mas é, e que eu tenho que saber as consequências, o que é que traz.” (Entrevista Coletiva, 11 - 14 anos, PTU, MA).

“Eu converso isso com a minha mãe e com o meu ginecologista tipo a minha mãe me obriga a ir no ginecologista para mim saber sobre essas coisas, ah eu fico meio encabulada é porque tipo nenhuma menina gosta de ah vamos falar sobre sexo, ehhhh. (risos) não tem menina que não fica encabulada para falar sobre isso.” (Valentina, 13 anos, PU, RS)

A escola ou melhor os professores e as professoras foram o segundo segmento mais mencionado pelas adolescentes como sendo com quem elas mais se informam sobre o tema, os professores de ciências foram particularmente lembrados pelas adolescentes.

“Na Escola... Com os professores. Professores ensinam muito sobre isso... principalmente o de filosofia. Também na aula de ciências.” (Entrevista coletiva, 11 a 14, PU, MA).

Diferentemente das respostas para questão sobre namoro, na qual as amigas, colegas figuravam com as mães no topo das possibilidades ou preferencias para conversar, aqui este grupo social foi mencionado em terceiro lugar juntamente com as redes sociais (internet) e outros órgãos dos meios de comunicação de massa.

“Na escola... Com minha colega. Aonde? Em qualquer lugar que a gente ta andando conversando. Na rua, a gente vai passando ai os meninos ficam falando besteiras atrás da gente” (Entrevista Coletiva, grupo 11 a 14 anos, EPU, MT)

“Não, eu acho que alguns familiares, até amigas, sei lá, assim. A prima amiga, ela pode tirar as nossas dúvidas. A prima mais velha que é muito amiga, até porque a gente se sente seguro por tá na família e se sente bem por ser uma amiga.”

(Entrevista Coletiva, PTU, MA).

“Eu tenho um amigo meu que ele é tipo como é que eu vou lhe dizer eu converso mais sobre isso com ele do que mais com a minha mãe e com o meu ginecologista, meu ginecologista é homem ele chega e começa a fazer pergunta tipo como se fosse teu parente mais próximo, e eu não gosto disso, por que ah eu não o que eu penso é que eu não tenho que responder isso eu não quero responder, e com o meu amigo não ele já pergunta e eu já me não fico tão encabulada assim porque a gente é bem amigo.”

(Valentina, 13 anos, PU, RS).

“Em revistas. Internet... No facebook (duas ou três garotas falam ao mesmo tempo).”

(Entrevista coletiva, 11 a 14 anos, PU, MA)

Além de deixar “encabulada” muitas meninas, o tema da sexualidade aparece relacionado a várias formas de pressão social, seja pelo tabu que o tema se encontra envolvido, pela pressão dos pares, dos pais e profissionais, para saber sobre o status da “virgindade” das adolescentes. Assim, uma das meninas afirmou que costuma fazer pesquisa sobre a temática na internet e, depois, “apagar” o histórico, certamente com receio de receber castigos; pessoas próximas ficam perguntando insistentemente se as meninas se as meninas estão pensando em fazer sexo; mães obrigam as meninas irem ao ginecologista nem sempre por razões altruísticas mas para saber se ainda são ou não virgens; mães ameaçam meninas de ter reação violenta se a adolescente tiver relação sexual “muito cedo”; e adolescentes indagam outras adolescentes se a perda da virgindade pode ser, de alguma maneira, evidenciada pelo porte do corpo.

Várias adolescentes do Rio Grande do Sul expressaram o desconforto delas com os questionamentos (dúvidas) dos 'guris' e de alguns profissionais da área da saúde sobre a virgindade delas em razão de elas embora muito novas 12 e 13 já possuíram corpos bem desenvolvidos como mulheres adultas. Assim essas adolescentes denunciam a existência de uma certa crença de que quem tem um "baita de um corpo... não é mais virgem", como declarou Vitória, 12 anos, de uma Escola Pública Urbana do Rio Grande do Sul.

"Tiro minhas dúvidas na internet, depois eu apago no histórico"

(Helena, 13 anos, PU, SP).

"A minha (...) principalmente como ela faz enfermagem ela está fazendo uma aula e é exatamente sobre isso e ela fica perguntando para mim várias vezes se eu já pensei nisso, mas eu acho que não é apropriado para a minha idade."

(Emillyn, 12 anos, PU, RS)

"Eu não busco isso, porque eu acho que eu não tenho idade e minha mãe me disse que o dia que eu tiver uma relação sexual é para eu contar para ela, e ela disse que se eu tiver uma relação sexual muito cedo ela disse que vai quebrar a minha cara, eu não busco saber disso, mas a minha colega ela adora falar sobre disso e ela fica falando para a gente sabe, mas não fico ligada para essas coisas." (Alice, 13 anos, PU, RS)

"E minhas amigas ficam me perguntando e eu perguntei para minha mãe já se o corpo tem haver em ser virgem ou não, ela disse que depende dos hormônios, que tem meninas que tem mais hormônios, os hormônios delas são mais avançados não sei, por causa da carne que eles botam mais hormônios nos bichos parece eu não sei e daí quando a gente come os hormônios dos bichos vem para a gente e sei lá tem mais corpo." (Emillyn, 12 anos, PU, RS)

No caso muitas pessoas, principalmente guris no caso fazem muita perguntas dessas para a gente coisas assim e tipo no caso se a gente diz que é virgem e coisas assim tipo eu procuro não dizer muito da minha vida para os guris, principalmente para os que eu não conheço, mas eles vem zoa da nossa cara e diz não sei o que, e muitas pessoas ficam

julgando as gurias porque tipo tem corpo e tipo a pessoa que é muito corpuda para a idade dela já deram ah aquela dali já e coisas assim né isso eu acho muito constrangido para uma guria. (Jully, 13 anos, PU, RS)

A perspectiva comparativa entre as entrevistas coletivas das adolescentes da amostra escola e das quilombolas evidenciou algumas diferenças: tanto os índices de não respostas quanto das que responderam “não falar com ninguém”, foram maiores entre as populações quilombolas do que na amostra escola. Embora estas compartilhem como possibilidade de conversar e buscar informação sobre sexualidade com as amigas (mais velhas) e professores, chama atenção que praticamente nenhuma adolescente quilombola afirmou falar com suas mães ou outros membros das família.

- ***A responsabilidade por prevenir gravidez precoce***

As adolescentes participantes dos grupos de entrevistas coletivas concordaram, na sua imensa maioria que a responsabilidade de prevenir gravidez precoce é tanto das meninas quanto das meninas. Contudo, muitas ressaltam que no final das contas a responsabilidade fica maior para as meninas por que são elas que engravidam. Um poucas adolescentes opinaram que a responsabilidade maior deve ser dos meninos. O contexto urbano rural não significou diferenças substanciais.

Para aquelas que responderam que são os dois o argumento em geral é sobre a responsabilidade compartilhada seja porque ambos sabem como se prevenir ou sabem onde buscar informações sobre prevenção. Essa responsabilidade compartilhada se estende em caso de ocorrer a gravidez ou que a criança nasça. Contudo, as adolescentes do grupo coletivo de São Paulo lembrou da dificuldade de usar métodos preventivos na hora “h”. Não faltam história de gravidez indesejada cujos pais da criança não assumiram a responsabilidade conjunto para alimentar o imaginário social das meninas da necessidade de prevenção: a gravidez “estraga o futuro da menina”. E também é presente nesse imaginário social o preconceito de ‘prostituta’ para adolescentes que

possui filhos. A seguir transcrevemos a resposta da entrevista coletiva para a questão 'de quem é a responsabilidade de prevenir a gravidez precoce:

“Os dois são responsáveis.... O problema é que no fervor da hora você vai esquecendo tudo... O menino não quer saber se você esqueceu ou lembrou... você tem que se prevenir antes. Estar com tudo...É por que se não as consequências são muito grandes. As consequências são muito grandes.” (PTU, SP)

“Ter um filho não é brincadeira. O menos pior é ter um filho, por que um filho não é uma doença. Não é uma desgraça, é uma vida. Uma pessoa que tá nascendo.” (PTU, SP)

“(...) Você [pode] pegar uma AIDS aí [ou outras] doenças transmissíveis como gonorréia [e ter que ficar] tomando coquetéis de remédio [por] qualquer coisinha, qualquer gripe que você pegar. Por que AIDS você não vê uma pessoa de 70 anos viva. Morre muito cedo. E por um descuido seu, você vai pegar uma doença que vai te condenar o resto da vida?” (PTU, SP)

“Por que um filho não é uma desgraça, não é uma doença. É uma vida que tá nascendo. Mas na adolescência você ter um filho, você estraga a sua vida, totalmente. Você não tem mais vida.” (PTU, SP)

“Eu acho que os dois tem que prevenir. A mulher tem que estar tomando anticoncepcional e o homem tem que usar camisinha. Pra se prevenir contra o filho ou pegar uma doença. É e também tem a camisinha feminina, né?” (PTU, SP)

Outros depoimentos de adolescentes de outros estados confirmando o conteúdo da fala das meninas de São Paulo:

“Os dois os dois, os dois fazem, os dois cuidam...” (Entrevista Coletiva, PU, MT)
“Eu acho que é os dois porque se um se previne o que adianta se o outro não está se prevenindo, é claro que vai acontecer que nem vamos dizer o homem tá vez com a mulher se preveniu e se o homem não se preveniu, tem casos até de doenças que podem passar e até prejudicando a tua vida até eu acho que os dois tem que se prevenir na hora eu acho” (Vitoria, 12 anos, PU, RS).

“Eu acho que os dois têm que se prevenir porque eu acho que os dois, os dois do mesmo jeito porque a menina se ela for muito nova como a outra menina falou ela vai sofrer muito com isso, não que seja bom ter um filho, eu acho que é sei lá (risos). Ela vai sofrer muito por que ela vai perder um bom tempo da vida dela sabe tipo a vida toda dela e o menino porque ele tem que ter a responsabilidade porque não é só fazer o filho e deixar eu acho que é isso.” (Alice, 13 anos, EPU, RS)

Conquanto a responsabilidade seja dos dois menino e meninas, as muitas das entrevistadas acreditam que as meninas possuem um papel diferenciado expresso nas palavras “mais a menina”, “principalmente as meninas”, “vai da menina se interessar”.

*“Eu acho que menina é mais, ai como é que eu falo, menina previne assim fala para o menino e é isso”
(Aline, 11 anos, PU, RS).*

*“Os dois são responsável, porque o que um não quer os dois não fazem, mas sempre a meninas ela é mais responsável, ela pensa mais porque o menino ele vai mais no calor do momento, ele pega ah esquentou as coisas ele vai, a menina não ela pensa mais. E a menina é que vai sofrer, é a menina que vai ter que largar os sonhos dela para criar o piá e tudo mais”
(Patrícia, 13 anos PR, RS)*

*“Os dois. Acho que os dois. É dos dois. Os dois tem a mesma responsabilidade. Mas vai da menina se interessar, porque o homem não liga muito pra isso. Porque homem é tudo”
(Entrevista Coletiva, 11 - 14 anos, PR, PA)*

*“Os dois... meninos ...meninas. Os dois porque, às vezes, quanto mais proteção melhor. Então isso cabe tanto à menina quanto o menino. Ele, fazer a parte dele, usar preservativo, e a menina também. Os dois. Mas principalmente a menina, porque menino não engravida. Ele se previne porque previne pra não assumir o filho no futuro. Da doença também. Os dois, porque se eles vão fazer é porque os dois querem, então eles tem que ter a responsabilidade deles. Concordo. Ah, os dois também. Mas acho que mais a menina, porque é ela que vai passar com a criança na barriga. Eu acho que os dois porque se eles não quiserem, eles se previnem, se quiserem...”
(Entrevista Coletiva, 11 - 14 anos, PTU, MA).*

As meninas e adolescentes que opinaram por uma maior responsabilidade dos meninos se baseia numa ética do cuidado dos meninos com as meninas.

“Eu acho que os meninos deveriam ter mais cuidado porque as meninas nunca querem engravidar antes do tempo, eu acho que é uma responsabilidade dos meninos”

(Briana, 11 anos, PU, RS).

“Meninas ... Os dois... Meninos... Eu acho que é os meninos. Porque ele tem que se prevenir. Porque assim como o homem tem que se prevenir, a mulher também. Porque não vai ser só a mulher que não vai querer fazer o menino”

(Entrevista Coletiva, 11 a 14 anos, PU, MA).

No caso das meninas e adolescentes quilombolas que participaram dos quatro grupos de entrevistas coletivas, poucas responderam essa questão. As opiniões das que a responderam estiveram divididas: Verificou-se uma ênfase na responsabilidade dos dois “meninos” e “meninas” pelas meninas do Estado do Maranhão e Mato Grosso. Como sinalizou Bianca, 11 a 14 anos, Escola Pública Rural, Maranhão, “ninguém sabe quem tem a doença” ou Vanessa da mesma área e escola “dos dois porque se um ou outro tiver doente vai passar para o outro”.

As meninas/adolescentes de Codó, Maranhão, se queixaram que muitos meninos/adolescentes “fazem sexo sem prevenir”. Contudo, duas das adolescentes do Estado do Maranhão, avaliaram que são as meninas a se prevenirem contra a gravidez precoce: a menina tem saber se cuidar. Opinião compartilhada pelas meninas/adolescentes do Estado de São Paulo, embora sem entrar em maiores detalhes e especificações. Por sua algumas meninas/adolescentes da escola quilombola de São Paulo acreditam que são “os meninos”, também sem oferecer mais argumentos justificativos.

Observou-se uma tendência geral entre as amostras escola e quilombolas de acreditar que a responsabilidade de prevenção da gravidez precoce deve ser compartilhada entre meninos e meninas. Em ambas amostras, constatou-se a existência de meninas/adolescentes que avaliam que essa responsabilidade é “mais” das meninas ou “mais” dos meninos. A ênfase maior no papel das meninas foi maior nos dois grupos pesquisados, particularmente entre a amostra de meninas/adolescentes quilombolas.

Chama a atenção contudo, dentre as meninas/adolescentes da amostra escola que participaram das entrevistas coletivas a representação negativa da sexualidade como cheia de riscos de contrair doenças e da gravidez como um peso, uma “culpa”, um sacrifício, um estorvo para a carreira e o futuro.

- **Responsabilidade de prevenir doenças sexualmente transmissíveis.**

As grande maioria das meninas acreditam que a responsabilidade de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis deve ser tanto das meninas quanto dos meninos. Dos quatro grupos de entrevistas coletivas do Estado do Maranhão dois opinaram por ser as meninas. Contudo, neste item sobre doenças transmissíveis observou-se uma tendência de meninas do Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso em afirmar que os meninos tem “mais” responsabilidades por que são menos confiáveis do ponto de vista de prevenção de doenças.

Assim os argumentos de que a responsabilidade deve ser compartilhada entre meninos e meninas pelas seguintes razões: Não adianta um só prevenir, pois os dois estão correndo o risco; se você não se previne que garante que o outro vai se prevenir; “ambos não vão querer a doença”; os dois tem a responsabilidade de ir ao médico, fazer os exames de rotina, não ter vergonha de perguntar, saber o que tem e informar o parceiro em caso de ter doenças; comunicação -- sem esta não existe como saber se o parceiro tem ou não uma doença – e o uso de preservativos são indispensáveis; cada um tem a obrigação ética de cuidar do parceiro ou parceira; é fácil prevenir hoje em dia pelos recursos disponíveis

(camisinha); as doenças podem trazer consequências trágicas: “muitas dessas doenças não tem cura e isso acaba trazendo a morte”; se um dos dois contrair doenças os dois tem culpa pois um deveria ter perguntado para outro se possuía alguma doença ou não.

“Eu acho que os dois tem que se prevenir de qualquer jeito porque mesmo que só um se previna como eu falei antes pode ocorrer de passar a doença.” (Milene, 13 anos, PU, RS)

“Os dois, porque se você não se previne, quem, porque que você garante que os outros vão se prevenir.” (Bruna, 14 anos, PU, SP).

“Eu acho que os dois porque tem que se prevenir, tem que ir ao médico fazer os exames de rotina e informar o parceiro que tem essa doença e que tem que se tratar” (Emanuele, 14 anos, PU, RS)

“Eu acredito que do casal se um tem a doença ele deveria ter falado, comunicado a outra pessoa, eu não sei se os dois têm culpa porque se uma não saber da doença do outro. É eu acho que teria que ter ido no médico e tudo mais, mas tem que usar preservativos e o outro mesmo assim teria que ter comunicado ao outro que tinha a doença” (Maira, 14 anos, PU, RS)

“Eu acho que os dois tem que se prevenir porque a doença não passa só de um para o outro, os dois podem se transmitir dependendo se só o menino tem, não adianta só o menino usar camisinha a menina também tem que se prevenir porque mesmo com a camisinha eles podem passar porque como a minha mãe falou a camisinha fura e pode acontecer outras coisas.”
(Emillyn, 12 anos, PU, RS)

“Se um, tipo um homem e uma mulher, se eles vão fazer isso, eles tem que se cuidar, um tanto tem que cuidar de um, e o outro tem que cuidar do outro. Mais se você pode se, você talvez você não se cuide, achando que outra pessoa vai se cuidar, e assim você vai acabar pegando doença.
Eu acho que são os dois” (Jessica, 12 anos, PU, SP).

“Dos dois sempre porque é tão fácil pode pegar camisinha de graça, além de evitar a gravidez ainda não fica doente, é tão simples (risos)” (Patrícia, 13 anos, PR, RS)

Pelo menos dez meninas avaliaram que os meninos tem maior responsabilidade. Algumas não sabiam explicar bem por que, outras lembraram que uso da camisinha tem papel importante na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

“Dos meninos. Bom não sei por que, mas acho que é dos meninos sim”

(Talita, 14 anos, PR, RS)

“Eu acho que é dele porque tipo como eu falei, porque é ele que vai, tipo ela só vai. Ah não sei explicar” (Juliana, 13 anos, PR, RS)

“Vamos dizer que normalmente são os dois tem que se prevenir né porque tanto a mulher quanto o homem hoje em dia tem a doença, mas na verdade é o homem porque quem usa camisinha é ele quem vai transmitir para a mulher é ele, é isso”

(Jully, 13 anos, PU, RS)

“Também acho que é dos dois mas eu acho que o menino tem que ter consciência do que que ele vai fazer com a guria, se ele chega a ter alguma doença né eu acho que é mais importante ele”

(Andressa, 14 anos, PR, RS).

A perspectiva acima colocada fica mais clara quando algumas adolescentes opinaram que a maior responsabilidade deve ser das meninas. Contudo, a base do arrazoado vem da ideia de que “ela” deve se prevenir pois não se pode confiar nos homens: o “menino pode ter a doença”, meninos “pegam mais doenças” do que as meninas.

Meninos... Meninas. Os dois... As meninas mais prejudicadas. Porque elas são mais prejudicadas com as doenças... então elas tinha que se cuidar melhor... Porque na hora que tem que fazer as coisas... é ele. Quem tem que se prevenir é eles, pra poderem as meninas ficarem prevenidas também. São as meninas, porque os meninos não engravida. Não a ideia também tem que partir dele, não só dela. (PR, MA)

Dos dois. Dos dois. Porque os meninos podem pegar mais doença que a menina

(PR, MT)

4.10) Quais são seus sonhos para o futuro?

A grande maioria das meninas e adolescentes, tanto da amostra escola quanto quilombolas, que participaram da pesquisa (entrevistadas individuais e coletiva), conceberam seus sonhos para o futuro em termos de possuir carreira, profissão, ou estratégia de sobrevivência. O segundo maior grupo de meninas adolescentes apresentou sonhos que incluem, combinadamente, ter uma profissão e ter uma família própria. Um conjunto menor de meninas e adolescentes sonha em ter uma família e condições para criá-la, viajar e conhecer outros lugares e conhecer seus ídolos pessoalmente.

Embora tenha-se registrado muitos aspectos comuns entre as meninas das diversas regiões, registram-se muitas diferenças na perspectiva das meninas dos contextos urbanos e rurais, particularmente na relação entre meninas e adolescentes das escolas particulares e escolas públicas rurais. Já a perspectiva das meninas e adolescentes quilombolas estiveram mais sintonizadas com as meninas e adolescentes da zona rural. A seguir ilustraremos esses resultados.

****O sonho de ter uma profissão para realizar outros sonhos***

Das cinquenta e nove meninas de 6 a 10 anos da amostra escola que participaram das entrevistas individuais quarenta e cinco delas responderam à questão dos “sonhos para o futuro” em termos de uma carreira profissional ou formação estudantil. O mesmo ocorreu com as meninas quilombolas, onde das dezesseis meninas que participaram da entrevista treze responderam à questão dos “sonhos para o futuro” em termos de uma carreira profissional.

As profissões/carreiras mais frequentes dentre as meninas da amostra escola foram: ser “médica” recebeu treze menções, “professora” dez menções. Outras meninas querem ser enfermeira, advogada, jogadora de vôlei, arquiteta, engenheira, bióloga, historiadora.

Também ganhou adesão das meninas entrevistadas as carreiras de cunho artístico como cantora (8), bailarina (2), Atriz, Estilista, Modelo, Musicistas, somando um total de quinze menções dessa natureza. Outra gama de atividades profissionais foi mencionada como sonho de futuro: pesquisadora, empresária, vereadora, delegada, prefeita, chefe de cozinha, encanadora, vendedora e gari.

Dentre as meninas quilombolas ser “professora” recebeu sete menções. Outras meninas querem ser advogada, jogadora de futebol, artista, cantora, medica, bióloga.

“É ser uma pessoa boa e ser uma professora.” (Samara, 6 a 10, PR, MA).

“Eu sonho em ser artista ... Eu sonho em ser artista. Falar o que que é ser criança. Criança não pode trabalhar...” (Paula, 9 anos, PR, SP).

“Não! É, gente grande. Eu não sei a profissão... Quero casar e ter filhos.” (Joice, 6 anos, PU, PA).

“(...) Eu sonho quando eu crescer ser bióloga. Escrever livro para criança. Ahã. Sobre meninas. É sobre a violência.” (Isabelle, 10 anos, PU, SP).

Chama a atenção que embora, dentre o grupo etário de 6 a 10 anos, ser professora apareceu em todos estados, mas foram as meninas do Maranhão as mais afirmaram querer ser professora.

Quadro 30 - Profissões/Ocupações mais citadas Grupo Etário 6 a 10 anos (Entrevistas Individuais)

Item	Profissão	Amostra Escola
01	Medica	13
02	Professora	10
03	Cantora	08
04	Advogada	03
05	Enfermeira	02
06	Bailarina	02

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

No caso das meninas de 11 a 14 anos, dentre a amostra escola, as profissões ou carreiras mais recorrentes foram (citadas mais vezes por um número maior de estados): médica, advogada, professora, arquiteta, veterinária, engenheira. Já as profissões mais mencionadas pelos quatro grupos de meninas quilombolas que participaram da entrevista coletiva foi advogada (SP, MT, PA), veterinária (SP, MT, MA) seguida por professora (MA, MT, PA). A perspectiva comparativa indica que dentre as cinco profissões mais citadas adolescentes meninas de uma e de outra amostra existem muitas correspondências – advogada, veterinária, professora – mas também diferenças. Observou-se que dentre as meninas quilombolas uma maior frequência para as profissões de veterinária e professora e poucas menções às profissões medica, arquiteta e engenheira.

“O meu sonho é ser cirurgiã geral” (PU, RS)

“Eu quero na área da saúde, eu quero ser médica e na minha casa a minha irmã ela já faz na área da saúde e isso é um exemplo para mim, mas também tem aquelas pessoas que acham que tipo ela não precisa fazer nada para subir na vida, elas acham que qualquer coisa para elas tá muito bom, tipo você vai se esforçar para passar no vestibular aí vem e falar ah eu não estudei, eu não fiz vestibular, mas eu estou trabalhando ali no mercadinho da esquina e eu estou conseguindo me sustentar.” (PU, RS)

“O meu sonho é mais louco que o dela. O meu sonho é ser médica legista. Quero abrir morto mesmo. O meu sonho é isso. Ter filhos, aquela coisa de mundo encantando não muito. Mas se tiver, brigada. Se eu não for casada, brigada. O que eu quero é ser feliz.” (PT, SP)

“Meu sonho para o futuro é entrar na área de direito” (PU, RS)

“Meu nome é Agatha, eu quero ser professora de português, eu gosto muito da matéria.” (PU, SP)

“O meu sonho, quando eu crescer eu quero, fazer uma faculdade de engenharia” (PU, SP)

“Eu tenho um sonho de ser veterinária” (UP, MT)

“Terminar os estudos, fazer faculdade. Eu Bom é, para o meu futuro, eu sonho terminar meus estudos e fazer três faculdade: uma de engenharia civil, uma de arquitetura e uma de contabilista.” (PU, MA)

Quadro 31 – Carreira, profissões ou ocupações referidas pelas adolescentes meninas de 11 a 14 anos (Entrevista Coletiva, Amostra Escola)

Profissão	Amostra Escola
Médica	10
Advogada/Direito	8
Professora	5
Arquiteta	4
Veterinária	4
Engenharia	4
Bióloga (Marinha)	3
Psicóloga	3
Bombeira	2
Delegada	2
Estilista (moda)	2
Aeromoça, astrônoma, atriz, cabelereira, cantora, comerciante, contabilista, dentista, desembargadora, física, fotógrafa, artista/desenhista, jornalista, marinheira, modelo, música, nutricionista, piloto de avião, policial, perita, promotora pública, química, terapeuta ocupacional	1
Campeã de Itchigo, Campeã de Natação, Judoca (campeã olímpica),	1

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014.

O leque de profissões e carreiras citados foi contudo amplo e muito criativo: cerca de 40, como pode ser visto na tabela abaixo. Não faltaram menções à profissões diferenciadas como muitas vezes mais recorrentes entre a população masculina como física, marinheira, bombeira e policial. Sonho estes, que muitas vezes vão de encontro com o aconselhado.

Eu quero me formar em ser bombeira, por que eu amo essa profissão” (PT, SP)

“Meu nome é Giovana e quando eu crescer, meu sonho é ser uma coisa muito, muito, muito diferente que quando as pessoas me aconselham a não ser isso, e quando e quando eu crescer o meu sonho é ser policial” (PU, SP)

****O sonho de ter uma profissão e uma família***

Um conjunto muito grande das meninas da amostra escola (30), de 6 a 10 anos, além do profissional se referiram também a sonhos em âmbito pessoal e ou estratégias de sobrevivência por meio de termos como “casar” (10 menções), “ter filhos” (9 menções), “ter família” (3 menções),

“Quero ser professora de Matemática, e médica. Por que as médicas passam remédio na ferida, elas saram, é assim! Acho que quero me casar. Ter filhos e ter uma casa também. Ter uma família. Primeiro ser profissional”. (Mariana, 7 anos, PU, PA)

“Meu sonho quando ficasse maior, me formar numa faculdade, trabalhar, ganhar meu dinheiro, construir minha casa. E depois pensar em outras coisas. Como... Como arranjar marido, ter filhos. É eu queria ser professora de física”. (Andrea, 9 anos, PU, PA)

“Quero ser professora de matemática e médica. Acho que quero me casar, ter filhos e ter uma casa também. Ter uma família. Primeiro ser profissional porque senão eu vou crescer e vou ser burra, burra pra sempre”. (Mariana, 7 anos, PU, PA)

Também entre as adolescentes meninas de 11 a 14 anos, a associação entre ter uma profissão e também uma família ganhou a adesão de segundo maior grupo de adolescentes meninas. A ordem é quase sempre se formar, se casar, ter uma família. Uma delas mencionou namorar e ter “meus próprios direitos” e depois se casar e ter filhos. Outras incluem objetivos antes depois de se formar e antes de se casar, ajudar a mãe a “construir uma casa”. Casar mas não ser dependente do marido foi um princípio unanimemente reafirmado por aqueles que manifestaram o sonho de ter uma família.

“Ah, meu sonho é me formar medicina, pediatria, porque eu gosto muito de criança e também tipo, eu acho que a maioria das meninas tem um sonho, de eu me casar, ter minha família, minha casa, poder ver meus filhos crescerem.” (PTU, MA)

“Ah começar a namorar, ter os meus próprios direitos e depois de um tempo começar a trabalhar, depois casar e ter os meus próprios filhos.” (PU, RS)

“Eu quero terminar a faculdade, fazer uma faculdade, arrumar um bom emprego na área que eu escolhi, ter minha casa, minha família, é cada vez mais sonhar.” (PR, RS)

“Quero fazer faculdade, arrumar um bom emprego na área que eu escolher, como menina eu também vou querer casar, ter família, e ser feliz.” (PR, RS).

“O meu sonho, o meu sonho é terminar os estudos, como a ... disse e conseguir meu emprego, ajudar minha mãe, construir minha casa, casar, ter meus filhos e ficar velhinha. (Muitas meninas riem e demonstram euforia).” (PU, MA).

“Quero ser advogada. Mas primeiro eu quero terminar todos os sonhos, fazer uma boa faculdade. Depois eu procurar... Em fazer, arrumar um emprego, uma profissão como essa. Se eu não fosse advogada eu queria ser veterinária. Que eu gosto bastante de cachorro. Eu sonho sempre em ter um filho, mas eu quero ter um filho quando eu tiver é, uma boa... Para sustentar, né?” (Roberta, 12 anos, PR Quilombola, SP).

****O sonho de ter uma família***

Uma das meninas entrevistadas, de 6 a 10 anos, da amostra escola, pensou o futuro relacionando felicidade familiar e não violência. Vitória de 7 anos, de escola urbana particular do Mato Grosso declarou que seu sonho é “ter uma família bem feliz e também e não ser violenta”. Uma das meninas quilombolas entrevistadas, de 6 anos, alegou não saber a profissão (ainda), mas que “quer casar e ter filhos.” Outra entrevistada afirmou querer ser médica, querer casar, “mas não quer ter filhos”.

O sonho de ter uma família, sem mencionar ter uma profissão, também foi expresso por conjunto de meninas significativo de adolescentes meninas, entre 11 e 14 anos, que afirmaram “quero ter minha família”. Ter minha família pode significar conhecer o pai, a mãe biológica, o tio, e o avô que não se conhece, como o expresso pelas menina de um escola pública urbana do estado Maranhão; ou, de casar ‘virgem’ de véu e grinalda na igreja, como manifestaram o interesse de algumas adolescentes meninas da escola

pública rural do Estado do Para; ou, simplesmente, casar, ter filhos e uma boa condição de vida para cuidar delas como afirmaram as adolescentes meninas de uma escola pública urbana do Rio Grande do Sul e de uma escola particular do Maranhão. Essa família pode vir filhos naturais ou adotados, inclusive aquelas com síndrome de down.

“Conhecer meu pai. Conhecer meus irmãos. Conhecer minha mãe biológica. Conhecer meu tio avô.” (Entrevista Coletiva, PU, MA)

“Casar, ter filhos, ter a família.” (Entrevista Coletiva, RP, MA)

“Meu sonho mesmo é casar na igreja.” (Entrevista Coletiva, RP, PA)

“Ah meu sonho também é, já falou meu sonho, meu sonho é casar virgem. Quero casar na igreja também. Não quero casar virgem por que eu não sei.” (Entrevista Coletiva, RP, PA)

“Eu tenho um sonho de me casar, ter uma casa boa, dar uma boa condição pros meus filhos, ter uma boa condição de vida...” (PTU, MA)

“Quero ter duas filhas gêmeas.” (EC, RP, PA)

***O sonho de melhorar de vida, ser feliz**

Dentre as meninas da amostra escola de 6 a 10 anos outros aspectos a felicidade apareceu associada a possibilidades de consumo como “Ganhar dinheiro” (6 menções), “Ser rica” (3 menções), “ter casa bonita com piscina” (2 menções) “ ter carro” (1), “ter saúde” (2 menções), “Ajudar família/pessoas”(3 menções) “ser feliz/alegre” (2 menções) ou até mesmo estético como “fazer uma progressiva no cabelo” chamando atenção para questões étnicas/raciais.

“São tantos. Eu queria ser cantora, queria fazer progressiva no meu cabelo, e queria também que eu fosse muito rica e tivesse uma casa bem grande. É, e eu queria que a minha casa tivesse Piscina”. (Emily, 9 anos, PR, SP)

“ser uma menina estudiosa, ajudar meus pais e minha mãe, não ser malcriada com a minha família. Penso em aquelas chefes de cozinha, eu gosto e também gosto de advogada” .

(Alice, 10 anos, PU, SP)

“Se esforçando... trabalhando duro”. (Mariana, 7 anos, PU, SP)

“Tenho que estudar bastante e fazer algum curso”. (Maria, 7 anos, PU, RS)

“Eu quero ser bióloga. Eu quero comprar uma casa para a minha mãe, melhor, em outro bairro. Porque o bairro que a gente está não é [...] queria comprar uma casa melhor.

(Juliana, 8 anos, PTU, SP)

Para as adolescentes meninas de 11 a 14 anos, a perspectiva de ser independente (inclusive dos pais) melhorar de vida, adquirir a casa própria foi manifestado por várias adolescentes meninas.

“Eu quero ter uma casa, eu quero ter um carro, e quero ter que me sustentar e não ficar dependendo de minha mãe porque eu peço dinheiro para ir comprar pão ah cria vergonha na tua cara vai se sustentar.” (PU, RS)

“Ter uma vida melhor do que a gente tá vivendo” (PU, MA).

“Tem que ser melhor do que o que a gente vive” (PR, MA)

“Ter uma vida boa” (PR, MA).

***O sonho de ajudar o próximo e a sociedade.**

Um grupo pequeno mais significativo de adolescentes meninas entre 6 e 10 e 11 e 14 anos agregou à uma finalidade mais humanitária e social para suas escolhas. As adolescentes de uma escola particular de São Paulo, foram enfáticas no sentido de assegurar que a escolha da profissão não fosse guiada meramente por interesses financeiros. Assim, pareceu para algumas adolescentes. que é positivo escolher artes ou desenho, mesmo que o retorno financeiro possa não ser o mais alto; ou ser médica para

ajudar a mudar a “situação do Brasil” e contribuir para reduzir a “violência” contra a mulher; ser psicóloga para compreender os sentimentos dos outros; ou ainda ser física ou química para contribuir na busca de soluções para a diabetes e AIDS; ou ainda, ser advogada para “defender os outros” e “ajudar a família”.

“ Um trabalho. Uma doutora. Para cuidar das pessoas que estão doentes. Ser professora”.

(Branca de Neve, 6 anos, escola rural pública, MA)

“Como ela falou, eu acho que primeiro nós temos que saber o que nós vamos escolher para o futuro, como trabalhar. Mas não forçada, porque algumas vezes os pais acabam te dando uma outra ideia, que não é o que você quer só por ganhar mais. Mas eu acho que isso não é importante. O importante é nós podermos escolher o que nós queremos sem pensar se nós vamos ganhar muito ou pouco, o importante é você ser feliz com o seu trabalho.” (PTU, SP)

“É eu quero fazer algum coisa relacionada a arte, tipo, pra desenhar. Porque não adianta a gente fazer uma profissão que dê muito dinheiro, e acaba que uma hora a gente cansa, não quer mais fazer isso. E se a gente pega alguma coisa que a gente gosta de fazer, a gente vai ter mais interesse de pesquisar, aprofundar nossos conhecimentos e só...” (PTU, SP)

“Ah, eu quero ser médica, mas não é por causa do dinheiro, eu acho que situação do Brasil, deve ser mudada, os médicos devem ter responsabilidade pelo que eles juraram. Pelo juramento que eles fizeram, eu acho que eles devem respeitar isso, e é uma vida, o ser humano é racional, ele tem sentimentos por isso...” (PTU, SP)

“Meu nome é Bruna, meu sonho é fazer uma faculdade, ser médica, ter a minha família e nunca mais ver nenhum tipo de violência à mulher” (PU, SP)

“Eu gostaria de fazer faculdade de física e química porque eu me interesso por estas coisas, eu gostaria de fazer faculdade de física porque eu gosto de montar e descontar as coisas e química eu gosto porque pra criar novas coisas, eu queria criar remédio para curar diabete, curar AIDS estas coisas.” (PU, MT)

“Meu sonho é ser advogada porque eu gosto muito de defender os outros e eu quero ajudar minha família também...” (PTU, SP)

Algumas adolescentes das amostras escolas e quilombolas expressaram o sonho em poder dedicar-se ao missionarismo ou ativismo social religioso.

“Ser missionária sair falando de Jesus” (Patrícia 1, 11 - 14 anos, PR, MA)

“O meu sonho é ser líder de jovens da igreja” (Entrevista Coletiva, PR, MA)

Apenas uma das meninas quilombola pensou o futuro em termos de aquisição de valores, Juliana da escola pública rural, declarou que o sonho dela é “ser uma pessoa boa e ser uma professora”. Um outra entrevistada de 10 anos da escola rural de São Paulo, destacou por, ao lado de ser bióloga, querer “escrever livro para criança ... sobre meninas... sobre a violência contra meninas”.

****Sonhos de ter uma profissão e viajar pelo Brasil e pelo mundo***

Ter uma profissão e viajar, conhecer lugares novos e expandir cultura também foram sonhos expressos por adolescentes entre 11 e 14 anos de diversas escolas, especialmente de escolas particulares. De todos os estados veio do Maranhão essa ênfase mais forte em sair para conhecer outros lugares.

“Eu queria sair do Brasil, ir pra algum lugar, tipo a Austrália e Japão... Eu?!”
(Entrevista Coletiva, PU, MA)

“Eu quero ser médica e ter muito dinheiro... É, viajar muito...”
(Entrevista Coletiva, PU, MA)

“Ser jornalista, jornalismo... Acho que é viajar, conhecer todo lugar do mundo(...) Se der, né?!”
(Entrevista Coletiva, PTU, MA)

“Eu quero me formar em direito e viajar conhecer outros lugares, outras culturas e expandir os meus conhecimentos...” (Entrevista Coletiva, PTU, MA).

“Conhecer São Paulo, Brasília, São Luís, Rio de Janeiro, Hollywood, Paris, Nova York, Portugal”

(Coletiva, PU, MA)

Muitas adolescentes quilombolas, na faixa etária entre 11 e 14 anos, querem ir para outros lugares. Uma das meninas/adolescentes de São Paulo mencionou também ser pediatra “em uma cidade maior”, outra mencionou “trabalhar em Caxias vendendo roupa”, outra manifestou o desejo de viajar para “São Paulo, São Luís” para trabalhar e outra ainda, afirmou sonhar em ir para o Rio de Janeiro para “trabalhar e ganhar muito dinheiro vendendo roupa e calçado.”

A conotação aqui, contudo não parecer o de conhecer outros lugares para expansão cultural, e o sim o desejo de “ir embora” para outras cidades maiores para melhorar as condições de vida. Várias meninas/adolescentes registram seu sonho profissional associada à mudança para outras cidades do estado do Maranhão ou ainda de outros estados, exceto Erika que gostaria de “ser professora aqui em Barro Vermelho”, as outras oito adolescentes meninas queriam “viajar para outros lugares”, para trabalhar. Algumas mesmo pretendendo realizar suas carreiras em locais pouco adequados ou mercados saturados como é o caso de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Chama atenção ainda que algumas das meninas podem estar com expectativas no plano da sobrevivência ou outras formas de ganhar mais dinheiro do que possíveis carreiras que pudessem escolher.

“O meu sonho pessoal era, ir morar em uma cidade maior, uma cidade, ter uma família e se formar em Engenharia Civil.”

(Alice, 12 anos, PR Quilombola, SP).

“Viajar para outros lugares, por exemplo, São Paulo e São Luís eu iria trabalhar.”

(Vitoria1, 11 - 14 anos, Escola PR, MA).

“Trabalhar e viajar em Caxias, MA, vendendo roupa.”

(Bianca, 11 - 14 anos, Escola PR, MA).

“Viajar para o Rio de Janeiro para trabalhar e ganhar muito dinheiro vendendo roupa e calçado.” (Vitória2, 11 - 14 anos, PR, MA).

“Viajar para São Paulo e ser professora.” (Vitória 3, 11 - 14 anos, PR, MA).

“Viajar para eu ter emprego em Brasília de veterinária.” (Valéria, 11 - 14 anos, PR, MA).

“Ser veterinária em São Paulo.” (Patrícia 2, 11 - 14 anos, PR, MA).

***O sonho de conhecer o ídolo**

Em outra direção oposta à mencionada nas situações anteriores, três adolescentes meninas – um de São Paulo e duas do Maranhão -- expressaram o sonho de conhecer seu ídolo pessoalmente: o Justin Bieber.

“Ah, meu sonho, que às vezes as pessoas acham meio besta, mas é conhecer meu ídolo, que é Justin Bieber.” (Entrevista Coletiva, 11 - 14 anos, PU, MA) .

*“Meu sonho é praticamente o mesmo do dela que é conhecer meu ídolo”
(Entrevista Coletiva, 11 - 14 anos, PU, MA).*

***Sonhos sim, mas ainda não decidiram o sonho profissional**

Dentre as meninas de 6 a 10 anos, da amostra escola seis das meninas entrevistadas não responderam a questão e uma respondeu não saber. Uma outra demonstrou que precisa escolher entre algumas possibilidades.

“Ser cantora de música evangélica e médica. Quer dizer médica e professora. Para ajudar as pessoas, ensinar aqueles que não sabem”.
(Kellen, 10 anos, PR, PA)

No caso das adolescentes meninas, de 11 a 14 anos, em geral cada uma das adolescentes meninas citou uma só profissão e falaram de forma decidida e direta sobre os seus sonhos profissionais. Contudo, a essa imensa maioria não deve obscurecer o fato que muitas desses meninas possam ter tido dúvidas sobre a escolha da carreira profissional ou de que muitas meninas possam estar em dúvida e sentindo-se ambivalências e ambiguidades em relação à esse tipo de escolha.

“Nada concreto ainda. Eu procuro estudar” (Entrevista Coletiva, PTU, SP)

“Eu ainda não tenho concreto” (Entrevista Coletiva, PTU, SP).

“Quero fazer faculdade de psicologia, porque é uma área que me interessa muito, conhecer o sentimento das pessoas, conhecer mais, é isso, mais também estou pensando em fazer medicina”
(PU, MT)

“Eu quero fazer assim de Arquitetura, mas eu não tô bem certa disso não”
(Rural Publica, PA)

- **O que poderia contribuir para que você consiga realizar seus próprios sonhos?**

A maioria das meninas e adolescentes dos dois grupos pesquisados, acreditam estudar muito e se esforçar bastante é o caminho para a realização dos seus sonhos.

A maioria das meninas de 06 a 10 anos pesquisadas nas cinco regiões acredita que estudar é o caminho para realizar seus sonhos. Dentre as cinquenta e nove meninas entrevistadas individualmente vinte e oito mencionaram a importância de estudar, tendo sido o Mato Grosso o estado mais expressivo com nove menções. Para as demais regiões foram registradas sete menções em São Paulo, seis no Pará, seis no Maranhão e duas no Rio Grande do Sul, outras seis não responderam seja porque a pergunta não foi realizada ou as meninas tenham optado em não responder e três outras responderam não saber.

Das respondentes que avaliaram que o que pode contribuir é “estudar” também colocados em termos adjetivados “estudar muito”, “estudar, se esforçar”, “fazer faculdade”, “se formar”. Uma das meninas da escola pública urbana reforçou a ideia “de estudar e ser profissional primeiro e depois pensar em casar, para não ficar burra, burra para sempre, porque estuda.” (Mariana, 7 anos, escola urbana pública, PA)

“Eu posso estudar muito. E com as minhas irmãs que também façam a mesma coisa que eu, estudar muito. É ter uma profissão boa”. (Sofia, 8 anos, PU)

“Estudar bastante! É, estudar bastante! Buscar, correr atrás”.
(Rebeca, 10 anos, PTU, PA),

“Eu estudar bastante e ser bastante esforçada. É a única coisa para mim conseguir minhas coisas, minha faculdade, essas coisas é estudar bastante e se esforçar.”
(Alice, 10 anos, PTU, SP)

“Estudando e me formando”. (Sofia Abraão, 9 anos, PTU, MA)

“Tem que fazer faculdade, tem que estudar bem, tem que trabalhar para poder ganhar dinheiro”.
(Kellen, 10 anos, PR, PA)

“Muito esforço pra conseguir, passar na faculdade, isso é meu sonho também! Passar na faculdade e não reprovar nenhum”. (Nicole, 9 anos, PTU, MT)

O *incentivo* e *apoio familiar* figuraram como segunda contribuição mais citada para alcançar os sonhos (seis menções distribuídas em três regiões Norte (3), Sudeste (2) e Nordeste (1), ainda que a frequência tenha sido quase cinco vezes menor que para o a contribuição dos estudos. Foi observada uma menção para apoio familiar e dos professores para o alcance dos sonhos de futuro. Também ganhou destaque com cinco marcações (3 na região Sudeste e duas no Centro Oeste) a preocupação por acumular dinheiro como ajuda para concretizar os principais objetivos.

“Eu acho que quem pode me ajudar são as pessoas que convivem comigo, que podem me dar um apoio, me incentivar. E podem me ajudar também nos momentos difíceis, no que vai acontecer no futuro na minha vida quando eu estiver maior”.

(Andrea, 9 anos, PTU, PA)

“A minha família, meus pais. O apoio dos professores”. (Maria Cecília, 8 anos, PTU, SP)

“Guardar meu dinheiro, colocar na poupança para quando eu crescer já ter”

(Nathalie, 9 anos, PU, SP)

“Vender banana para ajudar a mãe. É por dois reais, eu vou lá na feira, ponho um banquinho, ponho uma mesinha aí vou vender banana, banana de dois reais, ganhar dinheiro e vou me ajudar também, estudar”. (Julia, escola, PU, SP)

Dentre as 16 meninas quilombolas entrevistadas, na faixa etária de 6 a 10 anos, um pouco mais da metade respondeu à questão e outras sete não a responderam seja porque a pergunta não foi realizada ou as meninas tenham optado em não responder e duas outras responderam não saber.

Das que responderam que avaliaram que o que pode contribuir é “estudar” também colocados em termos adjetivados “estudar muito”, “estudar bastante”, “estudar direitinho”, “fazer minha faculdade ... e depois trabalhar.” Um das meninas da escola pública rural, ao lado das que reforçaram a ideia de “estudar”, acrescentaram perspectivas mais abertas é imediatas “fazer curso, trabalhar, treinar” (Juliana, 6 a 10 anos, Escola Pública Rural, Estado do Maranhão). Isabelle, 10 anos escola pública rural de São Paulo, pela consciência ambiental e política a questão da seguinte maneira:

“Fazer minha faculdade, ser bióloga, aí eu vou ajudar a natureza, aí depois eu vou fazer uma faculdade de escritora, aí quando eu for escritora, eu vou escrever um livro e vou fazer uma campanha.” (Isabelle, 10 anos, PR, SP)

Análise Comparada Entrevista Coletiva : Amostra Escola e Quilombolas

As adolescentes meninas das amostras escola e quilombolas reafirmaram sua crença que o esforço pessoal particularmente relacionados aos estudos podem definitivamente contribuir para a realização dos seus sonhos. Estudos e esforços pessoais foram citados separada ou em conjuntamente como aspectos fundamentais para a concretização dos sonhos. O que faz sentido na medida em que a maioria delas conceberam seus sonhos de futuro relacionados a ter carreira ou ocupação profissional.

Chama atenção que o segundo aspecto mais recorrentes no depoimento das adolescentes da amostra escola -- os estudos, o apoio da família, amigos e pessoas próximas – pouco tenha sido mencionado pelas adolescentes quilombolas.

Quadro 32 – Presença e ausência dos aspectos facilitadores da realização do sonho de futuro (Amostra Escola, 11 a 14 anos)

Itens	Futuro	PA	MA	MT	SP	RS
01	Estudos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
02	Apoio da família, amigos, pessoas ao redor	Sim	Sim		Sim	Sim
03	Estudo e esforços pessoais (dedicação)	Sim			sim	Sim
04	Pensar antes nas escolhas					Sim
05	Acreditar em si mesmo				Sim	
06	Incentivo					Sim
07	Ter condições de Ensino		Sim			
08	Ter direitos		Sim			
09	Obedecer os pais		Sim			

10	Compreensão dos pais		Sim			
11	Ser virgem, não engravidar		Sim			
12	Independência		Sim			
13	O meio social		Sim			
14	Trabalhar		Sim			

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Os aspectos mais mencionados de em ambas amostras – estudar – foi expresso principalmente nos termos “estudos”, “os estudos” e “estudar”. Qualificando essa forma de realizar os sonhos adolescentes/meninas apontaram para necessidade de “se focar mais nos estudos” (Entrevista Coletiva, EPTU, São Paulo), “se dedicar aos estudos (EPR, PA)”, “estudar bastante”, “estudar muito, muito, muito”.

Algumas adolescentes pensaram na conclusão de um ciclo de estudos : “Se formar” (MA EPTU), “terminar os estudos... (UP, MT), “terminar a faculdade” (MA EPTU)

“Meu nome é Giovana minha mãe me fala assim que pra alcançar o nosso sonho a gente tem que estudar muito, muito, muito.” (PU, SP)

“Meu nome é Kelly e para mim alcançar meu objetivo é eu ter muita ajuda da minha mãe, porque ela me ajuda muito e eu fazer o cursinho que tem que fazer.” (PU, SP)

“Meu nome é Jessica, para mim conquistar meu sonho, eu quero estudar para juntar um dinheiro, para trabalhar para eu conhecer ele...” (PU, SP)

“Ah que a gente tem que seguir nossos sonhos, estudar bastante e ter o apoio dos nossos pais pra poder conseguir realizar.” (PTU, MA)

“Estudando, trabalhando, se formar e terminar os estudos” (PU, MA)

“Eu também, eu quero estudar um bocado, terminar todinho os meus estudos, meu curso. E até conseguir! Estudar e seguir em frente?! Igual à professora Jucilene (...) ela estuda. Agora ela (...) faz faculdade. (...) E ela está muito cansada, ela ralha muito. Ela fala muito, e ela grita muito, ela é muito zangada. Mas ela também é boazinha! É continuar estudando.”

(PR, Quilombola, PA)

As adolescentes meninas (11 a 14 anos) da escola pública rural quilombola do estado do Maranhão, embora tenha colocado ênfase no termino dos estudos abriu possibilidades para “me interessar no que quero ser”, como afirmou Vitoria 3 ou fazer outros tipos de cursos, como o de Inglês por exemplo, como opinou Erika da escola rural pública, “terminar os estudos e fazer curso de inglês”.

A segunda categoria mais mencionada como fator de contribuição para a realização dos sonhos de futuro é poder contar com o apoio da família, de amigos pessoas próximas. Embora adolescentes de quatro estados tenham mencionado o apoio da família, internamente ao estado, foram as adolescentes do Rio Grande do Sul de mais reafirmaram a importância da família na realização dos sonhos. O apoio da família aqui muitas vezes significa o incentivo e suporte emocional, a viabilização dos estudos que lhes permitirão alcançar o sonho de ter a carreira desejada ou mesmo a ajuda ou influência de uma “prima que é estilista”, de uma “tia que é enfermeira”.

“Pra mim é ter o apoio dos meus pais né, porque pra mim é o mais importante o apoio deles”

(PR, PA)

“Eu acho que o apoio da família é fundamental para a gente poder ter estrutura para poder fazer, para se formar, e também estudar muito para conseguir uma vaga em alguma faculdade”

(PU, RS)

“Meu nome é Amanda, pra mim conquistar meu sonho eu vou, a minha mãe disse assim que vai me ajudar também, e eu vou fazer o curso também, né, e vou ajudar ela também, ajudar ela a pagar a faculdade, né pra mim conquistar o meu sonho” (PU, SP)

“E para mim precisa ter a colaboração dos amigos, estudar bastante e, Principalmente, ter o apoio da família.” (PU, RS)

“Eu acredito que o estudo é essencial para a vida, e sem ele tu não vai fazer nada né, e eu acho que tem que ter colaboração com a família, a família tem que ajudar, os amigos, eu acho que é isso” (PU, RS)

Para se conseguir estudar e garantir o apoio da família é preciso muito esforço pessoa, muita dedicação e ter objetivos claros, objetividade e acreditar em si mesma. Ou ainda como declararam as meninas/adolescentes quilombolas de Poconé Mato Grosso que responderam à questão em termos de “correr atrás... Enfrentar os obstáculos, estudar”.

“Estudar, se dedicar, se esforçar bastante. Também” (PR, PA)

“Não adianta só querer estudar, estudar, estudar, porque nem sempre estudando o tempo todo a pessoa consegue, ela tem que ser objetiva.” (PTU, MA)

“Bom, eu acho que a gente tem que ter um objetivo e seguir por ele pra estudar e ser a decisão certa. Por exemplo, você tem uma festa e amanhã você tem uma prova. Você tem que saber o que você quer. Você quer ir pra uma festa que as vezes acontece coisas ruins, tem más influências. Ou você quer seguir no seu futuro pra ter uma profissão boa e ser feliz.” (PTU, MA)

“Não ir pela cabeça dos outros. Eu também acho que não pode ir pela cabeça dos outros. Muita gente diz “ Ah você não vai conseguir ser isso. Coloca uma coisa mais fácil que dá mais dinheiro”.

A gente tem que acreditar na gente.” (PTU, SP)

“(…) Tem que se dedicar, tem que mergulhar de cabeça como se fosse mergulhar num rio bem fundo. Batalhar porque quando a gente quer, e se interessa, só quem para é Deus mesmo”

(PR, PA).

“Assim ter pensar bem nas consequências, tomar atitudes, ver se é aquele sonho que tu vai querer assim tanto, vai te ajudar na tua vida em alguma coisa, querer sempre o melhor assim para ajudar em algum momento ou vai fazer mau alguma coisa assim, mas sempre pensar bem antes.” (PU, RS)

Essa crença nos mecanismos institucionalizados de mobilidade social como a escola e no esforço individual e no apoio da família para se alcançar uma carreira profissional reafirmada pela maioria absoluta das adolescentes que participaram das entrevistas coletivas só encontram tom um pouco mais estrutural na expressão de algumas meninas de uma escola pública do Maranhão cujas adolescentes lembram que é preciso “ter seus próprios direitos” (EPR, MA), “condições de ensino nas escolas”, incentivos financeiros para se pagar “a faculdade”, ter “independência para poder comprar as roupas sozinhas, fazer as coisas sozinhas... Sem os outros mandar... Trabalhar” (rural pública, MA).

Uma outra menina de uma escolar particular, também do Maranhão, mencionou a importância do “meio social” para a realização do sonho dos indivíduos. Por fim, uma adolescente menina, de uma escola particular de São Paulo, mencionou a importância de se acreditar nos próprios sonhos: “Se você quer os seus sonhos” (SP EPTU).

As algumas adolescentes quilombolas da escola rural pública destacou a presença de elementos religiosos compondo o leque de fatores contributivos para a realização dos sonhos, como por exemplo as opiniões manifestas por Patrícia 1 e 2, respectivamente: “terminar os estudos e conhecer mais as coisas de Deus” e “ter fé deus”.

- **O que pode atrapalhar você a realizar o seus sonhos?**

As meninas de 6 a 10 anos das duas amostras pesquisadas (AE e AQ) debitaram ao ato de não estudar ou deixar de estudar, a principal ameaça que pode atrapalhar a realização dos seus sonhos, particularmente em razão de namoro e gravidez “antes da hora”.

***Deixar de estudar ou não estudar**

Dentre as meninas de 6 a 10 anos, chama atenção que onze das entrevistadas da amostra escola acredita que não estudar é a grande ameaça para realização dos seus sonhos.

"Ah! Não terminar os estudos, não prestar atenção nas atividades. É não dar atenção no que a professora fala e em outras pessoas maiores que eu. É isso que pode me atrapalhar".

(Leticia, 11 anos, PR, SP)

Das dezesseis meninas quilombolas de 6 a 10 anos, a maioria não respondeu a questão. Dentre as que responderam acreditam que não estudar é a grande ameaça para realização dos seus sonhos, particularmente em razão de relacionamento sério e gravidez precoce. Dentre as que responderam a maior parte respondeu conteúdos relacionados a parar de estudar: "Se eu não estudar", "se eu perder meu curso e não treinar", "se parar de estudar e ter filha nova".

***Namorar, engravidar**

"Namorar" e mais detidamente "engravidar" foram também visto como impedimento para dar continuidade aos estudos/projetos tanto pelas meninas de 6 a 10 da amostra escola como na amostra quilombola.

"Fazer as coisas antes da hora, namorar, estudar tarde".

(Camila, 9 anos, PTU, MA)

***Violência**

Chamou a atenção que a violência tenha sido incluída nas listas de fatores que podem obstaculizar a conquista do sonho de futuro. O termo foi incluído sem maiores especificações. As brigas entre membros da família foram também no leque do atrapalha a realização dos sonhos de futuro.

"Não estudando, fazendo alguma coisa errada..bater nos outros...violência."

(Teresa, 10 anos, PTU, SP)

"As barreiras da vida, não é? Violência. Não conseguir entender as coisas".

(Cecília, 8 anos, PTU, SP)

Dentre as meninas (6 a 10) Foram mencionados outros fatores como apoio de familiares ou falta de incentivo ou motivação (RS), brigas familiares e gasto de economias (SP) ou mesmo conversa desnecessária em ambiente escolar (MT).

Curiosamente as meninas de 06 a 10 anos, da mostra escola, parecem revelar um otimismo de que nada poderá atrapalhar os sonhos futuros já que praticamente um terço, dezoito das 59 entrevistadas responderam “nada” ou “não acreditar” nessa possibilidade. Algumas meninas quilombolas se posicionaram da mesma forma afirmando que nada poderá atrapalhar a realização do sonho profissional. Outras responderem diferenciadamente: “a mente tem que querer”, “a vida”.

- ***Fatores que podem obstaculizar a realização dos sonhos de futuro para adolescentes meninas entre 11 e 14 anos das amostras escola e quilombola.***

As adolescentes meninas das amostras escolar e quilombola apontaram um leque grande de fatores que podem obstaculizar a realização dos seus sonhos de futuro como deixar de estudar, engajamento em relacionamento sério, gravidez e maternidade, falta de recursos financeiros, discriminação no trabalho, influencias negativas, problemas de convivência familiar e violência doméstica, uso abusivo de substancias psicoativas (como fator único ou combinado com gravidez), doenças, fazer o que não gosta por dinheiro, desistência do sonho e ‘nada’.

Quadro 33 – Recorrência temática por Estado (Região) (Amostra Escola)

Itens		PA	MA	MT	SP	RS
01	Não estudar: parar, desistir, desfocar dos estudos, não terminar por alguma razão		MA	MT	SP, SP	RS
02	Namoro	PA	MA, MA	MT		RS

03	Gravidez e maternidade fora da hora		MA	MT	SP	RS
04	Falta de recursos financeiros		MA		SP	RS
05	Fazer o que não gosta por dinheiro				SP	
06	Discriminação no trabalho		MA			
07	Influências negativas		MA			
08	Desistência do sonho			MT		RS, RS, RS
09	Problemas de convivência familiar e violência doméstica			MT		
10	Consumo abusivo de drogas					RS
11	Consumo abusivo de drogas e gravidez “antes do tempo”					RS
12	Doenças		MA			
13	Nada					RS

Fonte: Plan Brasil/Socializare, 2014

Obs: o número de vezes que a sigla aparece é indicativa da recorrência temática por mais de uma escola.

Contudo, a grande maioria desses fatores estão interconectados e responde à uma preocupação central: não estudar. Essa preocupação foi expressa com vários termos: “se distrair”, “atrapalhar”, “parar”, “desistir”, “não concluir”, “não terminar” os estudos ou se “desfocar” dos estudos. Pensando do ponto de vista das adolescentes meninas que expressaram seus sonhos de futuro em termos de possuir uma carreira profissional, faz

sentido a preocupação delas de que ‘deixar estudar’ afetaria drasticamente a realização dos seus sonhos.

“Meu nome é Amanda, o que pode atrapalhar é se a gente não estudar, né?... É a gente, se a gente não estudar a gente não vai conseguir conquistar aquilo que a gente quer. Porque tudo precisa estudo, né, também” (PU, SP)

Os fatores que podem levar a interrupção dos estudos são vários, principalmente namorar, ficar grávida e ter filho antes do tempo certo. Outros fatores compõem o leque de ameaças, listados aqui por ordem de recorrência: desistência do sonho, falta de recursos financeiros, as influências negativas e o consumo abusivo das drogas, baixo desempenho na escola, doença em família.

****Namoro, gravidez e ter filhos “antes do tempo certo”***

Adolescentes da amostra escola e quilombola, de 11 a 14 anos, que participaram das entrevistas coletivas concordaram que o fator primordial que afetaria o realização do sonho seria “parar estudar”, particularmente em função de relacionamento afetivo “sério” e “gravidez”. Como afirmaram as adolescentes de Mato Grosso “namorar cedo, as vezes atrapalha. Às vezes, se apaixona muito e vai e casa... Não correr atrás do que quer” (entrevista coletiva).

Para as adolescentes da amostra escola, o namoro representa dois perigos básicos: a distração dos estudos e uma potencial gravidez, ambos vistos como fatais para o desempenho escolar. De um a lado a paixão pode tirá-las do foco e por outro a gravidez pode gerar filhos que vão remetê-las para outras prioridades como o cuidado das crianças e adolescentes. Desta forma se relacionar com a “pessoa errada” e na “hora errada” pode ser uma combinação indesejada para quem quer alcançar o sonho profissional. Interessante notar que as adolescentes não utilizam o termo ‘gravidez precoce’, mas sim “gravidez antes do tempo”, “gravidez fora do tempo”, “ter filho cedo”. Chama atenção

também a preocupação de algumas adolescentes que eventuais maridos possam não deixa-las estudar.

“Se a gente começa a namorar cedo não vai desenvolver o futuro, todo mundo tem um sonho o sonho de se formar e ser alguém na vida, se a gente não for alguém na vida, a gente não vai poder fazer nada.” (PTU, MT)

“Namorar muito cedo, minha mãe sempre fala conhecer uma pessoa cedo, aí vc vai querer ficar só com aquela pessoa, você vai ter olhos só pra aquela pessoa. Não pode desviar do caminho, se você está estudando não pode olhar pro lado, tem que foca naquilo.” (PTU, MT)

Eu acho que tem muitos obstáculos, e um deles são o namoro tipo a gente não pode pensar no futuro, muitas pessoas falam que vão se formar primeiro mas é... não é verdade isso eles vão encontrar alguém, vão se apaixonar perdidamente e podem pensar em fugir, não sei desistir do sonho tem que sempre se focar na carreira, se focar no futuro, e não pensar só nas outras coisas.
(PU, RS)

“Meu nome é Amanda, e o que pode atrapalhar também é a gente se envolver com pessoas erradas e ficar grávida e etc.” (PU, SP)

“O namoro a gente, a gente... assim, vai querendo namorar, não tem?!, aí a gente pensa no sexo, aí vai fazer sexo sem prevenir, aí fica grávida e abandona os estudos, é o jeito!” (PU, MA)

“O que pode atrapalhar é um filho, né? Porque filho da muita dor de cabeça, é bom, mas dá muita dor de cabeça, e as pessoas, porque tem pessoas invejosas aí fica, aí que não sei o que, não faz isso. Mais no fundo no fundo é porque tem inveja.” (PU, SP)

“Eu acho que o namoro atrapalha um pouco. Porque assim, a gente fica assim só pensando. Ter filhos também. Não terminar o, o ensino todinho. Ter marido que não quer. Também casar, porque tem marido que não quer deixar a mulher terminar os estudos. Casar. É verdade o que ela falou aí mesmo porque no começo, o meu padrasto assim ele não queria que a minha mãe estudasse a noite. Mas ela falou que ela ia estudar sim porque e ela queria estudar e ia estudar porque é a (oportu) é a ela não teve oportunidade que no tempo ia só 4ª (quarta) série. Aí ela não teve oportunidade. Aí ela me fala que, ela sempre me fala que é pra mim estudar, me dedicar porque, a gente só consegue as coisas lutando. Eu sempre falo pra ela que o que ela não

me deu eu quero dá pro meus filhos. Mas o que não faltou na minha criação, o que não faltou foi amor. Teve uns carãozim também, mas, foi pra ficar, atenta.” (PR, PA)

Pelo menos uma adolescente de 13 anos, de uma escolar pública urbana do Estado do Mato Grosso, grávida, contestou essa visão negativa, ainda que temporalmente circunscrita, da gravidez. Ela contesta as colegas dizendo que gravidez não é doença e afirma que não vai parar de estudar por essa razão.

“Vocês estão jogando ponto pra mim, porque estou grávida?... Eu não vou parar de estudar... Gravidez não é doença.” (PU, MT)

***A falta dos recursos financeiros**

A temática dos recursos financeiros aparece de duas formas: uma das implicações da falta de recursos para o financiamento da conquista da carreira profissional e também da importância de deixar de fazer o quer para ganhar dinheiro. A falta de recursos comprometeria estudar em escolas particulares ou viabilizar a consecução de algumas carreiras cujos materiais podem ser muito caros. Por sua vez optar por um trabalho somente por dinheiro poderia gerar frustrações prejudiciais ao projeto de futuro desejado.

“Eu acho que se a gente tem um sonho, a gente não vai desistir por qualquer coisa, por qualquer problema assim. Um dos problemas que pode atrapalhar, tipo financeiro a pessoa começou uma faculdade assim, mas chega uma hora bah não tem dinheiro assim é uma coisa que atrapalha bastante.” (PU, RS)

“Ser pobre. Gente por que oh. Se eu não tiver dinheiro pra comprar uma câmera. Pra poder pagar o meu curso... É tem as lentes...” (PTU, SP)

*“Quando os pais não apoiam a gente e a gente tem mais dificuldade, essas coisas, eles não dão dinheiro pra pagar faculdade, essas coisas.”
(PTU, MA)*

“Fazer o que você não gosta. Fazer só por causa do dinheiro. Se você não gosta vai ser uma dificuldade todo dia. Não vai ser algo com prazer.”
(PTU, SP)

“Você trabalhar pelo dinheiro. Ah vou fazer isso por que ganha muito dinheiro. Não, tem que fazer alguma uma coisa que você gosta.”
(PTU, SP)

Antes de registrar o último aspecto dentro os mais recorrentes – desistência do sonho – vale mencionar alguns fatores menos mencionados mas expressivos para um conjunto significativo de adolescentes da amostra escola. O consumo abusivo de drogas e muita diversão tem potencial de tirar pessoas do foco, tirar notas baixas pode desestimular a frequência à escola e doença de um dos pais pode requerer a atenção das meninas e prejudicar a frequência escolar.

“Eu acho que para mim eu nunca pensei se tivesse um desafio, mas se tivesse algum eu acho que seria a minha mãe ficar doente assim, daí eu pararia de vez”.
(PU, RS)

“Várias coisas tipo ah se tu tá numa faculdade tu não consegue atingir uma nota e tu vai desistir por causa disso, não, tu vai tentar de novo, vai estudar mais, vai se esforçar mais.” (PU, RS)

“Atrapalhar... é que nem a outra menina falou, as drogas (...) o que está mais ocorrendo [é] que muitas pessoas passam na rua e oferecem... Amigas que tu nem conhecem e que usam e que vai lá te oferecer. Isso pode atrapalhar bem na nossa vida” (PU, RS)

“Só viver de farra. Que você vai em porta de faculdade aí você fala: “Faculdade lugar de pessoas que querem realizar os seus sonhos de estudo”. A minha própria irmã... Outro dia eu fui lá ver se a minha irmã tinha entrado na faculdade, porque a gente tava lá perto. E ela estava lá no barzinho em frente. Tipo, gente...” (PTU, SP)

Acompanhando essas preocupações, algumas meninas adolescentes quilombolas de São Paulo mencionaram os riscos ao projeto profissional, “as coisas ruins que tem no mundo lá fora. Tipo drogas, cigarro, bebida alcoólica. Violência também” (entrevista coletiva).

O tema correlato foi também o das más influências. Falta de apoio, falta de compreensão dos pais, opinião negativa de pessoas próximas ou da comunidade podem também atrapalhar a realização do sonho de futuro. Contudo houve um debate entre as adolescentes sobre se deixar influenciar ou não sobre as opiniões dos outros. As meninas que foram contrárias, alegaram que sempre existiram opiniões negativas e críticas, mas estas devem ser relevadas.

Ah, as más influências e o não entendimento dos pais que as vezes acaba influenciando demais na opinião da menina. (PTU, MA)

Eu acho que as más influências e a falta de apoioção, mas eu acho que se a gente querer, luta e pra gente conseguir. (PTU, MA)

Eu acho que a comunidade as vezes, porque tem muita gente em vez de procurar evoluir, só fica pensando em fazer os outros cair. E fica dizendo “ah você não vai conseguir” e isso às vezes deixa a pessoa muito pra baixo, principalmente se a pessoa tiver é, como é que chama, depressão, alguma coisa assim, isso ajuda muito. (PTU, MA)

Eu acho que é como ela falou, as pessoas a nossa volta tem que ter um pensamento positivo, nunca colocar a pessoa pra baixo, porque senão ela nunca vai conseguir os seus objetivos então não vai, tá. (PTU, MA)

Se as preocupações com potenciais obstáculos gerados pelo namoro, gravidez e maternidade “antes do tempo”, foram compartilhados por todos estados, a importância de não desistir dos sonhos foi um ponto de destaque nas adolescentes meninas do Rio Grande do Sul, também compartilhadas com algumas adolescentes da amostra escola de Mato Grosso e quilombolas do Estado do Maranhão, como sinalizou Vitória 2 - “deixar de pensar no sonho que a agente escolheu”.

No caso das adolescentes da amostra escola, dos estados do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso, estas, mais implícita ou explicitamente, estão reafirmando na importância de perseguir seus sonhos profissionais mesmo quando estes são contrários aos que seus pais acreditam sejam melhores para elas. Ou seja, vale a pena lutar mesmo quando estes sonhos não agradam aqueles que tesse lhe deveriam dar suporte.

“Meu nome é Bruna o que pode me atrapalhar no momento é perder minha fé, meu foco e desviar do meu caminho.” (PU, SP)

“Eu acho que se tu tens um sonho tu vai correr atrás dele e não vai desistir nunca. Se acontecer procura conseguir que faça.” (PU, RS)

“Para mim eu acho que tipo atrapalhar claro vai ter muitos obstáculos, vai ter umas pessoas falando que tu não vai conseguir alcançar o seu sonho, mas para mim tipo você não tem que desistir nunca do seu sonho.” (PU, RS)

“Bom tem vários motivos para atrapalhar também né, tem a questão de algum ser contra, alguns não gostarem, outros julgarem o teu sonho aí depende de cada um. Então para ti ter ou querer aquele sonho tão esperado tu tem que lutar pelo o que tu quer ir, atrás dos outros porque os outros não gostam tu tem que gostar, e é isso.” (PR, RS)

“Que nem ela falou tu tem que não precisa fazer o que os outros querem tu tem que ter a tua vontade o que tu quer para ti. Suponhamos que o meu pai não queira deixar eu fazer o que eu quero fazer eu deixo para lá e eu vou seguir o que eu quero, tipo vou seguir a minha vontade e não a dele.” (PR, RS)

“Acho que um pouco também é as pessoas serem do contra, não concordarem, aí tu para fazer a vontade delas tu acaba desistindo do que tu quer, ou alguns imprevistos. Tu desistir, por exemplo tu quer uma carreira de desenhista e tu desistir, tu mudar de ideia, tu não querer mais (risos).” (PR, RS)

Se pais contrários aos sonhos das meninas podem criar dificuldades, mas gerar resistências por parte delas. Falta de convivência familiar provocada por interesses dos pais mais focados nas respectivas carreiras, uso da internet acompanhada de desqualificações permanente violência podem afetar o nível de alta estima comprometendo indelevelmente a realização dos sonhos de futuro.

Eu trabalho muito, quando tenho que estuda para prova, minha mãe manda eu fazer as coisa ela me bate e manda eu fazer as coisas, e tenho que tirar nota boa ai ela põem assim no meio da sala e me bate porque não tirei nota boa. Eu fugi de casa, por causa disto, ai minha família colocou cartaz me procuraram e me encontraram, eu estava na rua andando com fome, ai minha mãe chorou muito mais porque estava preocupada. Mais depois de 3 dias, ai voltei a apanha, trabalha demais, porque lá em casa tudo sou eu, não e minha mãe meu pai meu irmão não e ninguém tudo vem pra cima de mim, então tudo me preocupo, minha família não tem assim amor unido a mim, quando eu pergunto hoje o que e conselho tutelar ai eu esqueço e outro dia pergunto pai o que e conselho tutelar mesmo, ai meu pai me xinga de burra de jumentinha, fala que fugi da escola, então tudo isso e muito difícil pra mim... ela me falou que o pai dela mandou desligar a TV eu fui procurar o controle em vez dele esperar não ele lá começou a me bater... meu achei isso uma crítica... um horror... uma violência,... depois que eles lançaram na televisão na internet eles não dão mais atenção para os filho... a internet está tomando de conta do convívio familiar... lá na minha casa mesmo meu pai fica no PC e minha mãe no not , meu pai comprou mais um not, quando eu não estou com o not eu e meu irmão vamos para nosso quarto pintar desenhar, quando eu chego da escola vou almoçar e fico excluído do convívio.... o mundo e dos esperto e o que eles dizem.... tem gente que discrimina a gente por causa do carro que a gente tem o tênis que a gente usa a roupa que a gente temum fica magoando o outro, fica aquele clima chato um dia quando eu ia descendo para a educação física eu sofri bullim , as menina do nada ficou falando o quatro olho, isso magoa....a nossa sala e a pior sala que tem, eu queria até mudar de período.....então ela acorda cedo tem que fazer tudo na casa ela sempre me contou que ela faz tudo na casa delaeu que cuido até dos cachorros quem cuida dos cachorros sou eu minha mãe não faz nada, eu tenho muita dó do meu pai, ele trabalha muito, quando o caminhão quebra ele fica sem trabalhar então e assim. (PTU, MT)

Por fim, algumas adolescentes do Rio Grande do Sul da amostra escola e quilombolas do Maranhão responderam à pergunta sobre o que poderia atrapalhar a realização dos sonhos delas com o termo “nada”, no sinal de autoconfiança ou de muita disposição para superar as adversidades.

(...) E o que pode me atrapalhar... Não sei, acho que não tem nada. (PU, RS)

(...) E para me atrapalhar... eu acho que não tem nada. (PU, RS)

5. PRINCIPAIS CONCLUSÕES DA PESQUISA QUANTI E QUALITATIVA

Em geral, embora tenha-se registrado muitos aspectos comuns entre as meninas das diversas regiões, foram constatadas muitas diferenças na perspectiva das meninas dos contextos urbanos e rurais, particularmente na relação entre meninas e adolescentes das escolas particulares e escolas públicas rurais. Já a perspectiva das meninas e adolescentes quilombolas estiveram mais sintonizadas com as meninas e adolescentes da zona rural.

A falta de repertório simbólico para a construção do “ser menina”, na faixa etária entre 6 e 13 anos, faz com que as meninas tenham que se definir como ‘criança’, ‘filha’ ou ‘estudante’, no grupo etário de 6 a 10 anos ou, já como ‘mulher’, com as possibilidades estéticas que a condição oferece, para o grupo etário de 11 a 13 anos.

É vis-à-vis às condições e possibilidades oferecidas aos irmãos meninos, que as meninas mais se ressentem das diferenças de gênero dentro de casa. Para as meninas do Grupo Etário de 6 a 10 anos, acentua-se a diferença de tratamento no tocante aos afazeres domésticos: enquanto no máximo um terço dos meninos faz algum trabalho doméstico, um conjunto muito grande de meninas, de 20% a 85%, se encarrega dos trabalhos domésticos, inclusive de trabalhos que podem oferecer grande risco, como cozinhar e passar roupas.

Para as adolescentes meninas, a diferença de tratamento dentro de casa vem na modalidade do que é permitido às meninas e aos meninos, em termos de diversão, lazer e relacionamentos afetivos. Na perspectiva das meninas, os irmãos homens tem muito mais liberdade para sair, para se divertir sem pedir permissão dos pais e sem que estes regulem as hora de voltar e defina as companhias afetivas, do que as meninas. Em relação à elas, o tratamento dos pais opera na díade “proteção-controle”.

Embora os índices de satisfação das meninas com o tratamento delas dentro de casa tenham alcançado mais de 60 pontos percentuais, modos de disciplinamento de moderados à mais severos e, mesmo violentos, foram verificados em percentuais entre 5% a 40% pelas meninas participantes da pesquisa, dependendo da modalidade. Ainda, cerca de 25% das meninas afirmaram apanhar dos pais com certa frequência.

Preocupa o nível de segurança das meninas do trajeto de casa até a escola (vice-versa): um contingente de quase 40% das meninas declarou que esse percurso nunca e, nem sempre, é seguro, reforçando ainda mais essa preocupação que parcela considerável dessas meninas declarou percorrer sozinha esse trajeto: cerca de 25% das participantes.

Infelizmente, o trabalho infantil ainda é realidade para 7,1% das meninas participantes da pesquisa. Contudo, somando-se os percentuais de estou buscando trabalho (2,3%) e já trabalhei, mas não trabalho mais (6,6%) esse índice sobem para 16%, sendo o trabalho doméstico a atividade econômica mais recorrente.

Chama a atenção os níveis de desconhecimento dos instrumentos legais de proteção aos direitos da criança e do adolescente, que alcançaram patamares de 60% a 80%. E, da mesma forma, o pouco conhecimento da existência dos órgãos do Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente como delegacias de proteção, promotorias, defensorias públicas e varas especializadas. A exceção ficou por conta dos conselhos tutelares, conhecidos por cerca de 70% das meninas.

Pode estar relacionado à essa falta de conhecimento dos direitos, os relativamente baixos índices de meninas que declararam ter tido direitos violados (28,6%) ou, ainda, o fato de terem declarado como justo os castigos corporais recebidos dentro de casa (39,8%).

O discurso da igualdade de gênero entre meninos e meninas foi manifesto, em maior ou menor intensidade, por meninas dos vários estratos escolares mas foi, contudo, mais frequente, entre meninas das escolas particulares.

Em que pese a manifesta preferência das participantes por ser menina (ainda que reconhecendo aspectos “ruins”, como a falta de liberdade dentro de casa e os preconceitos da sociedade), um percentual variado entre 7 e 17% declarou não gostar de ser menina, justamente pela falta de equidade no comportamento entre meninos e meninas, nos afazeres domésticos, nas atividades de esporte, diversão e lazer e nos preconceitos relacionados à capacidade intelectual das meninas.

As meninas/adolescentes, participantes da pesquisa, manifestaram muito positivas com o fato de ser menina. A percepção das meninas/adolescentes quilombolas foi similar. As entrevistas individuais, com meninas de 6 a 10 anos, e coletivas, realizadas com adolescentes de 11 a 14 anos, confirmaram essa tendência registrada de satisfação com o ser menina.

A maioria das que respondeu afirmativamente utilizou termos apreciativos como Ser menina “é legal”, “muito legal”, “eu amo ser menina”, “é maravilhoso”, “é tudo”, “a melhor coisa do mundo” ou descreveram o ser menina por meio de atributos sobre comportamento (normalmente em relação comparativa aos meninos), qualidade, afetivo-emocional (amizades, amorosidade, afeto familiar), estético (as meninas são mais bonitas do que os meninos), capacidade intelectual (as meninas são mais inteligentes do que os meninos), valor e nível de autonomia (as meninas são mais confiáveis, mais maduras).

As oportunidades e possibilidades por ser menina também foram ressaltadas por um grande contingente de meninas: “brincar de boneca”, fazer “amizades”, “se arrumar”, “sair com as amigas”, “fazer sucesso”.

Chama a atenção que para as meninas do Grupo Etário 1 (6 a 10 anos) fica evidente a valorização das possibilidades de brincar e para as maiores de (11 a 14 anos), as possibilidades relacionadas com a estética feminina (usar maquiagem, salto alto, arrumar o cabelo) e de diversão (sair com colegas e amigas).

As possibilidades relativas a “ter direitos” foram também incluídas nas definições do que é ser menina na sociedade brasileira contemporânea. Assim, para as meninas/adolescentes que incluíram essa perspectiva, meninas e meninas possuem “direitos iguais”, o que implica dizer que as meninas também tem seus “direitos”. Entre os registros por elas destacam-se o direito “de ser respeitada”, “não ser discriminada”, “não ser violada”, “não apanhar”. Por sua vez, as meninas/adolescentes também devem “respeitar os direitos dos outros”. Para uma delas o lado bom de ser menina “é ser feliz.”

Embora, no geral, as adolescentes tenham reforçado os aspectos positivos, nas entrevistas coletivas, um grande conjunto delas registrou aspectos negativos ou ambivalentes por ser menina, com afirmarem algumas participantes “tem um lado bom e o lado ruim”. Algumas das dificuldades podem ser sintetizadas nas frases; “É difícil ser adolescente menina: ‘tu quer se governar, mas tu ainda é criança e não sabe se governar”.

As meninas sentem que ao se tornar adolescentes suas responsabilidades em relação à escola, projeto de futuro e afazeres domésticos aumentam mais do que a dos irmãos homens. Um das queixas mais frequentes das meninas é que os pais dão mais liberdade aos meninos para sair, arranjar namoradas e chegar a hora que quiserem: “os pais pegam muito no pé”, “mas às vezes eles liberam”.

Os condicionantes culturais preconceitos, discriminações e inequidade de gênero também foram muito enfatizadas pelas adolescentes nas entrevistas coletivas.

A maioria das meninas que participou das entrevistas individuais e coletivas acredita que ser menina é diferente de ser menino. Para as meninas de 6 a 10 anos, uma das principais diferenças entre meninas e meninos foi atribuída às *modalidades de brincadeiras*. Outro indicador da distinção entre meninas e meninos, é o *comportamento familiar e sócio comunitário*. Enquanto as meninas são mais ‘calmas’, ‘comportadas’, ‘inteligentes’, ‘estudiosas’ e ‘fazem o dever de casa’, os meninos costumam ser ‘atrevidos’, ‘teimosos’, ‘bagunceiros’, ‘nervosos’, ‘desobedientes’, ‘mal educados’, ‘salientes’, ‘chatos’ e ‘sujos’. Embora as meninas de 11 a 14 anos estiveram mais propensas a responder que os direitos igualam meninos e meninas, estas reconheceram as diferenças de três núcleos básicos: (i) desenvolvimento, formas de sentir, pensar e fazer escolhas; (ii) atributos a cada um dos gêneros; (iii) meninos e meninas são diferentes no campos possibilidades. Algumas adolescentes meninas enfatizaram tanto as diferenças como se nada fosse “igual” entre meninas e meninos.

Embora a maioria das meninas participantes da pesquisa de 6 a 10 anos tenha afirmado acreditar que meninos e meninas possuem as mesmas oportunidades, as meninas de 11 a 14 anos responderam negativamente. As oportunidades iguais foram mencionadas em relação à capacidade intelectual, participação na escola e possibilidades profissionais

Assim, meninas e meninos tem as mesmas oportunidades, do ponto de vistas das capacidades e das possibilidades de escolher qualquer tipo de profissão: “uma mulher pode ser caminhoneira e um homem pode virar cabeleireiro”. Segundo uma das entrevistadas, meninos e meninas “tem direitos iguais” e uma “mesma capacidade”.

Adolescentes foram enfáticas em afirmar que os meninos tem mais liberdade para fazer o que querem do que as meninas, nas expressões delas: “meninos tem mais oportunidades de viver coisas do que as meninas”; “o menino pode fazer tudo e a menina não pode, tem que aguardar acontecer”; “os meninos podem sair para onde quiser”. Para algumas, essas diferenças dentro de casa as atingem emocionalmente de maneira tão

forte a ponto de parecer que os limites não são se aplicam aos irmãos: *“Se o meu irmão pedir pra ir pro inferno, ela deixa [a mãe]. Agora é muito difícil ela deixar eu, assim.”*

Esse maior controle dos pais sobre as meninas é sentido em maior intensidade no campo da autonomia de decisões relacionadas à diversão e ao lazer: os meninos podem sair com mais frequência, ir às festas e voltar mais tarde. Muitas vezes, quando as adolescentes são autorizadas a ir as festas, tem que ser sob a “companhia” de irmãos mais velhos. Qual é o receio dos pais em relação às meninas? Uma das entrevistas foi explícita *“Ele [o pai] acha que eu vou fazer isso. Já acha que eu vou me meter em drogas. Já acha que eu vou ficar grávida, entendeu?”*. As adolescentes manifestam a sua percepção de injustiça pela expressão popular: *“segura as suas cabritas que o meu cabrito tá solto”*. Se a responsabilidade por gravidez deve ser tanto de meninas quanto de meninos, esse maior controle sobre as meninas só pode refletir uma crença subliminar dos pais de que a responsabilidade última é das meninas e, na diferença de poder, entre homens e mulheres no processo de autonomização: *“as meninas... não mandam em si mesmas”*.

A diferença de oportunidades entre meninas e meninos foi vista dentro de casa, campo em que os meninos acabam tendo mais privilégios. As adolescentes, em geral, tem menos liberdade para sair e mais responsabilidades de realização das tarefas domésticas, embora, em algumas casas, essa ‘proteção’ maior das meninas venha na forma de deixar as tarefas mais pesadas para os meninos. Em lares de melhor poder aquisitivo, os irmãos homens podem ter mais privilégios no uso do carro, por exemplo. Algumas meninas reclamam também que seus pais são mais “rígidos” com elas do que os irmãos homens.

Uma outra parcela de meninas respondeu que as oportunidades não são iguais devido às discriminações de gênero e preconceitos. Embora elas reconhecem que hoje está bastante diferente do que antigamente, que o mundo está ficando mais “liberal” quanto às possibilidades de escolha da profissão, as discriminações se expressam por meio da abertura menor de vagas para mulheres, recusa de contratação de mulheres para

determinados serviços considerados pesados ou, por muito tempo considerados 'tipicamente' masculinos (ex. Policiamento ostensivo, Marinha) dos salários mais baixos para mulheres, mesmo em exercício de profissões similares, da preferência dos clientes por profissionais do sexo masculino, da desqualificação do trabalho de mulheres ou bullying social, como o enquadramento de homens trabalhando como costureiros e mulheres em construção nas categorias "gays" e "lésbicas", num sinal de dupla discriminação social. Mesmo sendo possível meninos serem dançarinos e adolescentes meninas fazerem trabalho pesado, ainda existe muito preconceito por partes das pessoas e do Mercado, que fazem chacotas, ou empregadores que deixam de contratar.

Contudo, não faltaram vozes de meninas que responderam que as oportunidades não são iguais porque as meninas levam vantagens sobre os meninos. As meninas são mais estudiosas, mais dedicadas, mais perfeccionistas e, por isso, elas tem mais oportunidades. Já os meninos param estudar para "fazer outras coisas", são mais "largados", "não se importam muito com o futuro" e "caem mais nas drogas". As meninas conseguem "emprego mais rápido". Por fim, as mulheres "são vencedoras" podem chegar até a presidência da república.

Uma parcela menor das meninas manifestou opinião que depende do contexto e que também existem oportunidades diferentes para meninas e meninos. Assim, enquanto na escola as oportunidades são iguais, já em casa e na comunidade as oportunidades são diferentes.

Para os 4,9% de meninas que gostariam de ter nascido menino, estas atribuíram a razão à falta de valorização, às discriminações e violências contra as mulheres. Meninos não sofrem como as meninas, meninas sofrem mais violência, meninas sofrem mais discriminação, meninas recebem mais críticas do que os meninos, os meninos tem mais respeito da família, "é muito chato ser menina". Essa discriminação das meninas não

isenta o ambiente domésticos, pelo contrário, a casa é um dos seus *lócus* de grande expressão:

Contraditoriamente, várias meninas gostariam de ser meninos pelas qualidades ou possibilidades atribuídas aos meninos, que muitas outras meninas buscam equidade de gênero contestaram: menino é melhor em matemática, menino têm mais força, melhor aceito na sociedade, menino brinca mais na rua, menino gosta de carrinho, menino é mais legal, é mais fácil ser menino, os meninos não precisam fazer tarefas domésticas, tem mais liberdade, tem mais poder, não ficam chateados, não sofrem abusos (sexuais) e tem “mais direitos” do que as meninas e são mais respeitados.

Muitas meninas avaliam que ser menino “é mais legal”, que elas se sentiriam melhor se fossem meninos, que seria mais fácil, particularmente porque os meninos são mais respeitados, não menstruam, não engravidam, não sofrem as dores do parto e não precisam se preocupar com as aparências, não se apegam “tão fácil” e, portanto, não sofrem tanto por amor.

A maioria absoluta das meninas/adolescentes da amostra-escola, mas não a totalidade, afirmou que sim, que conversam sobre o namoro. A maior parte informou conversar com “as amigas”, “amigos”, “colegas”, particularmente da escola onde estudam, porque as amigas são pessoas com que elas podem contar, em razão de serem confiáveis e mais abertas para escutar o que elas têm a dizer. Em segundo lugar, muitas declararam conversar com as mães. Contudo, poucas declararam falar exclusivamente com a mãe, em geral elas declararam falar “também” ou “de vez em quando” ou ainda “às vezes” com a mãe. Uma das razões para conversar com os pais é porque eles querem o bem das meninas e a outra que tem amigas que são falsas e terminam espalhando os segredos umas das outras. Uma poucas meninas declararam conversar sobre namoro com as irmãs, pai e padrasto, tias, primos e primas, porque, em geral, são pessoas que lhes “quer

bem”. Finalmente, algumas meninas preferem conversar com a mãe das amigas, por ter mais liberdade do que com a própria família.

A pergunta “onde ou com quem vocês buscam informações sobre namoro?” obteve respostas semelhantes à questão sobre “se elas conversam sobre namoro” e “com quem?” As respostas das meninas e adolescentes meninas da amostra-escola que participaram das entrevistas coletivas foram variadas: num primeiro grupo, com dez e mais menções, as meninas/adolescentes declararam buscar informação sobre namoro principalmente com os pais (27 citações), as amigas ou amigos (15 menções) e escola pública (10 registros). Num segundo grupo, entre cinco e nove registros, primas (7 vezes), tias (6 vezes) e Internet/redes sociais (6 vezes).

Mesmo que várias adolescentes tenham afirmado não falar com “ninguém” sobre sexualidade ou apenas “escutem falar” sobre a temática, o maior conjunto delas, dos cinco estados pesquisados, afirmou conversar sobre o tema com as mães. Contudo, a conversa muitas vezes soa como um conselho ou alerta para os potenciais perigos ou consequências. Algumas mães lançam do recurso ginecologista para explicar às filhas sobre a sexualidade ou fiscalizarem sobre a perda ou não da virgindade. A escola, ou melhor os professores e as professoras, foram o segundo segmento mais mencionado pelas adolescentes como sendo com quem elas mais se informam sobre o tema, os professores de ciências foram particularmente lembrados pelas adolescentes.

Observou-se uma tendência geral entre as amostras-escola e quilombolas de acreditar que a responsabilidade de prevenção da gravidez precoce deve ser compartilhada entre meninos e meninas. Em ambas amostras, constatou-se a existência de meninas/adolescentes que avaliam que essa responsabilidade é “mais” das meninas ou “mais” dos meninos. Verificou-se uma ênfase ligeiramente maior no papel das meninas nos dois grupos pesquisados, particularmente entre a amostra de meninas/adolescentes quilombolas. Chama a atenção, contudo, dentre as meninas/adolescentes da amostra-

escola que participaram das entrevistas coletivas, a representação negativa da sexualidade como cheia de riscos de contrair doenças e da gravidez como um peso, uma “culpa”, um sacrifício, um estorvo para a carreira e o futuro.

As grande maioria das meninas acredita que a responsabilidade de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis deve ser tanto das meninas quanto dos meninos. Dos quatro grupos de entrevistas coletivas no Estado do Maranhão, dois opinaram por serem as meninas. Contudo, neste item sobre doenças transmissíveis observou-se uma tendência de meninas do Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso em afirmar que os meninos tem “mais” responsabilidades porque são menos confiáveis do ponto de vista de prevenção de doenças.

A grande a maioria das meninas e adolescentes, tanto da amostra-escola quanto quilombolas que participaram da pesquisa (entrevistadas individuais e coletiva), conceberam seus sonhos para o futuro em termos de possuir carreira, profissão, ou estratégia de sobrevivência. O segundo maior grupo de meninas adolescentes apresentou sonhos que incluem, combinadamente, ter uma profissão e ter uma família própria. Um conjunto menor de meninas e adolescentes sonha em ter uma família e condições para criá-la, viajar, conhecer outros lugares e conhecer seus ídolos pessoalmente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES DA PESQUISA POR SER MENINA.

Os objetivos das pesquisas foram plenamente alcançados. A pesquisa coleta uma gama de dados de caráter inovador e de valor inestimável para o subsídio à formulação de políticas no País.

A mitigação de métodos probabilísticos com localidades e recortes etário e étnicos criou condições de expansão da amostra para os estados pesquisados mas, por outro lado, não possibilita reivindicar uma representatividade do segmento infanto-juvenil em âmbito nacional.

Uma das partes mais laboriosas da pesquisa foi entrar em contato com as escolas e recolher os termos de livre consentimento esclarecido previamente à sua realização. Sem, contudo, subestimar o trabalho de tabulação e análise do volume de dados gerados.

Considerado o tempo exíguo oferecido à realização da pesquisa para a amostra realizada e para a conclusão do produtos, pode-se dizer que o projeto obteve uma *outstanding* produtividade. Dois fatores contribuíram: os esforços da equipe que a realizou e o engajamento dos diretores e professores das escolas e, sobretudo, das próprias meninas e meninas adolescentes.

Em face dos principais achados da pesquisa, algumas recomendações se apresentam:

- Realização de campanhas e ações que possam incidir sobre o lugar das meninas no imaginário social e que possam levar os órgãos públicos responsáveis por políticas sociais para crianças e adolescentes a adotarem recortes de gênero, visando diferenciação nas metas e estratégias dessa política;

- Realização de ações de mobilização social das próprias meninas, incluindo a conscientização de seus responsáveis/ famílias, visando seu empoderamento e protagonismo social;
- Gestão junto ao Ministério da Educação, Conselhos de Educação e de Direitos da Criança e do Adolescente para imediata implementação universalizada da Lei 11.525 de 2007, que determina a inclusão de conteúdo sobre direitos da criança e do adolescente no currículo do ensino fundamental à Luz do ECA;
- Realização de campanhas e ações de prevenção da violência contra meninas, particularmente as violências psicológicas e físicas;
- Estabelecimento e manutenção de canais permanentes de organização da sociedade na advocacia pela não discriminação e equidade de gênero das meninas na sociedade brasileira.

7. SOBRE AS ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Propositora, promotora e patrocinadora: PLAN Brasil

A PLAN é uma organização não governamental de origem inglesa, ativa há mais de 70 anos. Sem qualquer vinculação política ou religiosa e sem fins lucrativos, está voltada para a defesa dos direitos da infância, conforme expressos na Convenção dos Direitos da Criança, da Organização das Nações Unidas (ONU).

Trabalha pela proteção contra a violência e os abusos de todo tipo; contra a pobreza, a desigualdade e a degradação do meio ambiente; e pela boa alimentação, saúde e educação na infância.

A Instituição parte do princípio de que assegurar o direito de crianças e de adolescentes é um dever, e não uma escolha. Para isso, capacita as comunidades a fazerem valer esses direitos.

Atualmente, está presente em mais de 60 países, atende cerca de 1,5 milhão de crianças em seus projetos e possui, aproximadamente, um milhão de doadores. No Brasil, desde 1997, a PLAN possui, hoje, mais de 50 projetos que atendem, aproximadamente, a 75 mil crianças e adolescentes.

Visão

Um mundo onde todas as crianças realizem seu pleno potencial, em sociedades que respeitem os direitos e a dignidade das pessoas.

Missão

A PLAN trabalha para conseguir melhorias duradouras na qualidade de vida das crianças menos favorecidas de países em via de desenvolvimento por meio de processos que unam as pessoas de diversas culturas e que acrescentem significado e valor às suas vidas.

PLAN Brasil

<http://www.plan.org.br>

plan@plan.org.br

Tel: + 55 (98) 3235-6576 / 3235-6580 / 3235-6840

Avenida Colares Moreira, nº 02, Sala 1102-A, Edifício Planta Tower

Renascença, CEP 65075-441

São Luís, Maranhão –Brasil

Parceiro-executor: SOCIALIZARE – Pesquisas, Capacitação e Produção Cultural

O nome da empresa já expressa seus valores e sua filosofia: o compromisso em colocar o saber e o conhecimento de sua equipe a serviço da equidade social, da sustentabilidade, do respeito aos direitos humanos e à diversidade cultural, com vistas à produção e à disseminação do conhecimento no Brasil. E, nessa perspectiva, a SOCIALIZARE foi fundada para prestar serviços especializados de alta referência em pesquisas, capacitação e em produção científico-cultural.

A empresa acumula *expertise* nos campos de pesquisas, principalmente em temáticas relacionadas à infância, à adolescência, à juventude, à família e aos movimentos sociais e, nessas áreas, acompanha também processos de formulação de políticas sociais conduzidos por organizações governamentais e não governamentais (ONGs).

No eixo capacitação, a SOCIALIZARE elabora processos de formação em temáticas no campo dos direitos de crianças e de adolescentes. Já no segmento de *produção científico-cultural*, possui larga experiência em organização de eventos nacionais e internacionais, oferecendo, além do planejamento e da coordenação logística, metodologias para relatorias/sistematização de conferências, seminários, oficinas, simpósios e congressos em geral.

SOCIALIZARE – Pesquisas, Capacitação e Produção Cultural Ltda.

<http://www.socializare.com.br>

socializare@socializare.com.br

Tel: + 55 61 3201-6737

CLN 309 Bl. D sala 111 – Asa Norte

70755-540 – Brasília – Distrito Federal

8. FICHA TÉCNICA DA PESQUISA

PLAN Brasil

Diretora Nacional

Anette Trompeter

Diretor de Programas de País

Dirk Hegmanns

Coordenação Institucional da Pesquisa

Celia Bonilha e Luca Sinesi

Assessoria de Campo – Codó (MA)

Gabriel Barbosa e Lerdson Farias

Assistência de Campo – Codó (MA)

Patrícia Miranda e Silvia Santos

Colaboração

Flávio Debique, Elaine Azevedo e Tarcísio Silva

SOCIALIZARE – Pesquisas, Capacitação e Produção Cultural Ltda.

Coordenação Científica

Benedito Rodrigues dos Santos

Coordenação Executiva

Paola Barreiros Barbieri

Pesquisadores sêniores colaboradores

Silvia Koller

Carlos E. Santos

Assessoria Técnica

Camila Barreiros Barbieri, Diana Barbosa, Flávia Ávila e Francisca Lucena (quanti)

Gabriela Goulart Mora e Vanessa Nascimento Viana (quali)

Viviane Orlandi (fase piloto)

Pesquisadores estaduais

Maranhão: *Artenira da Silva e Silva Sauaia*

Pará: *Daniela Reis e Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia*

Mato Grosso: *Dulce Regina Amorim*

Rio Grande do Sul: *Jean Von Hohendorff*

São Paulo: *Ana Lúcia Catão e Maria Emília Accioli Nobre Bretan*

Consultores para consolidação dos dados quanti e qualitativos dos Estados:

Maranhão: *Ofélia Ferreira da Silva*

Pará: *Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia*

Mato Grosso: *Irândi Pereira*

Rio Grande do Sul: *Rogério Giugliano*

São Paulo: *Maria Emília Accioli Nobre Bretan*

Assistentes do projeto

Cintia Barros (administrativo)

Marli Coriolano (pesquisa)

Apoio

Lilian de Oliveira Argolo Vaz (quali)

Luana Moraes (quanti)

Mazra Abreu Andrade (quanti)

Auxiliares de campo

Pará: *Adriane Marques Franco e Rosângela Lima Barbosa*

Maranhão: *Andressa Sousa Barreto, Denisson Gonçalves Chaves, Emiliy Monique, Jason M. Cardoso, Maria Aparecida Lima e Mariana Silva Souza*

Mato Grosso: *Ana Cláudia A. Lima, Vera Aparecida Amorim e Marcia Pereira Miranda*

Rio Grande do Sul: *Tainã Moreira Spinato*

São Paulo: *Juliana Tonche e Juliana Vinuto Lima*

Colaboração: Instituto dos Direitos da Criança e do Adolescente (INDICA)